

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

Fernanda Machado Dill

**UM OUTRO OLHAR:**  
AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG E  
O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ

Florianópolis  
Novembro de 2016





Fernanda Machado Dill

**UM OUTRO OLHAR:**  
AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG E  
O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ

Dissertação submetida ao Programa de  
Pós Graduação em Arquitetura e  
Urbanismo da Universidade Federal de  
Santa Catarina

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vanessa  
Goulart Dorneles

Florianópolis  
Novembro de 2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Dill, Fernanda Machado

UM OUTRO OLHAR : AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL  
KAINGANG E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ /  
Fernanda Machado Dill ; orientadora, Vanessa Goulart  
Dorneles - Florianópolis, SC, 2016.

223 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em  
Arquitetura e Urbanismo.

Inclui referências

1. Arquitetura e Urbanismo. 2. Configuração  
Socioespacial. 3. Povo Kaingang. 4. Arquitetura e  
urbanismo. I. Dorneles, Vanessa Goulart. II. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em  
Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

Fernanda Machado Dill

**UM OUTRO OLHAR: AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo.

Florianópolis, 18 de novembro de 2016.

---

Prof. Renato T. de Saboya, Dr.

Coordenador do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Vanessa Goulart Dorneles, Dr.<sup>a</sup>

Orientadora (Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo)  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Ana Lucia Vulfe Nötzold, Dr.<sup>a</sup>

Programa de Pós Graduação em História  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Margarita Barretto, Dr.<sup>a</sup>

Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Renato T. de Saboya, Dr.

Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo  
Universidade Federal de Santa Catarina

AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ

AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ

Este trabalho é dedicado à  
Comunidade da Aldeia Kondá que tem  
lutado bravamente durante décadas  
para garantir seu espaço na sociedade  
nacional e o respeito ao seu modo de  
viver.

AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ

## AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa foi construída com o apoio de amigos, familiares, mestres e comunidade da Aldeia Kondá, assim, agradeço a todos imensamente por toda a dedicação e empenho em contribuir para tornar este estudo possível.

Em especial, agradeço minha mãe, Teresa, por ser a maior incentivadora deste trabalho, exemplo e inspiração para o desenvolvimento de atividades junto às comunidades indígenas da região e grande defensora do poder transformador do conhecimento e da educação.

Ao meu namorado Felipe pelo amor, apoio, suporte e compreensão durante o desenvolvimento da pesquisa e de todas as atividades do mestrado.

À minha orientadora, professora e amiga Vanessa Dorneles, por me acolher, pelas incansáveis orientações, pelo apoio, pelos ensinamentos, por acreditam em mim e no potencial desta pesquisa.

Às minhas amigas de longa data, Angela Favareto, Bibiana Paviani e Camila Pagani, que sempre estiveram ao meu lado, apoiando e incentivando nos momentos mais difíceis.

Aos queridos amigos e colegas de orientação, Fernanda Olinto e Carlos Fernando Pinto, por compartilharem comigo angústias, conselhos, conquistas e força tanto durante as disciplinas quanto no desenvolvimento da pesquisa.

À banca examinadora da qualificação e defesa, professores Renato Saboya, Ana Lucia Nötzold e Margarita Barreto que contribuíram com seus conhecimentos para a melhoria deste trabalho.

Aos moradores da Aldeia Kondá, que tanto me ensinaram ao concordar em dividir comigo as suas experiências de vida e a história da comunidade e do Povo Kaingang.

À CAPES pela bolsa recebida durante o mestrado, tornando possível a realização do trabalho.

AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ



## RESUMO

As estruturas sociais se desenvolvem em relação aos aspectos espaciais que as envolvem, que são também produto das interações do homem no espaço, configurando a influência mútua entre esses dois fatores. Os aspectos espaciais considerados nesta pesquisa, dizem respeito às tipologias arquitetônicas predominantes e o arranjo físico-urbanístico elaborado por determinados grupos sociais no território que ocupam. Já a estrutura social aborda o conceito de sociedade, as relações dos homens entre si, a organização dessas relações, a língua, a cultura, enfim, seu modo de viver. Assim, o objetivo desta dissertação é analisar de que forma a estrutura social Kaingang se manifesta no Espaço Arquitetônico da Aldeia Kondá, Chapecó-SC. Para tanto a pesquisa foi dividida em três etapas: aproximação teórica, estudo de caso e discussão e síntese dos resultados obtidos. A primeira etapa consiste na apresentação do Panorama dos Povos Indígenas no cenário da América Latina, no Brasil e em Santa Catarina, bem como dos referenciais que conduzem a pesquisa baseados nos conceitos da História e Antropologia, na Psicologia ambiental e Sintaxe espacial. A segunda etapa consiste no estudo de caso, onde são aplicados os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa a partir da abordagem multi métodos. A terceira etapa busca desenvolver, com base nas aproximações teóricas iniciais e no estudo de caso realizado, uma discussão em torno das relações encontradas entre a estrutura social da comunidade e aspectos espaciais da aldeia. Os resultados obtidos com esta pesquisa consistem em um panorama da configuração socioespacial da Aldeia Kondá a partir de quatro categorias de análise e reflexão: 1) A imagem do lugar apresenta as relações entre a complementaridade proposta pela cultura tradicional Kaingang e forma como o espaço da aldeia se configura. 2) O Arranjo físico e a relação público privado, relaciona aspectos espaciais com conceitos de apropriação, territorialidade e privacidade. 3) A arquitetura como identidade, evidencia o papel da forma e dos materiais empregados nas edificações nas ações de protagonismo indígena e 4) Comportamento socioespacial que discute o papel dos lugares nas relações humanas. A pesquisa destaca a necessidade dos profissionais que projetam o espaço estarem atentos às ações sociais de seus usuários contemplando-as em seus projetos e evidenciando a relação observada entre espaço e sociedade. Assim, é necessário entender aspectos sociais e culturais de comunidades específicas para que intervenções urbanísticas e arquitetônicas mais adequadas possam ser desenvolvidas.

Palavras-chave: Arquitetura e Urbanismo, Configuração Socioespacial, Povo Kaingang, Psicologia Ambiental, Sintaxe espacial.



## ABSTRACT

The social structures develop in relation to the spatial aspects that surround them, which are also a product of the interactions of man in space, configuring the mutual influence between these two factors. The spatial aspects considered in this research concern the predominant architectural typologies and the physical-urban arrangement elaborated by certain social groups in the territory they occupy. The social structure, on the other hand, addresses the concept of society, the relations between men, the organization of these relations, language, culture, and finally, their way of living. Thus, the purpose of this dissertation is to analyze how the Kaingang social structure manifests itself in the Architectural Space of the Kondá Village, Chapecó-SC. For this the research was divided into three stages: theoretical approach, case study and discussion and synthesis of the obtained results. The first stage consists of the presentation of the Panorama of Indigenous Peoples in the Latin American scenario, in Brazil and in Santa Catarina, as well as the reference points that lead to research based on the concepts of History and Anthropology, Environmental Psychology and Spatial Syntax. The second stage consists of the case study, where the methodological procedures adopted in the research are applied using the multi-method approach. The third stage seeks to develop, based on the initial theoretical approaches and the case study carried out, a discussion about the relationships found between the social structure of the community and the spatial aspects of the village. The results obtained with this research consist of a panorama of the socio-spatial configuration of Aldeia Kondá from four categories of analysis and reflection: 1) The image of the place presents the relations between the complementarity proposed by the traditional culture Kaingang and how the space of the village is configured. 2) Physical Arrangement and private public relation, relates spatial aspects with concepts of appropriation, territoriality and privacy. 3) Architecture as identity, evidences the role of form and materials used in buildings in the actions of indigenous protagonism and 4) Socio-spatial behavior that discusses the role of places in human relations. The research highlights the need of professionals who design space to be attentive to the social actions of its users contemplating them in their projects and showing the observed relationship between space and society. Thus, it is necessary to understand social and cultural aspects of specific communities so that more appropriate urban and architectural interventions can be developed.

Keywords: Architecture and Urbanism, Socio-spatial Configuration, Kaingang People, Environmental Psychology, Spatial Syntax.

AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação entre objetivos e métodos.....	32
Quadro 2: Organização da pesquisa .....	34
Quadro 3 - América Latina: Maiores e menores Populações de Povos Indígenas.....	41
Quadro 4 - População Brasil 1991/2010 de acordo com residência .....	46
Quadro 5: Relação entre objetivos e procedimentos metodológicos de pesquisa .....	100
Quadro 6 - Relação de mapas, descrição e objetivos.....	112
Quadro 7 - Relação das famílias Kaingang residentes em Chapecó, 1998	120



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Apresentação da pesquisa .....	24
Figura 2: Mapa Etno-histórico (Região Sul) .....	30
Figura 3: Reservas indígenas no município de Chapecó.....	31
Figura 4 - Povos Indígenas na América Central. ....	39
Figura 5 - Povos Indígenas na América do Sul. ....	39
Figura 6: Gráfico da População indígena no Brasil .....	47
Figura 7: Gráfico da População Indígena de Santa Catarina.....	48
Figura 8: Gráfico dos Povos Indígenas em Santa Catarina .....	48
Figura 9 - Localização aproximada das terras indígenas em Santa Catarina.....	49
Figura 10 - Mapa de Localização das áreas indígenas no Oeste Catarinense.....	51
Figura 11 - Mapa da Área da TI Xapecó I e II. ....	51
Figura 12 - Mapa da Área do Toldo Chimbanguê I e II. ....	52
Figura 13 - Área da Reserva Toldo Imbu.....	53
Figura 14 - Área da Reserva Toldo Pinhal .....	54
Figura 15 - Área da Aldeia Kondá.....	54
Figura 16 - Representação das marcas tribais.....	57
Figura 17 - Estrutura subterrânea e sua representação gráfica. ....	61
Figura 18 - Sítios arqueológicos em Santa Catarina .....	63
Figura 19 - Suportes de vigamento do telhado e Casa subterrânea grande.....	64
Figura 20 - Relação Pessoa/Ambiente .....	81

Figura 21 - The tripartite model of place attachment (tradução nossa). ....	86
Figura 22 - Plantas da aldeia Winnebago segundo as duas metades dos habitantes .....	93
Figura 23: Mapa do traçado, mapa axial e análise de integração local de Lisboa .....	95
Figura 24: Esquema ilustrativo de uma isovista.....	96
Figura 25 - Aldeia Kondá em relação ao Centro da Cidade.....	114
Figura 26 - Mapa dos Bairros de Chapecó .....	121
Figura 27 - Disposição das residências da Aldeia Kondá (Centro da cidade).....	121
Figura 28 - Fotos da Aldeia Kondá no Bairro Palmital.....	122
Figura 29 - Capa do Relatório I de identificação das Famílias Kaingang de Chapecó .....	123
Figura 30: Mapa da cidade de Chapecó .....	124
Figura 31 - Rua Benjamin Constant.....	124
Figura 32 - Localização da área destinada à aldeia Kondá atualmente em relação ao centro de Chapecó: .....	125
Figura 33: Demarcação da área destinada à Aldeia Kondá atualmente...	126
Figura 34 - Casa de Alvenaria do governo.....	129
Figura 35 - Casas herdadas.....	129
Figura 36 - Casas de madeira .....	129
Figura 37 - Fogo de chão .....	130
Figura 38 - Caminhos alternativos .....	131
Figura 39: Síntese das visitas exploratórias .....	133



Figura 40: Esquema de ocupação Kaingang no Centro de Chapecó.....	135
Figura 41 - Passeio com as crianças.....	144
Figura 42 - Mapa da aldeia .....	145
Figura 43 – Mapa da aldeia - ampliação .....	145
Figura 44: Síntese dos grupos focais.....	146
Figura 45 – Gráfico dos dados obtidos com o Poema dos desejos.....	148
Figura 46 - Poema dos desejos - Influência não indígena.....	148
Figura 47: Poema dos desejos - relação com a natureza .....	149
Figura 48: Síntese Poema dos desejos.....	151
Figura 49: Síntese das entrevistas semiestruturadas .....	154
Figura 50: Síntese do relato de história de vida .....	157
Figura 51 - Quadro dos vestígios de comportamento .....	157
Figura 52 - Síntese - Vestígios de comportamento.....	159
Figura 53 - Mapa do traçado .....	161
Figura 54: Ampliação do mapa de traçado da aldeia .....	162
Figura 55 - Grupos Familiares .....	163
Figura 56 - Ampliação do mapa de grupos familiares .....	164
Figura 57 Integração global e local – Traçado Geral.....	165
Figura 58 - Integração com os caminhos alternativos.....	166
Figura 59 - Correlação entre integração e locais simbólicos .....	167
Figura 60 - Visibilidade e Permeabilidade .....	168
Figura 61 - Isovista do centro da Aldeia.....	168
Figura 62 - Isovistas .....	169
Figura 63 - Aldeia Tradicional .....	171

Figura 64 - Integração Global e Integração local na configuração tradicional .....	172
Figura 65 - Áreas de Isovista - Configuração tradicional.....	173
Figura 66 - Permeabilidade (matas como barreiras)   Permeabilidade sem as matas como barreiras .....	174
Figura 67: Aldeia Idealizada .....	175
Figura 68: Aldeia idealizada - Ampliação .....	176
Figura 69 - Integração local e global da aldeia Idealizada.....	178
Figura 70 – Integração global e local da aldeia idealizada – Pedestres ....	179
Figura 71: - Áreas de isovista .....	180
Figura 72 - Permeabilidade e visibilidade na aldeia.....	181
Figura 73: Espaço aberto e Espaço interno da Aldeia.....	184
Figura 74 - Escola Sape Ty Ko na Aldeia Kondá.....	185
Figura 75: Espaço Interno e Espaço Aberto Aldeia Idealizada .....	188
Figura 76: Escola Cacique Kanhkre e Ginásio de esportes - TI Xapecó .....	191
Figura 77: Relação simples entre espaço arquitetônico e estrutura social .....	195
Figura 78: Espaço e sociedade entrelaçados .....	196
Figura 79: Mudanças na dinâmica socioespacial ao longo do tempo.....	196



## SUMÁRIO

<b><u>INTRODUÇÃO</u></b> .....	<b>20</b>
<b>TEMAS BASE</b> .....	<b>20</b>
<b>JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA</b> .....	<b>25</b>
<b>QUESTÕES DA PESQUISA</b> .....	<b>28</b>
<b>OBJETIVOS</b> .....	<b>28</b>
<b>OBJETIVO GERAL</b> .....	<b>28</b>
<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b> .....	<b>28</b>
<b>DELIMITAÇÃO DA PESQUISA</b> .....	<b>29</b>
<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ESTRUTURA DA PESQUISA</b> .....	<b>31</b>
<b><u>1. POVOS INDÍGENAS: PANORAMA GERAL</u></b> .....	<b><u>36</u></b>
<b>1.1. POPULAÇÃO DA AMÉRICA LATINA</b> .....	<b>36</b>
<b>1.2. CENÁRIO NACIONAL</b> .....	<b>44</b>
<b>1.3. SITUAÇÃO EM SANTA CATARINA</b> .....	<b>47</b>
<b><u>2. POVO KAINGANG</u></b> .....	<b><u>56</u></b>
<b>2.1. ESTRUTURA SOCIAL</b> .....	<b>56</b>
<b>2.2. CONFIGURAÇÃO ESPACIAL</b> .....	<b>60</b>
<b>2.3. HERANÇAS CULTURAIS E A ALDEIA CONTEMPORÂNEA</b> .....	<b>66</b>

<b>3.</b>	<b><u>OLHARES REFERENCIAIS</u></b>	<b>70</b>
3.1.	IDENTIDADE, CULTURA E ESPAÇO ARQUITETÔNICO	71
3.2.	A RELAÇÃO PESSOA/AMBIENTE	80
3.2.1.	PERCEPÇÃO AMBIENTAL	82
3.2.2.	COMPORTAMENTO SOCIOESPACIAL	84
3.2.3.	<i>PLACE ATTACHMENT</i> (APEGO AO LUGAR)	86
3.2.4.	APROPRIAÇÃO	88
3.2.5.	RELAÇÃO PESSOA/AMBIENTE NA CONJUNTURA INDÍGENA	89
3.3.	A LÓGICA SOCIAL DO ESPAÇO	90
3.4.1.	INTEGRAÇÃO	94
3.4.2.	VISIBILIDADE E PERMEABILIDADE	95
<b>4.</b>	<b><u>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</u></b>	<b>98</b>
4.1.	ETAPAS DA PESQUISA	99
4.2.	DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	100
4.2.1.	PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	101
4.2.2.	VISITAS EXPLORATÓRIAS	102
4.2.3.	GRUPOS FOCAIS	103
4.2.4.	POEMA DOS DESEJOS	106
4.2.5.	ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS	107
4.2.6.	RELATOS DE HISTÓRIA DE VIDA	108

4.2.7.	VESTÍGIOS DE COMPORTAMENTO .....	109
4.2.8.	ELABORAÇÃO DE MAPAS.....	110
<b>4.3.</b>	<b>DELIMITAÇÃO DO CAMPO.....</b>	<b>113</b>
<b>4.4.</b>	<b>ÉTICA E PESQUISA .....</b>	<b>114</b>
4.4.1.	RESPONSABILIDADES E COMITÊ DE ÉTICA .....	114
4.4.2.	RELAÇÃO COM A COMUNIDADE PESQUISADA .....	115
<b><u>5.</u></b>	<b><u>ALDEIA KONDÁ.....</u></b>	<b><u>118</u></b>
5.1.	ANTES DA CIDADE.....	118
5.2.	ÍNDIOS URBANOS .....	120
5.3.	A CONQUISTA DA TERRA.....	125
<b><u>6.</u></b>	<b><u>RESULTADOS DA PESQUISA.....</u></b>	<b><u>128</u></b>
6.1.	VISITAS EXPLORATÓRIAS.....	128
6.1.1.	ASPECTOS ESPACIAIS .....	128
6.1.2.	ASPECTOS SOCIAIS.....	132
<b>6.2.</b>	<b>GRUPOS FOCAIS.....</b>	<b>134</b>
6.2.1.	GRUPO 01: LIDERANÇAS, ANCIÃOS E PROFESSORES .....	134
6.2.2.	GRUPO 02: MULHERES INDÍGENAS .....	140
6.2.3.	GRUPO 03: CRIANÇAS.....	143
<b>6.3.</b>	<b>POEMA DOS DESEJOS.....</b>	<b>147</b>
<b>6.4.</b>	<b>ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS .....</b>	<b>151</b>

<b>6.5. RELATOS DE HISTÓRIA DE VIDA .....</b>	<b>155</b>
<b>6.6. VESTÍGIOS DE COMPORTAMENTO .....</b>	<b>157</b>
<b>6.7. ELABORAÇÃO DE MAPAS .....</b>	<b>159</b>
6.7.1. ALDEIA ATUAL .....	160
6.7.2. ALDEIA TRADICIONAL.....	170
6.7.3. ALDEIA IDEALIZADA.....	174
<b><u>7. REFLEXÕES E CATEGORIAS DE ANÁLISE SOCIOESPACIAS .....</u></b>	<b><u>182</u></b>
7.1. A IMAGEM DO LUGAR.....	183
7.2. O ARRANJO FÍSICO E A RELAÇÃO PÚBLICO PRIVADO .....	189
7.3. A ARQUITETURA COMO IDENTIDADE.....	190
7.4. COMPORTAMENTO SOCIOESPACIAL .....	192
<b><u>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</u></b>	<b><u>198</u></b>
SOBRE AS APROXIMAÇÕES E PROCEDIMENTOS ADOTADOS.....	200
SOBRE OS OBJETIVOS PROPOSTOS .....	198
CONSIDERAÇÕES GERAIS .....	200
RECOMENDAÇÕES PARA ESTUDOS FUTUROS .....	206
<b><u>REFERÊNCIAS.....</u></b>	<b><u>208</u></b>
<b><u>APÊNDICES.....</u></b>	<b><u>225</u></b>

APÊNDICE 01: DIÁRIO DE CAMPO - VISITA EXPLORATÓRIA 10/10/2015..	226
APÊNDICE 02: DIÁRIO DE CAMPO - VISITA EXPLORATÓRIA 19/12/2015..	228
APÊNDICE 03 : AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA.....	231
APÊNDICE 04: TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDOS (TCLE)235	
APÊNDICE 05: PROJETO CASA KONDÁ .....	247
APÊNDICE 06: DIÁRIO DE CAMPO - VISITA EXPLORATÓRIA 26/01/2016..	256
APÊNDICE 07: APRESENTAÇÃO DO POEMA DOS DESEJOS. ....	258
APÊNDICE 08: ALBUM DO POEMA DOS DESEJOS. ....	259
APÊNDICE 09: ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA. ....	264
APÊNDICE 11: RELATO DE HISTÓRIA DE VIDA 11/01/2016.....	265
APÊNDICE 12: FICHA DE VESTÍGIOS DE COMPORTAMENTO .....	271
APÊNDICE 14: PROJETO DE EXTENSÃO MORADAS KAINGANG .....	276



AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ



Fonte: <http://www.gettyimages.pt/detail/v%C3%ADdeo/scriving-ancient-text-with-a-quill-pen-filmes-de-arquivo/160455059>

Esta pesquisa é construída a partir do estudo das relações entre o espaço arquitetônico<sup>1</sup> e a estrutura social<sup>2</sup> de uma aldeia do Povo Kaingang do oeste de Santa Catarina.

A seguir, são apresentados os temas base da pesquisa, justificativa e relevância do estudo, as questões que inspiraram o seu desenvolvimento, os objetivos a serem alcançados, a delimitação da pesquisa e os procedimentos metodológicos. Por fim, apresenta-se a estrutura da dissertação.

### **TEMAS BASE**

A pesquisa compreende dois temas base para os estudos: As relações existentes entre a aspectos espaciais e a estrutura social e de que forma essas relações são construídas em uma aldeia Kaingang no oeste catarinense.

Para esclarecer a relação entre os aspectos espaciais e a estrutura social, é necessária a compreensão, mesmo que breve, dos conceitos dos dois termos adotados.

---

<sup>1</sup> Nesta pesquisa o termo espaço arquitetônico foi escolhido considerando que denominação envolve diversos aspectos espaciais, abrangendo, desde formas arquitetônicas predominantes até o arranjo físico urbanístico da comunidade em questão.

<sup>2</sup> A denominação estrutura social, abarca conceitos básicos da configuração social Kaingang, englobando a organização política, os núcleos familiares, a religiosidade, a língua e demais aspectos culturais relevantes.

Os aspectos espaciais considerados nesta pesquisa, dizem respeito às tipologias arquitetônicas predominantes e o arranjo físico-urbanístico elaborado por determinados grupos sociais no território que ocupam.

A estrutura social aborda o conceito de sociedade, as relações dos homens entre si, a organização dessas relações, a língua, a cultura, enfim, seu modo de viver. Para Castro (2002) a sociedade é uma condição universal da vida humana, constitui uma universalidade que admite diferentes possibilidades de interpretação: a biológica-instintual, ligada ao instinto humano, às heranças genéticas e a um certo determinismo biológico; a simbólico-moral, que envolve as relações sociais ligadas aos aspectos culturais e simbólicos construídos coletivamente, e a institucional, baseada nas relações de poder a partir das quais as sociedades se organizam.

A partir da múltipla possibilidade de abordagens, esta pesquisa não se atém a apenas uma delas, mas procura relacioná-las, entendendo que a percepção da constituição das relações sociais e, portanto, da cultura das comunidades pesquisadas são uma construção dinâmica, diretamente influenciada pelas transformações dos meios sociais do entorno e das relações Inter étnicas.

Como admite Kuper (2002), cultura e identidade são construções produzidas, compostas e inventadas a partir de fabricações discursivas instáveis. Toda cultura é fragmentada, contestada internamente por seus membros e possui fronteiras porosas (KUPER, 2002); percebe-se então, que sua compreensão contempla possibilidades de transformação contínua e deslocamentos territoriais.

Assim, a sociedade pode ser vista como um atributo básico, mas não exclusivo, da natureza humana, ou seja, os seres humanos são geneticamente predispostos à vida social. Em um conceito mais simplificado "as relações entre as pessoas, entre os grupos sociais e as próprias pessoas e grupos formam a sociedade." (BRANCO, 2005 p. 02).

As relações que ocorrem entre os aspectos espaciais e a estrutura social caracterizam-se pelas interações entre os espaços organizados para abrigar diferentes atividades humanas e as próprias atividades. "Se olharmos a história das cidades, pode-se ver claramente que as estruturas urbanas e o planejamento influenciam o comportamento humano e a forma de funcionamento das cidades" (GEHL, 2013 p. 09). Por outro lado, como

destacam Santos e Rio (1998), uma vez que os sistemas culturais configuram-se de maneira diferente à medida que as mentalidades se transformam em busca de outras formas de interagir e de se adaptar ao mundo, pode-se dizer que cada espaço temporal da história é caracterizado por (e se origina de) uma lógica de época. Assim, as configurações desses espaços físicos podem seguir o mesmo princípio sendo moldados e construídos a partir das relações sociais e culturais de seu tempo.

Com essa breve abordagem sobre espaço e sociedade, é possível compreender que as relações entre esses dois temas se desenvolvem em uma "via de mão dupla". Por um lado, as intervenções arquitetônicas e de planejamento urbano podem possibilitar a mudança de uma estrutura social, por outro lado, a pluralidade presente na Pós-Modernidade<sup>3</sup>, interfere na capacidade de interação e transformação dos espaços habitados pelo homem. Considera-se assim que "o arranjo físico espacial que caracteriza o desenvolvimento urbano é produto único de uma sociedade específica de sua cultura" (KING, 1995 p. 12). Ora produzindo a sociedade, ora produto dela, assim, de forma dual, complexa e ambígua, se estabelecem os espaços arquitetônicos e equilibrando tais relações, é construído mundo habitado.

De acordo com a reflexão em torno das relações existentes entre as sociedades e seus espaços, a abordagem da lógica social do grupo a ser pesquisado torna-se fundamental para a compreensão das configurações espaciais resultantes dessas relações humanas. Nessa perspectiva, apresenta-se de forma introdutória o Povo Kaingang, objeto dessa pesquisa.

A denominação Kaingang, que em sua língua pode ser traduzida como Povo do mato, constitui o marco inicial que diferencia este povo dos não indígenas, ao mesmo tempo que afirma a especificidade de sua identidade frente a outras etnias indígenas existentes no Brasil. (NACKE, 2007). Como relata a mesma autora, a língua Kaingang, hoje ainda falada

---

<sup>3</sup> Considera-se nessa pesquisa o termo Pós Modernidade para descrever o estado reflexivo da sociedade contemporânea ante suas próprias mazelas, capaz de gerar revisão de seu modo de agir, especialmente considerada a condição de questionamento do modelo moderno de organização da vida e da sociedade. O próprio conceito não é um consenso entre sociólogos e historiadores e é objeto de um grande leque de discussões, abordado nas obras de Lemmert (2000), Hall (2006), Santos (1997), Bauman (1998), Castells (2014), Giddes (2002) entre outros.

em algumas das terras indígenas da região, representa um dos mais importantes signos de sua identidade.

Os Kaingang têm grande apreço pelas matas, por estas desempenharem papel central na vida do povo, oferecendo-lhes insumos à dieta alimentar, remédios provenientes de ervas medicinais, os chamados remédios do mato, matéria-prima para o artesanato, habitat para os animais e constituírem simbolicamente o local onde habitam espíritos. Para este povo, a relação de reciprocidade com a natureza caracteriza sua visão de mundo que conduz o seu modo de vida. Todos os seres fazem parte desse universo composto pelo mundo humano e o não humano, e por essa dinâmica perpassa toda a espiritualidade Kaingang.

Tommasino e Fernandes (2001) explicam que os Kaingang são classificados como sociedades sociocêntricas, isto é, reconhecem princípios sociocosmológicos dualistas. A sociedade e toda a natureza estão divididas em metades que se complementam, denominadas Kamé e Kairu, irmãos mitológicos.

Entre os principais rituais dos Kaingang, destaca-se o Ritual do Kiki ou Culto aos mortos. Trata-se de uma festa para os mortos recentes, que é organizada pelos consanguíneos do morto, em sua homenagem (SILVA, 2011). Baldus (1937) afirmava que este culto é apontado como a base e a expressão mais forte da cultura espiritual dos Kaingang, porque a vontade da comunidade, no sentido da própria defesa psíquica, está fundamentada nele e só por ocasião dele se apresenta coletivamente.

Segundo o professor Clovis Antonio Brighenti (2012), a partir dos anos de 1970, os Kaingang iniciaram um processo intenso de reuniões, encontros e estudos entre si e com outros povos. Os Kaingang vêm participando ativamente no processo de construção de políticas públicas, na defesa de seu território e na construção de novos referenciais de diálogo com o não indígena (BRIGHENTI, 2012).

Esse movimento, que tem berço no interior das comunidades indígenas, caminha tanto na direção da luta e defesa da terra quanto no sentido da resgate da cultura, da escrita da história a partir do olhar indígena, da discussão sobre possibilidades de novas relações com o não indígena entre outros aspectos. Esse contexto afirma o Protagonismo indígena contemporâneo, onde as comunidades deixam de ser vítimas, espectadoras ou coadjuvantes no processo e passam a ser atores, sujeitos

capazes de interferir, de mudar, de se posicionar e de reescrever a própria história.

Com base na relação entre a configuração espacial e a estrutura social focadas no Povo Kaingang é que essa pesquisa será construída. O título “UM OUTRO OLHAR” permite dupla interpretação, já que a pesquisa aborda tanto o olhar do pesquisador, que se constitui como o outro perante a comunidade indígena quanto o olhar da própria comunidade para si mesma, configurando então o olhar do outro perante o pesquisador.

Para esclarecer e explicar o subtítulo da pesquisa, foi construído o diagrama abaixo, Figura 1:

Figura 1 - Apresentação da pesquisa



Fonte: Desenvolvido pela autora

## JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA

Com foco na relação entre os temas da pesquisa, a justificativa se embasa na reflexão em torno dos seguintes fatores: a possibilidade da configuração espacial se estabelecer como aspecto de afirmação cultural dessas comunidades; a compreensão sobre as diferenças entre a sociedade Kaingang e a sociedade não indígena; a necessidade de compreensão do contexto cultural de comunidades específicas para que intervenções urbanísticas e arquitetônicas mais adequadas possam ser desenvolvidas.

A existência de experiências recentes da história da arquitetura, inclusive na brasileira, reforça a possibilidade de estratégias de arquitetura e urbanismo contribuírem na afirmação de um modelo social, econômico e político desejado. Apenas para citar um exemplo, como coloca Pesavento (1999) a implantação da Avenida central do Rio de Janeiro, foi o marco de um processo de recriação da identidade nacional, em um renascimento que objetivava negar algumas origens culturais brasileiras, vistas pelos governantes da época como responsáveis pela construção de uma imagem negativa do país. A forma como esse novo espaço foi pensado, condicionava o comportamento social e sugeria um padrão europeu de apropriação do espaço público com o objetivo de minimizar as diferenças e a pluralidade étnica do povo brasileiro.

Esta pesquisa não objetiva encontrar recursos para impor o modelo social ou cultural Kaingang a partir de cenários parecidos com o caso do Rio de Janeiro, mas busca discutir elementos no espaço que aproximem essas comunidades de suas bases tradicionais sem negar a possibilidade da transformação da cultura em função das relações com outros povos.

Outro aspecto a se considerar é a diversidade cultural na região onde acontece a pesquisa. Observa-se na contemporaneidade a formação de guetos étnicos, principalmente de alemães e italianos, que ocuparam a região com base na formação de pequenas propriedades rurais, sustentadas principalmente na mão de obra familiar (BAVARESCO; FRANZEN; FRANZEN, 2013). Essa diversidade, aliada à necessidade de interação entre esses diferentes grupos, tornou obscura a compreensão e até mesmo a distinção entre a estrutura social tradicional indígena e a não-indígena, construída a partir dos princípios dos camponeses europeus.

Devido a essa diversidade e ao desconhecimento das diferentes culturas que compõem o território nacional, acredita-se que os projetos desenvolvidos para comunidades não convencionais, como a indígena por exemplo, pouco consideram as bases culturais nas quais essas sociedades se desenvolvem. Conforme Carrinho (2010) entende-se que embora exista a necessidade de se propor edificações que incorporem infraestrutura da sociedade contemporânea, haja vista a adoção de hábitos urbanos nessas comunidades, também é importante propor ações que considerem e apoiem o saber construtivo tradicional e a manutenção desse conhecimento para gerações futuras, bem como a configuração espacial mais adequada para as relações humanas tradicionais.

A lacuna observada na pesquisa em torno da configuração espacial dos assentamentos contemporâneos Kaingang é outro fator de relevância do tema. Existem estudos em outras áreas do conhecimento que trabalham com elementos da cultura indígena, inclusive abrangendo temas como moradia e processos construtivos (ZANIN, 2006). No que se refere à religião e às lendas Kaingang, encontramos estudos de pesquisadores sobre o Ritual do Kiki, o culto aos mortos e a relação dos indígenas com a natureza (SILVA, 2011). Na educação, Piovezana (1999) destaca que os momentos e atividades de ensino e aprendizagem indígenas combinam espaços e momentos formais e informais, com concepções próprias sobre o que deve ser aprendido.

Segundo Salvoldi e Renk (2012), que discutem a territorialidade e a construção das identidades indígenas, as disputas de território continuam e a prática de deslocamento dos indígenas de seus territórios originais permanece. A expropriação de terras no passado, marginalizou tanto indígenas quanto caboclos no oeste catarinense e agora se busca, através de projetos de revitalização<sup>4</sup>, fortalecer valores culturais desses povos<sup>5</sup> (SAVOLDI; RENK, 2012).

Nesse processo, atores governamentais e religiosos foram decisivos para a redução dos territórios indígenas e construíram um

---

<sup>4</sup> Entende-se aqui o termo revitalização como uma medida compensatória no sentido de dar novamente vida a um espaço que, em função do desrespeito à cultura, tornou-se sem vida.

<sup>5</sup> Pode ser citado aqui o exemplo da Escola de Educação Básica Cacique Vanhkre na Terra Indígena Xapecó. O processo de projeto, que contou com a participação da comunidade, revela traços da cultura e gera nos usuários um profundo sentimento de pertencimento. (ZANIN; DILL, 2016)



contexto que impossibilitou a luta das comunidades ou qualquer organização que pudesse esboçar uma reação diante das ações instituídas. Sobre esse tema, cabem destacar os trabalhos de Brighenti (2012)<sup>6</sup>, Almeida (2015)<sup>7</sup> e Bringmann (2015)<sup>8</sup>.

A dificuldade de encontrar material bibliográfico produzido tendo como objeto a arquitetura e a configuração espacial das aldeias indígenas no Brasil, especialmente a Kaingang, inspira o surgimento de indagações sobre possíveis lógicas de ocupação do espaço adotadas antes da colonização europeia, soluções para adaptar-se ao relevo e ao clima e possíveis relações humanas originárias das disposições das moradias e demais espaços rituais dos assentamentos.

Por fim a influência da cultura indígena na construção da sociedade nacional contemporânea é outro tema praticamente negado. A construção da identidade brasileira está intimamente ligada à pluralidade de influências construídas desde o processo de colonização. O Brasil estabelece-se enquanto sociedade, como resultado dessa mistura cultural entre índios, europeus e africanos. Em qualquer sociedade, o campo cultural é um dos elementos estruturais básicos, fundamental para a vida política e econômica. Quando negligenciamos o passado de nossa cultura ou a vivemos unicamente dentro da esfera do lazer imediato e descartável, todas as outras esferas da sociedade perdem vitalidade (NAPOLITANO, 2001).

Estes fatores então, justificam a pesquisa e orientam os estudos no sentido de entender por quais caminhos pode passar a construção do espaço arquitetônico como representação da cultura de comunidades com especificidades culturais na contemporaneidade.

---

<sup>6</sup> O movimento indígena no Oeste Catarinense e sua relação com a igreja católica na diocese de Chapecó/SC nas décadas de 1970 e 1980.

<sup>7</sup> Tempo, memória e narrativa Kaingang no oeste catarinense: A tradição Kaingang e a proteção tutelar no contexto da transformação da paisagem na terra indígena Xaçecó.

<sup>8</sup> Entre os índios do sul: Uma análise da atuação indigenista do SPI e de suas propostas de desenvolvimento educacional e agropecuário nos Postos indígenas de Nonoai/RS e Xaçecó/SC (1941-1967).

## QUESTÕES DA PESQUISA

Diante do contexto exposto, surgem algumas perguntas a serem respondidas sobre interferência das intervenções arquitetônicas na preservação cultural, as obscuridades sobre a configuração tradicional de sociedades indígenas, e as influências que o contato com a sociedade não indígena do entorno podem ter gerado nas comunidades pesquisadas.

Surgem assim as principais questões dessa pesquisa: De que forma a estrutura social indígena Kaingang se manifesta na configuração espacial da aldeia contemporânea?

## OBJETIVOS

### Objetivo Geral

O objetivo geral desta pesquisa é analisar de que forma a estrutura social Kaingang se manifesta no Espaço Arquitetônico da Aldeia Kondá.

### Objetivos Específicos

- a) Descrever a estrutura social tradicional Kaingang;
- b) Detectar as mudanças ocorridas a partir do contato com a sociedade não indígena;
- c) Caracterizar a configuração espacial Kaingang;
- d) Relacionar espacialmente a aldeia Tradicional<sup>9</sup>, Atual<sup>10</sup>e Idealizada<sup>11</sup>;
- e) Identificar fatores formais na aldeia que revelam traços da cultura e da sociedade Kaingang;

---

<sup>9</sup>TRADICIONAL: Como o espaço das aldeias era configurado antes do contato com a sociedade não indígena.

<sup>10</sup>ATUAL: Como a Aldeia Kaingang se estabelece segundo a estrutura oferecida atualmente pela sociedade não indígena e as modificações devido às adequações necessárias e a apropriação dos espaços.

<sup>11</sup>IDEALIZADA: Configuração espacial da aldeia idealizada pela comunidade indígena a partir de sua cultura e seu modo de viver.

## **DELIMITAÇÃO DA PESQUISA**

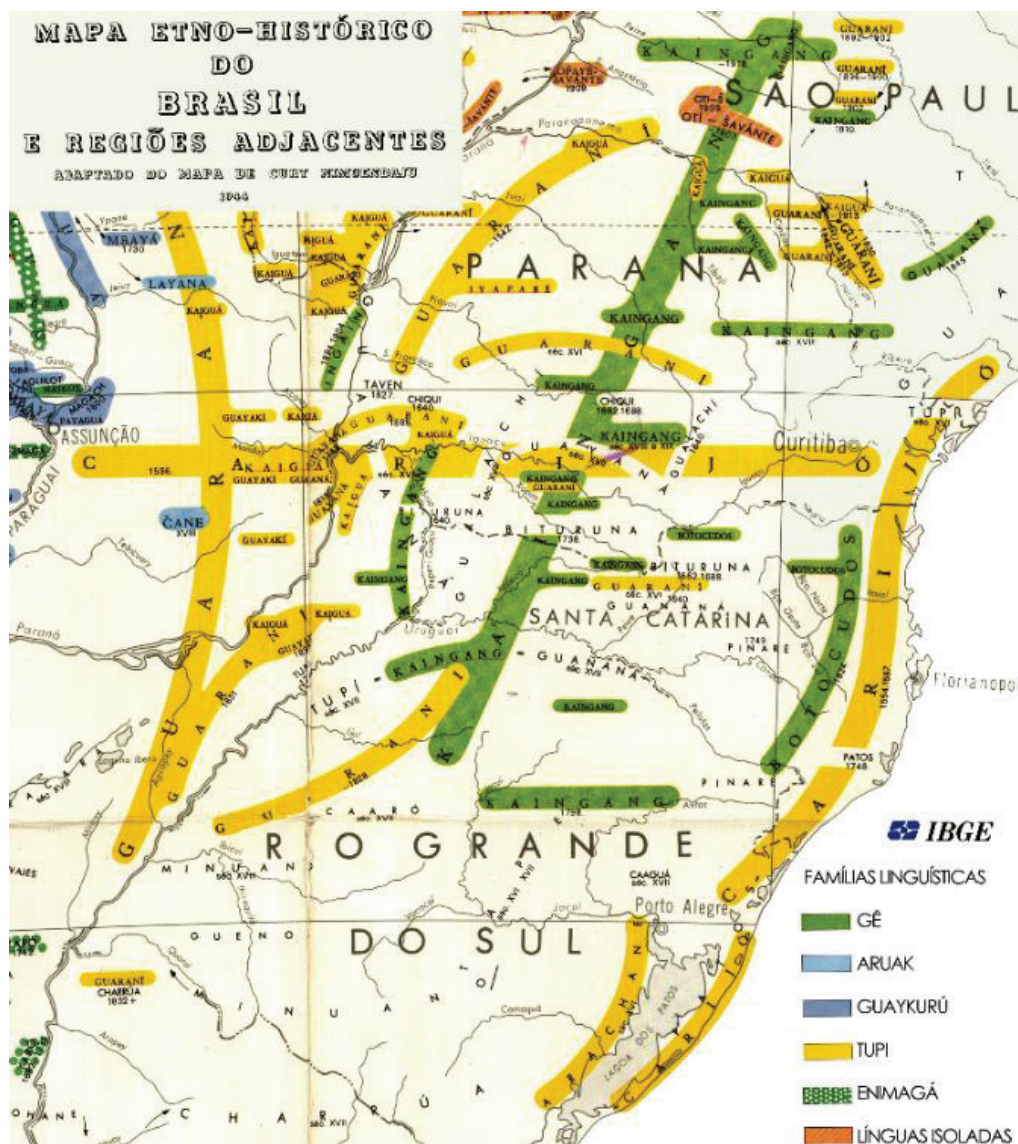
Esta pesquisa aborda a compreensão das relações entre espaço e sociedade através do estudo de caso de uma aldeia Kaingang localizada no oeste do estado de Santa Catarina. Assim, o panorama apresentado dessas relações limita-se às evidências empíricas encontradas na comunidade estudada.

Outra delimitação da pesquisa, que justifica a escolha da comunidade está centrada no Povo Kaingang. Dados de 2010 indicam a existência de 9.437 indígenas vivendo em aldeias em Santa Catarina pertencentes a três povos: Kaingang, Guarani e Xokleng. Os Kaingang são a maioria no estado, com uma população de 6.397 pessoas (IBGE, 2010). As terras ocupadas pelas comunidades Kaingang se localizam do oeste do estado, onde o estudo se desenvolve.

O Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendaju (1944), Figura 2, ilustra a trajetória histórica dos Kaingang na região Sul do País e elucida sobre configuração deste território como tradicional, justificando as lutas por essas terras.

AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ

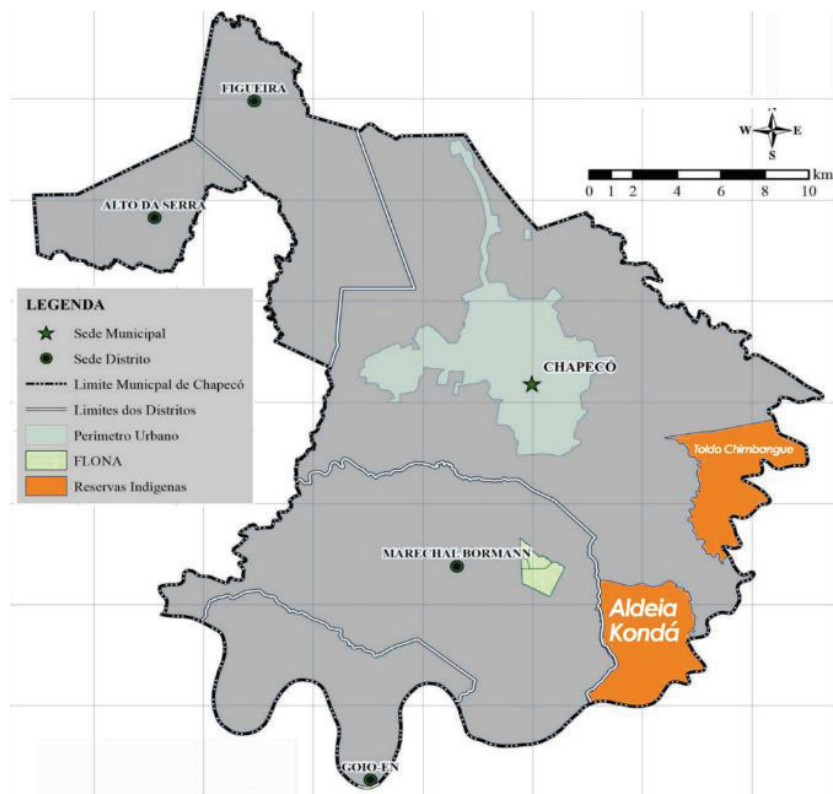
Figura 2: Mapa Etno-histórico (Região Sul)



Fonte: Adaptado do Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendaju de 1944 | IBGE,1981

A pesquisa é desenvolvida na Aldeia Kondá, localizada no interior do Município de Chapecó-SC, Figura 3, que foi escolhida em função de sua trajetória histórica e da manutenção de valores culturais tradicionais pela comunidade.

Figura 3: Reservas indígenas no município de Chapecó



Fonte: SEDEMA, 2015

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS e estrutura da pesquisa

O trabalho utiliza para a obtenção e análise dos dados obtidos a abordagem da pesquisa qualitativa, que tende a salientar os aspectos dinâmicos, holísticos e individuais da experiência humana, para apreender a totalidade no contexto daqueles que estão vivenciando o fenômeno (POLIT; BECK; HUNGLER, 2004).

Os estudos se organizam em três etapas principais: 1) Aproximação teórica; 2) Estudo de caso; 3) Discussão e síntese dos resultados com a sistematização dos estudos.

A Aproximação Teórica tem como objetivo contextualizar a pesquisa, compreender aspectos relevantes da cultura Kaingang tradicional e descrever o aporte teórico no qual a pesquisa está embasada. Para tanto, serão utilizadas pesquisa documental e bibliográfica.

O estudo de caso, é realizado para observação da ocorrência do fenômeno em uma realidade delimitada. Yin (2005) afirma que se trata de “uma investigação empírica sobre um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. Nesta etapa da pesquisa, pretende-se utilizar as seguintes técnicas: Visitas exploratórias, entrevista com grupos focais, poema dos desejos, entrevistas semiestruturadas, análise de vestígios de comportamento e elaboração de mapas.

A Discussão e síntese dos resultados corresponde à compilação dos conhecimentos obtidos através das pesquisas realizadas, trazendo reflexões sobre o tema e novas interpretações possíveis para a pesquisa.

Para ilustrar a relação entre métodos e objetivos apresenta-se o Quadro 1:

Quadro 1 - Relação entre objetivos e métodos

OBJETIVOS	MÉTODOS UTILIZADOS
a) Descrever a estrutura social tradicional Kaingang	Pesquisa documental e bibliográfica
b) Detectar as mudanças ocorridas a partir do contato com a sociedade não indígena;	Visitas exploratórias   Grupos Focais   Relatos de história de vida
c) Caracterizar a configuração espacial Kaingang	Pesquisa documental e bibliográfica   Visitas exploratórias.
d) Relacionar a aldeia Tradicional, Atual e Idealizada;	Análise de vestígios de comportamento   Elaboração de mapas   Poema dos desejos
e) Identificar fatores formais que revelam traços da cultura e da sociedade Kaingang;	Grupos focais   Análise a partir dos mapas elaborados   Técnicas de interpretação da História Oral.

Fonte: Elaborado pela autora

Os resultados derivados de cada técnica de pesquisa serão discutidos e apresentados à luz de três olhares fundamentais: Psicologia Ambiental focada na relação pessoa-ambiente, a teoria da Sintaxe Espacial, que trabalha a lógica configuracional de ocupação dos espaços de

assentamentos humanos, e por fim, para a compreensão de conceitos relacionados às dinâmicas sociais e culturais e interpretação das comunidades pesquisadas, serão buscados para discutir dos dados com base em autores das áreas de Antropologia e História.

Este estudo se divide em três etapas principais conforme a descrição que segue:

**Etapa I - Aproximação Teórica:** Busca-se a partir de leituras e pesquisa bibliográficas, a aproximação com o tema de estudo, apresentando um Panorama dos Povos Indígenas e posteriormente, com os referenciais que irão conduzir a pesquisa, tanto na escolha dos procedimentos metodológicos quanto na interpretação dos dados obtidos.

**Etapa II - Estudo de Caso:** São apresentados e descritos os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, e, posteriormente, inicia-se a apresentação do objeto de estudo, trazendo aspectos sócio espaciais do povo Kaingang, a caracterização da comunidade pesquisada e os resultados obtidos através dos dados coletados.

**Etapa III - Discussão e síntese dos resultados:** Com base nas aproximações teóricas iniciais e no estudo de caso realizado, são discutidas as relações encontradas entre a estrutura social da comunidade e a configuração espacial da aldeia.

Esta pesquisa se estrutura a partir da divisão das etapas da pesquisa em cinco capítulos, conforme o Quadro 2, que ilustra esta divisão.

Quadro 2: Organização da pesquisa

Introdução	Aproximações	Estudo de caso	Discussão e síntese dos resultados	Considerações finais
Introdução	<b>Capítulo 01</b> Povos indígenas: Um panorama geral	<b>Capítulo 04</b> Procedimentos de pesquisa	<b>Capítulo 07</b> Configuração socioespacial da Aldeia Kondá	Considerações finais
	<b>Capítulo 02</b> Povo Kaingang	<b>Capítulo 05</b> Aldeia Kondá		
	<b>Capítulo 03</b> Olhares referenciais	<b>Capítulo 06</b> Resultados da pesquisa		

Fonte: Desenvolvimento próprio

**| INTRODUÇÃO |** Encontra-se a apresentação dos temas centrais da pesquisa, justificativa e relevância do estudo, as questões, objetivos, procedimentos metodológicos e estrutura geral da dissertação.

**| CAPÍTULO 01. POVOS INDÍGENAS: PANORAMA GERAL |** Disserta, a partir das pesquisas bibliográfica e documentais, a respeito das sociedades indígenas na América Latina, onde essa população se estabelece no território brasileiro e a presença dos Povos indígenas em Santa Catarina.

**| CAPÍTULO 02. POVO KAINGANG |** Descreve o povo Kaingang com base em sua estrutura social e configuração espacial. Posteriormente são levantados aspectos relevantes da aldeia contemporânea e das heranças culturais presentes.

**| CAPÍTULO 03. OLHARES REFERENCIAIS |** São apresentados e discutidos conceitos teóricos com base na antropologia, etno-história, psicologia ambiental, sintaxe espacial e arquitetura fundamentais para a compreensão do objeto de estudo e desenvolvimento da pesquisa.

**| CAPÍTULO 04. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS |** São apresentados, e detalhados os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa embasados nos referenciais anteriores e objetivos do estudo. Por fim é descrito como ocorre o tratamento dos dados obtidos.



**[CAPÍTULO 05. ALDEIA KONDÁ |** É apresentada e caracterizada a Aldeia Kondá, foco da pesquisa de campo, a partir de sua construção histórica, considerando três momentos principais: Antes da cidade, quando a população ocupada a cidade de Chapecó antes do processo de urbanização; Índios Urbanos, quando a mesma comunidade foi enclausurada pela cidade e passou a viver em lugares restritos do município e por fim, A conquista da terra, que explica a trajetória de lutas e a mudança para o território atual.

**[CAPÍTULO 06. RESULTADOS DA PESQUISA |** São apresentados os resultados derivados de cada técnica de pesquisa utilizada com discussões preliminares das informações encontradas com base nos referenciais teóricos e nos objetivos específicos.

**[CAPÍTULO 07. CONFIGURAÇÃO SOCIOESPACIAL DA ALDEIA KONDÁ |** A partir da apresentação e discussão dos dados da pesquisa de campo, é construído o cenário sócio espacial da aldeia com as seguintes categorias de análise: A imagem do lugar; A forma da aldeia e a relação público privado; A arquitetura como identidade e Comportamento socioespacial.

**[CONSIDERAÇÕES FINAIS |** Corresponde aos aspectos conclusivos da pesquisa. O estudo é discutido com base nos objetivos propostos inicialmente, são expostas as reflexões gerais e possíveis desdobramentos da pesquisa.



## **1. POVOS INDÍGENAS: PANORAMA GERAL**

Fonte: <http://www.gazeta24horas.com.br/portal/?p=10620>

Este capítulo estabelece inicialmente um panorama geral das populações indígenas na América latina, passando pelo cenário nacional e chegando ao Estado onde a pesquisa se desenvolve - Santa Catarina (SC). Esta contextualização objetiva apresentar a diversidade étnica dos territórios abordados e de que forma as relações com outros povos, especialmente europeus, influenciaram, através de um processo histórico de domínio, a constituição dos povos indígenas na contemporaneidade.

Para esta compreensão, a pesquisa desenvolve este tema em três instâncias. Primeiramente, serão expostos dados da População indígena na América Latina, apresentando o contexto histórico no território com a chegada dos europeus, a população de acordo do Censo de 2010, a diversidade dos povos e as etnias mais numerosas.

Posteriormente, será apresentado o cenário nacional, discutindo brevemente a questão da identidade indígena formalizada, a distribuição dos povos no território Brasileiro e a apresentação das etnias mais significativas em termos de população. Por fim, a contextualização dos povos indígenas em Santa Catarina, com a localização das terras, povos e demais dados demográficos.

### **1.1. População da América Latina**

A situação indígena Latino Americana do século XXI só pode ser compreendida como resultado de um processo histórico que se desenvolvia neste continente desde antes da chegada dos europeus.

Apesar de os povos nativos da América possuírem, hipoteticamente, todos a mesma origem, na medida em que foram se expandindo pelo continente, ocupando as diferentes regiões e se

adaptando aos diferentes tipos de ambientes, cada grupo se desenvolveu com características próprias de ocupação. Quando da chegada dos colonizadores no final do século XV, existia na América Latina um mosaico de etnias, línguas e culturas (SEDA, 2010).

Diferentes formas de organização social se desenvolviam anteriormente a colonização, na chamada “América Pré-Colombiana”. Existiam organizações do tipo Estado, de grande desenvolvimento técnico, alto nível científico e artístico, como se vê nas ruínas ainda presentes de seu passado – Maias, ao sul do México, Guatemala Belize e Honduras, Astecas, no Vale Central do México e Incas, no Peru, Chile e parte oeste da Argentina e Bolívia (IGLÉSIAS,1992).

De acordo com as pesquisas da arqueóloga Anna C. Roosevelt (1992) as populações que ocupavam a Amazônia, planícies da ilha de Marajó, planície costeira da Guiana e o delta do rio Apure, no médio Orinoco eram sociedades indígenas “complexas pré-históricas tardias” (ROOSEVELT,1992). De acordo com a autora, para que estas etnias obtivessem uma alta produtividade em suas terras, estas requeriam vários beneficiamentos e os sítios de habitação indicavam a existência de uma ocupação pré-histórica muito mais substancial e sedentária do que a ocupação fraca e nômade visualizada pelos primeiros pesquisadores da Amazônia (ROOSEVELT,2002).

Essa diversidade étnica, cultural, de organizações sociais e de riquezas naturais, seria profundamente explorada com a chegada dos Europeus conforme descreve o trecho a seguir:

"Havia de tudo entre os indígenas da América: astrônomos e canibais, engenheiros e selvagens da Idade da Pedra. Mas nenhuma das culturas nativas conhecia o ferro nem o arado, nem o vidro e a pólvora, nem empregava a roda, a não ser em pequenos carrinhos. A civilização que se abateu sobre estas terras, vinda do além-mar, vivia a explosão criadora do Renascimento: a América aparecia como uma invenção a mais, incorporada, junto com a pólvora, imprensa, papel e bússola, ao efervescente nascimento da Idade Moderna." (GALEANO, 1971 p. 13)

Os dados sobre a população indígena que ocupava o território na época dos primeiros contatos não são um consenso entre pesquisadores. As estimativas disponíveis contam com pouca base na realidade e foram elaboradas em épocas muito posteriores fazendo com que os dados sejam diversos. De acordo com Denevan (1976) a população era estimada quase dez milhões de habitantes. Hemming (1978), por sua vez, estima 2,4 milhões, baseando-se em uma resenha detalhada das fontes existentes e em várias metodologias.

Acredita-se, de acordo com Bacci (2002) que essa situação decorre da tomada de posições apriorísticas voltadas a maximizar, ou a minimizar, a catástrofe provocada pelo contato entre autóctones e colonizadores. Testemunhos de época dos primeiros povoadores – particularmente jesuítas, a partir da metade do século XVI – e de épocas posteriores confirmam a opinião dos estudiosos contemporâneos de que a população indígena sofreu uma queda extraordinária devido à uma sucessão de doenças e diversos tipos de violência (BACCI,2002).

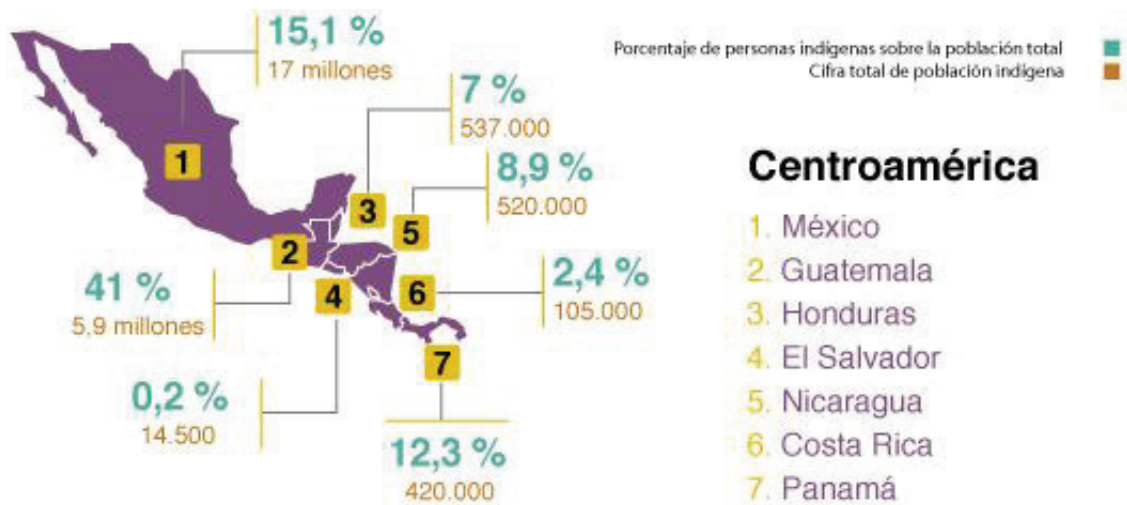
Como descreve Galeano (1971), o processo de exploração das riquezas naturais na América Latina teve como um de seus resultados, o massacre da população indígena. Em decorrência desse processo histórico, dados do ano de 2010, de acordo a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL, 2014), através do Sistema de indicadores sócio demográficos de populações e povos indígenas, apontam que na América Latina existem cerca de 45 milhões de indígenas, que representam 8,3% da população total da região.

Os países com maior proporção de população indígena segundo dados de 2014 são: Bolívia (62,2%), Guatemala (41%), Peru (24%) e México (15,1%). Nesse contexto estão desde povos que optam por viver em total isolamento até os que se concentram em acampamentos em centros Urbanos (CEPAL - ANDES, 2014).

Os mapas abaixo ilustram a distribuição da população indígena na América Central conforme Figura 4 e América do Sul conforme Figura 5:

AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ

Figura 4 - Povos Indígenas na América Central.



Fonte: (CEPAL - ANDES, 2014).

Figura 5 - Povos Indígenas na América do Sul.



Fonte: (CEPAL - ANDES, 2014).

De acordo com a CEPAL e o CELADE (2014), é possível contar 826 povos indígenas nos países da região, com um panorama altamente heterogêneo: num extremo encontra-se o Brasil, com 305 povos indígenas, seguido pela Colômbia (102), Peru (85) e México (78); no outro extremo, estão Costa Rica e Panamá, com nove povos indígenas cada um, El Salvador (3) e Uruguai (2).

Cada grupo indígena é definido a partir da auto identificação de seus habitantes no Censo de cada país, da cultura de seu povo, organização social e línguas próprias na maioria dos casos. De acordo com a UNICEF e FUNPROEIB Andes (2009), são 557 línguas indígenas faladas por nativos na América Latina, no entanto, mais de um quinto corre risco de extinção.

Como resultado das ações realizadas nos últimos anos, observa-se um aumento significativo da população indígena na região (CEPAL;CELADE, 2014). Levando em conta que a CEPAL (2007) havia estimado para a América Latina 30 milhões de pessoas indígenas em 2000, os resultados de 2010 supõem um aumento de 49,3% em 10 anos, o que implicaria uma taxa de crescimento médio anual de 4,1%. Trata-se de uma recuperação demográfica de magnitude considerável, sobretudo se levar em conta que no mesmo período a população da América Latina aumentou em 13,1%, com um ritmo médio anual de 1,3%. As políticas públicas voltadas à recuperação das etnias nativas e o aumento da auto identificação dos indígenas podem ser consideradas algumas das possíveis razões desse crescimento.

Por outro lado, uma questão possível de se constatar com os censos é a fragilidade demográfica de muitos povos indígenas, que estão em risco de desaparecimento físico ou cultural, como se pôde observar, conforme o Quadro 2, no Brasil, Estado Plurinacional da Bolívia, Colômbia e Peru.

Quadro 2 - América Latina: Maiores e menores Populações de Povos Indígenas

País y año	Mayor población			Menor población		
	Pueblos indígenas	Población	Porcentaje sobre el total indígena	Pueblos indígenas	Población	Porcentaje sobre el total indígena
Argentina (2004-2005)	Mapuche	113 680	18,8	Tapiete	524	0,09
	Kolla	70 505	11,7	Chulupí	553	0,09
Bolivia (Estado Plurinacional de) (2012) <sup>a</sup>	Quechua	1 837 105	47,1	Murato	207	Suman el 0,01%
				Tapiete	144	
	Aymara	1 598 807	41,0	Guarasugwe	125	
				Machineri	52	
Brasil (2010)	Tikúna	46 045	5,1	Akuntsú, Alaketesu, Arikén, Arikosé Bóra, Chamakóko, Issé, Jaricuna, Kanamanti, Karafawiyana, Kawahib, Kokuiregatejé, Laiana, Lakondé, Manao, Naravute, Papavó, Paumelenho, Piri Piri, Salamáy, Sapará, Tapiuns, Waikisu, Wakalitesu, Yaipiyana	Menos de 10 personas en cada uno	0,01 (en conjunto)
	Guarani Kaiowá	43 401	4,8			
Chile (2011)	Mapuche	1 183 102	86,4	Yámana (Yagán)	1690	0,12
	Aymara	99 270	7,2	Kawésqar	1177	0,09
Colombia (2005)	Wayuu	270 413	19,4	Chiricoa, Nonuya, Yuri, Tsiripu	Menos de 50 personas en cada uno	0,01 (en conjunto)
	Senu	233 052	16,7			
Costa Rica (2011)	Bribri	18 198	17,5	Teribe	2 665	2,6
	Cabécar	16 985	16,3	Maleku	1 780	1,7
Ecuador (2010)	Kichwa de la Sierra	328 149	32,2	Paltas	424	0,04
	Puruwá	136 141	13,4	Manta	311	0,03
Nicaragua (2005)	Miskitu	120 817	38,8	Garífuna	3 271	1,0
	Chorotega	46 002	14,8	Ulwa	698	0,2
Panamá (2010)	Ngöbe	260 058	62,3	Bokota	1 959	0,5
	Kuna	80 526	19,3	Bri Bri	1 068	0,3
Paraguay (2012)	Mbyá	21 422	19,0	Tomaráho	183	0,2
	Ava-Guaraní	17 697	15,7	Guaná	86	0,1

Fonte: (CEPAL; CELADE, 2014).

Os povos indígenas com maior população, encontram-se na Bolívia, pertencendo aos povos Quechua (1.837.105 ha) e Aymara (1.598.807 ha) e no Chile, ao povo Mapuche (1.183.102) e serão brevemente caracterizados a seguir.

A Bolívia com aproximadamente 10.426.160 de habitantes, é o país com maior percentual de habitantes indígenas (62,2%), destes, os Quechua representam 49,5% e os Aymara 40,6%, ambos localizados nos Andes ocidental, representam a maioria da população (CRUZ, 2010).

Os Quechua caracterizam-se principalmente como comunidade linguística. Seu idioma era falado pelas classes dominantes no Império Inca, diferenciando-se assim dos Aymara, comunidade dominada que mantinha-se cultural e etnicamente preservadas dentro das comunidades originárias (GARCIA LINERA, 2003).

A organização social das comunidades Quechua baseia-se nos núcleos familiares. No aspecto cultural e religioso, os Quechua têm sua

própria concepção de tempo e espaço, estando representados em três mundos: O Kaypacha (o mundo dos humanos, onde se desenvolvem os seres vivos e tudo que é palpável), o Janaqpacha (o mundo de cima, onde habitam Deus e seus santos, o sol, a lua e as estrelas.) e o Manqhapacha (o mundo de baixo, onde habitam as forças do bem e do mal) (MENDOZA, 2012). A partir da valorização da língua, dos legados Incas e da espiritualidade, se organiza esse Povo Indígena, o mais numeroso da América Latina.

O povo Aymara, tem como uma de suas características culturais mais importantes o conceito econômico de reciprocidade, o que é localmente conhecido como Ayni, que significa "hoje por ti, amanhã por mim". Outra característica da mesma natureza é que primeiro vem o desenvolvimento da comunidade, ou seja, nada pode prosperar sozinho, todos os elementos da natureza agem de uma forma abrangente para criar vida, a terra é a provedora, por isso chamada de Pachamama, ou seja, a Mãe Natureza (PEREZ, 2010).

Na sociedade Aymara, originalmente, mulheres e homens tem a mesma importância. Em muitos casos, é proposta uma hierarquia onde a mulher vem em primeiro lugar, simbolizando o bem, e posteriormente o homem, que simboliza do mal (AGUILO, 1980). No entanto, essa representação é uma dualidade que busca o equilíbrio entre estas duas entidades.

No século XXI, diferentemente das demais identidades culturais indígenas, os Aymara contam com uma ampla elite cultural construtora de um discurso étnico que foi apropriado por amplos setores populacionais, constituindo-se como única identidade de tipo nacional-indígena da atualidade (GARCIA LINERA, 2003).

Os índios Mapuches, do Chile e Argentina, terceiro maior grupo Latino Americano, foram o único povo nativo da América a vencer militarmente os conquistadores espanhóis, no século XVI. Com táticas inéditas de guerrilha, sua resistência durou 300 anos. Foram os criadores dos primeiros sindicatos de trabalhadores chilenos e no século XXI — apesar de limitados no sul daquele país e numa pequena área da Argentina — ainda lutam bravamente (BOND, 2005).

Destacam-se quatro elementos principais constituintes de sua cultura: o território, a língua, a visão do mundo e a história comum



(IRARRÁZAVALLI; MORANDÉ, 2007). O território, permite a sensação de pertencimento ao lugar, em um sentido mais amplo, criam um vínculo histórico com a terra, de onde vem os recursos naturais e onde descansam suas raízes. A língua, que é o idioma original de sua etnia, favorece a continuidade cultural. A visão de mundo do povo Mapuche estabelece os princípios que regem as comunidades, determinam seu patrimônio cultural, sua religiosidade, seus rituais e crenças. Por fim, a história comum do povo, incorpora elementos de sua identidade, as histórias compartilhadas, a linhagem, os laços de sangue, os costumes e tradições.

Com a caracterização breve desses povos, pode ser observada a diversidade cultural proveniente dos grupos indígenas, bem como, a valorização da terra por estes povos e a amplitude dos recursos naturais latino americanos. No entanto, os seguidos ciclos de extração, que se iniciam com o processo de colonização e exploração dos recursos naturais que continua até este século e a apropriação dos conhecimentos tradicionais pelos exploradores europeus (CEPAL;CELADE, 2014), justificam os processos de resistência indígena observados na contemporaneidade. A instauração de novos status políticos e territoriais, resultantes das lutas, permite a recuperação da cultura, do território e da identidade dos povos indígenas.

A ONU (Organização das Nações Unidas), vem desenvolvendo um trabalho na defesa dos povos indígenas em nível mundial, organizado em basicamente três mecanismos: 1) Um Fórum permanente sobre as questões indígenas; 2) A disponibilização de especialistas sobre direitos dos povos indígenas que auxiliam os Povos Indígenas na luta por seus direitos e 3) a disponibilização de um relator especial sobre direitos dos povos indígenas que oficializa junto a ONU ações de luta nesse sentido.

Em nível normativo, os Povos Indígenas estão amparados pela Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho, de 1989, que reconheceu pela primeira vez, seus direitos como povos com o objetivo de reconhecer a aspiração dos Povos Indígenas em assumir o controle de suas próprias instituições, formas de vida, seu desenvolvimento econômico, manter e fortalecer suas identidades, línguas e religiões, dentro do âmbito dos Estados onde moram (CONVENÇÃO Nº 169 DA OIT, 1989).

Nessa perspectiva, ações que constituam a identificação dessas culturas, as possibilidades de preservação e a criação de políticas de

valorização das identidades, são fundamentais para o reconhecimento e fortalecimento desses povos, que constituem a base da sociedade contemporânea.

Esse panorama é observado também no cenário nacional brasileiro, onde iniciativas que reconhecem os conhecimentos indígenas como base integrante da cultura nacional muito recentes e ainda pouco representativos<sup>12</sup>.

## 1.2. Cenário Nacional

A história dos Povos Indígenas no Brasil, assim como no restante da América Latina, é marcada pelo processo de exploração do europeu e a desconsideração dos conhecimentos nativos. Nessa perspectiva, as comunidades restantes são sobreviventes dos sucessivos massacres sofridos.

Esse processo histórico, trouxe além da diminuição da população, a perda da autoestima indígena e da sensação de pertencimento no território brasileiro, o que diminui sua identificação diante dos órgãos de cadastramento.

Surge então a questão: Quem é índio no Brasil? Segundo Moonem e Maia (1997), índio é quem se considera pertencente a uma comunidade, um povo ou nação indígena e é por ela reconhecido como membro. No entanto o pesquisador Júlio Cezar Mellati (1993) coloca que existem, além da auto identificação, outros critérios utilizados para fazer essa distinção, englobando o racial, legal, cultural e de desenvolvimento econômico. No entanto qualquer limitação no sentido de identificar um povo como indígena, parece ignorar a diversidade de povos nativos que se diferenciavam entre si através da língua, dos territórios, de costumes próprios.

Por outro lado, conforme coloca Ribeiro (1996), o processo de miscigenação foi tão longo, agressivo e intenso, construído de forma tão

---

<sup>12</sup> A Lei N. 11.645, de 10 de março de 2008 no que tange à obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” no currículo oficial da rede de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados. Mesmo assim pouca orientação foi dada sobre a forma de cumprir a lei, fazendo com que em muitas instituições de ensino as temáticas tenham sido incluídas depois de 2011. Na UFSC, a lei só foi cumprida a partir de 2014.1.

contundente desde a chegada por europeus que é difícil delinear uma delimitação de regras que defina quem é ou não indígena.

Conforme uma proposta feita pelos próprios indígenas, à Organização das Nações Unidas em 1986, comunidades, povos e nações indígenas são os que, tendo uma continuidade histórica com as sociedades anteriores à invasão, ou seja, pré-coloniais, se consideram distintos de outros setores das sociedades que agora prevalecem em seus territórios ou em parte deles (CUNHA, 1987). Constituem-se como setores não dominantes da sociedade e têm a determinação de preservar, desenvolver e transmitir a gerações futuras seus territórios ancestrais e sua identidade étnica (CUNHA, 1987).

Observando as duas interpretações sobre identificação indígena acima propostas, especialmente a elaborada pelos próprios indígenas, não se observa nenhuma descrição de características físicas aparentes ou de descendência sanguínea que levaria à identificação. Isso ocorre devido à variedade de características físicas presentes nos índios no Brasil em decorrência da miscigenação, marca do próprio Povo brasileiro.

Da mesma forma, não é apresentada nenhuma característica de cultura propriamente dita que define quem é índio e quem não é. Essa observação se justifica considerando a presença de não uma, mas centenas de etnias indígenas no Brasil, com suas especificidades culturais e linguísticas.

Assim, só o termo "índio" não basta para identificar alguém, só quem pode dizer quem é ou quem não é membro de uma comunidade indígena, é o próprio povo indígena (MOONEN; MAIA, 1997), a partir da construção histórica desse indivíduo como parte de uma comunidade que se diferencia da população brasileira geral e que, sobretudo, se identifica cultural e politicamente com esses costumes.

Os censos demográficos brasileiros captam a auto declaração daqueles que se identificam como indígenas. Essa população inclui pessoas que se identificam como sendo "índio-descendentes" mesmo não sabendo a que povo pertenciam seus ancestrais, pessoas que moram em cidades e que se reconhecem como pertencendo a povos específicos; pessoas que moram em Terras Indígenas (TIs) e que se reconhecem como pertencendo a povos específicos, e pessoas que se reconhecem como pertencendo a

povos específicos que estão em processo de reivindicação de suas terras e, em alguns casos, de suas identidades étnicas (AZEVEDO, 2008).

A partir do Censo 2010 do IBGE (2010) foi aprimorada a investigação deste contingente populacional, introduzindo-se o pertencimento étnico, a língua falada no domicílio e a localização geográfica, que são considerados critérios de identificação de população indígena nos censos nacionais de diversos países. Assim, foi possível obter informações tanto para a população residente nas terras indígenas, quer sejam indígenas ou não, quanto fora delas. O Censo 2010 permite ter uma compreensão da diversidade indígena existente no Brasil e um melhor entendimento quanto à composição sócio demográfica deste segmento populacional (IBGE, 2010).

Ao observar os dados presentes nos Censo de 1991, 2000 e 2010, percebe-se, conforme Quadro 3, o crescimento da população indígena nacional. Os dados censitários de 2000 apresentam um ritmo de crescimento anual, no período 1991/2000, da ordem de 10,8% (IBGE, 2005).

Quadro 3 - População Brasil 1991/2010 de acordo com residência

	1991	2000	2010
<b>Total(1)</b>	146.815.790	169.872.856	190.755.799
Não indígena	145.986.780	167.932.053	189.931.228
Indígena	294.131	734.127	817.963
<b>Urbana(1)</b>	110.996.829	137.925.238	160.925.792
Não indígena	110.494.732	136.620.255	160.605.299
Indígena	71.026	383.298	315.180
<b>Rural(1)</b>	35.818.961	31.947.618	29.830.007
Não indígena	35.492.049	31.311.798	29.325.929
Indígena	223.105	350.829	502.783

Fonte: IBGE, CENSO 1991/2010.

Segundo Gersen dos Santos Luciano (2006), desde a última década do século passado vem ocorrendo no Brasil um fenômeno conhecido como etnogênese ou reetnização<sup>13</sup> para amenizar as agruras do

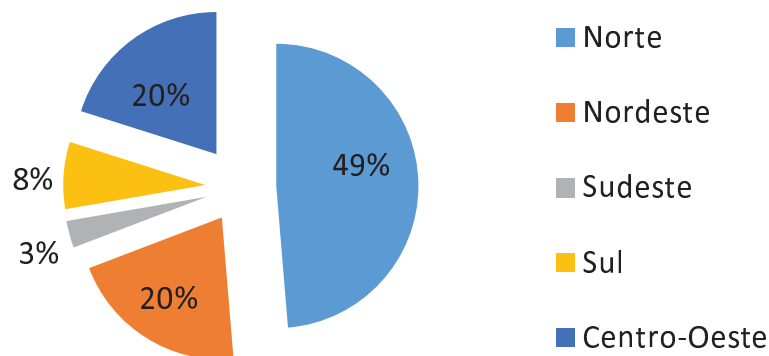
<sup>13</sup> O termo compreende o processo através do qual povos indígenas que, por pressões políticas, econômicas e religiosas, por terem sido despojados de suas terras ou estigmatizados em função

preconceito e da discriminação. Aos poucos esses povos estão reassumindo e recriando as suas tradições indígenas.

Os Povos Indígenas estão presentes nas cinco regiões do Brasil, sendo que a REGIÃO NORTE é aquela que concentra o maior número de indivíduos, 305.873, aproximadamente 37,4% do total da população da região, conforme Figura 6. Proporcionalmente, os estados com maior população indígena são Amazonas (20%) e Mato Grosso do Sul (9%).

Figura 6: Gráfico da População indígena no Brasil

### POPULAÇÃO INDÍGENA NO BRASIL



Fonte: Desenvolvido pela autora a partir de dados do (IBGE, 2010)

Quanto às etnias, de acordo com dados da FUNAI (2010), O povo Tikuna, residente no Amazonas, em números absolutos, foi o que apresentou a maior população. Em segundo lugar, ficou o Povo Guarani Kaiowá do Mato Grosso do Sul e em terceiro lugar os Kaingang da região Sul do Brasil.

### 1.3. Situação em santa catarina

Dados do IBGE (2010) indicam a existência de 18.213 indígenas em Santa Catarina, conforme mostra a Figura 7. Os 10.937 residentes em

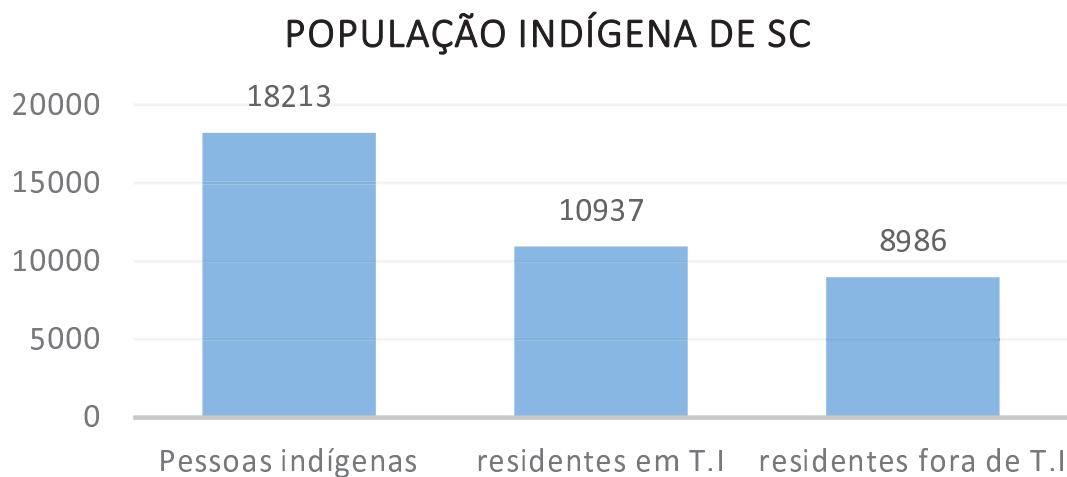
---

dos seus costumes tradicionais, foram forçados a esconder e a negar suas identidades tribais como estratégia de sobrevivência.

Terras Indígenas pertencem aos Povos: Kaingang (63%), Guarani (16%) e Xokleng (21%) conforme a

Figura 8.

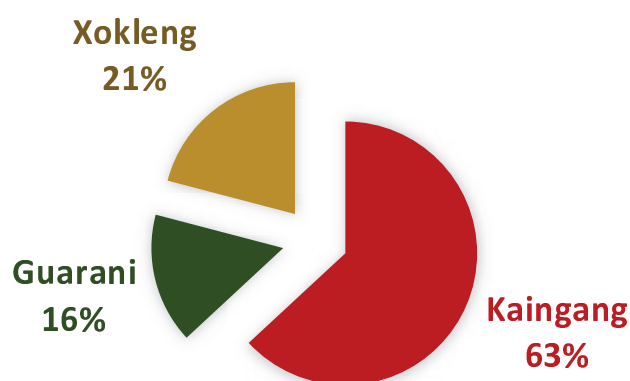
Figura 7: Gráfico da População Indígena de Santa Catarina



Fonte: (IBGE, 2010) Adaptado

Figura 8: Gráfico dos Povos Indígenas em Santa Catarina

### POVOS INDÍGENAS EM SANTA CATARINA



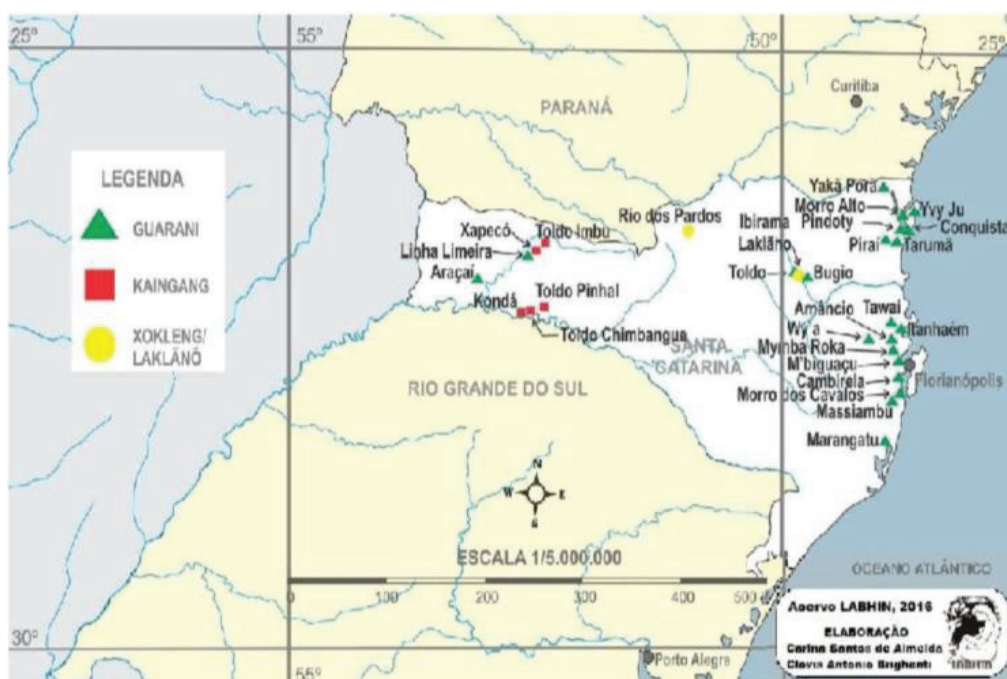
Fonte: (IBGE, 2010) Adaptado

Sobre a distribuição comunidades indígenas no território Catarinense, Brighenti (2012) coloca que os Guarani se distribuem em 21 aldeias. Três aldeias partilham terras com outros povos: A Aldeia Limeira na

TI Xapecó com os Kaingang e nas Aldeias Toldo e Bugio na TI Ibirama Laklãno com os Xokleng. As demais aldeias localizam-se na faixa litorânea, desde os municípios de Imaruá, ao sul a Garuva, ao norte. Destas, cinco são Reservas adquiridas pelos Guarani. Das Terras Guarani apenas uma está regularizada, a TI M'Biguaçu, no município de Biguaçu, as demais aguardam providências.

Os Xokleng, conforme mostra a Figura 9, estão em apenas duas Terras Indígenas – TI Ibirama Laklãno (localizada em José Boiteux, Vitor Meireles, Dr. Pedrinho e Itaiópolis) e TI Rio dos Pardos (localizada em Porto União). O território histórico do grupo se estende desde Curitiba/PR a Porto Alegre/RS. Na TI Rio dos Pardos vivem apenas 16 pessoas, ao passo que em Ibirama Laklãno a população soma 2.153 indivíduos (BRIGHENTI, 2012).

Figura 9 - Localização aproximada das terras indígenas em Santa Catarina.



Fonte: Elaborado por Carina Santos de Almeida e fornecido pelo LABHIN (Laboratório de História Indígena-UFSC)

Por fim os Kaingang ocupam cinco Terras Indígenas e uma Reserva (Figura 9). Apenas a TI Toldo Chimbangua está totalmente regularizada, as demais apresentam alguma pendência, desde demarcação, homologação e

desintrusão<sup>14</sup>. Os Kaingang compõem a maior população indígena no sul do Brasil, com mais de 60 mil pessoas.

Segundo Azevedo (2008), a população indígena catarinense vem crescendo e isso se deve a alguns fatores fundamentais: Aumento da taxa de fecundidade, reflexo da conquista de direitos como a melhoria no atendimento à saúde e a melhora na autoestima dos povos; crescente identificação de pessoas e comunidades que anteriormente não se reconheciam como indígenas devido a processos de violência sofrida e, por fim, o crescente auto reconhecimento da descendência indígena, embora sem explicitar povo/etnia vivendo em espaços urbanos. Acredita-se então, que nesses aspectos, a situação catarinense se assemelha ao contexto nacional, onde a partir do respeito e valorização étnica, consegue-se uma recuperação populacional.

No oeste do estado, o contato dos Kaingang com a sociedade não indígena do entorno, teve início, no final do século XVIII e se efetivou em meados do século XIX. Nesse período, chefes políticos indígenas, aceitaram aliar-se a conquistadores brancos, processo este que colaborou para a pacificação de alguns "grupos arredios" e a invasão do território Kaingang (PIOVEZANA, 2010).

Ainda nos anos 2000, existem lutas pela terra e pela retomada de territórios tradicionais indígenas, não só do oeste catarinense, mas em todo o Brasil, pois, para os povos indígenas, a terra tem um significado de representação da vida social, ligada às crenças e ao conhecimento indígena, supera a função de subsistência e passa a representar um recurso sociocultural (RAMOS, 1995).

Os Kaingang do Oeste Catarinense vivem em 5 áreas indígenas<sup>15</sup>: Terra indígena Xapecó, Toldo Chimbangue, Toldo Imbú, Toldo Pinhal e Aldeia Kondá, conforme Figura 10:

---

<sup>14</sup> O processo de demarcação de uma terra indígena no Brasil segue etapas específicas; a desintrusão é uma medida legal tomada para concretizar a posse efetiva da terra indígena a um povo, depois da etapa final do processo. É um instrumento jurídico para garantir a efetivação plena dos direitos territoriais indígenas, por meio da retirada de eventuais ocupantes não indígenas (MARÃIWATSÉDÉ, 2016).

<sup>15</sup> As áreas indígenas serão localizadas em termos de limites, será descrita a população e subdivisões em aldeias caso seja necessário. A pesquisa não abordará aspectos históricos ou de conquista territorial das áreas apresentadas, ficando esse aprofundamento restrito às unidades escolhidas para a pesquisa de campo, apresentadas na sequência deste trabalho.



AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ

Figura 10 - Mapa de Localização das áreas indígenas no Oeste Catarinense



Fonte: Google Maps 2016 adaptado.

A Terra Indígena Xaçecó, Figura 11, tem sua situação jurídica homologada e registrada no cartório do registro de imóveis desde 1991, está localizada entre os municípios de Ipuacú e Entre Rios à margem direita do rio Chapecozinho e rio Chapecó no lado esquerdo.

Figura 11 - Mapa da Área da TI Xaçecó I e II.

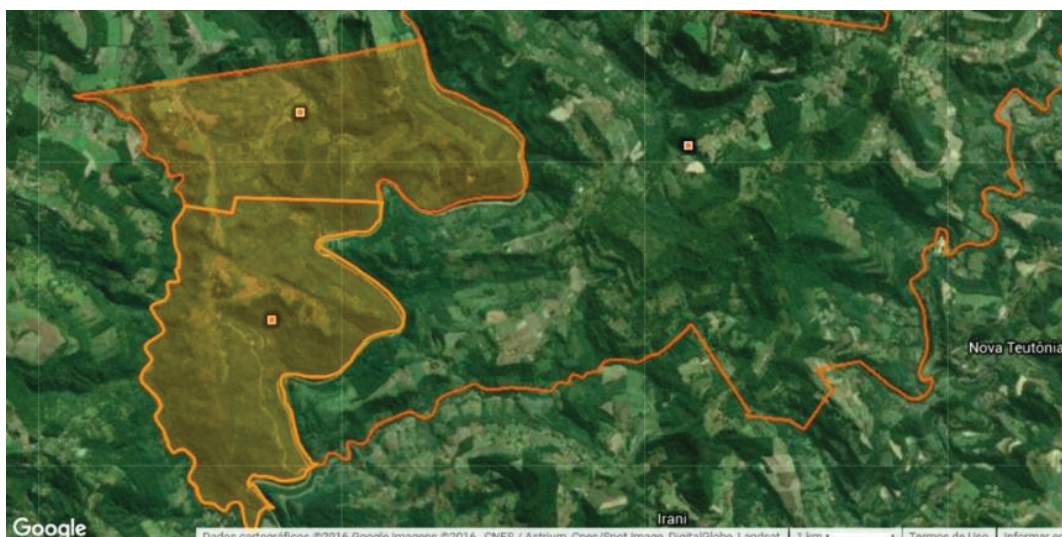


Fonte: Instituto socioambiental (ISA), 2016.

Vivem na T.I Xapecó indígenas Kaingang e Guarani, totalizando uma população de aproximadamente 6.000 pessoas (ISA, 2016). Esta população está localizada nas seguintes aldeias: Aldeia Jacú (Sede), Olaria, Pinhalzinho, Cerro Doce, Serrano, Baixo Samburá, Água Branca, Fazenda São José, Matão, Paiol de Barro, João Veloso, Manduri, Guarani, Limeira, Barro preto e Campos Oliveira (NÖTZOLD,2015).

O Toldo Chimbanguê, conforme observa-se na Figura 12, localiza-se à margem direita do rio Irani e à margem esquerda do Lageado Lambedor.

Figura 12 - Mapa da Área do Toldo Chimbanguê I e II.



Fonte: Instituto socioambiental (ISA), 2016.

Nesta comunidade também estão integrantes dos Povos Kaingang e Guarani, totalizando em torno de 600 pessoas em uma área de 1.942 ha a 18 km do centro da cidade de Chapecó (ISA, 2016). A ocupação imemorial do Toldo Chimbanguê pelos Kaingang possibilitou recuperar parte de suas terras que foram regularizadas em 1985 pelo governo brasileiro, depois de uma longa luta política por eles empreendida, mas também apoiada por parte da sociedade civil (NACKE; BLOEMER, 2007).

O Toldo Imbu, situado no município de Abelardo Luz (Figura 13), abriga atualmente aproximadamente 20 famílias, totalizando em torno de 150 habitantes. Esta população reivindica 1.985 hectares de terra, que

atualmente foram apenas identificadas e o processo encontra-se no ministério da Justiça para a emissão da portaria declaratória que certifica as terras para uso indígena. (NACKE; BLOEMER, 2007)

Figura 13 - Área da Reserva Toldo Imbu.



Fonte: Instituto socioambiental (ISA), 2016

O Toldo Pinhal (Figura 14) localiza-se à margem esquerda do Rio Irani, a 30km da sede do Município de Seara, com uma área de 4.846 ha e uma população de 189 habitantes (ISA, 2016). Mesmo a terra indígena sendo reconhecida, um dos maiores problemas que se tem confrontado diz respeito à indenização dos colonos<sup>16</sup>, que exige, além de vontade política, recursos que viabilizem proceder ao que determina a lei (NACKE; BLOEMER, 2007).

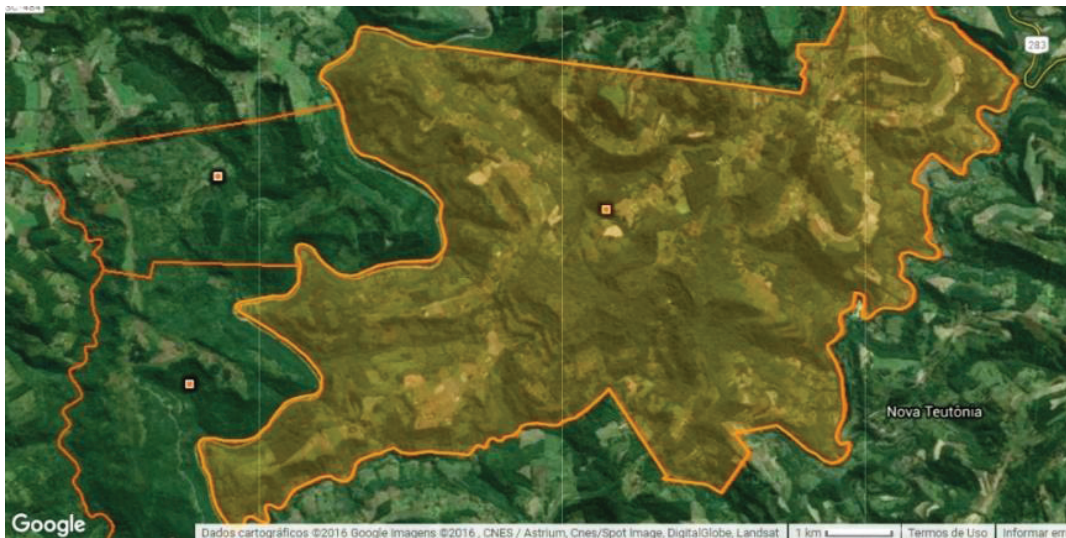
---

<sup>16</sup> Existem muitos conflitos entre colonos e indígenas pois a legislação prevê apenas o pagamento como indenização das benfeitorias, não havendo direito à indenização das terras.



AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ

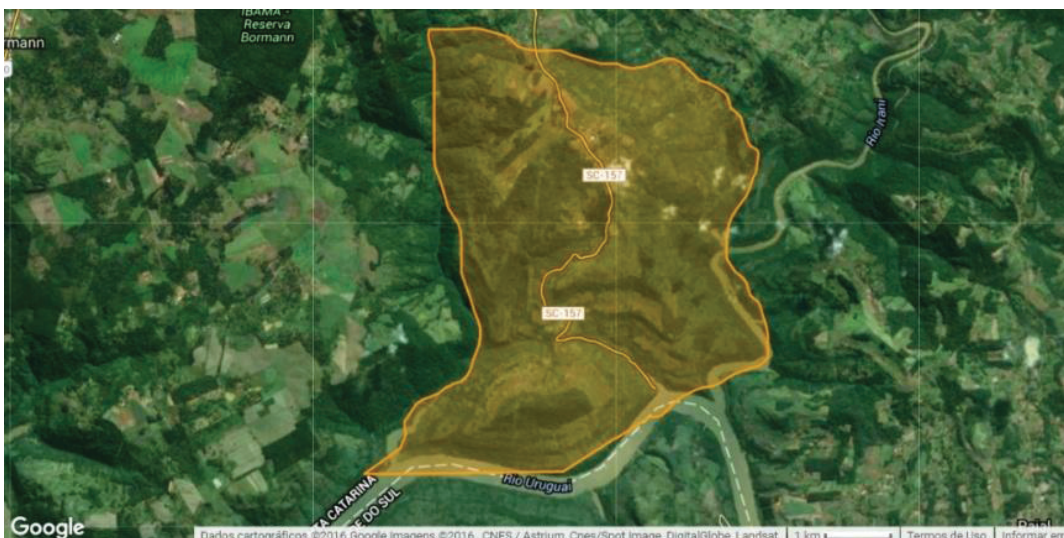
Figura 14 - Área da Reserva Toldo Pinhal



Fonte: Instituto socioambiental (ISA), 2016

Para concluir, apresenta-se a Aldeia Kondá (Figura 15), anteriormente localizada no centro da cidade de Chapecó, hoje ocupa uma área 2.300ha habitados exclusivamente pelos Kaingang, que compreende em torno de 600 pessoas (ISA, 2016).

Figura 15 - Área da Aldeia Kondá



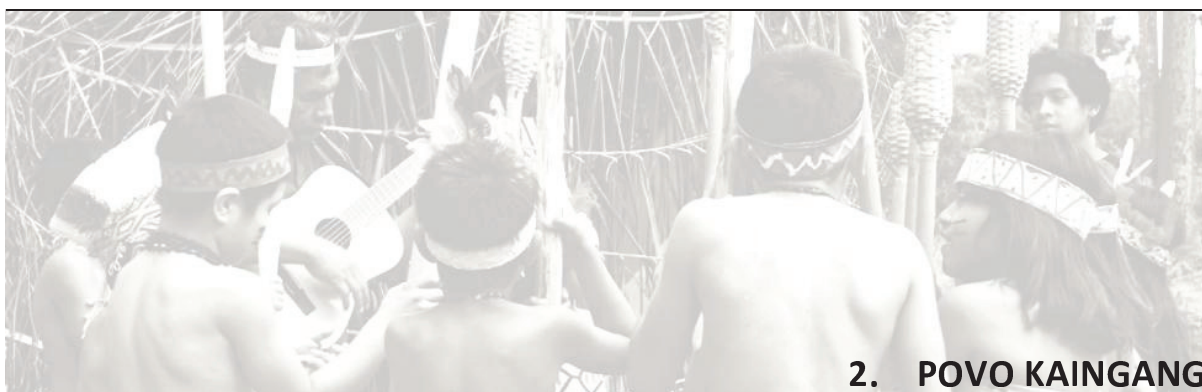
Fonte: Instituto socioambiental (ISA), 2016

Essa aldeia é caracterizada, especialmente, pelo uso regular da língua Kaingang e da prática do artesanato como principal atividade econômica (NACKE; BLOEMER, 2007). Essa característica, representa uma

herança da época que viviam no centro da cidade, bem como a dependência dos índios em relação aos centros urbanos. "Hoje, pode-se dizer que os índios não vivem sem a cidade. A saúde que obtinham buscando remédios do mato é insuficiente para as novas doenças trazidas pelo branco." (TOMMASINO, 2000 p. 39).

Como visto as realidades na América Latina, no Brasil e no Estado de Santa Catarina, preservadas as diferenças de escala, se assemelham e elucidam tanto sobre a diversidade étnica presente quanto a representatividade dos Povos Indígenas através de suas lutas em busca de sua afirmação cultural.

Esse panorama também aponta para a importância das comunidades indígenas, especialmente no oeste do estado onde esta pesquisa se realiza.



## 2. POVO KAINGANG

Fonte: <http://sites.unicentro.br/cedeteg/2013/04/24/exposicao-retrata-identidade-das-etnias-kaingang-e-guarani-2/>

Este capítulo consiste na caracterização do Povo Kaingang, desenvolvida a partir de suas bases socioculturais, configurações espaciais tradicionais e panorama preliminar contemporâneo das aldeias do estado.

### 2.1. ESTRUTURA SOCIAL

Os índios Kaingang habitam as regiões sul e sudeste do Brasil, desde o Estado de São Paulo até o Rio Grande do Sul, fazem parte do tronco linguístico Macro-Jê<sup>18</sup>, e junto com os Xokleng, que habitam outras áreas deste mesmo estado, formam o grupo dos Jê-Meridionais (JUNIOR, 2010).

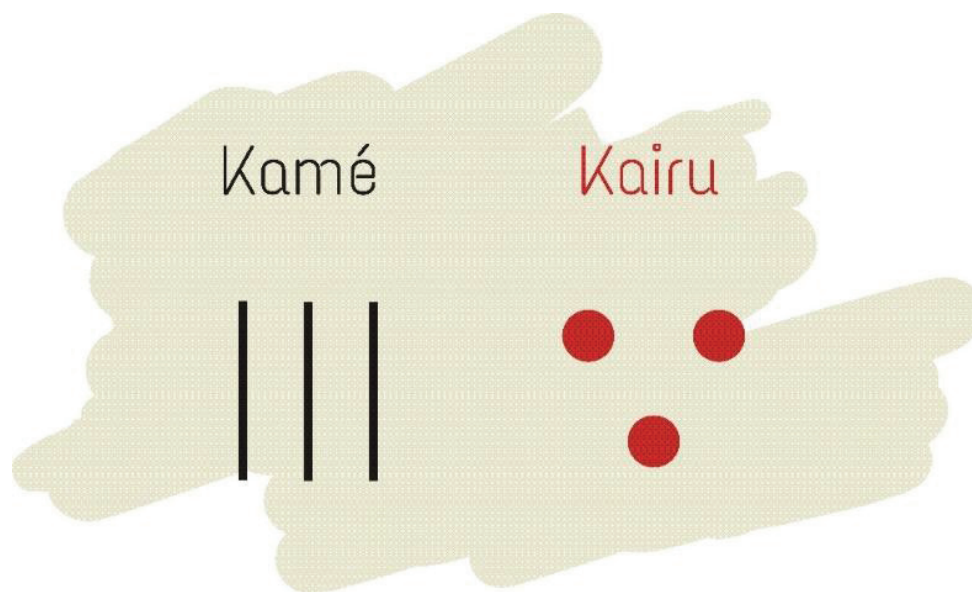
Os estudos de Tommasino e Fernandes (2001), realizados durante o século XX descrevem os Kaingang como um grupo primordialmente estabelecido a partir de uma organização social dualista, patrilinear, exogâmica e matrilocal. Isto é, existiriam dois grupos de linhagens de parentesco, transmitidas pelo pai aos descendentes, onde as alianças matrimoniais sempre se dão entre indivíduos pertencentes às metades opostas e após o casamento, o noivo vai morar com os pais da noiva.

No mito de origem coletado por Telêmaco Borba (1908) encontra-se uma versão resumida da cosmologia dualista Kaingang. Neste mito os heróis culturais Kamé e Kairu produzem não apenas as divisões entre os homens, mas também a divisão entre os seres da natureza. Desta forma, segundo a tradição Kaingang, o Sol é Kamé e a Lua é Kairu, o pinheiro é Kamé e o cedro é Kairu, o lagarto é Kamé e o macaco é Kairu, e assim por diante (BORBA, 1908).

Além de possuírem características físicas diferentes, os membros das metades se diferenciavam também através das marcas ou pinturas

corporais. Como coloca Nimuendanju (1913), os Kamé se representavam através de marcas compridas, riscos verticais e os Kairu, possuíam marca redonda conforme mostra a Figura 16. “[...] os dos Kamé é feito com lascas de pinheiro queimadas e depois umedecidas. Os dos grupo Kairu são feitos como madeira de sangria.” (KRESÓ, 1997 p. 82) Dessa forma, a coloração dos grupos fica assim definida: Kamé-preto, Kairu-vermelho (SILVA, 2012).

Figura 16 - Representação das marcas tribais



Fonte: Elaborado pela autora

As crianças, pertenciam à metade tribal de seu pai, mas eram os Kujás (pajés ou rezadores) que davam o nome para ela conforme o seu clã e através do nome também era possível saber à qual metade o indivíduo pertencia (Nimuendajú, 1913).

A unidade social mínima Kaingang é o grupo familiar formado por uma família nuclear (pais e filhos). Estes grupos familiares fazem parte de unidades sociais maiores, chamados grupos domésticos, formados idealmente, por um casal de velhos, seus filhos e filhas solteiras, suas filhas casadas, seus genros e netos. Este grupo doméstico não ocupa, necessariamente, uma mesma habitação, mas um mesmo território (TOMMASINO; FERNANDES, 2001).

O tema da matrilocalidade inspira a discussão do papel da mulher na sociedade Kaingang. De acordo com Mabilde (1983), as mulheres eram consideradas pelo grupo como peça social para troca, seja para a obtenção de algum objeto desejado, para conseguir influência ou privilégio, através

de acordos entre grupos Kaingang. Baldus (1937) discorda dessa afirmação, e coloca que vida dos casados era, em geral, bastante pacífica, e nunca o marido maltrata a mulher. Na mesma perspectiva, Becker (1999) afirma que o tratamento dispensado a elas sempre foi cordial e carinhoso e o comportamento da mulher, em geral, é fiel e recatado.

Apesar da discordância em relação ao tratamento dispensado às mulheres, os papéis desempenhados entre homens e mulheres eram distintos. Os homens não praticavam ações femininas como carregar frutos ou artefatos das casas, ficavam responsáveis pelas atividades de caça e de lideranças da sociedade (NÖTZOLD, 2004). De acordo com as informações expostas e demais bibliografias revisadas, percebe-se não haver uma diferenciação hierárquica definida pelo sexo. Homens e mulheres, tem tarefas e papéis diferentes, que apresentam certa complementaridade e igualdade de importância.

Os Anciãos das comunidades Kaingang, detém até hoje um status de muita sabedoria e respeito. Antes da chegada de postos de saúde às aldeias, cabia às mulheres mais velhas o serviço de parteiras, os primeiros cuidados à mãe e ao recém-nascido, a criação e educação das crianças, a orientação e cuidados com a amamentação (NÖTZOLD, 2004). Outro papel pertencente aos mais velhos, é o de Kujá, pessoa que faz as curas espirituais, sabe as coisas, conhece doenças, remédios, através de uma energia, uma força, um guia, um espírito, avisos através de animais da floresta. "O Kujá, faz benzimentos, simpatias para resolver problemas de saúde, bem como da comunidade" (NÖTZOLD, 2004 p. 42).

Quanto a organização política, tradicionalmente os chefes Kaingang detêm pouca autoridade. Esse papel se destaca apenas em ocasiões especiais, e sua autoridade está baseada na generosidade para com os membros do seu grupo. Ao cacique cabia ainda liderar seus seguidores em empreendimentos coletivos e mediar conflitos intragrúpicos (NACKE, 2007).

As atribuições do cacique e do vice cacique envolvem tanto a representação da coletividade junto às autoridades do mundo dos brancos, quanto as decisões sobre aspectos da dinâmica interna (brigas na comunidade, crimes, desrespeito aos mais velhos, entre outros). Para os Kaingang, de uma maneira geral, a autoridade política de seus caciques está diretamente relacionada à capacidade do cacique de bem representar a



comunidade (FERNANDES, 1998). Para tanto, eles esperam que a autoridade de seus caciques ultrapasse os limites da Terra Indígena, sendo, de preferência, uma autoridade no mundo não indígena<sup>17</sup>.

A antropóloga Juracilda Veiga (1994, 2000, 2012) tem publicado diversos trabalhos descrevendo a organização social e religiosa Kaingang. Em seus estudos tem observado a existência rituais religiosos realizados pelos Kaingang, que de certa maneira “permitem perceber que a cosmologia Kaingang está sustentada em símbolos multi-referenciais que se recobrem.” (VEIGA, 2000 p. 271).

Entre os rituais principais dos Kaingang, destaca-se o Ritual do Kiki ou Culto aos mortos. Trata-se de uma festa para os mortos recentes, que é organizada pelos consanguíneos do morto, em sua homenagem e relaciona durante todo o ritual as metades Kamé e Kairu. Silva (2011) afirmava que este culto é apontado como a base e a expressão mais forte da cultura espiritual dos Kaingang e que a manutenção desse ritual, é fundamental para a manutenção da cultura desse povo.

Outro aspecto fundamental da cultura Kaingang é a relação com a natureza. Para os indígenas, a terra é muito mais do que simples meio de subsistência, representa o suporte para a vida social (TOMMASINO, 2000). Tommasino (2000) ainda destaca que a mata permite a caça e a coleta, oferece o espaço e o material das moradias, é de onde se extrai a matéria-prima para o artesanato, e representa sobretudo a morada dos espíritos. É também da terra que vem o alimento e o remédio, é por onde as comunidades trilham seus caminhos e por isso tem tanta representatividade para no modo de viver Kaingang.

A descrição, mesmo que sucinta, dos principais pilares que constituem as tradições Kaingang (Metades exogâmicas, casamentos, papéis sociais, organização política, rituais religiosos e relação com a natureza) elucidam sobre a forma de viver dessas comunidades.

É notável a diferença entre essa perspectiva de vida e a adotada pela maioria da sociedade nacional. As práticas tradicionais Kaingang, que revelam o respeito pelas mulheres, pelas experiências vividas e pela

---

<sup>17</sup> Apenas para citar um exemplo, o atual Cacique da Terra Indígena Xapecó, é vereador no município de Ipuacú, representando os interesses da comunidade indígena no mundo não-indígena.

natureza, constituem-se na contemporaneidade como preceitos básicos de convivência e se fossem respeitados, poderiam servir de inspiração para a sociedade envolvente.

Além das relações entre si e com a natureza, a forma de ocupar o território que vai desde a organização do espaço da aldeia até o formato e os materiais empregados nas residências é outro fator importante para a caracterização do Povo Kaingang e representa igualmente uma possibilidade de aprendizado para a sociedade envolvente.

## **2.2. CONFIGURAÇÃO ESPACIAL**

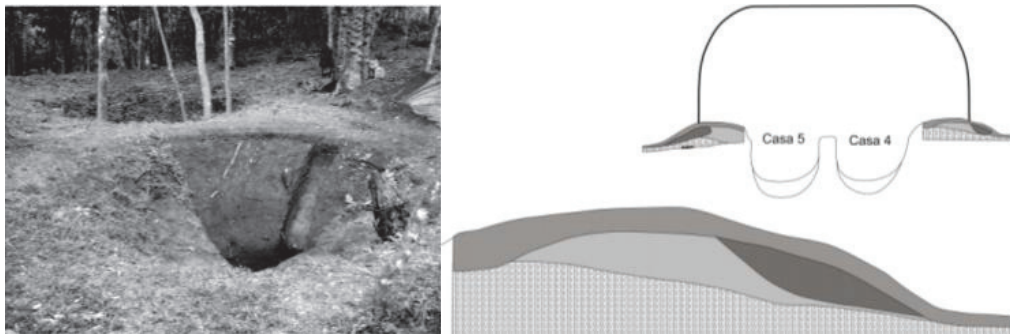
As informações a respeito dos assentamentos humanos constituídos pelos grupos Kaingang, antes do contato com o não-indígena, são resultado de pesquisas arqueológicas que vem se desenvolvendo desde o século XIX. Percebe-se que as alterações na forma de apropriação dos espaços para a moradia, estão ligadas às mudanças climáticas, que faziam com que houvesse deslocamento das populações de acordo com as estações do ano e exigia o emprego de materiais e formas de ocupação que pudessem proteger os povos do frio espacialmente, mas também a necessidades políticas, desencadeadas pelos conflitos com os colonizadores. As configurações vão, conforme exposto a seguir, desde habitações a céu aberto, passando por abrigos subterrâneos e semi-subterrâneas até a construção de abrigos artificiais sobre o solo.

A primeira forma de habitação utilizada pelos Kaingang, aproximadamente há seis mil anos, foram os acampamentos a céu aberto, dormiam sob pedras, mas na maioria dos casos ao ar livre, não sendo comum de acordo com estudos arqueológicos, a ocupação de cavernas e abrigos sob rochas (NÖTZOLD, 2003).

A partir das transformações culturais ocorridas, os grupos começaram a construir estruturas subterrâneas, utilizadas para fins residenciais, rituais e de armazenamento de alimentos. O pesquisador na área de arqueologia no Rio Grande do Sul, Pedro Ignacio Schmitz (2010), coloca que os assentamentos podiam compor-se de choupanas construídas com materiais perecíveis, na superfície do solo, sem apreciáveis modificações do solo ou do entorno, ou podiam implicar em movimentação intensa da terra, rebaixando o piso de suas habitações, aterrando seus

arredores, acumulando terra para formar montículos de diversos tamanhos e finalidades, construindo taipas de terra para fechar grandes recintos de uso comunitário que constituíam as estruturas subterrâneas e seus acompanhamentos (SCHMITZ, et al., 2010). A Figura 17, exemplifica a descrição acima a partir de um estudo de Schmitz e seus colaboradores em São José do Cerrito-SC (2010).

Figura 17 - Estrutura subterrânea e sua representação gráfica.



Fonte: Schmitz e colaboradores (2010, p. 42 e p.58)

A estrutura Subterrânea na Figura 17 acima, tem duas depressões de cinco metros de diâmetro cada uma, unificadas por alto e largo aterro aplanado, que forma uma estrutura de aproximadamente 20 por 15 metros de superfície.

As pesquisas da Professora Maria José Reis (2007) apontam para uma problemática arqueológica no que diz respeito às estruturas subterrâneas. Coloca que, uma vez estabelecida, através da descrição dos sítios arqueológicos, a caracterização morfológica das estruturas subterrâneas, é preciso encaminhar o problema para sua identificação funcional (REIS, 2007). As informações utilizadas pelos arqueólogos para a formação de quadros interpretativos, relacionam o resultados de suas pesquisas aos conhecimentos sobre o funcionamento de sistemas culturais, normalmente contidos em material etnográfico.

Mas sobre as estruturas subterrâneas, Reis (2007) alerta que a utilização de fontes etnográficas torna-se quase impraticável, primeiro, por serem escassas e fragmentárias, por outro por ser “[...]impossível medir a distância temporal entre o passado arqueológico e o presente etnográfico.” (REIS, 2007 p. 185). Assim, a autora busca em outras áreas americanas,

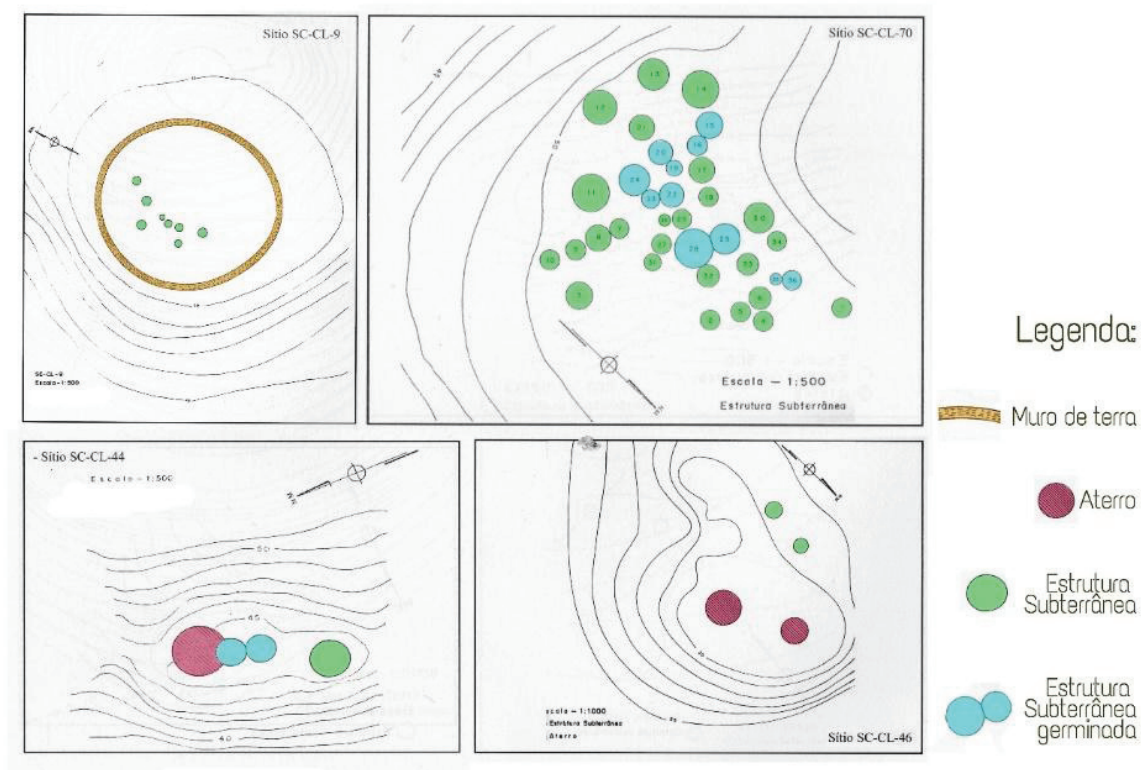
relativas a sítios com estruturas subterrâneas, as fontes para formular hipóteses sobre a realidade catarinense.

A hipótese de utilização das estruturas subterrâneas como habitação, em nosso caso, pode ser de início uma proposta pela simples abundância com que ocorrem, pela articulação das unidades entre si (sugerindo função integradora própria de moradias) e pela inexistência de outros espaços de habitação que pudesse articular-se aos aglomerados em causa (REIS, 2007 p. 186).

Na mesma perspectiva, a pesquisa aponta outras funções possíveis para determinados tipos e tamanhos de estruturas: As pequenas e médias, caracterizam-se como habitação; as estruturas grandes, podem estar relacionadas a centros cerimoniais; estruturas germinadas, podem ter sido ocupadas por grupos familiares, compostos de duas ou três famílias nucleares; as galerias entre as estruturas subterrâneas, poderiam ser utilizadas como estratégia de proteção tanto do frio quanto de invasores, por fim, os aterros, hipoteticamente caracterizados com função funeral.

A Figura 18 abaixo mostram algumas plantas desses sítios arqueológicos pesquisados e ilustram as estruturas descritas anteriormente.

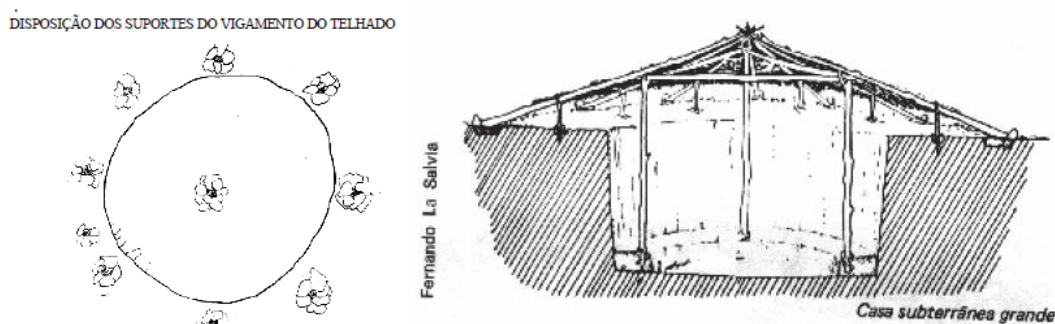
Figura 18 - Sítios arqueológicos em Santa Catarina



Fonte: Adaptado de (REIS, 2007)

Segundo a descrição de D'Angelis e Veiga (2003), sob a cova circular que delimitava a estrutura subterrânea, erguia-se uma cobertura de folhas sustentada em uma armação de madeira, em parte fixada na base da casa, e em parte fixada nas bordas laterais da cova, inclusive com o auxílio de pedras, ver Figura 19. Em algumas casas os arqueólogos mencionam ter encontrado um revestimento de piso e, em outras, revestimento em pedra nas paredes ou parte delas (D'ANGELIS;VEIGA, 2003).

Figura 19 - Suportes de vigamento do telhado e Casa subterrânea grande.



Fonte: D'ANGELIS; VEIGA, 2003. P. 07 e 08.

Os mesmos autores salientam que, em um número significativo de sítios arqueológicos se encontrem casas subterrâneas isoladas, mas é comum encontrar-se conjuntos dessas casas, seja formando pares, seja formando verdadeiras aldeias de mais de 5 casas, sendo vários os agrupamentos entre 8 e 10 delas, e havendo, mesmo, casos de mais de 20 casas em um mesmo lugar.

As informações apresentadas até aqui, possibilitam a interpretação tanto da arquitetura possivelmente criada pelos Kaingang, que utiliza segundo Rapoport (1971), a capacidade de absorção de calor da terra e garante a eficiência dessas edificações no amortecimento das variações anuais de temperatura, como também sugere a configuração espacial dos assentamentos, revelando dinâmicas sociais a partir de práticas cerimoniais.

Posteriormente, de acordo com D'Angelis e Veiga (2003), uma das primeiras descrições de uma grande casa Kaingang aparece em um relatório do engenheiro alemão Franz Keller, a serviço do governo imperial, com data de 1867. Sobre os índios habitantes dos aldeamentos de São Pedro de Alcântara e São Jerônimo (nas margens do médio Tibagi, onde atualmente estão as áreas Kaingang de Apucarana e São Jerônimo, no norte paranaense), aos quais chamou de "Ca-en-gagn ou Coroados", Keller informa:

"Os ranchos deles, cobertos de folhas de palmeira, apresentam na secção uma forma ogival mais pontuda, isto é, são mais altos em proporção da largura do que os dos Cayoás. O chão batido tem um

declive suave dos dois lados para o centro, em conformidade com a inclinação necessária para as camas, representadas por imensos pedaços de casca grossa de um pau, e tão lisas que parecem tapetes de caoutchoucugutta-percha. A rede do Guarani e do Cayoá é-lhes desconhecida. No meio das duas fileiras de camas fica uma passagem livre, onde cada família faz o fogo para o preparo das comidas” (KELLER, 1974).

Outros autores e relatos confirmam a descrição da grande casa Kaingang, grandes casas fechadas nos quatro lados, com pequenas entradas nas extremidades. Segundo, D’Angelis e Veiga ( 2003), na segunda metade do século XIX existe uma descrição de uma casa Kaingang equivalente feita por Reinhold Hensel, que visitou o toldo de Caseros, no norte do Rio Grande do Sul, em maio de 1865. Nos documentos do século XX, uma das primeiras descrições foi publicada por Gustav von Koenigswald, que visitou os Kaingang do Paraná entre os anos de 1903 e 1904, também com informações e caracterizações semelhantes.

Os acampamentos a céu aberto, as casas subterrâneas e a casa grande Kaingang são as possibilidades apresentadas de arranjo residencial e cerimonial das aldeias antes do contato com a sociedade não indígena. É pertinente colocar que independente da forma arquitetônica, a configuração dos assentamentos, na maioria das vezes, compreendia mais de uma estrutura, possivelmente caracterizando grupos familiares próximos. Isso comprova mais uma característica importante do grupo, a valorização dos núcleos familiares como estrutura fundamental da organização espacial e social Kaingang:

Os princípios sociocosmológicos dualistas tradicionais Kaingang operam sobre uma estrutura social baseada na articulação de unidades sociais territorialmente localizadas, formadas de famílias entrelaçadas que dividem responsabilidades cerimoniais, sociais, educacionais econômicas e políticas.” (D’ANGELIZ; VEIGA, 2003).

### 2.3. HERANÇAS CULTURAIS E A ALDEIA CONTEMPORÂNEA

A partir dos estudos em torno das características sociais e os relatos sobre a ocupação espacial indígena, percebem-se as especificidades do Povo Kaingang e claras diferenças entre a estrutura espacial e a configuração espacial indígena apresentada e a não indígena.

Além das características abordadas, a língua Kaingang representa hoje um dos símbolos diacríticos mais importantes para a identidade desse grupo apesar de não ser amplamente difundida em todas as Terras Indígenas Catarinenses (NACKE, 2007). No caso da Aldeia Kondá por exemplo, as crianças aprendem primeiramente o Kaingang e, apenas, quando vão para a escola regular, começam aprender a língua portuguesa. Apesar nessa situação não ser predominante, na maioria das terras indígenas identifica-se o movimento na direção da retomada da língua.

O sistema político Kaingang continua centrado nas figuras do Cacique, Vice Cacique e Capitão, é idealmente escolhido pela comunidade de quatro em quatro anos e apoiado pelo Conselho indígena, composto por índios mais velhos e lideranças, incluindo ex-caciques. Cabe salientar que essa configuração política pode se alterar um pouco de uma comunidade indígena para a outra. Politicamente, os Kaingang admitem alianças políticas com não-índios com o objetivo de alcançar reivindicações e interesses da comunidade (NACKE, 2007). Algumas negociações e processos políticos internos e externos às aldeias geram mais proximidade com a sociedade não indígena e há uma preocupação das lideranças no sentido de incentivar a participação da comunidade de forma pacífica.

Os casamentos, influenciados pela sociedade não indígena, nem sempre seguem as regras de nomeação. No entanto a questão das metades está presente nas aldeias, mesmo que de forma velada, mas significativa para a preservação do aspecto étnico Kaingang (NASCIMENTO, 2001). Em algumas comunidades, como a Aldeia Kondá por exemplo, as metades tribais, Kamé e Kairu são respeitadas de forma rígida nos casamentos e o não cumprimento dessa regra, pode acarretar em penalizações para os noivos.

O reconhecimento dos mais velhos, durante um determinado período foi se perdendo, como pode ser evidenciado em depoimentos como



o de D. Maria Librantina, que descreve a realidade da aldeia contemporânea nesse aspecto:

Os jovens agora, não acreditam muito na conversa dos velhos, eles acham que o certo mesmo é o presente. Poucas pessoas procuram ouvir as coisas que eles sabem, por que eles sabem muita coisa boa, que passam para a gente, só que os jovens hoje, eles não vão buscar lá nos velhos não. Eles querem ver é na televisão, eles querem ver no livro, eles não procuram saber dos antigos, eu acho que é muito diferente. (Trecho de entrevista concedido à Ana Lucia Vulfe Nötzold em 13 de março de 2004).

No entanto, percebe-se uma mudança nessa realidade de descaso com os mais velhos, pois entende-se que está neles a chave para a revitalização da cultura tradicional indígena. "Uma atribuição que ainda hoje cabe aos mais velhos, é zelar pelas tradições do grupo. São eles que repassam os costumes de uma geração à outra." (NÖTZOLD, 2004 p. 50). Assim são frequentemente solicitados para que participem em ações educacionais nas aldeias e estão em maior contato com professores e crianças da comunidade (NÖTZOLD, 2003).

Outra diferença notável é na forma do nascimento Kaingang, tão valorizado pela comunidade. Antigamente, era um ritual sob a responsabilidade das mulheres mais velhas da comunidade, com estratégias de preparo, massagens, simpatias e cuidados. Com o surgimento de órgãos de saúde comuns à sociedade não indígena, esse acompanhamento, tem sido assumido por um médico não-indígena, o que tem aumentado o número de cesarianas nas comunidades (NÖTZOLD, 2004). Em função do nascimento acontecer no hospital e não mais na aldeia, muitas vezes a criança recebe primeiro o nome em português e só depois o nome indígena.

O ato de nomear entre os Jê Meridionais tinha imensa importância, tanto nas questões sociais, ou seja incorporando o recém nascidos no sistema social vigente, no caso dos Kaingang incorporando uma das metades religiosas, Kamé ou Kairu `a criança, nesta sociedade à metade do pai, quanto aos aspectos

simbólicos, propiciando uma força, o que na sociedade Kaingang estava ligada à noção de saúde. (NÖTZOLD, 2004)

Por fim, o último aspecto da aldeia contemporânea apresentado, é a religiosidade. De acordo com Almeida (2004) é comum a presença de muitas religiões diferentes no interior das aldeias. São igrejas evangélicas e católicas, geralmente motivadas e autorizadas pelas lideranças no sentido de combater o alcoolismo, problema frequente nas aldeias em função das inúmeras agressões que este povo sofreu (ALMEIDA, 2004).

No entanto, na ocasião do Ritual do Kiki, já apresentado neste trabalho, as religiões de cada um parecem ficar em segundo plano. A reunião da comunidade em torno dessa cerimônia se caracteriza também como uma marca étnica, que se sobrepõe à crença, ou religião de cada um<sup>18</sup>.

Cabe salientar que a atuação do SPI e posteriormente da Funai, as políticas indigenistas de integração, as ações dos órgãos tutores para a manutenção dos indígenas nas reservas, as práticas adotadas de retirada de recursos naturais e o desmatamento contribuíram para os problemas enfrentados como doenças, devido à escassez de plantas medicinais que antes abundavam na mata, a não prática de vários rituais que necessitam de plantas específicas não mais disponíveis e a perda da língua em algumas comunidades devido à proibição da fala, sobretudo durante o Estado Novo (NÖTZOLD, 2016)<sup>19</sup>.

No entanto, nota-se que mesmo vivendo em condições impostas pela sociedade nacional, os Kaingang continuam se reproduzindo enquanto grupos etnicamente diferenciados (TOMMASINO, 1995) e esse movimento na direção da preservação da cultura fica evidente nas práticas descritas.

---

<sup>18</sup> Informação adquirida em conversa com os indígenas nas visitas exploratórias desta pesquisa.

<sup>19</sup> Contribuição da Professora Dra. Ana Lucia Vulfe Nötzold durante a banca de qualificação dessa pesquisa.

AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ



### 3. OLHARES REFERENCIAIS

<http://www.capitalteresina.com.br/noticias/cultura/brasil-passa-a-integrar-comite-da-diversidade-cultural-da-unesco-28582.html>

Este capítulo se destina a compreensão e discussão de conceitos teóricos com base na antropologia, etno-história, psicologia ambiental e arquitetura fundamentais para a compreensão do objeto de estudo e desenvolvimento da pesquisa.

A pesquisa utiliza três bases teóricas principais: A primeira, baseada nas disciplinas de etno-história<sup>20</sup>, história indígena<sup>21</sup> e antropologia, discute conceitos como cultura, identidade e territorialidades, as dinâmicas sociais e possibilidades de observação e interpretação da sociedade.

A segunda, apoiada conceitualmente na Psicologia ambiental, aborda a inter-relação Sujeito e Ambiente a partir da percepção e do comportamento relacionados ao espaço físico.

Por fim, com base na Teoria da Sintaxe espacial, apresenta os principais conceitos que relacionam a forma dos assentamentos humanos e as relações sociais impressas nesses espaços, desvendando possibilidades para interpretar uma lógica social do espaço.

---

<sup>20</sup> A etno-história, inicialmente caracterizada pelo estudo das sociedades culturalmente não-ocidentais e ágrafas - “história dos povos sem história”, teve seu conceito amplamente discutido nas últimas décadas e sua definição se consolidou na América do Norte como um método interdisciplinar que congrega, principalmente, aportes da antropologia e da história, mas também e com grande importância de outras disciplinas, tais como a arqueologia e a linguística (CAVALCANTE,2011).

<sup>21</sup> A abordagem adotada nesta pesquisa compreende a História indígena, superando a perspectiva eurocêntrica e evolucionista, assim, é concebida a partir da compreensão das **relações Inter étnicas**, e não considerando protagonistas de um lado e coadjuvantes de outro (CALVALCANTE,2011).

### 3.1. Identidade, cultura e espaço arquitetônico

Os conceitos abordados aqui, são interdisciplinares e estão embasados na Etno-história, História Indígena, Antropologia, Arquitetura e Urbanismo.

A questão da identidade é extensamente discutida, tanto na arquitetura e no urbanismo quando na teoria social. Alguns arquitetos como Amos Rapoport (2005), Simon Unwin (2013) entre outros, questionam e discutem o quanto os produtos arquitetônicos e urbanísticos carregam uma identidade, que está, ou deveria estar, por sua vez intimamente ligada à de seus usuários e/ou à de seus projetistas.

Quando se fala de identidades culturais e étnicas, na área da teoria social, autores como Stuart Hall (2005), Adan Kuper (2002), Zygmunt Bauman (2005), Tomaz Tadeu da Silva (2000), por exemplo, discutem o conceito, e relacionam identidade e diferença na contemporaneidade. Questões como: O que identifica um indivíduo ou um povo? Como identifica? Identidade para diferenciar-se ou para integrar-se? De quem e para quem? São questionamentos que pretende-se discutir a partir do tema desta pesquisa.

Outra questão se refere ao modo como se estabelecem os "limites" ou as "fronteiras" entre uma cultura e outra. Para tanto, buscam-se fundamentalmente os autores Adan Kuper (2002), Frederick Barth (1998) e Clifford Geertz (2001), que introduzem o conceito de cultura e como se estabelecem as fronteiras étnicas e determinados territórios culturais.

A cultura, conforme Kuper (2002) é uma questão de ideias e valores, uma atitude mental coletiva. As ideias, valores, cosmologia, princípios morais, modo de viver e estética são expressos por meio de símbolos. Dessa forma, descreve a cultura como um sistema simbólico. Mas esta é apenas uma das várias possibilidades de interpretação do conceito, que assim como a própria sociedade que se propõe a compreender, foi construído através de um processo histórico, nem sempre lógico e linear.

A primeira definição de cultura formulada a partir do ponto de vista Antropológico, pertence a Edward Tylor (1958), em seu livro *Primitive Culture*, onde define cultura como sendo todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética.

No entanto, segundo Laraia (2006) há quem acredite em um certo determinismo biológico, que atribui equivocadamente certas características a determinados grupos de pessoas, afirmando por exemplo, “que os nórdicos são mais inteligentes que os negros; que os alemães tem mais habilidade para mecânica; que os judeus, são avarentos e negociantes; que os ciganos são nômades por instinto e, finalmente, que os brasileiros herdaram a preguiça dos negros, a imprevidência dos índios e a luxúria dos portugueses.” (LARAIA, 2006 p. 17). Além de submeter nações inteiras à certas características gerais, arbitrariamente definidas a partir dos interesses ou pré-julgamentos de um grupo limitado de pessoas, entende-se que essa perspectiva minimiza a possibilidade do ser humano atuar como agente de sua própria história e transformador do mundo em que vive.

Ainda sobre a questão do determinismo biológico e do ofuscamento dos instintos humanos pelo desenvolvimento da cultura, Laraia (2006), afirma que na verdade nem todos os instintos foram suprimidos; apresenta exemplo da criança que, ao nascer, busca o seio materno e instintivamente faz com a boca o movimento de sucção. Mais tarde, movida ainda por instintos, procurará utilizar seus membros e conseguirá produzir sons, embora tenda a imitar os produzidos por adultos a sua volta. Assim demonstra que muito cedo, suas ações não serão mais determinadas por instintos, mas sim pela imitação dos padrões culturais da sociedade na qual vive.

O mesmo autor coloca que em primeiro lugar, “[...] tais palavras exprimem um erro semântico, pois não se referem a comportamentos determinados biologicamente, mas sim, padrões culturais [...]” (LARAIA, 2006 p. 50). Dessa forma, diferentes grupos comportam-se de forma diferente de acordo com a construção cultural envolvente. Essa construção, pode, muitas vezes se contrapor à ações que poderiam ser consideradas instintivas, exemplos dessa realidade são a existência de homens bomba, que vão na contramão do instinto de sobrevivência, ou comunidades indígenas Tapirapé, nas quais, de acordo com Laraia (2006), as mulheres, por crenças religiosas, matam todos os filhos após o terceiro, considerando tal atitude normal, subvertendo então a compreensão de um instinto materno universal.

Outro tipo de determinismo, que foi considerado e defendido desde a antiguidade, é o determinismo geográfico (Huntington, 1922). Esta

abordagem considera que as diferenças do ambiente físico determinam a diversidade cultural. Mas com a "abertura" das fronteiras territoriais, com o processo de Globalização, e a ampla observação de diferentes estruturas sociais presentes no mesmo território, esta abordagem também é refutada.

A apresentação destas lógicas deterministas contribui para a compreensão das linhas de raciocínio das quais esta pesquisa não compartilha, para que agora então se possa perceber que características do amplo conceito de cultura serão absorvidos e considerados para se pensar a questão das Comunidades Indígenas e suas representações no Espaço arquitetônico, especificamente do Povo Kaingang.

Keesing (1974) em seu artigo "Theories of Culture", faz um panorama das tentativas para se obter algum consenso sobre o conceito de cultura. Ele descreve primeiramente, as teorias que consideram a cultura como um sistema adaptativo, sistemas que servem para moldar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos, incluindo para isso, adequações nos modos de organização social e política e o emprego de novas tecnologias (KEESING, 1974).

Em segundo lugar, o autor se refere à teorias idealistas de cultura, que subdivide em três abordagens: 1) Cultura como sistema cognitivo, caracterizada por ter a análise dos modelos construídos pelos membros da comunidade a respeito de seu próprio universo, considerando a cultura, um sistema de conhecimento; 2) Cultura como sistemas estruturais, que tem como seu principal representante Claude Lévi-Strauss (1968), cujo trabalho tem sido o de descobrir na estruturação de domínios culturais - mito, arte, parentesco e linguagem - os princípios da mente que geram essas elaborações culturais; e 3) A abordagem que considera cultura como sistema simbólico, desenvolvida por Clifford Geertz (2001) e David Schneider (1968), compreende o conceito obtido através das interpretações complexas desses símbolos e significados partilhados pelos atores membros de um sistema cultural. As características descritas para as três abordagens não são excludentes, portanto não precisam ser vistas de forma isolada. Nota-se ainda a possibilidade de associá-las na direção da ampliação e não da restrição do conceito de cultura.

A partir de inúmeras pesquisas etnográficas, Geertz (2001) expõe a complexidade das diversas culturas contemporâneas, que se entrelaçam e se obrigam a conviver, coloca que seu objetivo é "[...] abrir espaço para

futuros culturais, para o reconhecimento do que surge[...]" (GEERTZ, 2001 p. 31). Segundo ele, isto requer uma crítica de hábitos mentais e valores ocidentais profundamente enraizados.

Nessa ampla e multifacetada perspectiva conceitual, o estudo das comunidades indígenas Kaingang permite a "localização" desses atores culturais nas quatro possibilidades de sistemas descritos anteriormente. A cultura indígena, passa em função de todo o processo histórico de invasão e exploração de seu território, por consecutivas adaptações, que fazem com que estes Povos se mantenham vivos e culturalmente diferenciados mesmo com as tentativas de seu extermínio.

Podem ainda ser caracterizados quando pensados culturalmente tanto em um sistema cognitivo, reconhecendo-os como protagonistas de seu processo de reconhecimento e afirmação cultural, na medida em que produzem a sua própria história, quanto em um sistema estrutural, organizado em uma lógica determinada de parentesco constituída por metades exogâmicas. Essas duas possibilidades no entanto, não invalidam a perspectiva de considerar a cultura Kaingang como um sistema simbólico, pelo contrário, afirmam essa necessidade na medida que a possibilitam interpretações de contextos culturais e o estudo de um código de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura.

Segundo Geertz (2001), em todo o mundo as populações indígenas têm precisado lidar com as forças do progresso e da unificação nacional. Os resultados tem sido cada vez mais destrutivos, fazendo com que uma grande quantidade de línguas, cosmologias e valores estejam se perdendo. No entanto, o Povo Kaingang, especialmente no estado de Santa Catarina, têm lutado para a afirmação de suas bases culturais através da preservação da língua Kaingang, das técnicas de artesanato passadas de geração para geração, da educação indígena diferenciada e das contínuas lutas pelo território. Esse processo de afirmação se constitui a partir do que pode-se chamar de identidade, ligada à identificação, à diferenciação e aos referenciais a partir dos quais pretende-se pensar.

Stuart Hall, discute o tema da identidade na Pós-Modernidade questionando inicialmente a tão falada crise de identidade: "[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, agora estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como unificado." (HALL, 2006 p. 7). O autor afirma



que, em função da estrutura das sociedades modernas, as identidades estão sendo descentradas, isto é, deslocadas ou fragmentadas.

As sociedades tradicionais, nos termos de Antony Giddens (2002), tinham veneração pelo passado, os símbolos são valorizados por conterem experiências de gerações e a tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, já nas sociedades modernas, as práticas sociais são constantemente alteradas, as mudanças ocorrem de forma acelerada, virtualmente conectada e com descontinuidades aparentes no que diz respeito às relações pessoais. (GIDDENS, 2002).

A aceleração é um ponto discutido também por Marc Augé (1994), que a descreve como uma multiplicação dos acontecimentos na maioria das vezes não previstos por profissionais como economistas, historiadores ou sociólogos, mas inerente à contemporaneidade. O autor discute o conceito de supermodernidade a partir de duas figuras do excesso: excesso de tempo e excesso de espaço. Ainda sobre a forma como se configura a sociedade contemporânea, coloca:

É portanto, por uma figura do excesso – o excesso de tempo – que se definirá primeiro a questão da supermodernidade, sugerindo que, pelo próprio fato de suas contradições, ela oferece um magnífico campo de observação. [...] Do ponto de vista da supermodernidade, a dificuldade de pensar o tempo tem a ver com uma superabundância de factual do mundo contemporâneo. [...] Do excesso de espaço, poderíamos dizer, primeiro, ainda que paradoxalmente que é correlativo do encolhimento do planeta [...] (Auge, 1994 p. 32).

As categorias tempo e espaço fundamentais para a compreensão da sociedade e conforme o autor coloca, passam por um processo de superação, complexo de ser entendido. Compreende-se então a sociedade contemporânea como um todo fragmentado, multifacetado e com possibilidades inesgotáveis de interpretações. Nessa perspectiva, como surge então a identidade individual ou coletiva?

Stuart Hall (2005) sugere pensar o conceito de identidade sob rasura, no intervalo entre a imersão e a emergência, uma ideia que não pode ser pensada de forma antiga, mas que no entanto, não pode se quer

ser pensada sem antigas questões chave (HALL, 2005). Na tentativa de rearticular a relação entre sujeitos e práticas discursivas que a questão da identidade aparece. O autor discute ainda o conceito de identificação, construída a partir do reconhecimento de características compartilhadas, que consiste em um processo de articulação nunca completado e está sujeita ao "jogo" da *differance*, que obedece a lógica do mais do que um, o fechamento e a amarração de fronteiras simbólicas e a produção do "efeitos de fronteiras. "Para consolidar processo, ela requer aquilo que é deixado de fora - o exterior que a constitui" (HALL, 2005 p. 106).

A questão da identidade aparece também da conjuntura sociocultural em que o ator social está inserido, assim, a identidade anda de mãos dadas com a política e com a sociedade envolvente. Uma pessoa só pode ser livre no contexto cultural apropriado, onde seus valores são respeitados. Uma vez estabelecida uma identidade cultural, a pessoa passa a viver de acordo com ela, mesmo que isso signifique sacrificar a própria individualidade (KUPER, 2002). Dessa forma, a escolha por uma identidade coletiva pode caracterizar por um lado a limitação de uma identificação individual em determinado cenário, por outro, as características de identificação individual podem se sobrepôr ao coletivo, confirmando a colocação de Geertz (2001), que afirma que a identidade é conjuntural e não essencial.

Nessa mesma linha de percepção da sociedade pós-moderna, Gilberto Velho (2003) coloca que existe uma certa tendência de "[...] constituição da identidade a partir de um jogo intenso e dinâmico de papéis sociais, que associam-se a experiências e a níveis diversificados, quando não conflituosos e contraditórios." (VELHO, 2003 p. 8).

Percebe-se assim que a identidade é estabelecida na relação com o outro, com quem não faz parte do grupo. A identificação na sociedade contemporânea aparece como a representação daquilo que se quer ser, aparentar ou integrar. O contraponto então está no outro, no que se tem de diferente, de conflituosos e por que não dizer de oposto. Então para a pensar a identidade, é fundamental a demarcação de fronteiras, que determinam grupos de pertencimento, valores culturais que se quer cultivar, escolhas políticas e demais características de identificação que podem ser amplamente fragmentadas e contraditórias.

As comunidades indígenas, apesar de serem culturalmente diferenciadas, vivem muito próximas da sociedade envolvente, assim, é pertinente a observação de características de identificação coletiva no que diz respeito ao grupo étnico<sup>22</sup> e o quanto essas características ressaltam a diferença entre esse grupo e a sociedade do entorno.

A língua escrita e falada, os rituais sagrados, a forma como os casamentos se organizam, a educação diferenciada, entre outros fatores reforçam segundo Barth (1998), a sua afirmação que enquanto grupo étnico, os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com o objetivo de interação no sentido organizacional.

As diferenciações culturais e étnicas não obedecem ao mesmo sistema diferenciador, tendo o conteúdo estrutural das dicotomias étnicas duas ordens: traços gerais representados como afirmação da identidade própria (vestimenta, língua, moradia) e padrões de moralidade (BARTH, 1998). Ao sentir-se membro de dado grupo, está sujeito aos julgamentos valorativos deste grupo.

A afirmação do grupo depende então mais da fronteira étnica do que da matéria cultural que ela abrange. Estas fronteiras são sociais e não necessariamente territoriais. A aceitação do outro como pertencente ao mesmo grupo, implica certa flexibilidade de comportamento dentro do mesmo sistema de regras que caracterizam o grupo. Já na relação com o outro estrangeiro<sup>23</sup>, a flexibilidade conhece seus limites na compreensão comum, nas diferenças de critérios de julgamento, de valor, de ação e assim por diante.

Da combinação entre esses dois pontos, emerge um terceiro, que trata dos contatos Inter étnicos. Assim, se existe um código moral para o membros de um grupo, existem também prescrições para o contato com grupos diversos. Estas prescrições, segundo Barth (1998), são de caráter socializante e de preservação. Socializante por instituírem normas de interação com pertencentes a outros grupos, aceitando algumas diferenças

---

<sup>22</sup> Para Barth (1998) “Na medida em que os atores sociais usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com o objetivos de interação, eles formam grupos étnicos” (BARTH, 1998 p. 194).

<sup>23</sup> Considera-se estrangeiro, o sujeito que não pertence ou que se considera como não pertencente a um grupo ou cultura.

e se relacionando com elas (muitas vezes num processo de troca); e de preservação na medida em que rejeita códigos “estrangeiros” para a preservação do seu próprio sistema (BARTH, 1998).

Nesse contexto, onde emergem regras para as relações humanas, é fundamental a compreensão do papel do lugar, como palco dessas interações. Como coloca Tuan (1983), o lugar transcende as limitações do espaço geométrico, na medida em que através de relações sociais, os grupos atribuem a ele valor. Assim, na interação com o espaço, diferentes grupos étnicos constroem significações e relações, que podem, por influência do lugar amenizar ou reforçar essas fronteiras étnicas.

Na construção desses significados surge o que se chama de identidade do lugar. Em arquitetura e urbanismo, identidade de lugar é definida como uma subestrutura da identidade pessoal que incorpora as cognições sobre o mundo em que os indivíduos vivem, contemplando as memórias, ideias, relações sociais, sentimentos, atitudes, valores e preferências acerca dos diversos ambientes em que estão inseridos (PROSHANSKY, 1983).

Na mesma perspectiva, os espaços arquitetônicos, precisam ser observados ou analisados a partir do contexto no qual se inserem. A compreensão do contexto cultural e das limitações, que formam esses lugares, pode ser o aspecto mais importante para conseguir interpretá-los (RAPOPORT, 1971).

Rapoport (1971) expressa a necessidade de conhecer aspectos subjetivos do grupo no qual pretende-se realizar alguma intervenção arquitetônica, ressaltando que a arquitetura deve ser direcionada aos interesses das pessoas que a irão utilizar, Unwin (2013) aprofunda o tema argumentando sobre o protagonismo e o envolvimento do usuário na definição do desenho arquitetônico, o que possibilita a criação de lugares identificáveis.

Considera-se então, a partir das considerações de Simon Unwin (2013) que a criação do lugar não é exclusividade do fazer arquitetônico ou urbanístico, pois as pessoas atribuem significados aos espaços interruptamente. No caso das comunidades Kaingang, verifica-se o protagonismo nas reivindicações não apenas pelo espaço, mas na participação no processo de desenho, pautado pela intenção de

fortalecimento cultural (ZANIN; DILL, 2016)<sup>24</sup>. Esses fatores facilitam a identificação do usuário com o lugar. Unwin ainda coloca que “[...] talvez a ideia da participação coletiva seja o aspecto mais importante de pensar na arquitetura e o urbanismo como identificação de lugar[...].” (UNWIN, 2013 p. 23).

Unwin (2013) destaca que a arquitetura e o urbanismo são possibilidades de emoldurar paisagens e de identificar lugares. Nesse sentido, é fundamental perceber a importância de intervenções urbanísticas e arquitetônicas em comunidades culturalmente diferenciadas na medida em que esses produtos arquitetônicos e urbanísticos contemplam essas especificidades culturais e possibilitam apropriações que estejam de acordo com a ordem sociocultural vigente.

Intervenções dos espaços das aldeias, expressam inevitavelmente intenções, sejam elas sociais, políticas, culturais ou ambientais dos mentores do processo e por isso é fundamental que os protagonistas desse processo sejam pessoas da própria comunidade. Unwin argumenta ainda que a arquitetura é “influenciada pelas pessoas cujas atividades ela acomoda” (UNWIN, 2013 p. 25). Rapoport (1971) corrobora com essa afirmação, afirmando que, “os aspectos simbólicos, culturais e psicológicos podem ser, em algumas situações, tão ou mais importante que os aspectos físicos.” (RAPOPORT, 1971 p. 310).

Existe então uma relação clara estabelecida entre os lugares e as identidades culturais dos grupos que os ocupam. Assim, é possível observar o espaço e perceber através deles a representação cultural de seu povo. Com um olhar sensível e cuidadoso, podem ser percebidas “marcas”, apropriações ou mesmo o abandono de certos espaços. Tais informações, podem contar muito sobre a história de uma comunidade ou sobre a lógica cultural que seguem.

Dessa maneira, também fica clara a responsabilidade que é conferida ao profissional de arquitetura e urbanismo quanto interfere no espaço, ao criar ou determinar lugares. Assim, não se pode pensar qualquer forma de intervenção, seja ela uma edificação, uma rua, um muro ou a delimitação de lote, sem pensar de que forma essa mudança altera a

---

<sup>24</sup> O artigo trata da Análise de uma intervenção arquitetônica realizada na Terra Indígena Xapecó, cujo processo de projeto do complexo escolar, contou com a participação da comunidade.

dinâmica social e cultural das pessoas envolvidas nesse espaço. Pode-se através dos lugares planejados, afirmar, valorizar, respeitar e considerar valores culturais de um povo, ou por outro lado, negar uma comunidade inteira o direito de ser, estar e habitar o mundo a partir do modo de viver no qual acredita.

Os últimos autores citados são fundamentalmente arquitetos, que nutrem um olhar arquitetônico sensível, que transpõe os aspectos físicos relacionados aos ambientes de interação humana e aprofundam a relevância de aspectos culturais e sociais, considerando a relação das pessoas com os espaços e como estes também estão carregados de significados, condicionando sensações e comportamentos.

A partir dessa forma de ver e interpretar a arquitetura e o urbanismo, são pensadas as comunidades Kaingang contemporâneas, as características que as diferenciam da sociedade nacional envolvente e principalmente as que identificam formas de pensar o uso e as apropriações do espaço a partir de valores tradicionais e contemporâneos, construídos a partir das relações Inter étnicas.

### **3.2. a relação PESSOA/ambiente**

Os conceitos discutidos nesta seção tem origem e apoio na Psicologia Ambiental. Essa área do conhecimento possui um caráter interdisciplinar, abarcando conhecimentos teóricos não só da psicologia como também das áreas de Arquitetura e Planejamento Ambiental, Geografia e Ciências Bio/Ecológicas (BONNES; SECCHIAROLI, 1995).

A relação entre os seres humanos e os ambientes que habitam ocorre através de uma troca dinâmica, com mútuas influências. Esclarecendo assim que, "[...] não só o homem é influenciado pelo ambiente, mas também que o entorno em que vive (ou se encontra) é fruto de sua ação [...]" (CAVALCANTE; ELALI, 2011 p. 13).

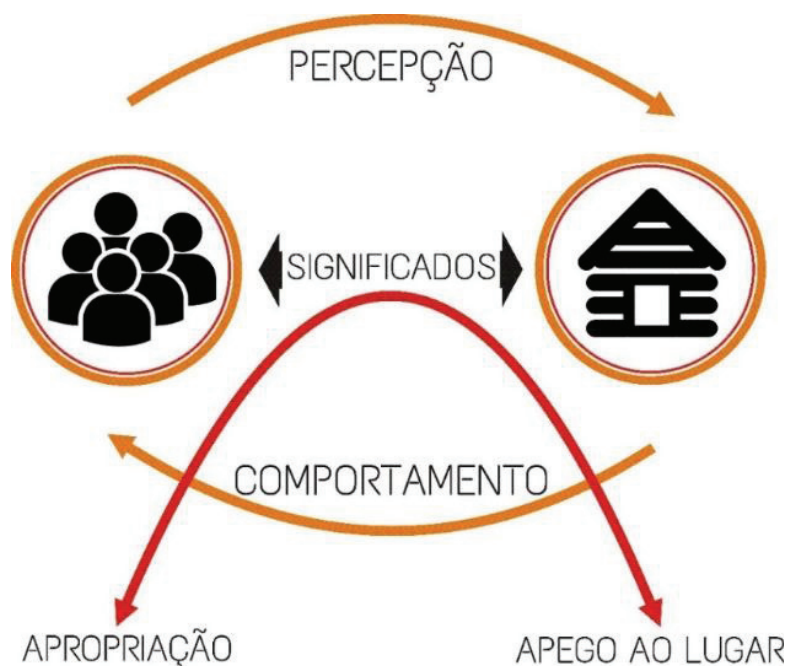
A Psicologia Ambiental surge então como a área do conhecimento voltada para o estudo dessas relações recíprocas entre pessoa e ambiente, objetivando segundo Sommer (2000), compreender a construção de significados e os comportamentos relacionados aos diversos espaços de vida, bem como as modificações e influências suscitadas pela subjetividade humana inserida nestes ambientes.

Na tentativa de compreender o que leva as pessoas a se comportarem de determinada forma nos espaços, a psicologia ambiental relaciona comportamentos socioespaciais e processos psicossociais:

A psicologia ambiental enfoca as relações entre os comportamentos socioespaciais humanos (de territorialidade, privacidade, apropriação, aglomeração etc.) e os diversos processos psicossociais (percepção, cognição, representações, simbolizações, nos quais se baseiam o comportamento humano. (CAVALCANTE; ELALI, 2011).

Ao considerar a relação Pessoa/Ambiente, os conceitos de Percepção ambiental, Comportamento socioespacial, Place Attachment (Apego ao lugar) e Apropriação, são considerados mais relevantes para esta pesquisa e conforme demonstra a Figura 20 são interligados.

Figura 20 - Relação Pessoa/Ambiente



Fonte: Adaptado de DORNELES, 2014

### 3.2.1. Percepção Ambiental

A percepção, de acordo com Gibson (1974) é uma interpretação com o fim de nos restituir a realidade objetiva, através da atribuição de significado aos objetos percebidos. Assim, ver, é diferente de perceber (Gibson, 1974). Para Merleau-Ponty (1999) a percepção é fundamental para a compreensão do ser humano no mundo, afirma que é a partir da relação com o ambiente habitado que os seres humanos se reconhecem.

Segundo Penna (1993) a percepção opera pela base da sensação, resgatando experiências passadas, enriquecendo os dados sensoriais colhidos, organizando essas informações e finalmente conferindo a elas significado. Partindo dessa afirmação, compreende-se que para "perceber" o mundo habitado é necessária uma interação com ele, de modo que as experiências passadas, em conjunto com os valores sociais, culturais e religiosos e a absorção do mundo pelos sistemas sensoriais humanos, constituem um constructo complexo que define a percepção.

A percepção humana se constrói a partir do compromisso ético, ativo com o mundo e não apenas da contemplação. Envolve a construção da subjetividade humana, o processo de criação de imagens mentais, as preferências e afetividade em relação ao ambiente e os aspectos conjunturais e históricos relevantes (KUHNER; HIGUCHI, 2011).

A percepção ambiental, por sua vez, é uma abordagem que engloba componentes como cognição, afeto, significados e identificação. Assim, trata de como as pessoas percebem os lugares, como experimentam determinados aspectos ambientais a sua volta considerando não apenas aspectos físicos, mas também aspectos culturais, simbólicos e históricos (KUHNER; HIGUCHI, 2011).

Kevin Lynch (1997) ao afirmar que “Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às sequências de elementos que a ele conduzem, a lembranças de experiências passadas [...]” (LYNCH, 1997 p. 1). Lynch (1997) destaca o caráter relacional da percepção ambiental que engloba a cooperação de aspectos físico-espaciais e histórico-simbólicos.

Na mesma perspectiva, Del Rio e Oliveira entendem a percepção ambiental como um “[...] processo mental mediante o qual, a partir do interesse e da necessidade, estruturamos e organizamos nossa interface



com a realidade e o mundo, selecionando as informações percebidas, armazenando-as e conferindo-lhes significado.” (RIO; OLIVEIRA, 1999 p. 10).

Para entender a percepção ambiental no âmbito das cidades, estruturando e organizando as informações que apreendermos do mundo, Lynch(1997) propõe em sua teoria três qualidades urbanas como conceitos de referência: 1) A Legibilidade, que diz respeito a facilidade com que as pessoas reconhecem e organizam as partes da cidade de forma clara e coerente; 2) Identidade e estrutura: Lynch (1997) coloca identidade como processo de identificação de um lugar e de diferenciação de outro, estrutura, como a relação espacial do objeto com o observador, por fim; 3) Imageabilidade, relacionada às características de um objeto físico que podem criar uma imagem mental clara e forte para o observador (LYNCH, 1997). Considerando essas qualidades, segundo o autor, é formada uma imagem mental, a partir da qual a pessoa interpreta as informações e orienta suas ações no mundo (LYNCH, 1997).

Ricardo García Mira em seu estudo nos Bairros de La Coruña em 1997, aponta dois fatores fundamentais para os estudos de percepção ambiental: um objetivo e outro subjetivo. O aspecto objetivo está ligado às características físicas do ambiente, a partir de um sistema de medidas objetivas: número de edificações, formas arquitetônicas, densidade populacional, temperatura e luminosidade (MIRA, 1997). O subjetivo está ligado às experiências vividas e contratos socioculturais que também se processam a partir de informações objetivas que são internalizadas, incorporadas, ressignificadas e projetadas em comportamento (MIRA, 1997).

Na interação entre aspectos objetivos (formais) e subjetivo (cultural e simbólico) os seres humanos constroem as suas imagens a respeito dos ambientes. Nesse sentido pode-se afirmar que determinadas formas físicas facilitam ou dificultam a organização das informações espaciais. Assim, “[...] um ambiente que contenha uma quantidade imensa de estímulos visíveis pode inibir ou provocar certas atividades práticas [...]” (LYNCH, 1997 p. 159).

Essa abordagem contempla, pelo viés da Psicologia ambiental, a relação de reciprocidade entre pessoa e ambiente. Essas interações fazem parte de um processo em ininterrupta transformação, no qual as pessoas,

de acordo com experiências perceptivas ambientais, são condicionadas a certos comportamentos.

### **3.2.2. Comportamento Socioespacial**

Os seres humanos estabelecem relações interpessoais que se desenrolam em ambientes naturais ou projetados, que por sua vez, interferem na forma como as relações humanas acontecem. O simples fato de estar envolvido por um ambiente, faz com que a pessoa estabeleça, conscientemente ou não, relações com este meio. Esse conjunto de "trocas" entre pessoas e ambientes refletem emoções, sensações, valores culturais e simbólicos, contratos sociais e posturas comportamentais, revelando assim o comportamento socioespacial humano.

A relação com o espaço, muitas vezes é norteadada pelo caráter de poder que a posse de um determinado território pode designar

"o uso ou posse de porções do espaço expressam o poder relativo das pessoas ou grupos na sociedade de modo que a dimensão espacial e a ordem social são correlatas, expressam -se mutuamente e interagem constantemente na definição dos contornos de nossas identificações com pessoas, grupos, instituições e o ambiente sociofísico." (PINHEIRO; ELALI, 2011, p. 144).

Um conceito fundamental para o entendimento do comportamento socioespacial humano é a territorialidade, caracterizada pelo domínio, posse ou desejo de posse de uma área visível por um indivíduo ou grupo, podendo se manifestar com comportamento de apropriação, ocupação, defesa, demarcação, personalização e imposição de limites sociais, como as regras de utilização em ambientes institucionais (GIFFORD, 2007).

A territorialidade organiza o comportamento e a vida em termos individuais, das relações interpessoais e da vida em sociedade. Essa complexidade pode ser interpretada conforme Pinheiro e Elali (2011) considerando parâmetros como tempo de ocupação do local, sentimento relativo a ele, propriedade e exclusividade de seu uso conforme as regras da cultura em questão.

Assim, o papel dos fatores socioculturais (relação com a natureza, com os materiais que ela proporciona, etc.) é fundamental na conformação do comportamento espacial humano de forma que, ao longo do tempo, ajuda a definir a morfologia do território, observada no emprego dos diferentes materiais, a inspiração nas formas da natureza ou mesmo a localização escolhida para determinadas edificações.

Além da influência dos fatores socioculturais, uma determinada localização geográfica pode influenciar o comportamento humano. Nesse sentido o conceito de Behavior setting, apresenta uma natureza ecocomportamental – não só ecológico, nem só comportamental, expressa a relação de interdependência entre os dois. O termo não pode ser traduzido, pois perderia sua compreensão enquanto noção relacional, de interdependência, entre ambiente e comportamento, para qual não existe equivalência no português (PINHEIRO, 2011).

Para dar um exemplo, pode-se observar o comportamento das pessoas em uma seção de cinema. As pessoas que estão na sala de cinema, se comportam de acordo com o local pelo qual estão envolvidas naquele período de tempo (uma seção de cinema) e não se estivessem em um estádio de futebol. O Behavior Setting “Seção de cinema” acontece em uma sala e horário determinados, com limites espaciais e temporais que os distinguem dos demais.

Assim, conforme Pinheiro (2011) a unidade interna é uma propriedade fundamental do Behavior Setting, por isso para realizar seu levantamento em uma comunidade ou organização, é preciso identificar as unidades sem mórnicas, ou seja, as seções de ambientes onde ocorre integração entre as ações executadas e as condições espaciais e temporais específicas (PINHEIRO, 2011).

Nota-se, então, que tanto aspectos socioculturais quanto ecocomportamentais influenciam as ações sociais praticadas nos ambientes pelos quais estão envolvidas, definindo de forma relacional, recíproca e dinâmica o comportamento socioespacial humano. Esse comportamento, por razões ligadas à memória de grupos ou individuais construídas em relação a lugares específicos pode caracterizar um sentimento de identificação pertencimento e identificação que se transforma em afeto ou apego pelo lugar.

### 3.2.3. *Place Attachment* (Apego ao lugar)

Conforme Elali e Medeiros (2011) o apego ou vínculo com o lugar é um conceito complexo e multifacetado e seu estudo exige a atenção às características físico espaciais do local e os significados simbólico-afetivos a eles associados pelos indivíduos ou grupos. Segundo as mesmas autoras, existem três dimensões essenciais para o entendimento deste conceito: funcional, simbólica e relacional.

A dimensão funcional diz respeito ao papel do espaço físico como elemento que atrai, encoraja ou inibe o movimento, interfere nos comportamentos que ali ocorrem e podem gerar tanto produtividade quanto estresse. A dimensão simbólica refere-se ao conteúdo simbólico de origem sociocultural e individual que interfere na forma como as pessoas interagem com o espaço. Por fim a dimensão relacional corresponde à interação dinâmica entre o envolvimento social cotidiano e as características do ambiente onde o mesmo ocorre (ELALI; MEDEIROS, 2011).

Os autores Leila Scannell e Robert Gifford (2010) propõem que o apego ao lugar é multidimensional, pois é um conceito ligado com a pessoa, com processos psicológicos e com as dimensões do lugar conforme pode ser observado na Figura 21.

Figura 21 - The tripartite model of place attachment (tradução nossa).



Fonte: (Defining place attachment: A tripartite organizing framework, 2010)

A primeira dimensão é a pessoa: relaciona o apego aos aspectos de interpretação construídos individual ou coletivamente. A segunda dimensão é o processo psicológico que trata de como as manifestações de apego afetam a cognição e o comportamento. A terceira dimensão é o objeto de apego que diz respeito às características sociais ou físicas (naturais ou construídas) do lugar.

Outra possibilidade de organização desse conceito é envolver o vínculo com o lugar em três dimensões: 1)Funcional - ligada ao papel do espaço físico como elemento que incentiva ou limita os fluxos de movimentos e interações sociais; 2)Simbólica - refere-se ao conteúdo simbólico do lugar, construído de forma individual ou sociocultural, influenciando as ações dos indivíduos a partir de construções culturais ou sociais; e 3)Relacional - corresponde à interação dinâmica entre o envolvimento social e as características do ambiente (ELALI; MEDEIROS, 2011).

Existem outras organizações possíveis para os conhecimentos descritos, no entanto, percebe-se que mesmo que tratem de configurações diferentes, consideram os mesmos aspectos, relacionando os ambientes a dimensões práticas, simbólicas e psicológicas.

Os principais conceitos relacionados à ocorrência de apego ao lugar são: Conforto; Conhecimento do lugar; Desejo de defender o lugar; Desejo de proximidade e/ou envolvimento; Dificuldades para substituição do local; Grau de influência do lugar sobre os acontecimentos; Mobilidade para a interação social; Sentido de lar; Sentimento de enraizamento, identificação, orgulho, pertencimento e propriedade (FELIPPE; KUHNEN, 2012).

Apesar de abarcar conceitos muito diversos, os estudos desenvolvidos buscando a compreensão do apego das pessoas aos lugares, estão majoritariamente ligados a duas questões. A primeira delas está ligada a ambientes íntimos ou de convívio familiar, buscando na moradia e nos vínculos com os espaços da infância relações e lembranças que geram essa "ligação" das pessoas com os lugares. Trabalhos como o de Kaplan e Kaplan (1989) e Rubinsten e Parmelle (1992) desenvolvidos com residências de idosos e fatores ligados à personalização dos espaços e a identidade são representativos e contribuem com a pesquisa na medida em que a relação

construída afetivamente com os lugares através do convívio familiar é uma característica marcante da cultura Kaingang.

A segunda objetiva, através da construção de um vínculo afetivo com lugares naturais (não edificadas), a criação de uma sensação de pertencimento, que possa resultar em práticas mais ecologicamente sustentáveis e ligadas à preservação. Um exemplo de pesquisadores neste sentido é Elizabeth A. Halpenny e seu estudo com visitantes do Point Pelee National Park (2006).

O fator tempo pode colaborar para essa condição, já que a partir da convivência ou relação com um lugar ao longo de certo período as pessoas tendem a desenvolver sentimentos em relação a ele. A permanência de grupos de pessoas em determinado lugar, faz com que o mesmo comece a assumir características desse grupo, observadas pelas ações de apropriação das pessoas nos espaços.

#### **3.2.4. Apropriação**

O conceito de apropriação se diferencia do conceito anterior pois corresponde ao processo de interação do sujeito com seu entorno por meio do qual "[...] o ser humano se projeta no espaço e o transforma em um prolongamento de sua pessoa, criando um lugar seu." (CAVALCANTE; ELIAS, 2011). Assim a ação no espaço supera o sentimento em relação a ele.

Esse conceito ultrapassa as barreiras da psicologia ambiental, sendo normalmente utilizado pela área das ciências sociais, pois esse movimento do sentido da adaptação, personalização e apropriação dos espaços, ajuda as pessoas, individual ou coletivamente, a manter e afirmar sua identidade, conferindo a um determinado espaço, através de suas marcas, o status de lugar.

Assim, "O que começa como espaço indiferenciado transforma-se lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor." (TUAN, 1983, p. 6), nesse processo da construção da ligação entre pessoas e lugares, "[...] o espaço habitado, transcende o espaço geométrico [...]" (BACHELARD, 1958 p. 47), permitindo ações que transcendem a função e se revelam enquanto experiências.

A apropriação, de acordo com Eric Pol (1996), caracteriza pela identificação do indivíduo relativa ao espaço com o qual está inter-

relacionado. Existem duas componentes básicas no processo de apropriação do espaço: a ação-transformação e a identificação simbólica (POL, 1996).

A primeira diz respeito a uma ocupação territorial mais complexa, onde há ação concreta das pessoas sobre o entorno, de acordo com a vontade e a intencionalidade do indivíduo (FREIRE; VIEIRA, 2006). Já no processo de apropriação por identificação, estão envolvidos aspectos simbólicos, cognitivos, afetivos e interativos que transformam o espaço (extensão) em lugar reconhecível e pleno de significado para uma pessoa ou grupo social/cultural (CAVALCANTI; ELIAS, 2011).

A apropriação pode acontecer tanto em espaços públicos quanto em privados, sendo que nos públicos este processo ocorre mais predominantemente por identificação, enquanto que no privado a componente da ação-transformação é predominante (POL, 1996).

Esse conceito, então, está fundamentalmente ligado às adaptações que as pessoas fazem no espaço, tanto funcionais (para o uso) quanto simbólicas (para afirmação de uma identidade).

### **3.2.5. Relação pessoa/ambiente na conjuntura indígena**

Os conceitos de percepção ambiental, comportamento socioespacial, *place attachment* e apropriação tem relação com a temática do Espaço arquitetônico de comunidades indígenas na medida que contemplam as dimensões funcional e simbólica das relações pessoa/ambiente.

As relações dos grupos humanos com o entorno tem como característica um processo contínuo de adaptação e transformação. Estudos arqueológicos de comunidades indígenas Kaingang, como os de Pedro Ignácio Schimitz, (2010) e Maria José Reis (2007), demonstram que através da compreensão das formas do uso do solo, mudanças que ocorreram no espaço natural para adaptação climática e emprego de tecnologias utilizadas no preparo e armazenamento dos alimentos, pode ser construída uma teoria de como essas populações de organizavam no espaço e qual a relação de suas estruturas sociais com a configuração relatada.

Da mesma forma na contemporaneidade, a forma como as pessoas percebem o ambiente e se relacionam com ele, releva traços da estrutura social e das regras de interação em determinados lugares.

Os comportamentos socioespaciais retratam sentimentos de pertencimento e apego aos lugares ligado à construção histórica afetiva das pessoas em determinados espaços da aldeia, predominantemente públicos, e contemplam o caráter da identificação simbólica coletiva formada a partir de um conjunto de representações individuais.

Por fim, a apropriação dos espaços públicos das aldeias caracteriza-se pelas marcas deixadas tanto como resultado da necessidade de adaptação através de caminhos alternativos abertos para atender ao deslocamento no interior da aldeia, a ampliação improvisada das edificações públicas, o campo de futebol feito terra batida, entre outros, quanto da vontade de identificação de valores culturais fundamentais para o povo indígena, observado por exemplo na presença de estruturas externas de sombreamento feitas com madeira e palha, os fogos de chão no exterior e interior das residências, as placas escritas em Kaingang nas salas de aula da escola ou a reescrita, em Kaingang, da placa que identifica a entrada da aldeia.

Percebe-se então que a relação pessoa-ambiente, abordada com base na Psicologia ambiental é fundamental para esclarecer e ajudar a elucidar as relações das comunidades indígenas e seu modo de viver com os espaços arquitetônicos que habitam.

### **3.3. A lógica social do espaço**

Nessa seção do capítulo é introduzida a Análise configuracional do espaço explicada a partir da teoria da Sintaxe espacial, desenvolvida em Londres por Bill Hillier e colaboradores, nos anos 1970, na University College London e compilada no livro *The Social Logic of Space*, em coautoria com Julienne Hanson (HILLIER; HANSON, 1984). As medidas de análise sintática utilizadas na pesquisa são brevemente apresentadas, bem como os principais conceitos que norteiam o entendimento da teoria.

O campo de investigação da Sintaxe Espacial contempla de forma geral a observação do espaço urbano procurando-se entender a integração dos aspectos físicos e as interações sociais que ocorrem em seus domínios.



Assim, a teoria tem como objetivo compreender as implicações sociais do da configuração espacial, como destaca Holanda, “[...] objetiva o estabelecimento de relações entre a estrutura espacial de cidades e de edifícios, a dimensão espacial das estruturas sociais, e variáveis sociais mais amplas, procurando revelar tanto a lógica do espaço arquitetônico em qualquer escala como a lógica espacial das sociedades.” (HOLANDA, 2002 p. 92).

Justifica-se utilizar essa abordagem para a pesquisa pois relaciona o espaço arquitetônico e as sociedades indígenas. A análise relacional e sistêmica, com dados quantitativos, contempla parâmetros que a linguagem discursiva parece não abranger e funciona como complementação ao entendimento da complexidade inerente ao tema. Outro aspecto relevante é que a sintaxe espacial não é uma teoria matemática do espaço, mas [...] “faz uso da matemática, ao abordar o que podemos chamar de dualidade do espaço material tanto como algo contínuo quanto algo formado por componentes identificáveis constituindo um sistema discreto.” (NETTO, 2013 p. 2).

Surgem alguns questionamentos em torno da teoria Sintaxe Espacial, no que diz respeito ao uso da linguagem matemática e a consideração de certos determinismos que podem caracterizar uma análise reducionista da complexidade que a estrutura social contempla, por isso essa ela é uma das múltiplas abordagens dessa pesquisa que se utiliza da sintaxe espacial como mais uma ferramenta que elucida sobre a complexa relação entre seres humanos e os espaços que habitam.

Nesse sentido, considera-se a relação da teoria com a abordagem quantitativa, e posteriormente uma aproximação com teorias estruturalistas antropológicas que se aproximam da temática da pesquisa.

Sobre a abordagem quantitativa adotada, Netto (2013), ressalta que o temor quanto a utilização de dados matemáticos em pesquisa social, está ligado à possibilidade de redução do simbólico e experiencial ao físico, e o descarte de tudo o que não é visível e mensurável como não existente ou irrelevante. Por outro lado, existem fenômenos, como os urbanos, onde a questão da intensidade importa, e onde o problema das relações ganha complexidade e uma condição fortemente sistêmica, quando aspectos, entidades ou eventos influenciam outros em teias de relações

frequentemente impossíveis de reconhecermos e mapearmos discursivamente (NETTO, 2013).

A possibilidade de aproximar as bases dos estudos de sintaxe espacial com princípios do estruturalismo de Lévi-Strauss<sup>25</sup>, embasa de forma mais sólida esta abordagem de análise:

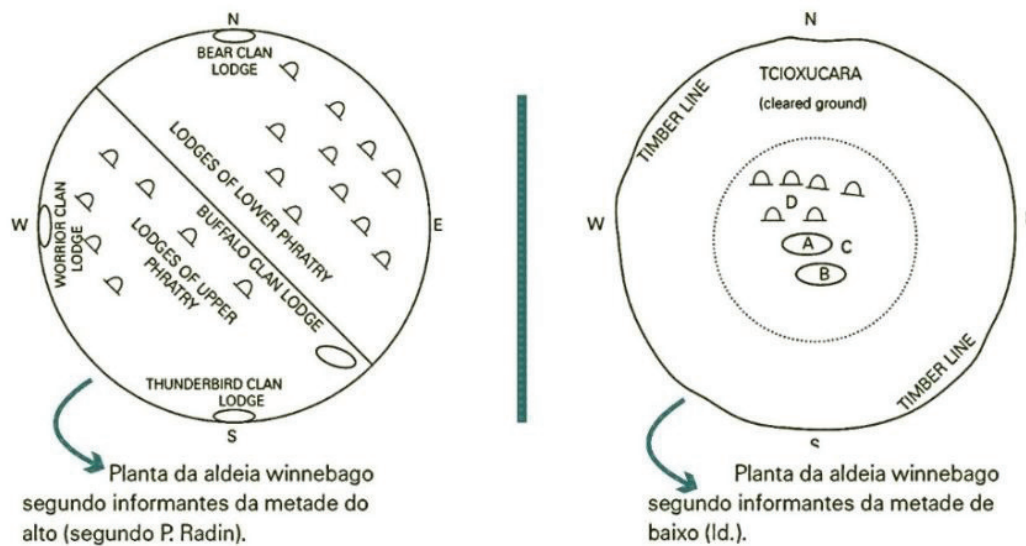
As ideias que aproximam o estudo da estrutura espacial de assentamentos e aspectos de sua apropriação ganham a forma de uma teoria da organização espacial de sociedades a partir de recursos antropológicos que permitiram tanto ideias não exploradas em um sentido socioespacial quanto conexões a novos aspectos do espaço. O estruturalismo de Lévi-Strauss oferece a Hillier uma forma de superar o dualismo do paradigma ‘humano-ambiente’, bem como a visão do espaço como projeção da organização mental, do próprio Lévi-Strauss, ao propor atores capazes de conhecer a realidade e o ambiente construído como sistemas de fenômenos discretos, contendo em si uma “lógica social” irredutível à experiência individual subjetiva. (NETTO, 2013 p. 3).

Nessa perspectiva, sugere-se ainda a relação entre as análises configuracionais e uma obra específica de Lévi-Strauss (1970), onde discute a partir da análise configuracional, que ele chama de geométrica, de uma aldeia Winnebago, a estrutura social da comunidade. Nessa pesquisa, fica evidente a relação existente, especialmente no imaginário dos moradores da aldeia (Figura 22), entre forma espacial e a forma social que a primeira revela.

---

<sup>25</sup> Claude **Lévi-Strauss** (1908-2009) foi um grande antropólogo, etnólogo e professor francês. Formado em direito e filosofia na França e produtor de uma vasta obra, **Lévi-Strauss** foi o criador da antropologia estrutural e um dos maiores pensadores do século XX.

Figura 22 - Plantas da aldeia Winnebago segundo as duas metades dos habitantes



Fonte: Adaptado de (LÉVI-STRAUSS, 1970)

Em análise primária, percebe-se que para os informantes da metade de cima, a configuração da aldeia permeava os princípios de dualismo, relação de opostos e de reciprocidade, enquanto que para os informantes da metade de baixo, a relação era estabelecida por uma hierarquia, onde os membros de uma metade detinham mais poder e ocupação privilegiada no espaço<sup>26</sup>. A partir dessas considerações, nota-se que a imagem criada do espaço habitado, condiciona a formação de uma estrutura social e mesmo na análise de uma aldeia pequena e menos complexa que as cidades contemporâneas, a configuração permite pensar os conceitos como o de legibilidade e controle no espaço urbano.

Na análise de espaços urbanos mais complexos, a sintaxe considera um fator contemporâneo fundamental, o traçado, sem desconsiderar as percepções estruturais como a demonstrada acima.

A abordagem sugerida pela Teoria da sintaxe espacial utiliza métodos analíticos capazes de lidar com diferentes escalas, investigando o

<sup>26</sup> A análise da Aldeia Winnebago foi feita por Paul Radin entre 1915 e 1916 e não foi realizado um levantamento da configuração espacial real da aldeia. De qualquer forma, as análises de Lévi-Strauss ultrapassam a necessidade de estabelecer qual das duas era a verdadeira, mas abrangem a possibilidade de uma estrutura social que se estabelece para além de metades.

sistema através de suas partes, que são exploradas, e percebidas com o objetivo de descrever o sistema como um todo, medindo e definindo o padrão de suas relações (KARIMI, 2012; PEPONIS,1992). Essa forma de analisar o espaço objetiva superar as discussões construídas até o momento de sua criação, que mantinham uma visão local, sem grandes conexões com as consequências e particularidades destas abordagens em uma escala de cidade ou região, permanecendo esquemáticos na relação do social com o espaço (PEPONIS,1992).

A Teoria da Sintaxe espacial contempla um conjunto amplo de conceitos dentre eles o Movimento Natural, Centralidades, Economia de movimento, Integração, Conectividade, Permeabilidade e Visibilidade. Além de técnicas de análise para mapas axiais, grafos, isovistas, e mais recentemente, análises sintáticas angulares e por segmentos.

Neste estudo, são analisadas as medidas de Integração global/integração local e Visibilidade/Permeabilidade, para tanto são adotados os Mapas Axiais e Mapas de Áreas de Isovistas, respectivamente, para posterior confronto com as informações observadas na comunidade.

### 3.4.1. INTEGRAÇÃO

A integração é uma das propriedades fundamentais da sintaxe espacial e relaciona cada espaço do sistema com todos os demais, indica o menor ou maior nível de integração entre as partes de um sistema e pode ser obtida através do mapa axial de um assentamento.

O mapa axial é construído pelas linhas axiais, traçadas sobre o sistema viário e espaços públicos abertos de um sistema, considerando o conjunto do menor número das maiores linhas capazes de cruzar todos os espaços convexos e conectar-se entre si.

A Integração é a medida contrária a profundidade do sistema. A profundidade é o número de passos topológicos (mudanças de direção) de uma linha para outra ou o número de passos de um ponto em relação a outro qualquer do sistema. A profundidade é maior quanto mais espaços intermediários houver, contando-se o número de ligações entre dois pontos. Assim, quanto maior a distância entre um ponto com relação a todos os outros pontos do sistema, mais segregado, ou profundo ele é.

Quanto menor a distância entre um ponto com relação a todos os outros pontos do sistema, mais raso ou integrado será.

Para ilustrar a explicação acima, segue na Figura 23, abaixo o mapa do traçado, mapa axial e a análise de integração da cidade de Lisboa.

Figura 23: Mapa do traçado, mapa axial e análise de integração local de Lisboa



Mapa do traçado

Mapa Axial

Análise de integração

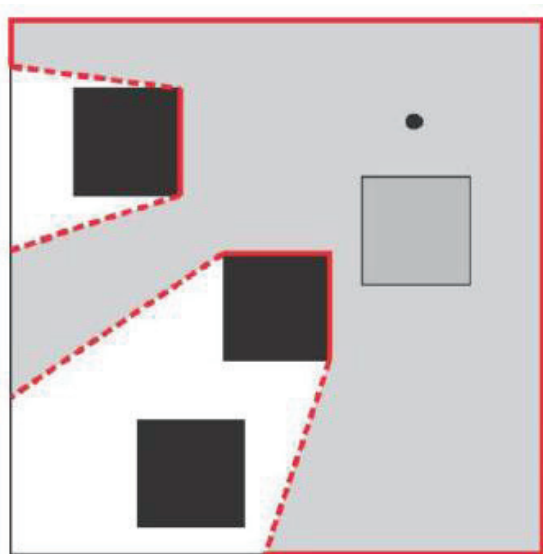
Fonte: Adaptado de FERREIRA, 2012 e Mapasblog,2012

### 3.4.2. VISIBILIDADE E PERMEABILIDADE

Conforme destaca Saboya (2016), o campo de estudos da Sintaxe Espacial introduziu uma nova possibilidade para analisar o espaço e suas relações com aspectos como legibilidade, apropriação, movimento e atribuição de significados. Inspiradas nos estudos de Benedikt (1979) sobre as isovistas, constituem as análises de visibilidade e permeabilidade.

As Isovistas, Figura 24, são entendidas como polígonos que representam a área visível a partir de um ponto no espaço (TURNER; et al., 2001).

Figura 24: Esquema ilustrativo de uma isovista.



As barreiras visuais estão indicadas em preto; obstáculos à meia altura estão representados em cinza escuro.

Fonte: SABOYA,2016.

Capta a amplitude visual de um ponto, ou seja, o quanto ele consegue enxergar e também a proeminência visual de um ponto, que diz respeito ao quanto ele é visível de outros pontos.

Ao nos deslocarmos por um ambiente, grande parte da informação que conseguimos captar é determinada pelo nosso campo visual: onde estão seus limites, qual sua dimensão, quais as possibilidades de deslocamento, onde estão os acessos, quem está presente, quais atividades estão sendo desempenhadas, etc. (SABOYA,2016).

O grafo de visibilidade que constitui o mapa das áreas de isovista, por sua vez, é uma derivação direta da isovista, que propicia a realização de análises mais amplas. “O grafo de visibilidade é a representação do conjunto de conexões visuais existentes entre os pontos que compõem um espaço. Esses pontos, para fins práticos, são representados por uma malha regular de dimensões fixas e compatíveis com a escala de análise” (SABOYA, 2016, p.03).

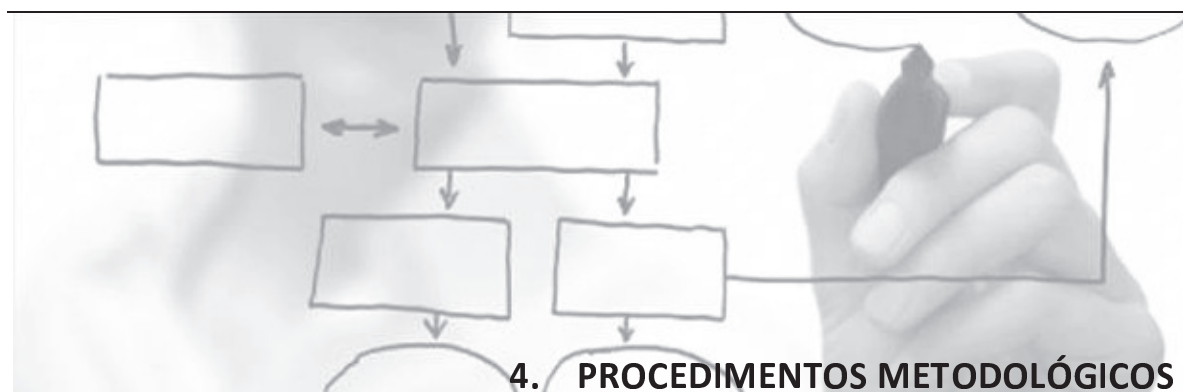
A interpretação de um espaço culturalmente diferenciado, através das análises propostas pela teoria da Sintaxe Espacial,

possibilita além de ampliar o horizonte de análise da pesquisa, identificar possíveis correlações entre a integração e a permeabilidade da aldeia com o modo como as pessoas vivenciam aquele espaço.

---

A apresentação dos olhares referenciais da pesquisa permite a compreensão do aporte teórico utilizado, embasa os métodos elencados para o estudo de caso e esclarece sobre os múltiplos olhares que permeiam as reflexões e análises diante dos dados obtidos em campo.

Nota-se que mesmo embasados em áreas do conhecimento distintas, os conceitos apresentados convergem na medida em consideram que aspectos espaciais e socioculturais se constroem mutuamente, em uma relação de complementaridade. Compreender a cultura, as fronteiras simbólicas e as identidades individuais e coletivas, auxilia na interpretação dos comportamentos socioespaciais, da percepção ambiental e da relação de apego com os lugares. A correlação demonstrada entre construção social e espacial, sugere que essa dinâmica opera segundo uma lógica espacial e que esses múltiplos olhares auxiliam na interpretação e compreensão dessa configuração.



#### 4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Fonte: <https://app.slidebean.com/p/nLxKqNU8Cm/Santos-Model-United-Nations>

Neste capítulo, são apresentados, justificados e detalhados os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, tanto para coleta quanto para análise dos dados obtidos, com base dos referenciais teóricos escolhidos e nos objetivos do estudo.

A abordagem utilizada é qualitativa, que enquanto exercício de pesquisa, permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques (YÁZIGI, 2005). Dessa forma, é apresentada a estrutura que orienta a pesquisa, mas que pode se moldar conforme o andamento e a realidade de campo.

A pesquisa qualitativa é centrada na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que corresponde a um espaço mais profundo das relações, processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Esse tipo de pesquisa teve início dos estudos sociais como contraponto à pesquisa quantitativa e tem ampliado seu campo de atuação em áreas como Psicologia, Educação e Planejamento Urbano (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), as principais características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender e explicar; precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; o respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores; suas orientações teóricas e seus dados empíricos.



#### 4.1. ETAPAS DA PESQUISA

A pesquisa se desenvolve a partir de três etapas principais: Aproximação Teórica; Estudo de caso e Discussão e Síntese dos resultados.

A **Aproximação Teórica** foi baseada em pesquisas bibliográficas com o objetivo de contextualizar a pesquisa, compreender os temas que a envolvem e embasar a escolha dos métodos de coleta e análise de dados.

O **Estudo de caso** é realizado para observação da ocorrência do fenômeno (relações entre o espaço arquitetônico e a estrutura social) em uma realidade delimitada. Nesta pesquisa, pode-se considerar que será desenvolvido em duas sub etapas: a primeira, de cunho exploratório, que visa conhecer a situação da aldeia indígena e a segunda, que é realizada em profundidade, conhecendo, investigando e interagindo com a comunidade escolhida.

Yin (2005) destaca que o estudo de caso representa uma investigação empírica e compreende um método abrangente, que organiza de forma lógica a coleta e análise dos dados (YIN, 2005). Nesta etapa da pesquisa, pretende-se utilizar métodos e técnicas da Psicologia Ambiental, da Sintaxe Espacial, da pesquisa etnográfica e elementos da História Oral, para fundamentar as análises.

A **Discussão e Síntese dos resultados** representa a interpretação e sistematização dos conhecimentos acumulados no decorrer da pesquisa. Os dados resultantes da pesquisa de campo são analisados a luz dos referenciais teóricos já apresentados.

Este estudo aposta no enfoque interdisciplinar como possibilidade de superação da fragmentação do conhecimento e da compreensão das relações entre sociedade e ambiente como uma construção complexa, passível de diferentes olhares e interpretações.

A metodologia contempla, a partir do seu referencial teórico, técnicas para a obtenção dos dados provenientes dos três olhares apresentados, considerando conceitos da psicologia ambiental, da sintaxe espacial e da história e da antropologia. Assim, a partir de uma abordagem multimétodos a pesquisa se desenvolve, permitindo que cada método não se limite a uma etapa apenas de pesquisa e a análise dos dados obtidos possa transcender as limitações de sua área de origem.

## 4.2. DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Os métodos utilizados no desenvolvimento da pesquisa são descritos a partir dos seguintes fatores: conceituação do método com as recomendações para aplicação, esclarecimento do objetivo específico que pretende contemplar, descrição de como foi aplicado na pesquisa e esclarecimento de como é feito o tratamento dos dados obtidos. Para situar os métodos utilizados foi elaborado o Quadro 4, que relaciona métodos, etapas e objetivos específicos da pesquisa:

Quadro 4: Relação entre objetivos e procedimentos metodológicos de pesquisa

	OBJETIVOS ESPECÍFICOS				
	A	B	C	D	E
1. Pesquisa Bibliográfica	● ●				
2. Visitas Exploratórias		●	●		●
3. Grupos Focais	●	●		●	
4. Poema dos desejos				●	●
5. Entrevistas Semiestruturadas	●	●		●	
6. Relatos de História de vida	●	●	●		
7. Vestígios de comportamento			● ●	● ●	● ●
8. Elaboração e análise de mapas		● ●		● ● ●	●

A legenda abaixo explica como identificar em que etapa da pesquisa cada método será utilizado:

● Aproximações   ● Estudo de caso   ● Análise e Discussão

Fonte: Elaborado pela autora em 2016

#### 4.2.1. Pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica é realizada nesta pesquisa com os objetivos de contextualização do tema, construção do aporte teórico e descrição da estrutura social tradicional Kaingang. Para isso, são escolhidos os seguintes sub temas: Identidade Cultural, Organização socioespacial, relação pessoa-ambiente, povos indígenas na América Latina, aldeias em Santa Catarina, Cultura Kaingang, foram consultados artigos, dissertações, teses, publicações em revistas, livros e laudos antropológicos. São pesquisadas e priorizadas publicações recentes, dos últimos 15 anos, porém, cabe ressaltar, que pesquisas importantes realizadas a mais tempo de autores consagrados, especialmente para a elucidação dos conceitos fundamentais que envolvem a pesquisa, não puderam ser ignoradas devido sua relevância científica.

A pesquisa bibliográfica foi realizada em três etapas. A primeira para conhecer o panorama dos Povos Indígenas desde o contexto da América Latina até a situação no Estado de Santa Catarina, considerando aspectos históricos desse processo de adaptação dos Povos Indígenas ao mundo não indígena. A segunda, com base na antropologia, história, psicologia ambiental e sintaxe espacial, constrói o aporte teórico e tem como objetivo entender a construção das identidades culturais, o comportamento humano no ambiente a sua volta, a relação e as interferências das sociedades contemporâneas no espaço e as características do espaço arquitetônico como representação de valores culturais. A terceira e última etapa, ligada ao primeiro objetivo específico da pesquisa, foi construída baseada em leituras sobre o Povo Kaingang, considerando as bases fundamentais da cultura, a estrutura social tanto antes quanto após o contato com o não indígena e a história da Aldeia Kondá, objeto de estudo dessa pesquisa.

Após a análise crítica e fichamentos das leituras, os conhecimentos foram sistematizados nos seguintes capítulos: 1) Povos indígenas: Panorama geral; 2) Povo Kaingang; 3) Olhares Referenciais e 5) Aldeia Kondá.

#### 4.2.2. Visitas exploratórias

As visitas exploratórias representam a primeira aproximação com o objeto de estudo e podem ser registradas através de desenhos, anotações e fotografias (REINGHANTZ, et. al. 2008). Base da pesquisa exploratória, as visitas têm como característica segundo Theodorson e Theodorson (1970) o caráter preliminar na intenção de tornar-se familiar com objeto de estudo.

O objetivo das observações feitas a partir das visitas é conseguir a autorização para a realização da pesquisa, conhecer a aldeia e a comunidade e perceber alguns aspectos da cultura Kaingang.

Foram realizadas três visitas de cunho exploratório, nos meses de outubro e dezembro de 2015 e janeiro de 2016. A primeira visita, marcada com o Cacique em exercício para dia 10 de outubro de 2015, foi fundamental para explicar o estudo que pretendia ser realizado, conhecer os limites da aldeia e solicitar a autorização para o desenvolvimento da pesquisa (Apêndice 1: Diário de Campo - Visita exploratória 10/10/2015).

A segunda visita foi realizada meses depois, dia 19 de dezembro e está relatada no Apêndice 2: Diário de Campo - Visita Exploratória 19/12/2015. Nessa oportunidade, foi assinada a autorização formal da pesquisa (Apêndice 3: Autorização da pesquisa) e mais algumas pessoas da comunidade foram apresentadas e convidadas a contribuir com os estudos (Apêndice 4: Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos). Nessa oportunidade, foi realizado um passeio informal pela aldeia com objetivo de observar de modo assistemático a organização espacial e algumas interações sociais. Em conversa com as lideranças, foi solicitado um projeto para ser entregue à prefeitura com o intuito de reivindicar um espaço para a venda do artesanato. O documento foi elaborado pela pesquisadora e validado junto à comunidade, o que aproximou de forma significativa a pesquisadora da comunidade e contribuiu para o bom andamento da pesquisa<sup>27</sup>.

Por fim, na terceira visita, realizada dia 26/01/2016, o Projeto da Casa Kondá<sup>28</sup> foi revisado junto às lideranças e entregue para a Comunidade

---

<sup>27</sup> Este projeto não faz parte diretamente da pesquisa, mas foi uma solicitação das lideranças como uma contrapartida para o desenvolvimento dos estudos na comunidade.

<sup>28</sup> Projeto Casa de apoio aos indígenas da Aldeia Kondá em Chapecó-SC desenvolvido por solicitação da comunidade. A casa tem o objetivo de funcionar como principal ponto de venda do

(Apêndice 5: Projeto Casa Kondá). Essa interação, mesmo que não estivesse diretamente ligada ao desenvolvimento da pesquisa, possibilitou a compreensão de aspectos fundamentais da estrutura social da aldeia. Os demais aspectos dessa experiência estão relatados no Apêndice 6: Diário de Campo - Visita Exploratória 26/01/2016.

Os dados obtidos com as visitas exploratórias são tratados com base nos referenciais teóricos da pesquisa, principalmente ligados às técnicas de observação e análise do discurso dos participantes a partir dos temas e palavras levantados com mais frequência. Essas informações contribuem na caracterização da cultura Kaingang e do espaço arquitetônico da Aldeia Kondá, além de auxiliarem para entender quais são as mudanças ocorridas no em função do contato com o não indígena.

#### 4.2.3. Grupos Focais

Morgan (1997) define grupos focais como uma técnica de pesquisa qualitativa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. Como técnica, ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. Pode ser caracterizada, também, como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos (VEIGA; GONDIN, 2001).

Assim, os grupos focais utilizam a interação grupal para produzir dados e *insights* que seriam dificilmente conseguidos fora do grupo. Os dados obtidos levam em conta o processo do grupo, tomados como sendo maiores do que a soma das opiniões, sentimentos e pontos de vista individuais em jogo (DEBUS, 1988).

Debus (1988) destaca que todos critérios de constituição dos grupos focais devem ser coerentes com os objetivos de pesquisa previamente definidos. Portanto, cabe ao pesquisador delinear os grupos de forma coerente, tendo em vista o que se quer investigar.

---

artesanato no centro da Cidade de Chapecó, além de ser local para treinamento dos professores indígenas, apoio de estadia para lideranças, centro cultural e espaço onde as crianças terão acompanhamento pedagógico no período em que os pais precisarem trabalhar na venda de artesanato. O documento foi entregue ao prefeito da cidade em fevereiro de 2016.

Cabe destacar algumas diretrizes que devem ser consideradas quando a técnica de grupos focais é utilizada em pesquisa: Deve-se organizar um número de grupos suficientes para que haja saturação do tema; o número de participantes varia entre 5 e 10 participantes dependendo da objetividade do tema; Os encontros podem durar entre 60 a 120 minutos; O local escolhido deve propiciar privacidade, ser confortável, estar livre de interferências sonoras e ser de fácil acesso para os participantes e o moderador deve conduzir a discussão fazendo tanto a introdução quanto o fechamento da discussão do grupo (KIND , 1996).

Este método da investigação tem como objetivo descrever a estrutura social tradicional Kaingang e as mudanças ocorridas a partir do contato com a sociedade não indígena, caracterizar a configuração espacial Kaingang e relacionar a aldeia Tradicional, Atual e Idealizada.

Com base nas recomendações acima, a pesquisa obedeceu aos seguintes critérios:

- Definição dos grupos: Os grupos foram definidos de acordo com as características de aproximação entre os participantes como idade, e papel social na comunidade. Assim, foram construídos três grupos de pesquisa: Grupo 01 – Lideranças, anciãos e professores comunidade; Grupo 02 – Mulheres e Grupo 03- Crianças.

- Local de encontros: Os Grupos 01 e 02 se reuniram na Escola da Aldeia, o Grupo 03, realizou as conversar ao ar livre, em geral em lugares escolhidos por elas para mostrar espaços da aldeia importantes simbolicamente. Essa flexibilidade permite criar um contexto mais confortável de discussão e uma experiência menos formal.

- Questões para discussão: Para os grupos 01 e 02, procurou-se abordar sempre as mesmas questões e fazer perguntas gerais que suscitasse a interação entre os participantes e a exposição livre de suas ideias. As perguntas chave utilizadas foram: 1) Como era a aldeia antigamente? As ruas, as casas, a escola, as igrejas, etc.; 2) Quais eram os papéis de homens, mulheres e lideranças da comunidade? 3) Hoje esses papéis mudaram? Quais as principais características da cultura Kaingang? 4) O que se mantém até hoje e o que se perdeu? Quais as principais influências da sociedade não indígena? 5) Se pudesse descrever a aldeia ideal, como seria?

Já na experiência com as crianças, elas foram convidadas a mostrar a aldeia, apontando os lugares mais importantes e justificando suas escolhas.

- Número de encontros: O procedimento contempla a realização de dois encontros com mesma temática para os grupos 01 e 02 e apenas um encontro com o grupo de crianças.

Os encontros com os grupos 1 e 2 foram realizados nos dias 10 de maio e 5 de setembro de 2016, ambos no período da manhã com duração média de 70 minutos. Com as crianças, o encontro foi realizado, no dia 10 de maio, no período da tarde e durou em torno de 90 minutos.

Para chegar nessa síntese de informações os dados foram tratados com base na análise de discurso, que interpreta de acordo com o objetivo da pesquisa, as informações fornecidas pelos sujeitos.

Existem inúmeras linhas conceituais de análise de discurso, no entanto, o que esses diferentes estilos parecem ter em comum, ao tomar como objeto o discurso, é que partilham de “[...] uma rejeição da noção realista de que a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir, ou descrever o mundo, e uma convicção da importância central do discurso na construção da vida social [...]” (GILL, 2002 p. 244).

Entende-se então que na análise do discurso, o sentido não está colado na palavra, é um elemento simbólico, não é fechado nem exato, portanto sempre incompleto. Dessa forma o discurso, a oralidade e as expressões são interpretados levando em conta o contexto apresentado e o momento histórico vivenciado pelos colaboradores.

A análise de discurso trabalha com o sentido, sendo o discurso heterogêneo marcado pela história e ideologia (CAREGNATTO; MUTTI, 2006). Assim, faz-se uma nova interpretação ou uma releitura e não objetiva um julgamento.

Carregnatto e Muuti destacam também que a formação discursiva se constitui na relação com o interdiscurso e o intradiscurso:

O interdiscurso significa os saberes constituídos na memória do dizer; sentidos do que é dizível e circula na sociedade; saberes que existem antes do sujeito; saberes pré-construídos constituídos pela construção coletiva. O intradiscurso é a materialidade (fala), ou seja, a formulação do texto; o fio do discurso; a

linearização do discurso. (CAREGNATTO; MUTTI, 2006 p. 681).

Seguindo essas recomendações e esclarecendo do que se trata a análise de discurso, busca-se a partir dos relatos dos colaboradores, uma interpretação, feita a partir de uma leitura discursiva influenciada pela posição do pesquisador e conceitos de cultura e identidade descritos no referencial teórico desta pesquisa. Para facilitar a compreensão da síntese dessas interpretações, após a exposição dos resultados de cada método, um quadro síntese será elaborado.

#### **4.2.4. Poema dos desejos**

O Poema dos Desejos ou *Wish Poems*, foi desenvolvido por Henry Sannof (1991) e consiste em uma dinâmica de grupo onde o pesquisador solicita aos usuários de um determinado local que descrevam verbalmente ou expressem por meio de desenhos suas necessidades, sentimentos e desejos relativos ao edifício ou ambiente analisado.

Este método foi utilizado com enfoque na Aldeia Idealizada, assim, apresentou-se uma ficha ao participante contendo uma frase aberta “Nossa aldeia ideal seria assim...” (Apêndice 7: Apresentação do poema dos desejos) e os participantes foram convidados a responder de forma espontânea através de desenhos, escrita ou mesmo verbalmente. O pesquisador, segundo Sanoff (1991), deve fornecer todo o material necessário para aplicação – em geral, lápis preto, lápis de cor, canetas e folhas de papel. Cada participante deve ter a liberdade de escolher o material de sua preferência.

O tratamento dos resultados pode ser, de acordo com seu criador, Henry Sannof (1991) quantitativo (levantamento e quantificação das imagens mais recorrentes) ou qualitativo (hábitos, valores e expectativas), categorizando as respostas e agrupando informações similares por meio de análise de conteúdo. Podem ser utilizados gráficos para facilitar a compreensão e visualização dos resultados.

Tendo em vista que as respostas dos poemas dos desejos podem ser as mais diversas, o método possibilita ampla liberdade para a manifestação dos anseios de diferentes atores, fornecendo informações e



ideias que podem ser especialmente relevantes para o desenvolvimento de projetos nas comunidades pesquisadas ou mesmo de intervenções.

Nesta pesquisa, o método foi direcionado a dois grupos de pessoas: Crianças e Professores indígenas. Os respondentes infantis expuseram seus desejos por meio de desenhos, os professores majoritariamente por meio de informações escritas.

Os dados foram tratados conforme as recomendações de Sannof (1991) gerando gráfico de características pretendidas da aldeia e interpretação sensível dessas informações. Os relatos, expressões gráficas e síntese dos resultados, foram organizados no formato de um álbum no Apêndice 8: Diário de campo - Álbum do poema dos desejos.

#### **4.2.5. Entrevistas Semiestruturadas**

Para Manzini (1991) a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista.

As entrevistas são consideradas um método de coleta de dados fundamental, pois é concebida como um processo de interação social, verbal e não verbal, que ocorre face a face, entre o pesquisador, que tem o objetivo previamente definido, e o entrevistado que, supostamente, possui a informação que possibilita estudar o fenômeno em pauta, e cuja mediação ocorre, principalmente, por meio da linguagem (MANZINI, 1991).

Neste caso o principal objetivo das entrevistas é compreender, a partir da visão das pessoas da comunidade, como a relação da comunidade com o espaço físico foi se alterando ao longo do tempo em função do contato com a sociedade envolvente. Para tanto são feitas perguntas abertas pré-estabelecidas no Apêndice 9: Roteiro da entrevista semiestruturada.

As entrevistas são realizadas depois do primeiro diálogo com grupos focais. Dessa forma, a partir da contribuição dos participantes nos grupos, alguns deles são escolhidos para serem entrevistados individualmente, tendo como base a sua relação com a comunidade e a possibilidade da obtenção de mais informações.

O cacique da aldeia, professores da escola indígena e um representante dos anciãos da comunidade formam o grupo dos entrevistados que totaliza sete pessoas.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas. Os dados foram tratados com base na análise de discurso dos participantes, levando em consideração informações disponibilizadas verbalmente pelos participantes.

As técnicas para a análise das informações fornecidas verbalmente pelos participantes tem como inspiração a História Oral, um recurso usado para elaboração, arquivamento e estudos de documentos referentes à vida social de pessoas, sempre uma história do tempo presente (MEIHY, 1996).

A História Oral contribui na construção de uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento da trajetória do grupo social sobre o qual se pretende estudar, além de ser um procedimento destinado à constituição de novas fontes para a pesquisa histórica, com base nos depoimentos orais colhidos sistematicamente em pesquisas específicas, sob métodos problemas e pressupostos teóricos explícitos (LOZANO, 2002).

Dessa experiência emergem informações e conhecimentos além dos esperados e a aproximação com os entrevistados oferece à pesquisa dados que sem ela possivelmente não seriam descobertos.

#### **4.2.6. Relatos de História de vida**

A abordagem dessa pesquisa preocupa-se com os indivíduos e seus ambientes em suas complexidades, não havendo limites ou controle impostos pelo pesquisador. Desse modo, dos Relatos de História de vida baseiam-se no princípio de que os conhecimentos sobre os indivíduos só são possíveis com a descrição da experiência humana, tal como ela é vivida e definida por seus próprios atores.

Por meio do relato de Histórias de Vida individuais, pode-se caracterizar a prática social de um grupo. Segundo Glat (1989), toda entrevista individual reproduz direta ou indiretamente uma quantidade de valores, definições e atitudes do grupo ao qual o indivíduo pertence. O método de Relato da história de vida, portanto, procura apreender os elementos gerais contidos nas entrevistas das pessoas, considerando como

participantes as pessoas com mais de 60 anos. Percebe-se que a história de vida, confunde-se com a história da própria comunidade, fornecendo informações fundamentais para a pesquisa.

Nesse sentido, conforme destaca Glat (1989) histórias de vida, por mais particulares que sejam, são sempre relatos de práticas sociais: das formas com que o indivíduo se insere e atua no mundo e no grupo do qual ele faz parte. Segundo Goldfarb (1998), a função das reminiscências em sujeitos de idade mais avançada é a de “[...] realizar uma articulação entre a dimensão do passado e as circunstâncias do presente, outorgando um sentido de comando da realidade e continuidade do ser[...]” (GOLDFARB, 1998 p. 82).

Conforme foi reforçado pela professora Margarita Barreto (2016), os relatos de história de vida são também uma oportunidade do pesquisador exercitar o ouvir e o interpretar. Para a aplicação desse método, conforme orientam Goldfarb (1998) e Barreto (2016), uma única proposta é feita no início da conversa: Conte-me a história da sua vida? E esta pesquisa seguiu essa orientação. A partir daí, o participante conta, descreve, relata, naturalmente sua história de vida.

Um relato de História de vida foi realizado, no dia 11 de janeiro de 2016 com o Sr. Augusto Rodrigues<sup>29</sup>, 70 anos. O relato foi gravado e transcrito para que o tratamento dos dados pudesse ser feito, analisando o discurso do entrevistado e colocando no documento apenas os trechos relevantes para a compreensão da vida da comunidade, preservando assim, aspectos privados da vida do participante. O relatório do relato encontra-se no Apêndice 10: Relato de História de vida 11/01/2016.

#### **4.2.7. Vestígios de comportamento**

As mensagens não verbais do ambiente são componentes da experiência humana e estão inseridas em muitas partes de nosso entorno imediato (SANOFF, 1991 p. 95). A identificação de resíduos deixados no ambiente permite ao pesquisador entender o que aconteceu ou acontece no local, mesmo sem ter assistido à ação ou visto os usuários em atividade

---

<sup>29</sup> O Sr. Augusto já contribuiu em muitas etapas da pesquisa e foi um dos primeiros colaboradores a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

(SOMMER; SOMMER, 1986). Tais vestígios segundo Sommer e Sommer (1986) se dividem em: causados pela erosão, e causados pela deposição. No primeiro caso as pessoas retiram algo do ambiente (como ocorre nos caminhos informais observados nas aldeias<sup>30</sup>), e no segundo elas colocam algo no ambiente (como o lixo e a grafiteagem). Por sua vez, os resíduos incorporados ao ambiente denotam tanto o uso efetuado quanto as condições socioeconômicas da comunidade.

Essa observação tem por objetivo perceber as principais apropriações feitas do espaço das aldeias e a relação dessas mudanças com aspectos culturais Kaingang. A organização desses estudos é feita através de uma ficha que contém as principais adaptações realizadas, registradas por meio de fotografias (Apêndice 11: Vestígios de Comportamento).

#### **4.2.8. Elaboração de mapas**

A elaboração de mapas serve como apoio em momentos diversos da pesquisa e auxiliam no entendimento da aldeia e na espacialização das informações obtidas. No entanto, cada um dos mapas elaborados consideram referenciais teóricos diferentes, portanto, atendem objetivos e formas de desenvolvimento próprias. Foram elencados os seguintes mapas para serem produzidos e analisados: a) Mapa do traçado, b) Mapa da aldeia segundo o posicionamento das famílias, c) Mapa Axial para análise de integração, d) Mapa de Visibilidade e Permeabilidade, e) Aldeia Tradicional e f) Aldeia Idealizada.

- a) Mapa do traçado: É o mapa de todas as vias da aldeia. Relaciona assim, as ruas abertas formalmente pela prefeitura e os caminhos e rotas alternativas, feitas pela comunidade ao longo do tempo de ocupação. Os caminhos e rotas alternativas se caracterizam como vestígio de comportamento, cujo conceito foi apresentado no item 3.2.8 desse capítulo. Esse mapa pretende analisar a Aldeia atual e as adaptações feitas

---

<sup>30</sup> São considerados caminhos informais aqueles feitos pelas pessoas, na maioria das vezes com a intenção de atalho em um caminho formal pré-estabelecido. Como exemplo são apontados os caminhos feitos por pessoas nos gramados de parques e praças. De qualquer forma, foram fotografados esses vestígios de comportamento na aldeia e estão presentes no relatório como apêndice.

no espaço urbano para atender as necessidades práticas e simbólicas da comunidade.

- b) Mapa da aldeia segundo o posicionamento das famílias: É o mapa do traçado da aldeia com a localização, a partir das residências, de todas as famílias da comunidade. Foi produzido como resultado das visitas feitas em todas as residências da comunidade, no mês de janeiro de 2016, para a localização dos grupos familiares.
- c) Mapa Axial: É formado pelo conjunto do menor número das maiores linhas capazes de cruzar todos os espaços convexos e conectar-se entre si. Conforme já apresentado no subcapítulo 3.3. A lógica social do Espaço, é uma das principais e mais tradicionais representações da Sintaxe Espacial. Suas análises seguem dessa teoria e tem o objetivo de perceber o nível de integração local e global nas aldeias tradicional, atual e idealizada.
- d) Mapas de visibilidade e permeabilidade: Estes mapas são compostos por toda a área visível a partir de várias localizações na aldeia, distanciadas 12m entre si. Os dados obtidos serão analisados de acordo sua profundidade e tem como principal objetivo compreender quais são os aspectos que a comunidade pretende revelar ou preservar do olhar no visitante. Assim, locais simbólicos, posições de lideranças entre outros lugares da aldeia podem ser melhor compreendidos.
- e) Aldeia Tradicional: Compreende o desenho da aldeia de acordo com princípios tradicionais de ocupação do território. É construído somando as informações obtidas na pesquisa bibliográficas e nos demais métodos da pesquisa de campo. Os dados serão analisados a partir da sobreposição da Aldeia Tradicional, Atual e idealizada para Identificar aspectos do espaço fundamentais para a cultura.
- f) Aldeia Idealizada: É redesenhado o mesmo território (Aldeia Kondá) contemplando as expectativas da comunidade para uma aldeia dos sonhos, ou seja, idealizada conforme o poema dos desejos, grupos focais, entrevistas e observações.

Para compreender os mapas utilizados, foi elaborado o Quadro 5 a seguir que relaciona o tipo de mapa, suas características gerais e os objetivos que pretende atender:

Quadro 5 - Relação de mapas, descrição e objetivos

Mapa	Descrição	Objetivos
<b>Mapa do traçado</b>	É de forma detalhada das vias formais da aldeia e a sobreposição os caminhos alternativos derivados da observação dos vestígios de comportamento.	Compreender a partir das adaptações do traçado, a dinâmica de deslocamentos e aspectos ligados à territorialidade nas comunidades.
<b>Mapa axial</b>	É resultado da identificação das linhas retas maiores e em menor número que cobrem todos os espaços convexos na planta. Será desenvolvido o mapa axial das três configurações desenvolvidas: Aldeia Tradicional X Atual X Idealizada.	Compreender aspectos ligados a integração local, global e ao controle nas diferentes configurações espaciais.
<b>Mapa segundo o posicionamento das famílias</b>	É a planta da aldeia localizando as residências, os espaços públicos, as aberturas das casas e as famílias residentes em cada casa.	Localizar os grupos familiares e perceber a relação da localização das residências e dos equipamentos urbanos com a relação e parentesco.
<b>Mapa de permeabilidade e visibilidade</b>	A Isovista de um espaço é a representação de tudo o que pode ser visto diretamente dele. Será desenvolvido o mapa das áreas de isovistas das três configurações desenvolvidas considerando para visibilidades apenas as barreiras visuais e para a permeabilidade barreiras visuais e ao movimento.	Perceber as diferentes estruturas configuracionais e a permeabilidade visual derivada de cada uma delas, interpretando a partir desses dados, aspectos ligados às fronteiras e ao controle nas aldeias.
<b>Mapa da aldeia tradicional</b>	A partir das informações obtidas a respeito da configuração espacial tradicional Kaingang, elaborar com os participantes o mapa de como seria o mesmo espaço territorial antes do contato com a sociedade não indígena.	Traduzir graficamente aspectos espaciais considerados fundamentais para a caracterização da aldeia tradicional.
<b>Mapa da aldeia idealizada</b>	A partir do poema dos desejos e demais métodos de pesquisa, será elaborado em conjunto com	Traduzir graficamente aspectos espaciais considerados fundamentais para a

---

a comunidade como seria a Aldeia ideal. Equilibrando aspectos tradicionais e as apropriações culturais a partir da interação com a sociedade envolvente.	caracterização da aldeia ideal na visão da comunidade.
--	--

---

Fonte: Elaborado pela autora

Os dados são analisados a partir da sobreposição dos mapas e dos dados obtidos a partir deles, por exemplo, são sobrepostos os mapas da Aldeia Tradicional, Atual e idealizada para Identificar aspectos do espaço fundamentais para a cultura como por exemplo a existência dos grupos familiares das três configurações, como se desenha o traçado da aldeia em cada uma delas, a localização dos espaços públicos e simbólicos, entre outros cruzamentos de dados que são verificados.

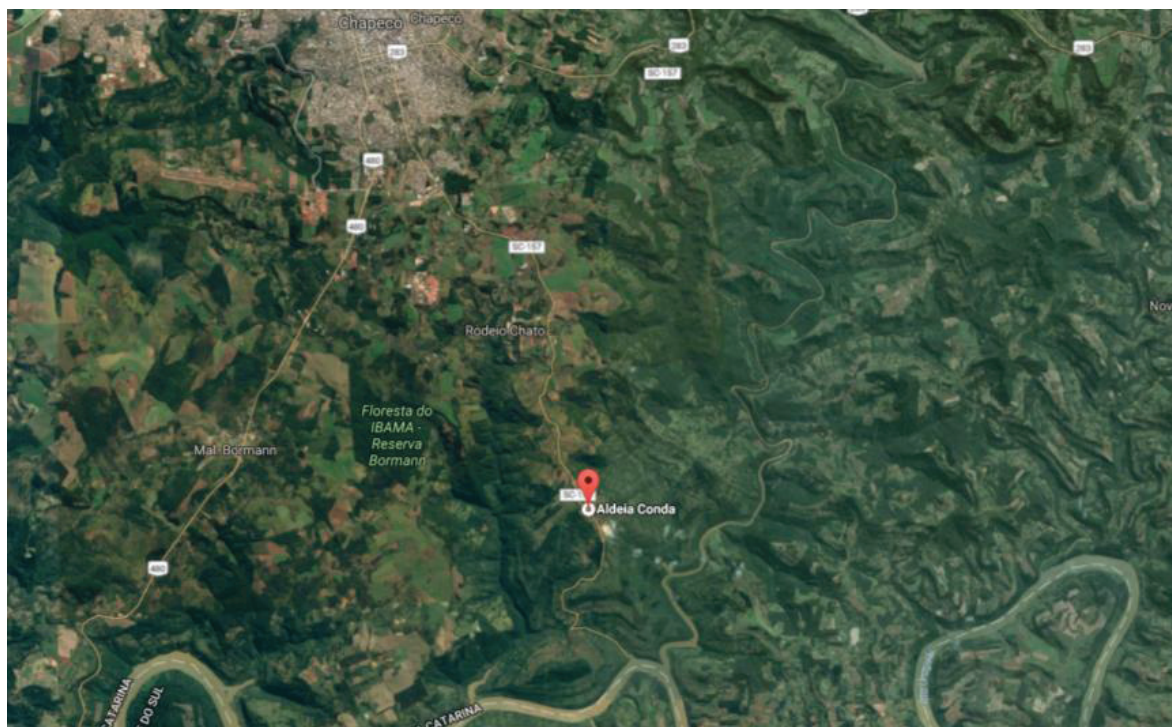
### 4.3. DELIMITAÇÃO DO CAMPO

O Estado de Santa Catarina compreende cinco territórios indígenas demarcados com predominância do Povo Kaingang conforme exposto no Capítulo 1. Por entender que os processos históricos de demarcação das áreas de terra e as práticas de apropriação desses territórios pelos indígenas interferem na configuração espacial resultante, foi escolhida para esta pesquisa a Aldeia Kondá.

A comunidade tem um histórico de ocupação do território que permeia a história da cidade de Chapecó. Das comunidades indígenas do estado é a que mais preserva valores tradicionais, como a língua e a subsistência através da venda de artesanato, além de não haver, até o momento, nenhuma pesquisa publicada que a tenha como foco.

Localiza-se no interior do município de Chapecó, na Linha Água Amarela (Figura 25) e engloba em torno de 600 pessoas. Foram mapeadas mais de 120 famílias na área da aldeia, então estima-se que pelo menos 100 pessoas são envolvidas na pesquisa.

Figura 25 - Aldeia Kondá em relação ao Centro da Cidade



Fonte: Google Maps adaptado pela autora\_2016

#### **4.4. ÉTICA E PESQUISA**

Esta pesquisa é realizada seguindo as orientações das leis de responsabilidade para pesquisa com seres humanos e em conjunto com a comunidade pesquisada a partir da relação de cooperação de forma que pesquisador e participantes tem igual importância no desenvolvimento do estudo. Seguem então as principais considerações sobre a submissão do trabalho junto ao comitê de ética da UFSC e a relação estabelecida com a comunidade pesquisada.

##### **4.4.1. Responsabilidades e Comitê de ética**

Esta pesquisa segue a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, com projeto de pesquisa registrado na Plataforma Brasil / Comitê de Ética em Pesquisas com seres humanos. Todas as informações relativas aos resultados dos métodos envolvendo seres humanos serão armazenadas em



arquivo digital, no computador pessoal da pesquisadora principal, que garantirá o acesso restrito dos mesmos.

É importante ressaltar que os procedimentos adotados envolvendo os usuários não ofereceram risco aos participantes. Ainda assim, os participantes são livres para interromper sua participação a qualquer momento, através do contato disponível no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Também não houve despesas para os participantes, sendo que todos os gastos com a pesquisa foram de responsabilidade da pesquisadora principal.

Mesmo cumprindo todos os procedimentos exigidos pelo comitê de ética da UFSC, esta pesquisa considera fundamental o olhar sensível e a relação de reciprocidade entre pesquisadores e comunidade. Como coloca Leonardo Boff (1999) uma vez que se entra em contato com "o outro", torna-se impossível a indiferença, o outro obriga a tomar posição, por que fala, provoca, evoca e convoca, lançando sempre o olhar em busca de uma resposta.

Nasce assim a responsabilidade, a obrigatoriedade de dar respostas. Aqui encontra-se o lugar da ética que reside nesta relação de responsabilidade diante do outro. É na acolhida ou na rejeição, na aliança ou na hostilidade para com o outro que se estabelecem as relações mais primárias do ser humano e se decidem as tendências de dominação ou de cooperação. Assim, é baseada não somente nas exigências legais mas na relação de reciprocidade e respeito com o objeto de estudo que esta pesquisa se desenvolve.

#### **4.4.2. Relação com a comunidade pesquisada**

O trabalho de aproximação com a comunidade pesquisada teve início no final de 2015. Foram muitos encontros, muitos deles não descritos nessa pesquisa por não contemplarem nenhum método delimitado de estudo de caso. As visitas, conversas e o compartilhamento de experiências, constituem um processo de construção de uma relação de confiança e respeito que acontece de forma gradual.

Apesar de se revelarem muito falantes e abertos ao convívio, a comunidade da Aldeia Kondá passou e passa por muitos conflitos dentro e fora da aldeia, o que faz com que as pessoas criem um clima de profunda

desconfiança com uma presença estranha. As primeiras tentativas de aproximação foram frustradas, foram visitas sem conseguir conversar com nenhuma liderança, onde as pessoas que aceitavam conversar demonstravam claramente medo de falar.

Essa postura é facilmente justificada se considerado o processo histórico de ocupação daquele território e a relação com a sociedade envolvente, na maioria das vezes caracterizada pelo preconceito e pela relação de exploração das terras indígenas<sup>31</sup>.

Aos poucos, tanto pesquisadora quanto integrantes da comunidade, foram acostumando-se com a presença um do outro. Nas inúmeras rodas de chimarrão, as necessidades que envolvem a comunidade foram aparecendo e junto com as angústias, características de um modo de viver extremamente diferente do que é visto na sociedade nacional de forma geral.

As pessoas não tinham nenhuma obrigatoriedade de parar seus afazeres para ouvir ou atender a pesquisadora. Assim, “[...] as razões pelas quais as pessoas concordem em participar de nossa pesquisa vem das responsabilidades assumidas pela equipe de pesquisa em termos de reciprocidade [...]” (BARBOUR, 2009, p. 123).

Além do projeto para a Casa Kondá, foi realizado um Projeto de Extensão (Apêndice 12: Projeto de Extensão Moradas Kaingang) em parceria com os alunos de arquitetura da UFSC cujo objetivo foi ao desenvolvimento de projetos de moradia para a comunidade. O projeto foi realizado contemplando uma maratona e projeto que ocorreu na semana de Integração da UFSC e contou com a participação do Sr. Constante Rodrigues - Cacique da aldeia que tirou dúvidas dos alunos e assessorou os projetos. Essa atividade, além de demonstrar o interesse e envolvimento da comunidade acadêmica no desenvolvimento de projetos para a aldeia, colaborou muito para reforçar a relação de reciprocidade entre comunidade e pesquisadora.

---

<sup>31</sup> Essa conclusão foi tirada a partir da conversa com os moradores da comunidade, das observações feitas e dos relatos informais sobre a presença dos indígenas na cidade, a partir da conversa com moradores de Chapecó.

Assim sendo, uma investigação que priorize a informação que vem da comunidade exige uma aproximação do pesquisador com os pesquisados para que se estabeleça um contato, uma relação de confiança.

Acreditando nessa relação de reciprocidade, respeito e confiança, esta pesquisa se desenvolve e pretende ao seu final dar o devido retorno que a comunidade merece.



## 5. ALDEIA KONDÁ

Calendário. Fonte: <http://www.belem.pa.gov.br/sefin/site/?p=2269>

Para a compreensão do objeto de estudo desta pesquisa, este capítulo apresenta a Aldeia Kondá a partir de sua construção histórica.

A população indígena Kaingang que constitui a Aldeia Kondá, foco deste estudo, habita o espaço que compreende atualmente o município de Chapecó, desde antes da configuração formal da cidade<sup>32</sup>.

As relações construídas historicamente entre brancos e índios "**Antes da cidade**", a redução do território indígena da aldeia à um local específico da cidade, configurando a comunidade como "**Índios Urbanos**" e a "**Conquista da terra**" apresentam o trajeto dessa comunidade desde sua possível origem até a realidade observada e analisada no momento da pesquisa.

### 5.1. ANTES DA CIDADE

Com base nos estudos dos pesquisadores Pedro Ignácio Schmitz e Marcus Vinicius Beber (2011), constata-se que o território foi ocupado primeiramente pelos Guaranis, que posteriormente, em função de disputas Inter étnicas, tiveram que ceder as terras para os Kaingang, que ocupam a região até hoje.

Registros encontrados das narrativas do Jornalista Selistre de Campos<sup>33</sup> (2004), revelam que logo após a emancipação política do município de Chapecó, intensificou-se o processo de perseguição aos índios

---

<sup>32</sup> Afirmação feita por Sr. Augusto Rodrigues, ancião da Aldeia Kondá em seu relato de História de vida.

<sup>33</sup> "A Voz de Chapecó, 24 de outubro de 1948, nº206" Material compilado no Centro de Memória da Uno Chapecó, (CEOM), 2004.

em Chapecó impedindo a sua ocupação da cidades: "O governo do estado do Paraná, ano de 1902, quando esta zona estava sob sua jurisdição, reservou, por Decreto, uma área de terras no ângulo formado pelos Rios Chapecó e Chapecozinho, para habitação, uso e gozo dos índios, que ali estavam localizados desde tempos imemoráveis." (CAMPOS, 2004 p. 61).

No entanto, a partir de 1927, o mesmo jornalista relata que, algumas autoridades locais começaram a solicitar novas medições dessas áreas de terra e quando o espaço já estava sob a jurisdição de Santa Catarina, a posse dessas áreas também começou a ser reivindicada por autoridades que agiam em causa própria. O SPI (Serviço de Proteção aos índios) passou a se caracterizar como Serviço de Perseguição aos Índios, como critica o jornal:" [...] mas fiquem certos: isso não será impunemente, [...] será com o nosso protesto, pela imprensa e por todos os meios que estejam em nosso alcance. Essa prebenda é uma espoliação aos pobres índios e um assalto ao Patrimônio da Nação." (CAMPOS, 2004 p. 67).

A partir daí, os indígenas, sem proteção, ficaram à mercê dos desmandos do governo e da justiça branca e cada vez mais foram desapropriados de suas terras originais, obrigados a "civilizar-se", isto é, adaptar-se à sociedade colonizadora envolvente.

Como decorrência dessa tentativa forçada de assimilação, os indígenas sofreram com doenças às quais não conheciam, processo esse que exterminou parte da população Kaingang na época, já que também eram usurpados do direito à assistência de saúde (Campos, 1949)<sup>34</sup>.

Em um curto período de tempo, consequência dos processos colonizadores, o território indígena, que inicialmente de 123.000 hectares, com a traição da "SPI" e interesses individuais, reduziu-se à apenas 23.000 hectares de terra, e na sequência, com a modernização da cidade, reduziria-se ainda mais (CAMPOS, 1949).

---

<sup>34</sup>" A Voz de Chapecó, 03 de julho de 1949, nº242"Material compilado no Centro de Memória da Uno Chapecó, (CEOM), 2004.

## 5.2. ÍNDIOS URBANOS

Em meados do século XX com o processo de construção da cidade de Chapecó, os indígenas, primeiros donos do território, continuaram sendo desrespeitados e expropriados de suas terras.

Segundo o Relatório das Famílias Kaingang residentes em Chapecó<sup>35</sup> elaborado em 1998, a cidade abrigava uma vasta população indígena, constituída por dois grupos principais distintos: o primeiro, composto pelas famílias que residiam em bairros da cidade adaptados à nova cultura imposta na época e tornam-se quase invisíveis (TOMMASINO et al., 1998).

O segundo grupo, mais extenso, era composto pelas famílias que resistiam e estabeleciam uma relação de parentesco baseada na preservação da cultura, dessa forma, constituíam as aldeias na cidade. Segundo Tommasino (1998), estes, eram visíveis e provocavam reações mais variadas da população urbana e acionam todos os preconceitos acumulados contra os índios, constituindo-os como um problema social.

Esta população representava um total estimado de 64 famílias e 212 pessoas conforme mostra o

Quadro 6 abaixo presente no Relatório das famílias Kaingang residentes em Chapecó (TOMMASINO et al., 1998):

Quadro 6 - Relação das famílias Kaingang residentes em Chapecó, 1998

(A) Bairro Palmital (Aldeia Kondá)	54 famílias	154 pessoas
(B) Bairro Tiago	04 famílias	23 pessoas
(C) Bairro São Pedro	06 famílias	35 pessoas
Total	64 famílias	212 pessoas

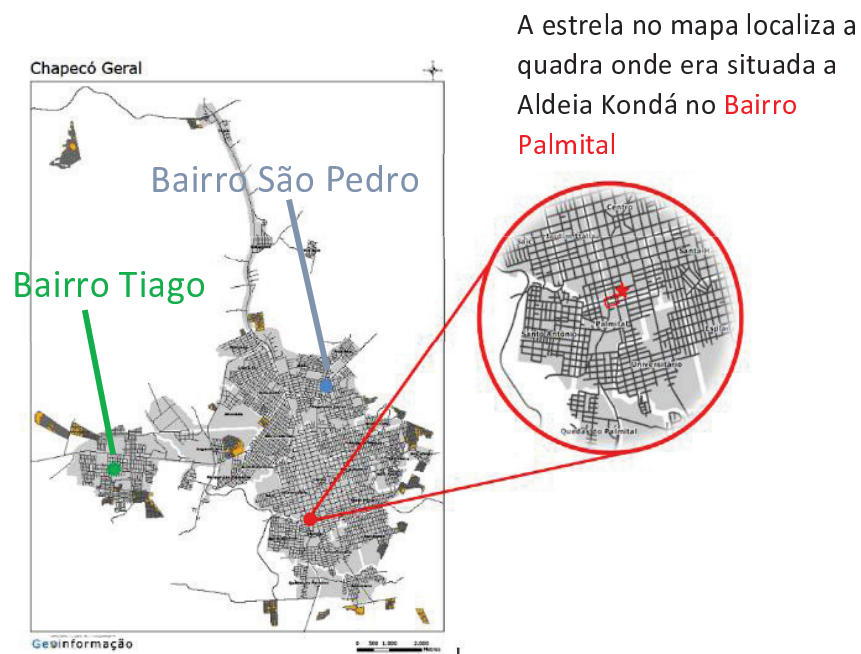
Fonte: Relatório das famílias Kaingang residentes em Chapecó, 1998

Os mapas representados na

<sup>35</sup> O Relatório de identificação das famílias Kaingang residentes na cidade e Chapecó, foi entregue em março de 1998 e elaborado a partir de um estudo antropológico solicitado pela FUNAI-ADR de Chapecó, onde foi identificada a reivindicação das famílias da aldeia Kondá (residentes no Bairro Palmital na época) por uma terra para onde pudessem morar e viver de acordo com os seus costumes.

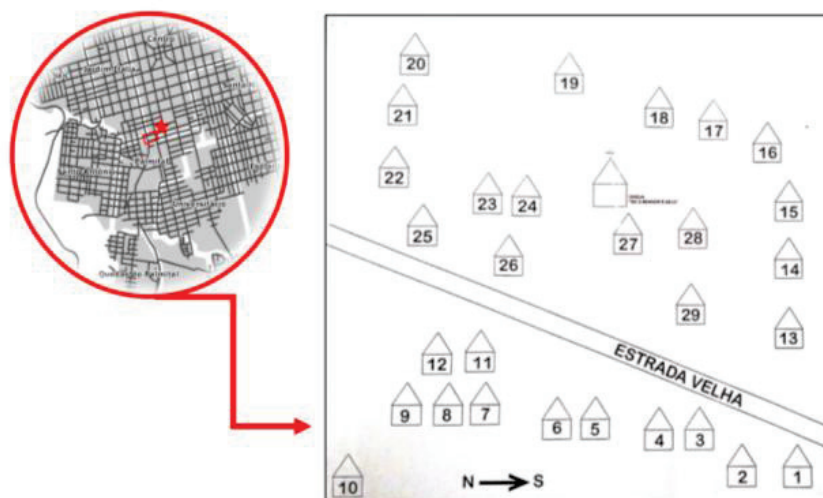
Figura 26 mostram a localização das áreas de concentração das famílias Kaingang na cidade de Chapecó no ano de 1998, bem como o detalhamento da aldeia Kondá no bairro Palmital, Figura 27.

Figura 26 - Mapa dos Bairros de Chapecó



Fonte: Editado de Secretaria de planejamento urbano da Prefeitura de Chapecó.

Figura 27 - Disposição das residências da Aldeia Kondá (Centro da cidade)



Fonte: Relatório de Identificação das famílias Kaingang residentes na cidade de Chapecó, 1998.

Abaixo, segue na Figura 28, a organização de algumas fotos da Aldeia Kondá, Bairro Palmital, revelando alguns aspectos da moradia e da produção do artesanato, principal meio de subsistência da comunidade na época.

Figura 28 - Fotos da Aldeia Kondá no Bairro Palmital.



Fonte: Relatório das Famílias Kaingang na cidade de Chapecó, 1998.

De acordo com o Relatório II: Eleição da Área para os Kaingang da Aldeia Kondá<sup>36</sup> (1999), os Kaingang descreviam a cidade de Chapecó, como seu habitat, sua terra tradicional, onde caçavam, coletavam e tinham seus pinheiros, também onde enterravam seu mortos. O centro da terra de seus avós, conforme relatos de pessoas mais velhas, coincide com o centro da cidade.

Isso revela porquê de os Kaingang da Aldeia Kondá insistirem em que a cidade de Chapecó é a sua terra tradicional. O desenho em bico de pena de Chiarello (Figura 29), reproduzido na capa do Relatório I, mostra

---

<sup>36</sup> O Relatório II: Eleição de área para os Kaingang da aldeia Kondá, foi realizado em 1999, com o objetivo de avaliar possíveis áreas que poderiam ser destinadas à aldeia Kondá e eleger uma dentre estas com a participação da comunidade indígena envolvida.



em primeiro plano a figura de um casal de índios no Lageado Passo dos Índios, e o pinheiral ao fundo confirmando que o centro da cidade de Chapecó em 1922, era a terra dos avós.

Figura 29 - Capa do Relatório I de identificação das Famílias Kaingang de Chapecó



Fonte: Relatório das Famílias Kaingang na cidade de Chapecó, 1998.

Na Figura 30, observa-se o centro da cidade, Território original Kaingang e na ampliação, o rio Passo dos índios, hoje em parte canalizado por baixo da Rua Benjamin Constant, calçadão da cidade, Figura 31.

Figura 30: Mapa da cidade de Chapecó



Observação: Rios (em azul) e canalizados (em laranja)

Fonte: Adaptado de Secretaria de planejamento urbano da Prefeitura de Chapecó.

Figura 31 - Rua Benjamin Constant



Fonte: Google Maps, 2016

Como os pinheirais desapareceram, devido ao processo de instalação de serrarias de propriedade das empresas colonizadoras, tornou-se impossível definir os limites exatos das terras ocupadas pelos Kaingang, mas a convicção dos indígenas sobre suas origens e relatos de não índios, atestam a existência dos Kaingang no território chapecoense.

O não reconhecimento do território indígena pela sociedade chapecoense acirrou as lutas pela conquista da terra. Esse processo de

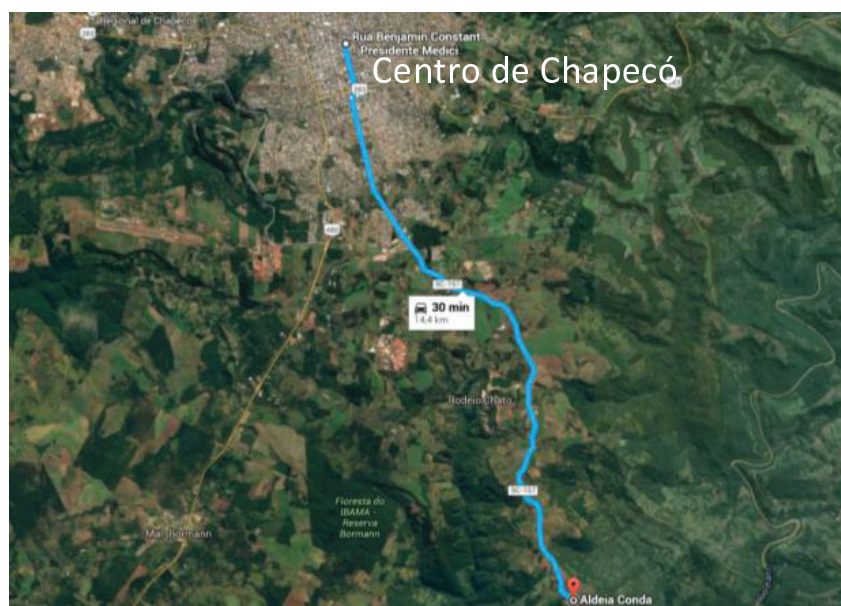
resistência, segundo antigos moradores da aldeia Kondá, aproximou os índios, intensificou o uso da língua Kaingang e as ações de luta, contribuíram para a afirmação da identidade cultural da aldeia.

### 5.3. A CONQUISTA DA TERRA

Em 1998, conforme descrito do Relatório II (TOMMASINO,1999) o processo de Eleição da área para os índios Kaingang da aldeia Kondá foi iniciado a partir da pesquisa etno-histórica a fim de demonstrar a identidade étnica e cultural dos Kaingang da Aldeia Kondá. A pesquisa foi realizada por uma comissão formada por antropólogos, cientistas sociais, representantes do CIMI (Conselho indigenista Missionário) e colaboração da FUNAI (Fundação nacional do Índio) e dos moradores da Aldeia Kondá.

Os pré-requisitos que a área destinada aos Kaingang deveria conter foram relacionados e a partir daí, foram feitas análises das possíveis áreas escolhidas no que diz respeito ao solo, à água, flora, fauna, agricultores residentes nas proximidades etc. Assim a área da atual Aldeia Kondá, conforme Figura 32 e Figura 33 abaixo, foi definida. Os Kaingang da Aldeia Kondá, de acordo com o mesmo relatório, afirmaram que aquela área, daquele tamanho (2.300, 2318 ha), era aceitável pela comunidade da aldeia para garantir sua continuidade.

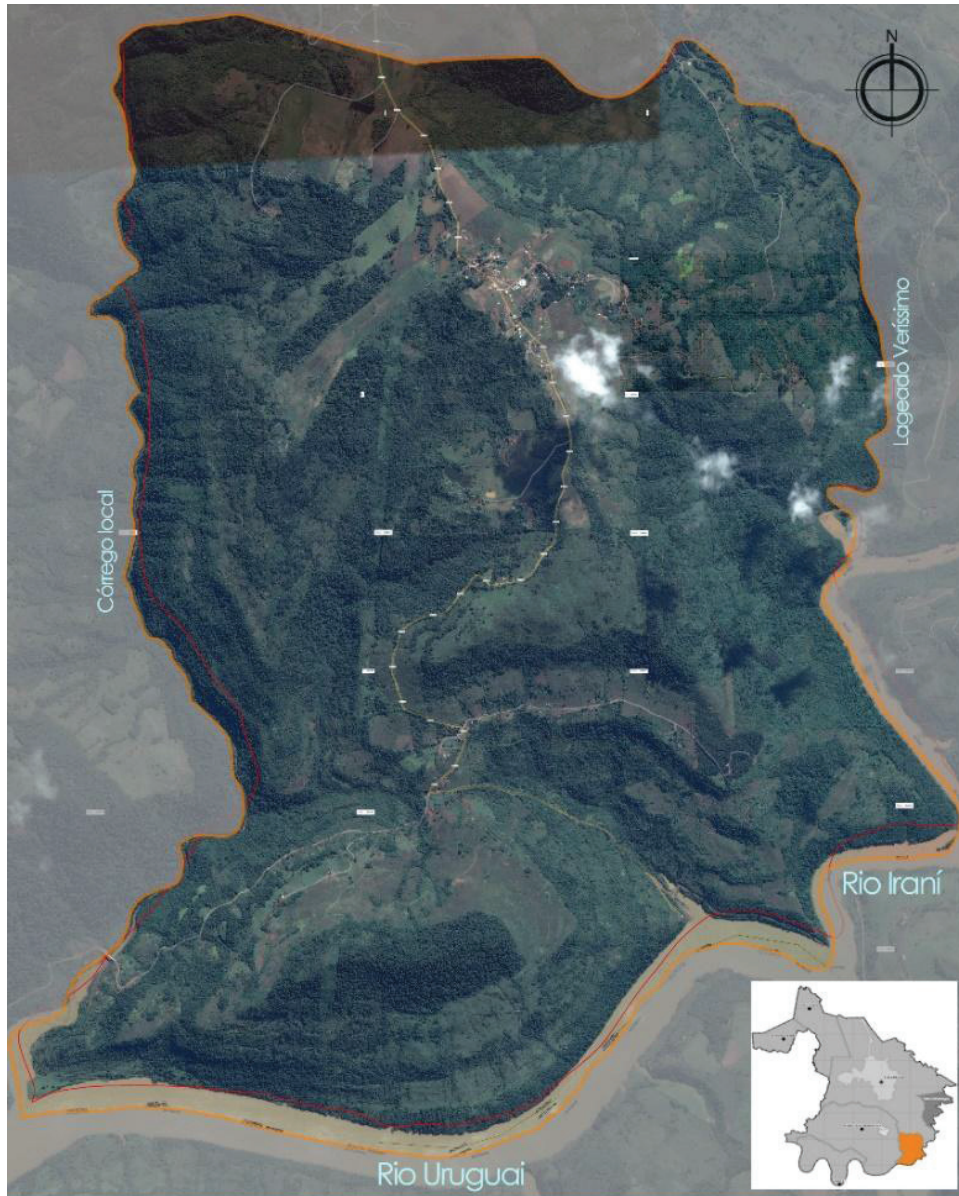
Figura 32 - Localização da área destinada à aldeia Kondá atualmente em relação ao centro de Chapecó:



Fonte: Google Earth com edição do autor



Figura 33: Demarcação da área destinada à Aldeia Kondá atualmente.



Fonte: Editado de Google Earth, 2015

A apresentação da Aldeia Kondá baseada em sua trajetória histórica possibilita a interpretação dos dados obtidos na pesquisa de campo de forma mais ampla considerando a influência da saída de seu território tradicional, o processo de luta pela terra e a adaptação à esse novo espaço no seu modo de viver.

AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ



## 6. RESULTADOS DA PESQUISA

Pesquisador. Fonte: <http://www.viennale.at/en/films/etn-grafo>

Nesse capítulo serão apresentados os resultados dos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa de campo conforme descrito no capítulo quatro. Para cada método há uma descrição dos resultados obtidos e análise preliminar dos dados.

### 6.1. VISITAS EXPLORATÓRIAS

As três visitas exploratórias realizadas possibilitaram a constatação das características espaciais e sociais descritas abaixo, além de elucidar sobre o planejamento das próximas etapas da pesquisa, especialmente ligado à elaboração das perguntas a serem utilizadas nas entrevistas.

#### 6.1.1. Aspectos Espaciais

Sobre a configuração espacial da aldeia, observa-se o seguinte:

a) **Tipologia das residências:** Foram observadas basicamente três tipologias predominantes de construção, casas de alvenaria, possivelmente construídas pelo governo como mostra a Figura 34, casas de alvenaria herdadas dos colonos que ocupavam a área antes da aldeia ser transferida e adaptadas ao uso atual (Figura 35) e casas de madeira, construídas pelos próprios indígenas.

Figura 34 - Casa de Alvenaria do governo



Fonte: Acervo próprio  
Figura 35 - Casas herdadas



Fonte: Acervo próprio  
Figura 36 - Casas de madeira



AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ



Fonte: Acervo próprio

Em todas as estruturas havia um espaço com fogo de chão, ou anexo à residência, ou a poucos metros de distância como pode ser observado na

Figura 37.

Figura 37 - Fogo de chão



Fonte: Acervo próprio

b) **Relação das residências com a rua:** Não existe uma relação direta entre a porta principal da casa e a via aberta para passagem de veículos como normalmente é observado nas cidades. São observados grupos de em média três residências com passagens abertas informalmente para pedestres.



c) **Traçado:** Além das vias para veículos abertas pela prefeitura e sem muita manutenção, existem dezenas de caminhos alternativos, abertos ou na vegetação rasteira (Figura 38) ou na mata, que permitem a ligação direta entre residências e entre os agrupamentos de residências, possibilitando um caminho mais curto entre elas.

d) **Espaços públicos X Espaços privados:** Nenhuma cerca ou delimitação de lote foi observada. Os caminhos alternativos passam muito próximos das residências de forma que é possível a visualização do interior da casa. Os espaços públicos, como os campos de futebol, o posto de saúde e a escola também não tem nenhuma delimitação ou restrição de acesso.

A área de início da aldeia apesar de não ter nenhuma barreira artificial, é demarcada pela presença de três pinheiros e torna-se notável a diferença da organização do espaço, dentro e fora da aldeia.

e) **Influência não indígena:** Em algumas residências, observou-se a construção de uma garagem, visivelmente adaptada posteriormente a construção da casa. Dois campos de futebol de terra foram localizados na aldeia, uma pequena mercearia, três igrejas evangélicas e a presença dos rádios e televisores nas residências. Outro fator que pode ser atribuído à influência não indígena é a grande quantidade de lixo, especialmente plástico e embalagens metálicas no entorno das residências. Essa situação deve-se ao consumo de produtos industrializados, e a ausência de coleta de lixo regular nas aldeias.

Figura 38 - Caminhos alternativos



Fonte: Acervo próprio

### 6.1.2. Aspectos sociais

Os aspectos sociais dizem respeito ao modo de viver, às relações interpessoais e as ações cotidianas observadas na comunidade e descritas conforme os itens a seguir:

**a) Papel social de mulheres e idosos:** Em todos os momentos da pesquisa idosos e mulheres participaram de forma ativa. Suas opiniões foram expressadas livremente e respeitadas pelos homens da comunidade, inclusive um dos anciãos é considerado o “braço direito” do Cacique e a vice Cacique é mulher.

**b) Comportamento das crianças:** As crianças indígenas não se aproximaram em nenhum momento. Observam de longe, algumas olhavam diretamente, em alguns momentos esboçavam sorrisos, mas não estabeleceram nenhum contato verbal.

**c) Artesanato:** Através de conversas e da observação, constatou-se que a fabricação de artesanato, especialmente cestarias, configura a principal fonte de renda da comunidade e abrange além da questão financeira, um aspecto de diferenciação cultural.

“Nas cestas estão nossas metades e nosso jeito de viver” afirmou um dos idosos que acompanhava o passeio pela aldeia.

**d) A preocupação com a visão do estrangeiro<sup>37</sup>:** Em muitos momentos foi levantada a questão do desrespeito da sociedade envolvente em relação a comunidade indígena e a vontade de reconquistar um espaço digno na sociedade. “Eles olham a gente de cima pra baixo, e isso tá errado. Aquela terra toda era nossa casa!” Afirmaram a respeito da forma como são tratados quando vão até o centro da cidade para fazer a venda de artesanato.

Ainda sobre essa relação, uma das lideranças políticas da comunidade ressaltou: “Só por que a gente não vive só em função do dinheiro, eles acham que a gente não trabalha, que somos vadios, e não é assim. A gente faz pro dia, não pra acumular”. Referia-se ao modo de viver Kaingang, que não objetiva o acúmulo de alimento, bens ou riquezas, mas produz o que é necessário para a subsistência em um curto período de

---

<sup>37</sup> Entende-se por estrangeiro todo não-indígena, representado pela sociedade Chapecoense envolvente.

tempo. Acredita-se que em função dessa filosofia de vida, não foram observados locais de armazenamento nas residências, nem de roupas e objetos e nem de alimentação.

**e) A preocupação com os valores tradicionais:** Foi abordada pelas lideranças e especialmente pelas pessoas de mais idade a preocupação com a perda dos valores tradicionais Kaingang. Em função das crianças e adolescentes terem contato com a cultura não indígena, especialmente pelo uso de celulares e por meio da programação da televisão, muitos aspectos culturais perderam força e cabe aos mais velhos, contar as histórias do passado e ensinar práticas culturais. “Mas não é fácil, os mais novos não se interessam mais pela cultura. Eles querem ficar no celular e não no meio do mato”, colocou um dos anciãos da comunidade quando falava sobre a importância de se respeitar a cultura, as metades tribais, a forma de caçar e o respeito com a natureza.

A Figura 39 abaixo relaciona os aspectos mais relevantes observados nas visitas exploratórias. As informações foram hierarquizadas não por sua ordem de importância, pois esse é um dado subjetivo com grandes possibilidades de equívoco caso essa ordenação fosse feita. Mas o tamanho das fontes está ligado com a quantidade de vezes que a informação apareceu durante a aplicação de cada técnica de pesquisa.

Figura 39: Síntese das visitas exploratórias



Fonte: Elaborado pela autora

Conforme ilustrado, a demonstração da cultura Kaingang e da forma como a comunidade se relaciona com o espaço está vinculada primeiramente ao artesanato de subsistência, à presença do fogo de chão e

a noção de coletividade. No artesanato são afirmadas as metades tribais, a manutenção de uma tradição bem como o respeito pela natureza, provedora da matéria-prima para sua realização.

O fogo de chão, também está ligado à tradição Kaingang, sugere a presença das varandas nas casas independente dos materiais utilizados em sua construção. Revela também a fabricação dos artesanatos enquanto prática coletiva da comunidade. Por fim a sobreposição da percepção do coletivo em detrimento do individual se observa nos caminhos alternativos, nas próprias varandas e na ausência da demarcação de lotes ou de cercas em torno das residências.

## **6.2. GRUPOS FOCAIS**

Os resultados obtidos com os grupos focais são apresentados mantendo a divisão dos grupos e perguntas realizadas e desconsiderando a divisão das informações pelos encontros nos quais foram obtidas. Algumas citações de relatos dos participantes foram colocadas após a interpretação dos dados para demonstrar de que forma as informações foram apresentadas<sup>38</sup>. Para distinguir os autores das citações são colocadas letras maiúsculas de identificação, pois além do nome completo não ser relevante para a interpretação dos dados, essa estratégia garante a preservação da identidade dos participantes.

### **6.2.1. Grupo 01: Lideranças, anciãos e professores**

Os encontros foram realizados nos dias 10 de maio e 05 de setembro de 2016, na sala dos professores da Escola Indígena de Educação Fundamental *Sãpe ty kó*<sup>39</sup>, na Aldeia Kondá, duraram em média 70 minutos e contaram com a participação de 12 pessoas, entre eles, o Cacique, a vice Cacique, dois idosos, três lideranças políticas da comunidade e cinco professores. Depois de uma breve introdução sobre a pesquisa e seus

---

<sup>38</sup> Alguns pequenos ajustes de linguagem foram feitos na transição dos relatos para facilitar a interpretação e compreensão das frases.

<sup>39</sup> *Sãpe ty kó* significa chapéu de cipó na língua Kaingang de acordo com os participantes da pesquisa.

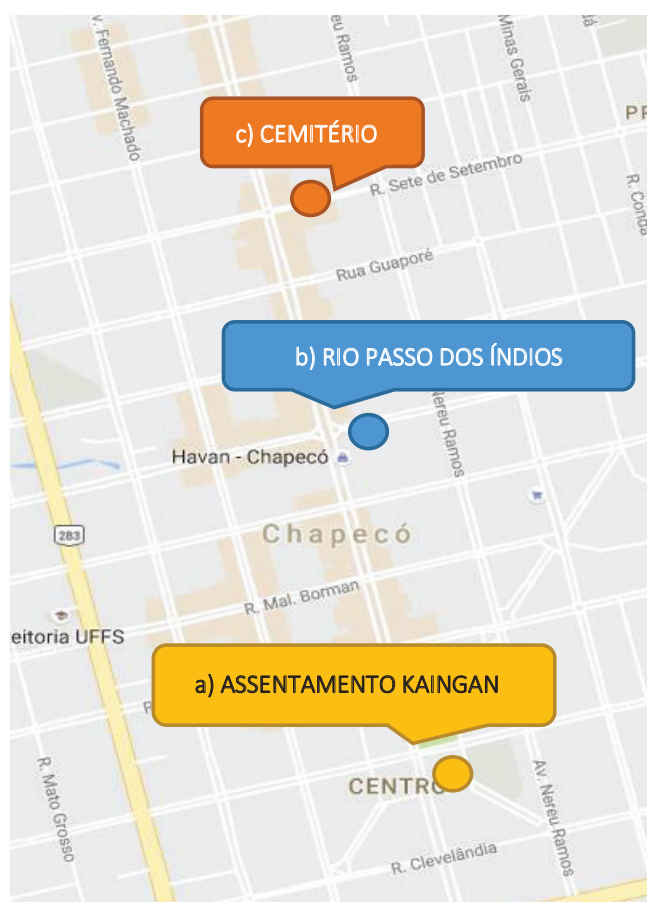
objetivos, as perguntas de discussão foram introduzidas conforme a ordem que segue:

**a) Como era a aldeia antigamente? As ruas, as casas, a escola, as igrejas, etc.**

A intenção da pergunta foi compreender como se davam as relações sociais e o uso do espaço da aldeia quando o contato com as sociedades não indígenas era menos intenso. Foi sugerido conversar sobre o período em que a aldeia se localizava onde hoje é o centro da cidade de Chapecó, contemplando assim o processo de urbanização da cidade e a invasão do território indígena. Nesse sentido, as pessoas com mais idade se manifestaram primeiro e posteriormente os demais foram levantando questões relatadas por seus pais e avós.

O participante A destacou: *“Toda aquela parte onde tem a Igreja Matriz hoje era nossa, a gente ficava até lá em baixo no Passo dos índios, [...] onde hoje é o Lang, era nosso primeiro cemitério”*. Para compreensão da proximidade entre os locais descritos, foi desenvolvida Figura 40 ao lado. Na região “a” do mapa localizam-se a Praça Central, a Igreja Matriz, e a prefeitura da cidade, seguindo pela avenida central em direção ao ponto “b”, se observa uma região de intenso comércio. Nesse ponto, existe um calçadão, também uma área predominantemente comercial e o Rio passo dos índios foi canalizado. Assim não fica visível para a população que em parte, não sabe de sua existência. Um rio que antes da cidade era fonte

Figura 40: Esquema de ocupação Kaingang no Centro de Chapecó



Fonte: Adaptado de GoogleMaps

de alimento, hoje fica escondido pelo calçadão. A mesma avenida comercial leva ao ponto “c” onde se localiza um grande Hotel da cidade que leva o sobrenome de uma família tradicional chapecoense de origem alemã e de acordo com os participantes da pesquisa, primeiro cemitério da comunidade Kaingang.

O mesmo colaborador ressalta que *“Antigamente a comunidade era mais unida, ficava tudo mais junto”*, relatando que as residências se localizavam mais próximas umas das outras, as áreas de cultivo e coleta eram mais distantes do centro da comunidade fazendo com que houvesse uma organização coletiva nos momentos de deslocamento para o trabalho. No mesmo sentido, quando as pessoas estavam nas habitações, estavam próximas de suas famílias, se alimentavam em comunidade. Esse era também o momento apropriado para os mais velhos contarem histórias em volta do fogo de chão, de ensinar aos mais novos as técnicas de artesanato e fazer com que valores fundamentais da cultura fossem compartilhados.

Sobre as casas, relataram que eram feitas com taquara nas paredes, capim nas coberturas e o chão era de terra batida. No inverno, ocupavam regiões onde o próprio relevo protegia dos ventos frios e no verão, essa estrutura das casas era escolhida por serem arejadas e frescas.

De acordo com os relatos, foi na época que começaram a chegar famílias de descendência alemã e italiana para ocupar o território que começaram a surgir as igrejas católicas. Os jesuítas construíram aos poucos uma boa relação com os indígenas, baseados na crença em um mesmo Deus, conquistaram a confiança da comunidade.

Uma história muito polêmica foi relatada por um dos idosos. Ele conta que as índias, encontravam pequenas pedras de ouro, *“achavam aquilo bonito e resolviam guardar no cesto, que carregavam na cabeça, nem pensavam que depois os padres iam roubar”* (Colaborador C), segundo ele, com o tempo, o cesto ficava muito pesado e elas colocavam as pedrinhas em um cestinho menor e enterravam. Como estabeleceram uma relação de confiança, os padres jesuítas sabiam o local onde o ouro havia sido enterrado e quando conseguiam, roubavam esse ouro, que foi acumulado e possibilitou anos depois a construção da Catedral de Chapecó.

Contam também que as cestas que as índias faziam serviam apenas para guardar os poucos objetos que tinham e não eram tradicionalmente comercializados. Com a chegada dos colonos, os cestos

começaram a ser comercializados e o artesanato passou a ser moeda de troca para a nova ordem social e financeira que se estabelecia.

*“Os colonos achavam os cestos bonitos e bom pra guardar as coisas, daí pediam pra gente vender. As vezes davam dinheiro, as vezes a gente trocava por umas roupas ou alguma coisa, uma ferramenta [...] eles gostavam de levar pra casa os cestos, pras mulheres deles colocar a roupa ou guardar a comida.” (Colaborador A).*

Sobre a cidade, relatam a existência de poucas ruas de terra que cortavam as matas de araucária. Os indígenas atribuem a essas primeiras ruas, que resultaram em outras e depois na cidade, o desaparecimento de muitos animais que eles caçavam para se alimentar. Também em função desse processo, as araucárias foram cortadas para a venda da madeira, resultando na redução expressiva do pinhão, fundamental na dieta alimentar.

*“Com essas ruas, os bichinhos se sumiam de perto da gente, tinham medo do barulho dos caminhões que vinham buscar a madeira. No começo a gente não achou que eles iam tirar muito, mas depois a gente viu o mato se acabar, se consumir e hoje, olha, não tem mais nada quase. Ainda aqui na Kondá tem um pouco, mas na cidade, acabou com tudo.” (Colaborador C).*

#### **b) Quais eram os papéis de homens, mulheres e lideranças da comunidade?**

Os mais velhos desempenhavam papéis simbólicos fundamentais para a comunidade. Era o caso do *Kujá*, responsável por achar os remédios do mato, batizar as crianças e harmonizar as relações entre o mundo humano e o mundo dos espíritos. Além desse cargo, eram responsáveis por ensinar as crianças o modo de viver, a língua e a cultura. Em função das experiências vividas, aconselhavam os mais jovens e detinham status de muito respeito, conforme relata um dos participantes:

*“Antigamente a gente tinha os Kujá, eram velhos que sabiam como conversar com a natureza e com os*

*espíritos. Eles preparavam os remédios, conheciam as plantas e só de olhar sabiam pra que serviam, faziam as rezas que ajudavam a proteger a aldeia das coisas ruins. Todo mundo respeitava muito os velhos, por que eles tinham vivido mais e sabiam das coisas.”*

As mulheres mais velhas cuidavam das mais jovens e preparavam todo o ritual dos partos conforme descrito nos trechos dos relatos a seguir:

*“Na hora de ganhar os bebês, era bem diferente. Não tinha esse costume de ir no hospital, era tudo em casa, as velhas sabiam como tinha que fazer, pegavam as ervas no mato, pediam os panos e a água e as crianças vinham com saúde, em casa mesmo.” (Colaboradora D).*

As demais mulheres cuidavam das crianças, faziam o artesanato, a manutenção limpeza da casa e colhiam alimentos próximos das residências. Os homens eram responsáveis por trazer o alimento, caça e coleta, além de serem responsáveis pela interface entre o mundo indígena e os colonos da região.

Foi ressaltado que por mais que existisse uma divisão de tarefas, não havia uma hierarquia entre homens e mulheres. Todos participavam igualmente das decisões da comunidade.

### **c) Hoje esses papéis mudaram?**

Os colaboradores foram unânimes em dizer que o respeito aos mais velhos permanece na comunidade, mas hoje, todos fazem o artesanato juntos. Com o fim da caça e a inexperiência da comunidade no cultivo da terra em função da construção histórica da Aldeia Kondá, a principal fonte de recursos financeiros vem do artesanato, que passou a ser função de homens, mulheres, crianças e idosos. As mulheres continuam participando das decisões da comunidade, mas os cargos de liderança são majoritariamente desempenhados por homens.

### **d) Quais as principais características da Cultura Kaingang no passado?**

Um dos participantes ressaltou: *“Os índios só falavam o Kaingang e casavam dentro dos costumes”*. O Povo Kaingang é dividido em metades conforme já descrito, cada indivíduo só poderia casar com um membro da metade oposta à sua e membros da mesma metade são considerados irmãos de sangue.



Outro ponto relatado foi a possibilidade de mudar de comunidade conforme a vontade dos indígenas. *“Se a gente ia visitar um parente e gostava do lugar, a gente ficava lá morando um tempo, depois se queria, podia voltar”* (Colaborador A), o que caracteriza o desapego pela propriedade, a facilidade de mobilidade, ligado ao não acúmulo de objetos e a consideração de um espaço muito mais vasto do território como tradicional do Povo Kaingang de terra.

**e) O que se mantém até hoje e o que se perdeu?**

Como relata um dos colaboradores da pesquisa, *“Aqui na comunidade ainda se fala a língua, os casamentos respeitam as metades e fazemos o nosso artesanato”*. Os Kaingang da aldeia Kondá se consideram a comunidade que mais valoriza e respeita as tradições. Por mais que tenham contato próximo com a sociedade chapecoense, preservam a língua e a forma de fazer as cestarias. Alguns jovens têm mais dificuldades de manter os costumes quando passam a estudar fora da Aldeia, mas é papel dos pais e familiares conversar e explicar o quanto isso é importante.

Na opinião da maioria dos colaboradores, os mais jovens têm vergonha de ser indígenas e por isso passam a falar menos a língua e negar o modo de viver Kaingang, mas essa realidade está mudando em função do trabalho das lideranças e dos professores da escola indígena.

*“Antigamente os velhos eram mais ouvidos, hoje parece que os adolescentes tem vergonha de ser índio, acham que sabem tudo por causa das coisas que veem na TV”* (Colaborador C), em seguida outro participante discorda:

*“Mas por causa das professoras, que falam sobre isso na escola, isso ta melhorando... Alguns já querem ouvir as histórias de antigamente. E eles gostam de ouvir, querem saber do passado. Acho que isso ajuda eles a não terem vergonha de ser índio, acham bonito como era antes.”* (Colaborador B).

**f) Quais as principais influências da sociedade não indígena?**

Os principais pontos levantados estão ligados ao consumo de bens materiais, as mudanças na alimentação e a redução do uso da língua Kaingang. Por outro lado, colocam que a comunidade não quer mudar o seu jeito de viver em muitos aspectos como, por exemplo, a não demarcação dos lotes, o plantio de alguns alimentos de forma colaborativa e a preservação das matas. Apontam que hoje, os mais jovens estão começando a ver mais valor na cultura indígena e por isso, aos poucos estão conseguindo fazer com que esses valores se perpetuem.

*“A gente tem um sonho de ver a comunidade mais unida, fazendo artesanato junto, plantando junto. Não precisa ser tudo, mas se cada um planta um pouquinho, daí troca com o vizinho por outra coisa, a gente não precisava depender da cidade pra comer, a gente mesmo podia produzir aqui na aldeia, sem veneno. E ainda se sobrasse um pouco, dava pra vender no centro, mas a gente precisa de ajuda, precisa pegar mais junto.” (Colaboradora D).*

### **6.2.2. Grupo 02: Mulheres indígenas**

Os encontros foram realizados nos dias 10 de maio e 05 de setembro de 2016, na sala dos professores da Escola Indígena de Educação Fundamental Sãpe ty kó, na Aldeia Kondá, duraram em média 60 minutos e contaram com a participação de 10 mulheres entre 20 e 40 anos. Depois de uma breve introdução sobre a pesquisa e seus objetivos, as perguntas de discussão foram introduzidas. Percebeu-se uma diferença relevante entre o modo de se expressar das lideranças, especialmente dos homens, e das mulheres. As mulheres demoraram mais tempo para sentirem-se a vontade e de maneira geral, davam respostas curtas e objetivas. Dessa forma a quantidade de informações extraídas foi consideravelmente menor do que as do grupo anterior.

**a) Como era a aldeia antigamente? As ruas, as casas, a escola, as igrejas, etc.**

*“As casas eram mais simples de taquara e folhas, não tinha TV, nem carros, mas era melhor, era mais sofrido, por que era tudo a pé, mas era melhor...”* Relatou uma das colaboradoras da pesquisa.

Ao sistematizar os relatos dos temas sugeridos, percebe-se que, sobre as moradias, é relevante a diferença entre os materiais de construção empregados e o conforto proporcionado pela matéria-prima natural, vinda da mata. As moradias antigas, sempre com fogo de chão no interior da residência, possibilitavam a feitura das comidas típicas e dos remédios caseiros, que segundo as participantes mais antigas, traziam mais saúde e força pra comunidade.

As ruas de terra vermelha e as vezes cheias de buracos, *“davam sujeira”*, isto é, dificultavam a manutenção da limpeza das casas, no entanto, colocam que nenhuma criança era atropelada, que *“...não se ouvia falar de índio sendo morto em acidentes, como hoje.”* (Colaboradora F)

Havia apenas igreja católica, nesse sentido, as opiniões se dividem, pois parte das participantes julga que era melhor, pelo fato da comunidade permanecer mais unida, outro grupo coloca a presença das igrejas evangélicas como muito positiva, especialmente pelo fato de reduzirem os índices de alcoolismo na aldeia.

For fim, quando conversado sobre educação, as opiniões também se dividem, parte das mulheres considera muito positiva a educação convencional, organizada pela escola e pelos professores indígenas, pois garante mais oportunidades para os jovens no mercado de trabalho e se constitui como uma forma de resistência indígena perante a sociedade envolvente. Por outro lado, algumas senhoras com mais idade, colocam a importâncias das avós ensinarem os netos. *“Com a escola, alguns não ouvem os mais velhos, acham que só o que os professores falam é verdade, e não é assim.... Eles não passaram o que a gente passou.”* Nesse sentido, fica clara a importância dos conhecimentos tradicionais e o anseio por sua perpetuação. Outro receio que ficou evidente, foi o de que conhecendo o mundo não indígena, os jovens não queiram permanecer na aldeia, afastando assim as famílias e trazendo tristeza à comunidade.

**b) Quais eram os papéis de homens, mulheres e lideranças da comunidade?**

*“Antigamente era tudo mais dividido, os homens iam atrás da caça e a gente cuidava da casa, das crianças, da comida [...] agora tá tudo misturado, (risos), acho que eles nem sabem mais pegar um bicho...”* (Colaboradora F).

O relato esclarece que as mulheres mais idosas da comunidade sentem falta dessa divisão de tarefas, que organizada as atividades e não representava uma hierarquia. O papel do cacique também era visto com mais respeito antigamente. Algumas afirmam que dependendo de quem assume, nem faz diferença para comunidade ter ou não esse posto.

**c) Hoje esses papéis mudaram?**

As atividades realizadas por homens e mulheres da comunidade hoje são muito semelhantes.

*“Hoje não tem mais muito bicho pra caçar, daí os homens ficam também em casa, fazem os artesanatos, e as vezes vão na cidade vender, mas a gente também vai, então, é tudo igual. Só as coisas de casa que eles não fazem.” (Colaboradora E)*

Ambos são igualmente responsáveis pela fabricação do artesanato e as atividades de cuidar da casa, da comida e das crianças, permanece sob a responsabilidade das mulheres.

**d) Quais as principais características da Cultura Kaingang no passado?**

Apenas três pontos foram rapidamente citados: o respeito às metades, os remédios do mato e o Ritual do Kiki.

*“Antigamente a comunidade respeitava mais as metades, os Kamé e Kairu, a gente sabia melhor quem era de qual marca [...] era sempre feito o Kiki pra rezar pelos espíritos dos mortos e os mais velhos pegavam mais as curas e os remédios do mato [...] o que mais sei da cultura é isso, ah, e os artesanatos também que é dos Kaingang.” (Colaboradora F).*

**e) O que se mantém até hoje e o que se perdeu?**

A principal característica levantada foi o uso da língua Kaingang pela comunidade e os nomes, que todos tem o nome “brasileiro” e o nome indígena, que é dado pela própria família no momento do batismo.

*“Todo mundo na aldeia tem o nome brasileiro e o nome indígena. Todos tem seu nome Kaingang.” (Colaboradora E).*

As senhoras contam que a cultura estava começando se perder aos poucos, mas hoje, em função dos estudos feitos na comunidade e das iniciativas de resgate cultural, muitas coisas estão voltando. *“O problema é*

*que só lembram da cultura na semana no índio, e não pode ser assim!”  
(Colaboradora E).*

**f) Quais as principais influências da sociedade não indígena?**

A própria comemoração de datas específicas, como o dia do índio, ou da independência, páscoa, natal, etc., é uma influência da comunidade não indígena. O incentivo ao consumo e o acúmulo de bens materiais, os partos estarem se realizando no hospital e não nas casas, o consumo de bebidas alcoólicas, os remédios de farmácia foram as questões mais levantadas.

**6.2.3. Grupo 03: Crianças**

O passeio com as crianças foi realizado dia 10 de maio de 2016. O ponto de encontro foi a escola da Aldeia Kondá, e as crianças foram convidadas a me mostrar a aldeia apontando para os lugares que consideram mais importantes para a cultura. Participaram no passeio 05 crianças entre 10 e 13 anos de idade. Depois de uma breve introdução sobre a pesquisa e seus objetivos, as perguntas de discussão foram introduzidas conforme a ordem que segue:

O primeiro lugar para o qual as crianças se dirigiram foi o Rio Uruguai (Figura 41-a). Esse rio faz divisa dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul e é também o limite da aldeia. O segundo lugar, foi a Mata (Figura 41-b) onde todos os rituais se realizam: os batizados, as festas, as rezas e demais cerimônias. Posteriormente me levaram até a escola (Figura 41-c) e, por fim, aos dois campos de futebol (Figura 41-d) da aldeia e ao posto de saúde (Figura 41-e).

Figura 41 - Passeio com as crianças



Fonte: Acervo próprio

Com base na experiência do passeio, e das visitas exploratórias foi elaborado um mapa da aldeia (Figura 42) considerando os lugares fundamentais para as crianças e adultos cultivarem a cultura Kaingang na aldeia atual. O mapa apresenta os dois rios principais que delimitam a aldeia, Rio Uruguai ao sul (parte inferior do mapa) e Rio Irani no lado leste (direita do mapa) além da demarcação das terras indígenas atualmente.

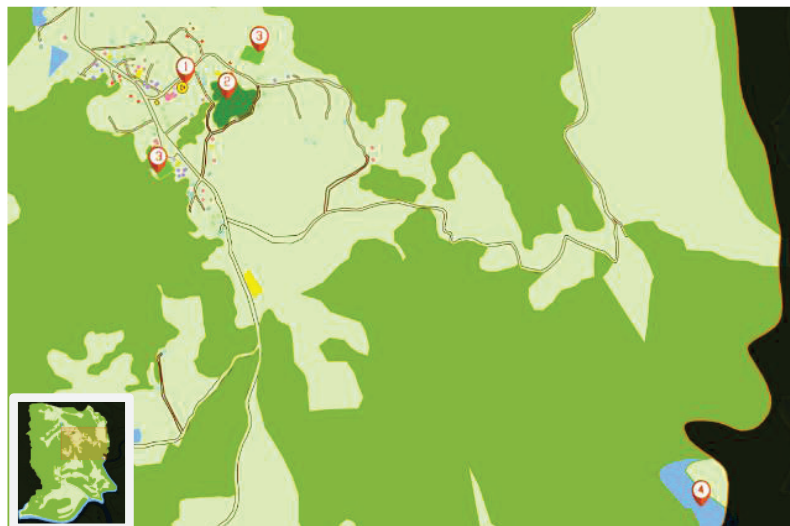
Figura 42 - Mapa da aldeia



Fonte: Elaborado pela autora

Na ampliação apresentada na Figura 43, seguem os locais simbólicos na seguinte sequência: 1) Escola; 2) Mata; 3) Campos de futebol e 4) Rios.

Figura 43 – Mapa da aldeia – ampliação



Fonte: Elaborado pela autora



Os principais aspectos levantados pelos grupos focais estão sintetizados na Figura 44 abaixo:

Figura 44: Síntese dos grupos focais



Fonte: Elaborado pela autora

Percebe-se que os processos de luta e resistência são importantes para os colaboradores. O destaque da importância dos Rios e da água como fonte de alimentos levantado pelos mais velhos se confirma na visita com as crianças mesmo que a referência seja mais ligada ao lazer. Outro aspecto relatado é a presença do fogo de chão, como um recurso tanto de aquecimento das residências e de cozimento dos alimentos quanto como local simbólico onde as famílias se reúnem, contam histórias e compartilham a cultura.

A forma das aldeias, das ruas e das casas antes da cidade é marcada pela simplicidade, pela possibilidade de deslocamento proporcionada pelo caráter efêmero das moradias, os papéis sociais revelam a igualdade entre os indígenas, apresentando hierarquia apenas os cargos de liderança, escolhidos pela comunidade.

Sobre as diferenças culturais ao longo do tempo, o desaparecimento das matas de araucária, a exploração por parte dos não-indígenas e o incentivo ao consumo, são fatores relatados pela comunidade que influenciam no enfraquecimento de algumas tradições como por exemplo a não realização do Ritual do Kiki. No entanto, as ações ligadas à educação diferenciada, as histórias que continuam sendo contadas e a



língua Kaingang, são características culturais fortes que caracterizam o Povo Kaingang.

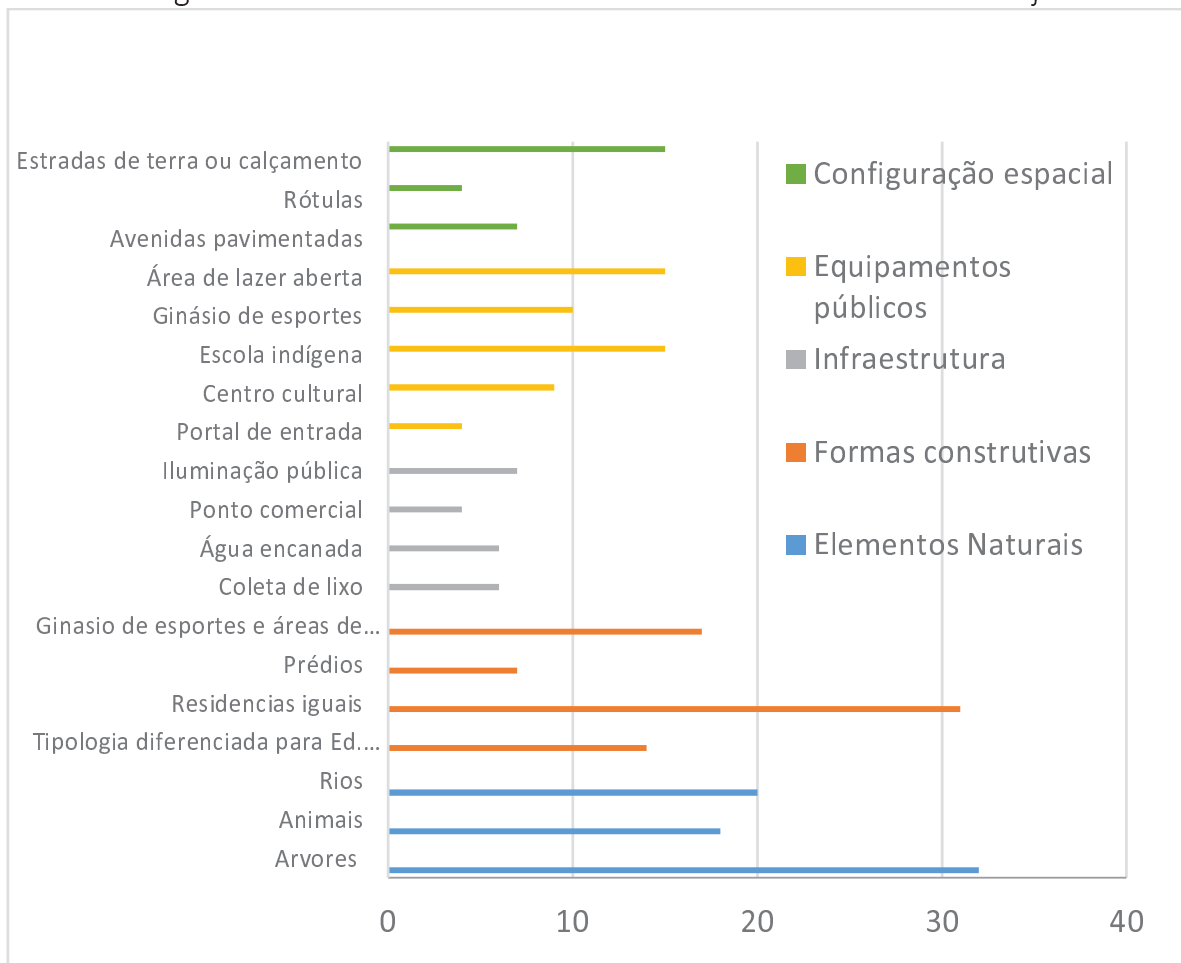
### **6.3. POEMA DOS DESEJOS**

O Poema dos Desejos foi utilizado com o principal objetivo de compreender como seria a aldeia idealizada pela comunidade indígena. Na primeira aplicação, participaram 22 crianças que expressaram sua idealização por meio de desenhos e palavras.

A fim de aprofundar o entendimento sobre a aldeia dos sonhos, em 5 de setembro de 2016, mais 52 pessoas da comunidade participaram dessa dinâmica. Foram 04 adultos e 48 crianças.

Para sintetizar os resultados, foi elaborado o gráfico, Figura 45, abaixo que apresenta os elementos que mais apareceram nos desenhos e relatos, categorizados em elementos naturais, formas construtivas, infraestrutura, equipamentos públicos e configuração espacial.

Figura 45 – Gráfico dos dados obtidos com o Poema dos desejos



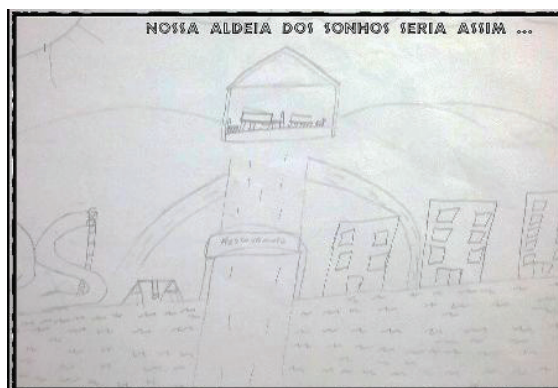
Fonte: Elaborado pela autora

Alguns desenhos apresentarem clara influência da sociedade não indígena, ilustrando prédios, avenidas e supermercados como mostra a Figura 46.

Figura 46 - Poema dos desejos - Influência não indígena



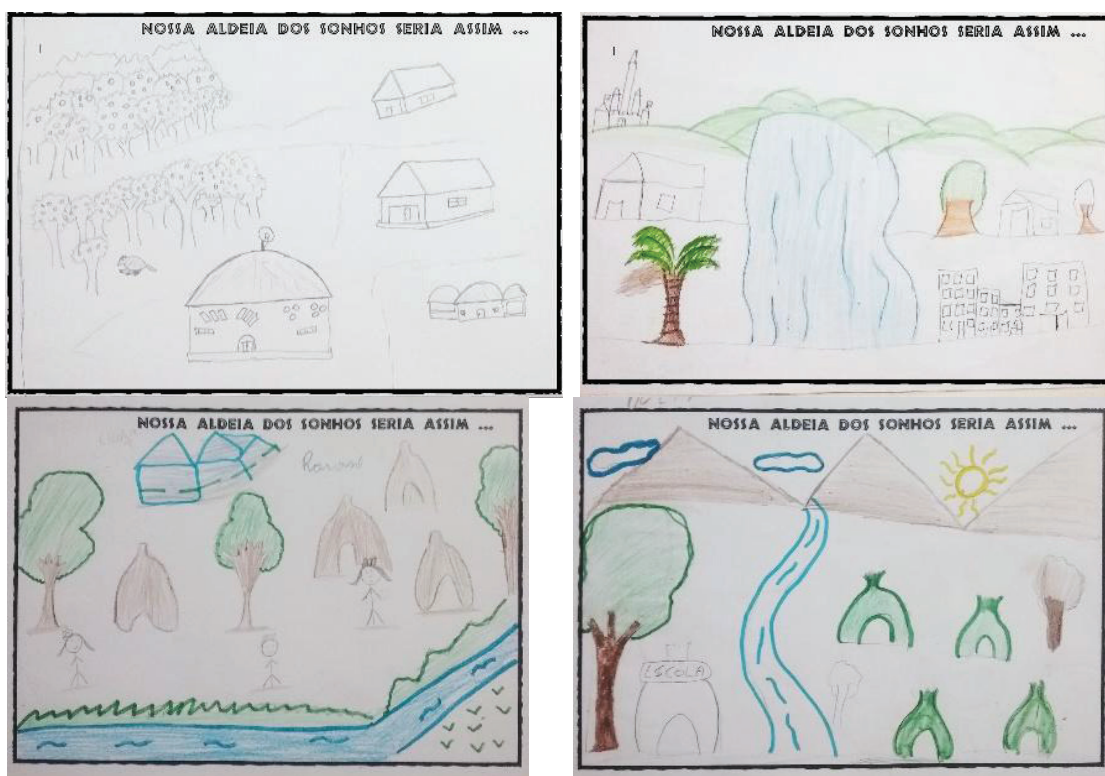
AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ



Fonte: Acervo próprio

As ilustrações, que aparecem em maior número, estão diretamente ligadas à cultura, afirmando a relação com a natureza, através da presença de árvores, de animais nativos e rios, alguns exemplos estão representados na Figura 47.

Figura 47: Poema dos desejos - relação com a natureza





Fonte: Acervo próprio

Outro aspecto observado também na Figura 47 é a presença de tipologias construtivas baseadas no saber fazer tradicional ou em elementos da natureza para as edificações de uso público. Para as residências, a maioria dos desenhos sugere uma habitação simples, de forma e tamanho homogêneos na comunidade, o que traduz o sentido de coletivo, de igualdade entre os membros da aldeia.

Fica evidente a necessidade de infraestrutura básica, ligada à coleta de lixo, saneamento básico e iluminação pública. Em 20 desenhos, a figura da nova escola aparece com destaque, assim como o centro cultural pretendido em formato de chapéu, o ginásio de esportes e uma área de lazer aberta, com ampla ligação com a natureza.

Por fim, ao analisar a configuração espacial, percebe-se que a sugestão de estradas retilíneas e mais amplas, está ligada à organização da aldeia e a facilidade de deslocamento, no entanto, ainda a preferência é por estradas de terra ou calçadas em detrimento das vias asfaltadas.

Abaixo, a Figura 48 ilustra os aspectos mais relevantes observados no Poema dos Desejos.

Figura 48: Síntese Poema dos desejos



Fonte: Elaborado pela autora

#### 6.4. ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

Foram entrevistadas individualmente sete pessoas que seguiram o mesmo roteiro de perguntas com o objetivo de descrever a estrutura social tradicional Kaingang, perceber as mudanças ocorridas a partir do contato com a sociedade não indígena e relacionar a aldeia Tradicional, Atual e Idealizada. Assim, a síntese dos dados obtidos segue a sequência de perguntas aplicadas:

**a) Como eram as casas antigamente? De que material? Quem construía?**

De acordo com os entrevistados, no período do início da urbanização de Chapecó, as casas dos indígenas eram feitas seguindo em geral três formas construtivas: as casas de taquara batida, que eram feitas com ripas de taquara trançadas e sobrepostas e cobertas com folhas de coqueiro ou de bananeira, as residências mais perenes, construídas próximas de montes de terra ou pedras apenas com cobertura de folhas, que duravam apenas alguns dias e eram utilizadas por famílias que estavam apenas de passagem. Por fim as construções de madeira, onde eram utilizadas tábuas e costaneiras de árvores e seu interior era chão batido.

*“A gente tinha casa de taquara, que o pai construiu e nós ajudamos pegando as folhas no mato, segurando as ripas... Mas tinham uns índios que nem faziam casa mesmo, só colocavam assim umas folhas por causa da chuva e viviam assim, cada hora em um canto, perto dos morros ou das árvores grandes.” (Entrevistado A).*

*“Tinha aqueles mais caprichoso... Pegavam as tábuas, as vezes negociavam com os colonos, daí faziam aquelas casinhas de madeira, eram mais bonitinhas. Lembro que a mãe sempre queria uma daquelas [...] lembro que tinha uma casa lá que era daquelas cascas de pinheiro sabe? mas não ficava tão bonita.” (Entrevistada C).*

De forma geral, as construções eram feitas pelos mais jovens sob a supervisão dos mais velhos, que detinham a sabedoria construtiva. Não costumavam ter divisões internas, era apenas um cômodo cuja principal função era abrigar as pessoas durante a noite, para descanso.

**b) Como era a relação com a natureza? Ela servia para que?**

Marcada pela reciprocidade, a totalidade dos entrevistados descreve uma relação de troca, onde eles cuidavam das árvores, respeitavam os períodos de procriação dos bichos e não poluíam as águas, como retorno, a natureza nunca havia deixado nada faltar. Dela vinha o alimento, o abrigo, os remédios, enfim, tudo que era necessário para a subsistência.

*“Naquela época a gente tinha respeito, ninguém cortava um pinheiro se não fosse pra usar, nem matava os bichos se não fosse pra comer. Os velhos iam no mato, rezavam, agradeciam, daí pegavam os remédios. Era bonito de ver.” (Entrevistada C).*

**c) Você sabe como foi que a comunidade da aldeia começou a se relacionar com os não indígenas? Pode me contar o que sabe?**

As experiências descritas nos relatos a partir de histórias contadas aos entrevistados por pessoas mais velhas, algumas já falecidas, revelam uma relação pautada na exploração. Mesmo que não sejam descritas agressões físicas, nem guerras, expressões como *“eles eram sempre enganados”, “o ouro que eles escondiam era roubado pelos padres”, “eles abusavam da gente”*, foram recorrentes nos relatos. Por outro lado, alguns indígenas estabeleceram relações de amizade com colonos, um relato descreve inclusive que quando passavam pela propriedade do colono, ele oferecia abrigo e comida.

**d) O que mudou do tempo dos teus avós pra hoje? Pode me dizer o que pensa sobre isso?**

Percebe-se que duas fases distintas permeiam os relatos como base de comparação com o passado, a primeira, antes e a segunda depois da conquista da terra indígena que habitam atualmente.

A fase anterior é marcada por ações de resistência e luta pela sobrevivência no centro da cidade. Um período onde nenhuma relação com a natureza era possível, que tudo era muito diferente dos tempos dos seus avós. Essa passagem da história da comunidade é muito viva na memória dos indígenas e lembrada com muita tristeza, conforme os trechos de relatos que seguem:

*“... a gente tava esquecendo como era ser índio”*

*“Naquela época as vezes a gente passava fome pra dar de comer para as crianças”*

*“Os brancos não tinham respeito nenhum com a gente, passavam e nem olhavam”*

Com a conquista da área destinada à Aldeia Kondá, o sentimento de orgulho indígena começou a renascer na comunidade e é evidente a vontade de cuidar desse território, preservando e recuperando a natureza:

*“Recuperamos tudo de volta, temos uma reserva, hoje já tem tatu, macacos e quatis...”; “Hoje temos escola, casa pra todos, ainda falta muito, mas já conseguimos muitas coisas.”; “...a gente sente mais à vontade, temos matéria-prima, não precisamos mais pedir para os colonos para tirar cipó.” (Entrevistado E)*

**e) Se você pudesse descrever a Aldeia dos seus sonhos, como seria??**

Em cada um dos relatos, um conjunto diferente de anseios apareceu. De forma geral, algumas questões foram consenso: As ruas calçadas para facilitar o transporte, saneamento básico e postes de iluminação pública, um centro cultural posicionado próximo à escola, uma casa de ervas medicinais junto ao posto de saúde, pequenas plantações orgânicas para consumo próprio e pequeno comércio, moradias que respeitassem e afirmassem alguns princípios da cultura, a presença dos



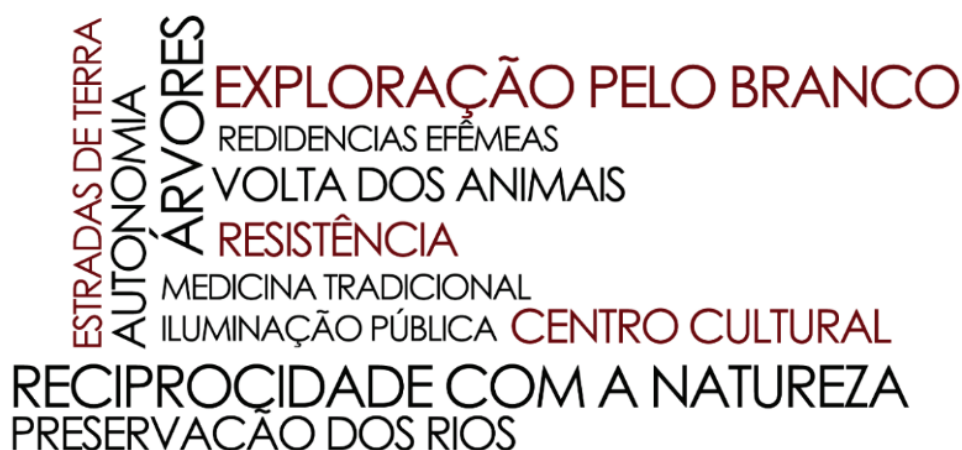
animais em maior número, a possibilidade da venda de artesanato na aldeia.

*“A gente precisa de tanta coisa, meu Deus... Tem índio que não tem nem banheiro das casas. O posto de saúde não cabe nem os médicos dentro, as vezes nem tem ninguém atendendo, daí tem que ir pra cidade e é longe pra ir a pé...”*(Entrevistada C).

*“Seriam bom se cada um podia ter uma plantaçozinha, um jeito de ter a comida em roda de casa, daí ia ser bem melhor”* (Entrevistado E).

Alguns fatores tiveram destaque nas falas dos entrevistados e foram organizados na Figura 49 abaixo.

Figura 49: Síntese das entrevistas semiestruturadas



Fonte: Elaborado pela autora

Percebe-se que a aldeia padece de infraestrutura básica como saneamento, iluminação pública. A comunidade anseia pela preservação dos rios, pela volta dos animais, pela relação mais equilibrada com a natureza, sem esquecer as passagens históricas onde relatam a exploração sofrida pelos não indígenas. Os relatos descrevem que a aldeia ideal, concilia aspectos tradicionais, como as ruas de terra e a relação com a natureza com aspectos derivados do contato com o não indígena como a infraestrutura básica e a possibilidade de venda do artesanato no interior da aldeia, concedendo maior autonomia e qualidade de vida para a comunidade.



## 6.5. RELATOS DE HISTÓRIA DE VIDA

No dia 12 de junho de 2016, o Sr. Augusto Rodrigues contou sua história de vida. O relato durou cerca de uma hora e meia e alguns aspectos fundamentais da cultura Kaingang, das moradias tradicionais e mudanças ocorridas em função do contato com o não indígena foram destacados.

A família de Sr. Augusto não costumava ter uma residência fixa, estava sempre nas casas dos parentes em diferentes terras indígenas. Essa experiência fez com que ele compreendesse a cultura Kaingang além da configuração de um território limitado, mas a partir de um modo de viver.

Ele relata que a ausência de carros e energia elétrica representava um fator positivo pois aproximava as pessoas e fazia com que o foco das relações fosse o diálogo e as histórias em torno do fogo. Relata a construção das casas, cobertas com folhas de taquara e com os lados revestidos de esteira, as camas feitas com uma forração de folhas que ele afirma ser mais confortável que as camas com colchão que se tem hoje.

*“Dentro era só um cômodo, não tinha repartição. Pra dormir então, daí a história fica assim ó, por exemplo, aqui é o espaço da casa, então o fogo pode ser bem no meio, daí era costume dos “véio”, a gente deita tudo em roda do fogo, é preparada uma samambaia ou se não folha de coqueiro também a gente ajeita ela, espalha ela, coloca uma, coloca duas, até três né, pra ficar mais forrado e três do lado e daí aqui já ficou a cama feita. É coisa boa.”*

Nessa ocasião específica, pouco foi dito sobre a configuração das aldeias especificamente, ele apenas contou sobre as residências e o uso de materiais naturais para sua fabricação. Alguns aspectos do modo de viver foram levantados e alguns desejos também foram revelados:

*“Então hoje está mudada as coisas né? por que? por que o passado acabou o mato se foi, tem o lageado aqui, que seria muito bom pra usar pescaria, mas no verão, diz que morre tudo os peixe por causa que a água não é mais uma água pura né?!então tudo isso ai ta acontecendo. Até no Uruguai uma vez aconteceu, pode ver nós fizemos um filme junto com o CIMI, então veja o que que acontece no tempo de hoje, enquanto*

*agora, muita gente já ta com uma idade avançada só que eu queria ver a nossa terra demarcada, tudo ela, e a preocupação nossa é que tenha a terra tradicional , só que nós não queria avançar o crescimento dos municípios.”*

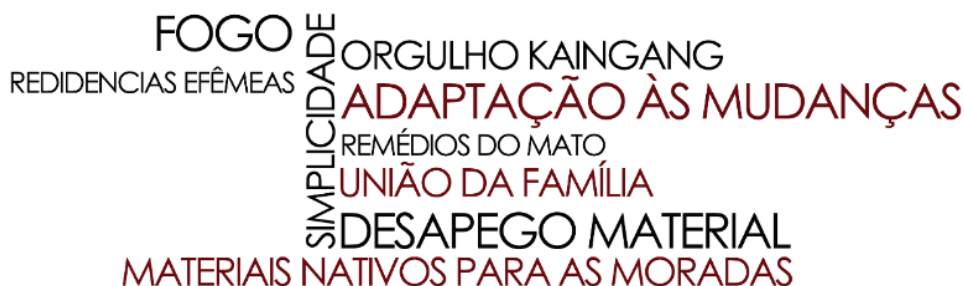
Com base no trecho acima, se percebe o quanto a degradação na natureza interfere na vida da comunidade e a importância da demarcação da terra indígena, especialmente para os mais velhos, que veem nessas ações a possibilidade da segurança para as novas gerações sem interferir no crescimentos dos municípios envoltentes.

Nesse relato observa-se que o saber viver indígena, apesar de se caracterizar como um aspecto simbólico, é motivo de orgulho entre os mais velhos:

*“Nessa caminhada, tudo que a gente aprendeu, é aprender viver, respeitando um ao outro, como velho a gente vive e tem uma grande amizade. Então eu sei que por onde a gente viveu, tudo gostou da gente e a gente também trata de ajudar. Tem vivido com muito respeito, quando acontece qualquer problema no nosso meio eu digo que um dos maiores cartões da minha vida é aprender viver”.*

Com base nessa história de vida, foi elaborada a Figura 50 abaixo, que sintetiza as questões fundamentais relatadas por Sr. Augusto. Nela fica claro o movimento necessário para a adaptação do modo de viver em função das mudanças ocorridas em sua volta, o orgulho de ser um “índio puro” Kaingang, a simplicidade e o desapego material. A importância da união da família foi um fatos citado várias vezes, assim como a luta pela segurança da comunidade. Por fim Sr. Augusto destaca que os mais velhos precisam continuar contando suas histórias, ensinando sobre as tradições, para que o modo de viver Kaingang permaneça vivo.

Figura 50: Síntese do relato de história de vida



Fonte: Elaborado pela autora

### 6.6. VESTÍGIOS DE COMPORTAMENTO

Com base nas fichas de vestígios de comportamento observados, foi desenvolvido o quadro síntese, Figura 51, que descreve nas linhas os vestígios de comportamento observados e nas colunas, as categorias nas quais se encaixam.

Figura 51 - Quadro dos vestígios de comportamento

DESCRIÇÃO	Traço verificado em:		Tipo de vestígio:			Manifestação de identidade			Traço marcado por:	
	Arq.	Urb.	Personalização	Adaptação	Simbólica	Pessoal	Kaingang	Ñ indígena	Erosão	Deposição
LIXO EM VOLTA DAS CASAS	<input checked="" type="checkbox"/>			<input checked="" type="checkbox"/>				<input checked="" type="checkbox"/>		<input checked="" type="checkbox"/>
CAMINHOS ALTERNATIVOS		<input checked="" type="checkbox"/>		<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>		<input checked="" type="checkbox"/>		<input checked="" type="checkbox"/>	
FOGO DE CHÃO DO EXTERIOR DAS CASAS	<input checked="" type="checkbox"/>			<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>			<input checked="" type="checkbox"/>
FOGO DE CHÃO DO INTERIOR DAS MORADIAS	<input checked="" type="checkbox"/>			<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>			<input checked="" type="checkbox"/>
ESTRUTURAS DE MADEIRA PARA CERIMÔNIAS	<input checked="" type="checkbox"/>		<input checked="" type="checkbox"/>		<input checked="" type="checkbox"/>		<input checked="" type="checkbox"/>			<input checked="" type="checkbox"/>
CAMPOS DE TERRA VERMELHA		<input checked="" type="checkbox"/>		<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>		<input checked="" type="checkbox"/>		<input checked="" type="checkbox"/>	

PEQUENAS FOGUEIRAS PRÓXIMO DOS RIOS	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
ARTESANATOS PENDURADOS TANTO NO INTERIOR QUANDO NO EXTERIOS DAS CASAS	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
CERCADO EM TORNO DO POSTO DE SAÚDE	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>

Fonte: Elaborado pela autora

As categorias organizam os vestígios quando à sua predominância (na arquitetura ou no urbanismo), quanto ao seu tipo (personalização dos espaços, adaptação para suprir as necessidades ou como medida de representação cultural com caráter simbólico), que tipo de identidade os traços revelam (pessoal/individual, da cultura Kaingang ou é um traço devido à influência não indígena), por fim são classificados em traços de erosão (quando as pessoas retiram algo do ambiente) ou de deposição (elas colocam algo no ambiente).

Percebe-se que dois fatores de influência não indígena interferem na configuração da aldeia (marcados em azul do quadro), mas sete deles (marcados em amarelo do quadro) tem relação com o modo de viver Kaingang.

Sobre as interferências não indígenas se destaca a presença do lixo em torno das residências. Apenas quando questionados sobre isso, os indígenas parecem perceber o quanto isso pode ser prejudicial e argumentam que ainda estão aprendendo a lidar com o lixo plástico e metálico. Especialmente os mais idosos ainda não se habituaram a gerenciar esse tipo de resíduo e alguns afirmam que esse é mais dos motivos que *“pegar a comida do mato é melhor, tudo se aproveita...”*.

A segunda interferência representativa é a demarcação da área do posto de saúde com um cercado. De acordo com os relatos apresentados, essa necessidade de delimitação dos lotes não faz sentido na terra indígena, já que toda a terra é de uso coletivo. Caminhando pela aldeia, percebe-se que duas residências replicaram as cercas utilizadas no posto de saúde, clara influência da presença não indígena na aldeia.

Os vestígios de comportamento que representam manifestações da identidade Kaingang na arquitetura estão ligados basicamente ao

artesanato, meio de subsistência da comunidade em questão e ao fogo de chão, que desempenha tanto papel simbólico quanto uma alternativa para o conforto térmico e preparo de alimentos.

Nos espaços de uso público, os traços deixados desenham claramente o anseio por áreas de lazer e interação para a comunidade, evidenciando a necessidade de parques ou praças que incentivem práticas coletivas que podem caracterizar-se mais do que uma forma de lazer, a integração social e a consolidação de práticas culturalmente diferenciadas.

Com base nas informações acima a Figura 52 sintetiza os dados obtidos com essa técnica.

Figura 52 - Síntese - Vestígios de comportamento



Fonte: Elaborado pela autora

Nota-se que as marcas ligadas ao artesanato, às rotas alternativas e ao fogo de chão são as mais presentes no espaço da aldeia e tem ligação direta com o modo de viver Kaingang. No entanto a influência da sociedade não indígena deixa marcas negativas no espaço físico da aldeia, trazendo o lixo e a colocação de cercados como formas de impedimento de dois valores culturais importantes, a preservação da natureza e o sentimento de espaço coletivo respectivamente.

## 6.7. ELABORAÇÃO DE MAPAS

A elaboração dos mapas foi fundamental para a compreensão da área de aldeia e para a espacialização das informações observadas, além de

servir como suporte para os estudos dos professores indígenas e demais pesquisadores da aldeia,

Todos os mapas realizados contaram com imagens de satélite e levantamento em loco com a participação dos colaboradores da pesquisa, moradores da comunidade, já que por se tratar de uma área rural afastada, não foi possível o fornecimento dos mapas pela prefeitura Municipal de Chapecó.

Os mapas foram divididos em função de sua possível localização temporal, assim, primeiramente são apresentados os mapas da Aldeia Atual (Mapa do traçado, Localização dos grupos familiares, análise de integração global e local, análises de visibilidade, permeabilidade e algumas áreas de isovistas), posteriormente, os mapas da Aldeia Tradicional, uma construção fictícia a partir das pesquisas bibliográficas realizadas e validado junto à comunidade (Mapa geral com traçado e grupos familiares, análises de integração global e local para esta configuração, análises de permeabilidade e visibilidade e áreas de isovista), por fim, a aldeia idealizada, desenhada a partir dos resultados dos demais métodos de pesquisa e validada junto à comunidade (Mapa geral da aldeia idealizada, Posicionamento dos locais simbólicos e demais equipamentos públicos, análises de integração local e global, análises de visibilidade e permeabilidade e áreas de isovista).

Para que as análises e observações ficassem mais claras, foi delimitada e ampliada uma área que aproxima a escala em todas as categorias de análise da pesquisa. Esta área foi escolhida por se caracterizar como uma centralidade na aldeia, um espaço que abriga além de moradias, todas as edificações de uso público e alguns locais com valor simbólicos para a comunidade.

### **6.7.1. ALDEIA ATUAL**

O Mapa do traçado, Figura 53, apresenta a aldeia e ilustra além das edificações e das estradas gerais, os caminhos alternativos criados pela comunidade. Foi elaborado tendo como base as fotos de satélite, posteriormente, todas as vias foram verificadas no local assim como a posição das edificações.

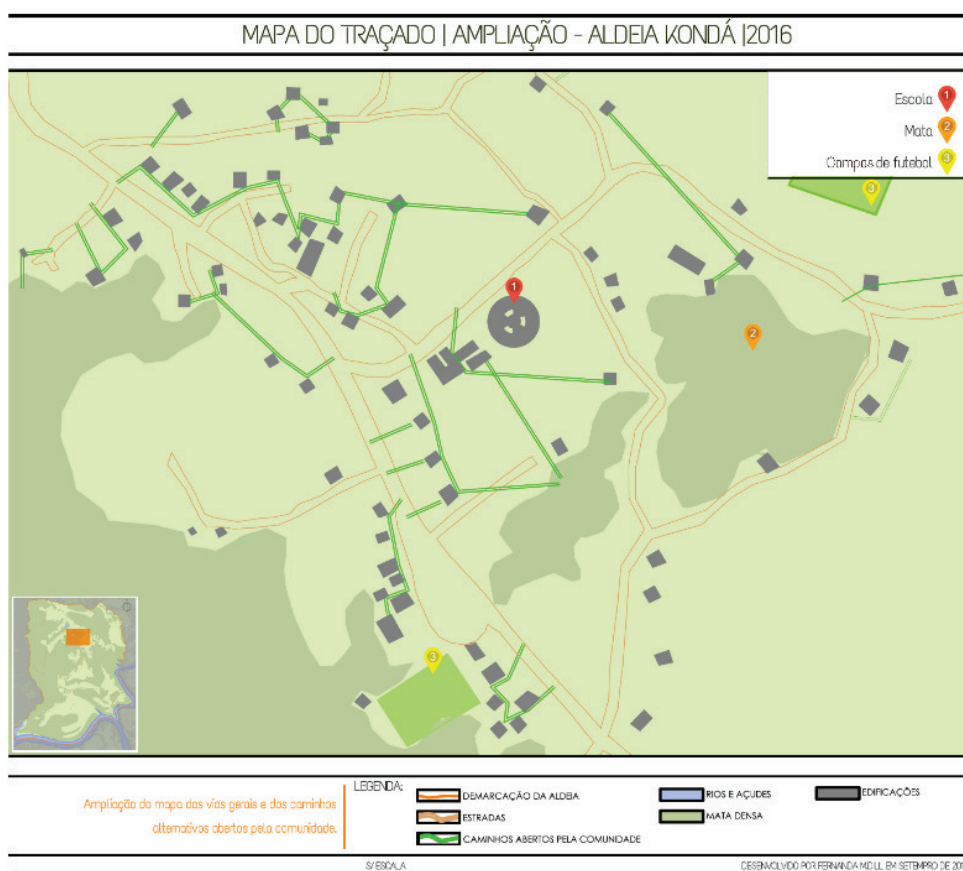
Figura 53 - Mapa do traçado



Fonte: Elaborado pela autora

Os caminhos alternativos foram observados através do método de vestígios de comportamento e estão representados pelas linhas verdes na Figura 54 abaixo. Após a verificação e definição deste, como um aspecto espacial relevante, foram levantados os lugares na aldeia que continham esses caminhos, os mesmos foram desenhados e incluídos no mapa geral da aldeia.

Figura 54: Ampliação do mapa de traçado da aldeia



Fonte: Elaborado pela autora

Os caminhos alternativos evidenciam a presença dos grupos familiares, pois os mesmos se configuram em função da proximidade das casas e fazem a ligação entre as áreas de uso coletivo da comunidade (Figura 55 e Figura 56).



Figura 55 - Grupos Familiares

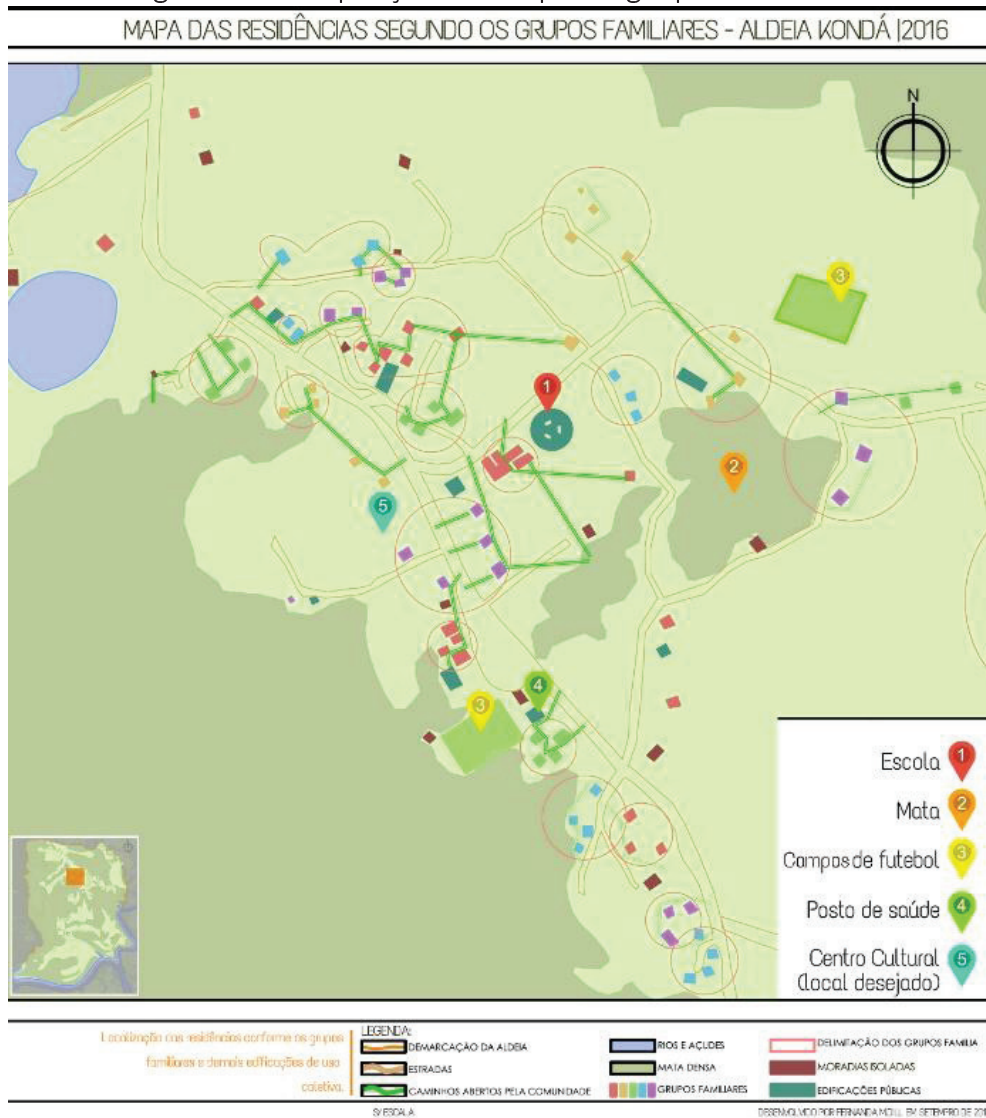


Fonte: Elaborado pela autora

No mapa da Figura 56, as diferentes cores das edificações representam os grupos de famílias. Apesar da maioria das moradias se conformar seguindo esta lógica de proximidade, existem algumas

residências isoladas, sem ligação familiar, são moradores mais recentes na aldeia, vindos de outras Terras Indígenas.

Figura 56 - Ampliação do mapa de grupos familiares

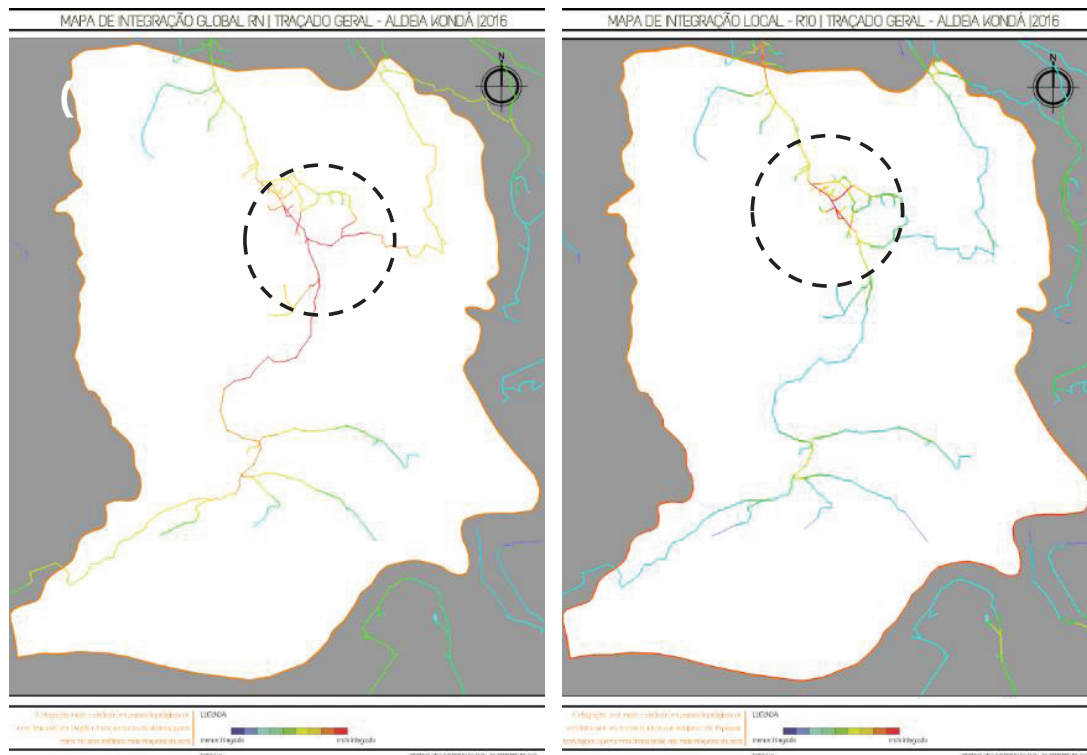


Fonte: Elaborado pela autora

Com base nos mapas do traçado, foram elaborados os mapas axiais para as análises de integração global e local (considerando R10: 10 passos topológicos/mudanças de direção). As análises foram realizadas com o auxílio do software *Depthmap* e abordaram duas configurações. A primeira, considerando o traçado geral da aldeia e a segunda considerando também os caminhos alternativos abertos pela comunidade.

As figuras abaixo ilustram as análises de integração global (Figura 57 a) e Integração local (Figura 57b) para o traçado geral da aldeia.

Figura 57 Integração global e local – Traçado Geral

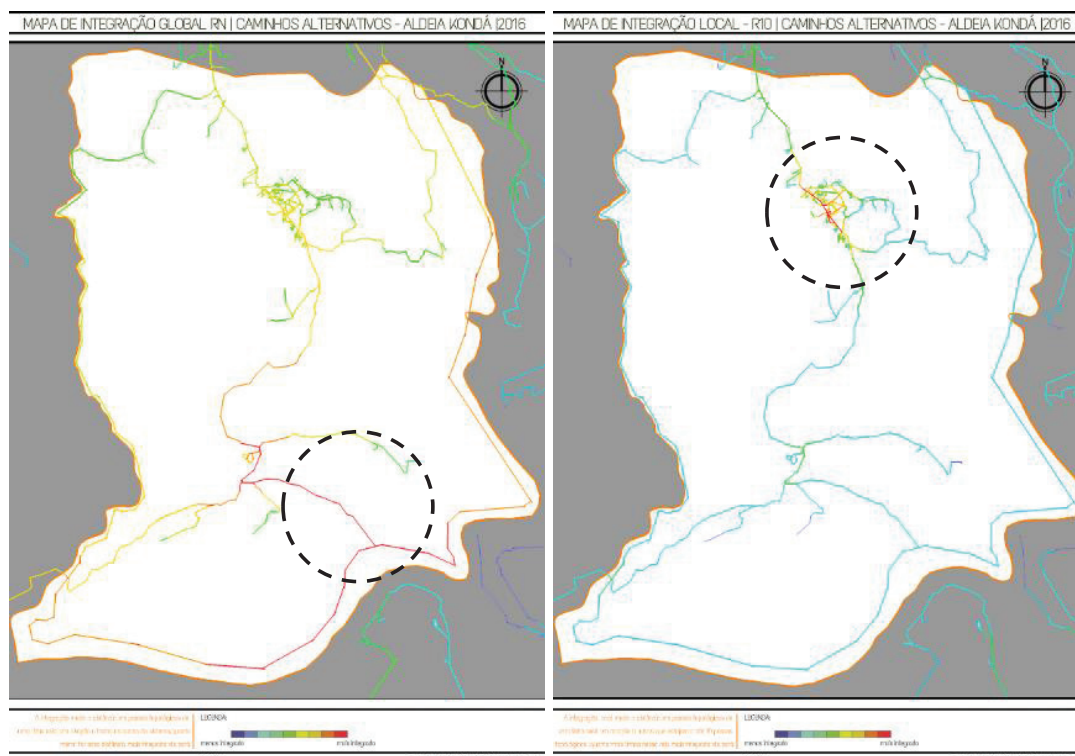


Fonte: Elaborado pela autora

Percebe-se que tanto local, quanto globalmente as linhas que se mostram mais integradas (círculo tracejado nos mapas) são justamente as que abrigam em suas proximidades a escola, o posto de saúde e a mata cerimonial, caracterizando essa área como um núcleo integrador da aldeia.

Em seguida foram incluídos os caminhos alternativos, gerando as análises de integração global (Figura 58a) e integração local R10 (Figura 58b). Quando considerada a integração global, percebe-se que há uma distorção e esse núcleo integrador muda de lugar. Essa mudança deve-se à não limitação de passos topológicos, considerando assim que os caminhos abertos à margem dos rios por exemplo fossem tão acessíveis quanto os demais.

Figura 58 - Integração com os caminhos alternativos

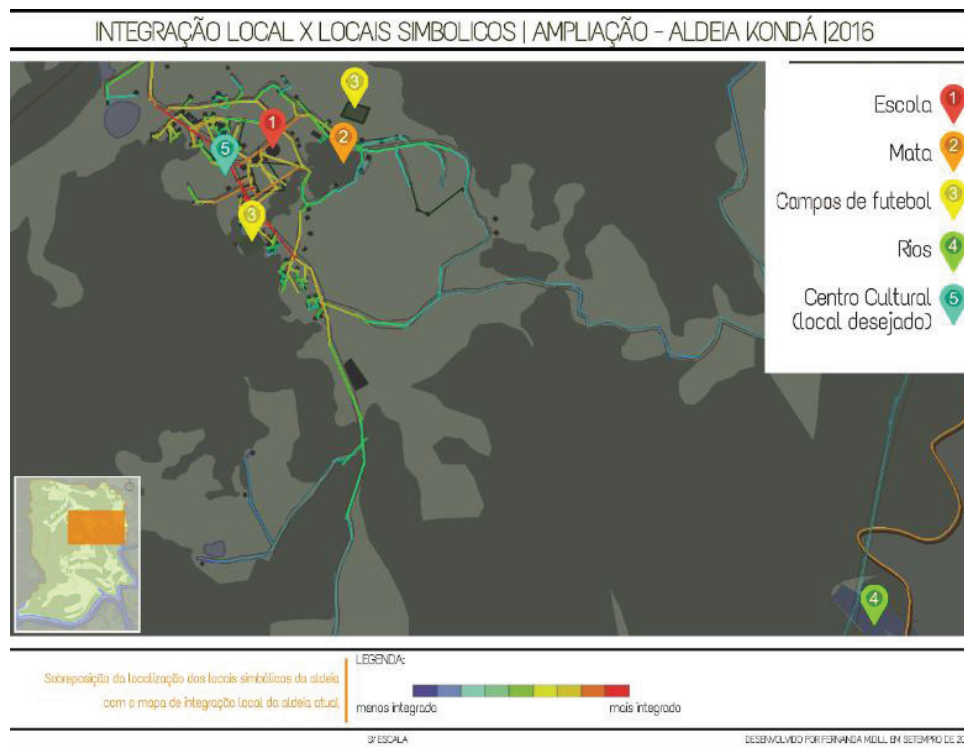


Fonte: Elaborado pela autora

Já a medida de integração local R10, Figura 58b, considerando os caminhos alternativos, reflete perfeitamente a realidade observada em campo, reafirmando que esses caminhos confirmam essa região tracejada como uma centralidade da aldeia abrigoando além de uma concentração maior de residências, a escola, a mata cerimonial e o futuro centro cultural.

Essa correlação é ilustrada na Figura 59 através da sobreposição dos mapas de integração local e de localização dos locais simbólicos da aldeia. Percebe-se que os campos de futebol e a Mata cerimonial estão mais afastados da linha mais integrada, mesmo assim, fazem parte desse núcleo que concentra as atividades coletivas da aldeia.

Figura 59 - Correlação entre integração e locais simbólicos



Fonte: Elaborado pela autora

Para concluir a etapa de elaboração de mapas para a configuração atual da aldeia foram geradas as análises de visibilidade, que consideram apenas as barreiras visuais, e permeabilidade que incluem ainda as barreiras ao movimento.

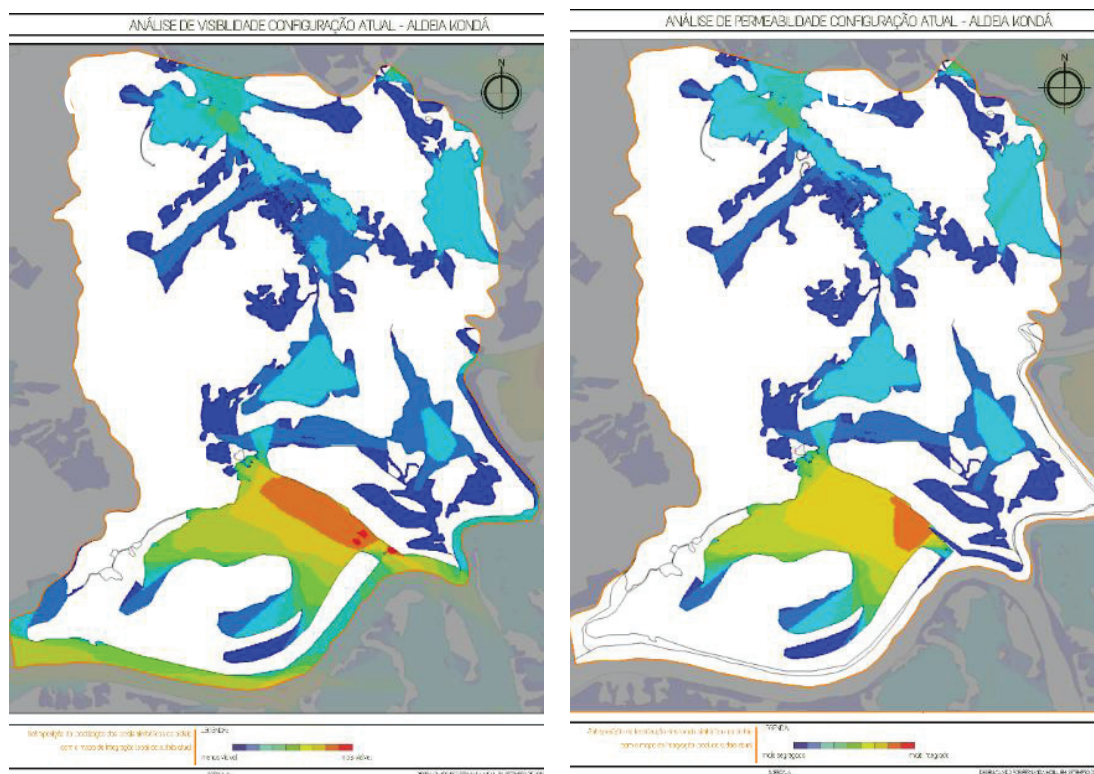
Para as duas análises quando mais próximas da cor vermelha, mais rasos são considerados os espaços e quando mais próximos da cor azul, mais profundos. Isso significa que quanto mais próximo do vermelho, maior é a área visível no caso da análise de visibilidade e mais acessível é o espaço para a análise de permeabilidade.

Em função de todas as áreas de matas densas serem consideradas barreiras tanto visuais quanto ao movimento, as análises de Visibilidade (Figura 60a) e Permeabilidade (Figura 60b), não geraram correlações com as informações obtidas com as demais técnicas de pesquisa.



AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ

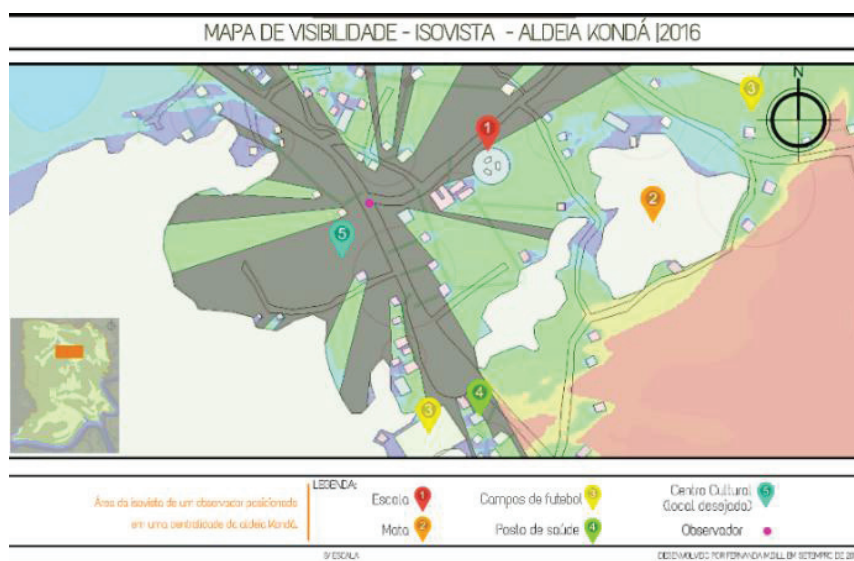
Figura 60 - Visibilidade e Permeabilidade



Fonte: Elaborado pela autora

Na busca de mais informações, foi elaborado o mapa a seguir, Figura 61, que a aproxima a escala de análise e permite novas interpretações.

Figura 61 - Isovista do centro da Aldeia

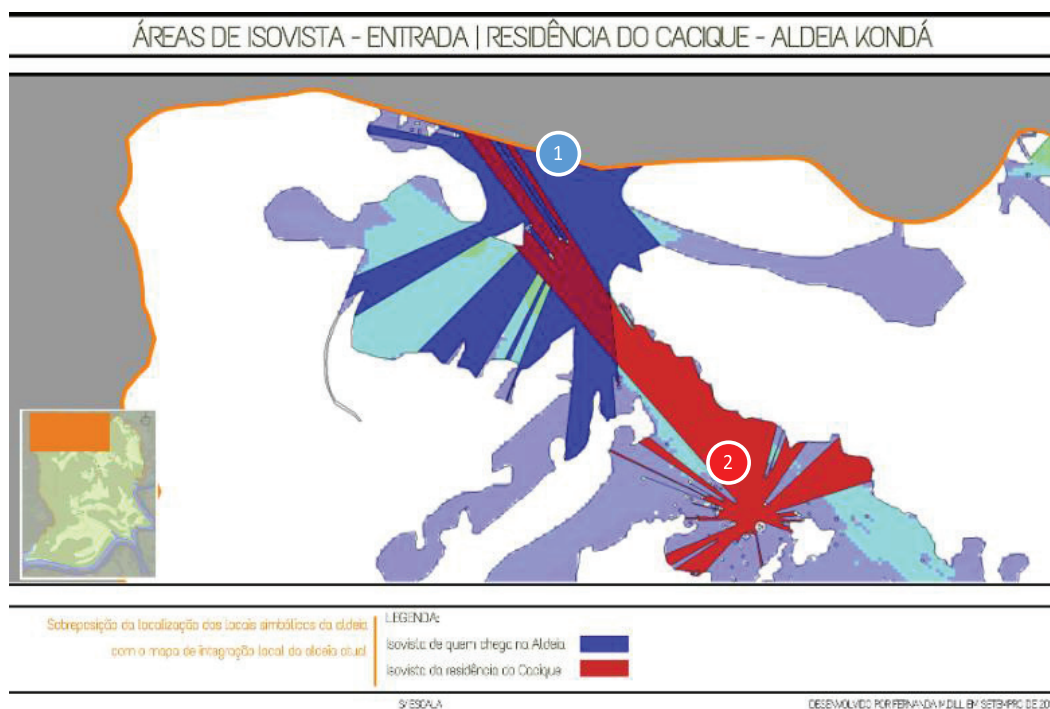


Fonte: Elaborado pela autora

Na Figura 61, observa-se que em um ponto central da Aldeia, se pode visualizar praticamente todos os locais elencados como simbólicos pela comunidade, incluindo o local do futuro centro cultural. Observa-se também que apenas quando se está no interior da aldeia e, portanto, com permissão de acesso, é que os espaços simbólicos aparecem.

Para esclarecer melhor as relações de permissão de acesso na aldeia, a Figura 62 mostra a área da isovista (em azul) de uma pessoa situada na entrada da aldeia (ponto 01) e outra (em vermelho) mostra a visão da atual residência do cacique (localizada no ponto 2). Percebe-se que o controle e o acesso visual no “centro” da aldeia é muito representativo em comparação a primeira posição marcada, ficando o segundo com controle a praticamente todos os locais simbólicos da comunidade.

Figura 62 - Isovistas



Fonte: Elaborado pela autora

Assim, quando consideradas barreiras à visibilidade e essas duas área de isovista, percebe-se que existe um controle estabelecido através da

hierarquia de visibilidade dos locais simbólicos. Quando consideradas as barreiras ao movimento/permeabilidade, percebemos que a medida de integração se comporta de forma diferente da fornecida pelas linhas axiais, conferindo à aldeia um alto nível de profundidade na maior parte do território.

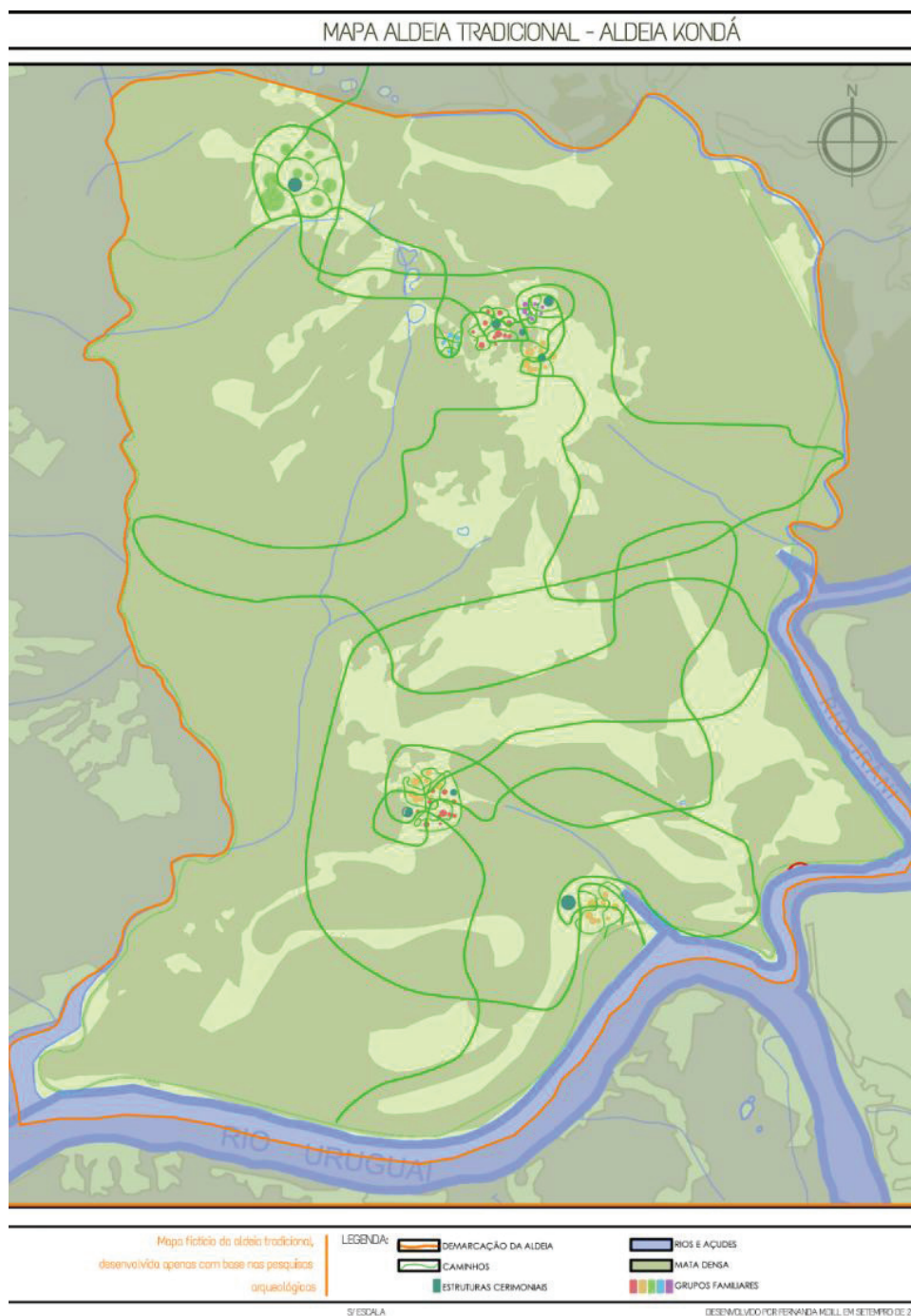
### **6.7.2. ALDEIA TRADICIONAL**

O Mapa da aldeia tradicional, Figura 63, busca ilustrar como poderia ser a ocupação da mesma área caso fosse habitada pelo Povo Kaingang antes do contato com a sociedade não indígena. Essa elaboração foi realizada com base em pesquisas arqueológicas da professora Maria José Reis e com a participação de colaboradores da comunidade.

Se destacam alguns pontos relevantes: o aumento das áreas de matas, a presença dos grupos familiares e as estradas estreitas e que possivelmente contornam obstáculos da vegetação, mas não se limitam em função dela.



Figura 63 - Aldeia Tradicional

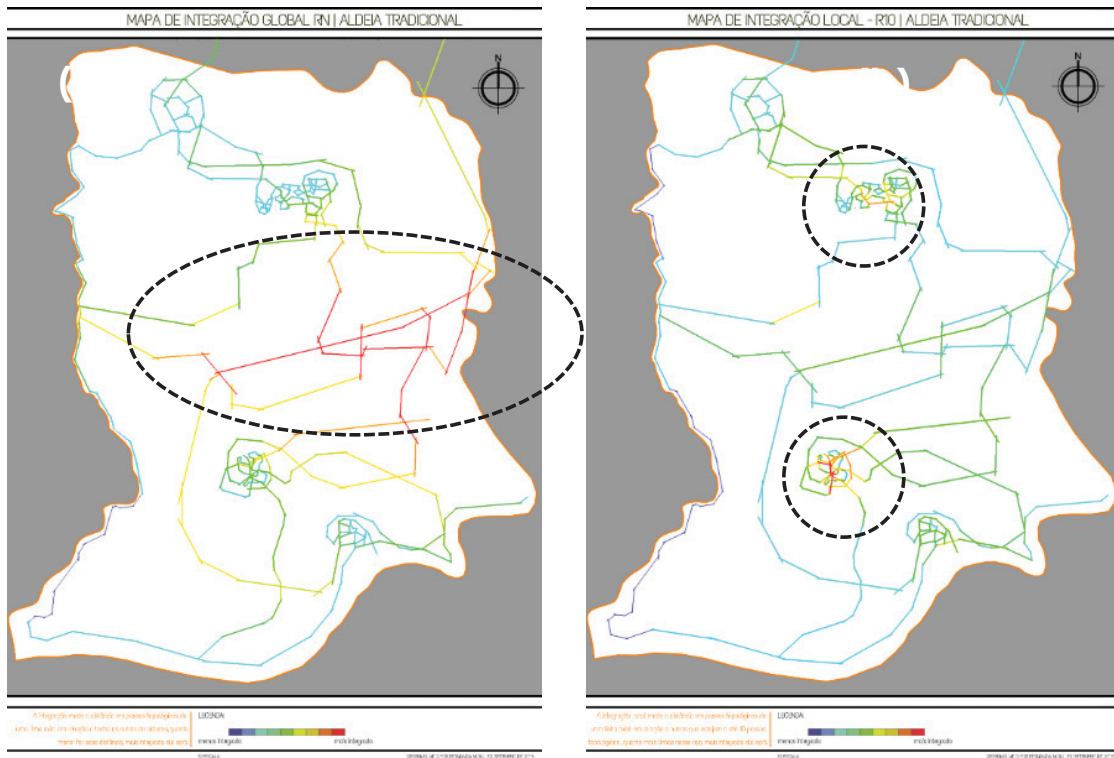


Fonte: Elaborado pela autora

Para esta configuração, foram feitos os mapas axiais e realizadas as análises de integração global (Figura 64a) e local R10 (Figura 64b). Conforme pode ser observado na figura 59b, as linhas mais integradas representam centros de núcleos familiares. No caso da integração global,

nota-se que as linhas mais integradas estão em um ponto médio entre as duas maiores densidades de estruturas, o que pode sugerir um local de encontro entre os grupos.

Figura 64 - Integração Global e Integração local na configuração tradicional

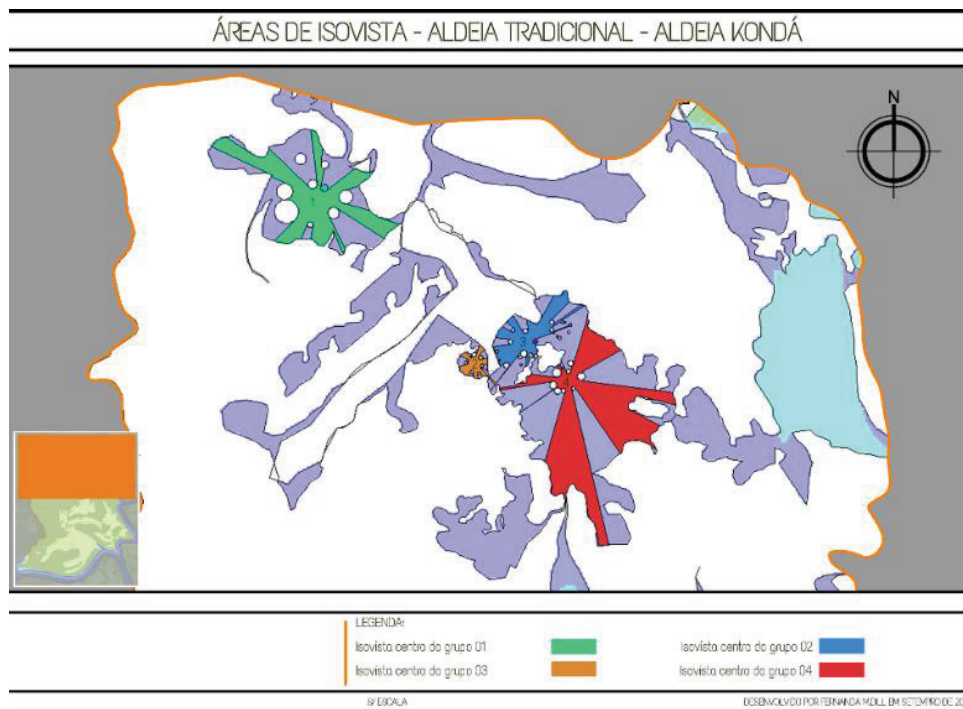


Fonte: Elaborado pela autora

Ao ser analisada a visibilidade, em função da densidade das matas proposta, a área da aldeia torna-se bastante profunda caracterizando um espaço de privacidade e difícil acesso visual. Assim, outras formas de análise dessa medida foram pesquisadas com a ampliação da escala e a elaboração das áreas de isovista.

Ao analisar algumas áreas de isovistas, ver a Figura 65, percebe-se que a proeminência visual limita-se ao território ocupado por cada grupo familiar, sugerindo que um grupo não fica facilmente visível aos demais, são criadas barreiras entre eles que garantem maior privacidade, mas não impedem o acesso.

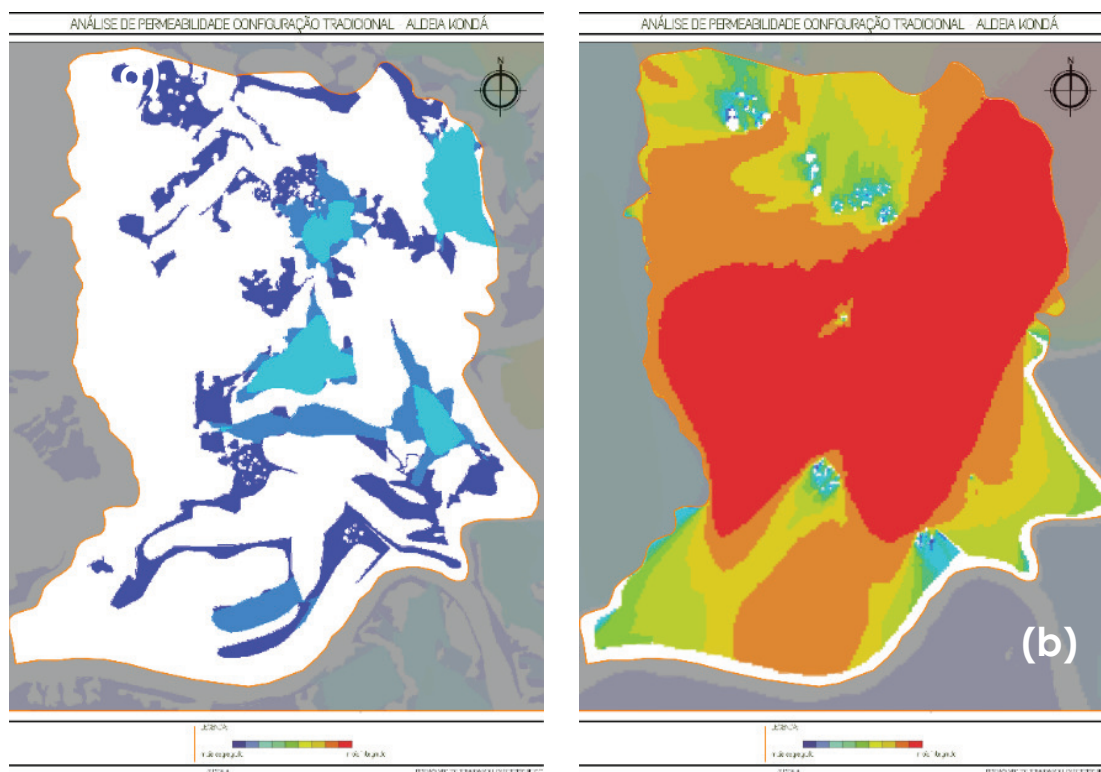
Figura 65 - Áreas de Isovista - Configuração tradicional



Fonte: Elaborado pela autora

Quanto à permeabilidade, a primeira análise foi feita considerando a mata densa como uma barreira ao movimento, Figura 66a. Posteriormente, refletindo sobre o modo de vida sugerido pela bibliografia encontrada, que descreve as comunidades indígenas vivendo em harmonia e proximidade com a natureza, chegou-se a conclusão que as matas são lugares permeáveis e portanto não poderiam ser vistos como barreiras ao movimento. Assim, foi elaborada uma nova análise, desconsiderando as matas como barreiras, Figura 66b, que resultou em uma área mais permeável, possivelmente mais próxima do contexto para esta possível configuração.

Figura 66 - Permeabilidade (matas como barreiras) | Permeabilidade sem as matas como barreiras



Fonte: Elaborado pela autora

Ao comparar os mapas e análises feitas para a aldeia atual e tradicional, percebe-se que um fator apresenta destaque na relação entre as duas configurações, a observação dos grupos familiares. Os grupos de residências e os caminhos abertos em função desses grupos demonstram que essa estrutura social tem grande influência no arranjo espacial. A seguir, poderá ser feita essa análise contemplando também a aldeia idealizada.

### 6.7.3. ALDEIA IDEALIZADA

Assim como a Aldeia idealizada, Figura 67, foi construída com base nas informações extraídas das entrevistas, dos grupos focais e do poema dos desejos. Após a primeira espacialização, o desenho foi mostrado aos colaboradores da pesquisa que expressaram sua opinião fazendo pequenos ajustes, e gerando a representação a seguir.



AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ

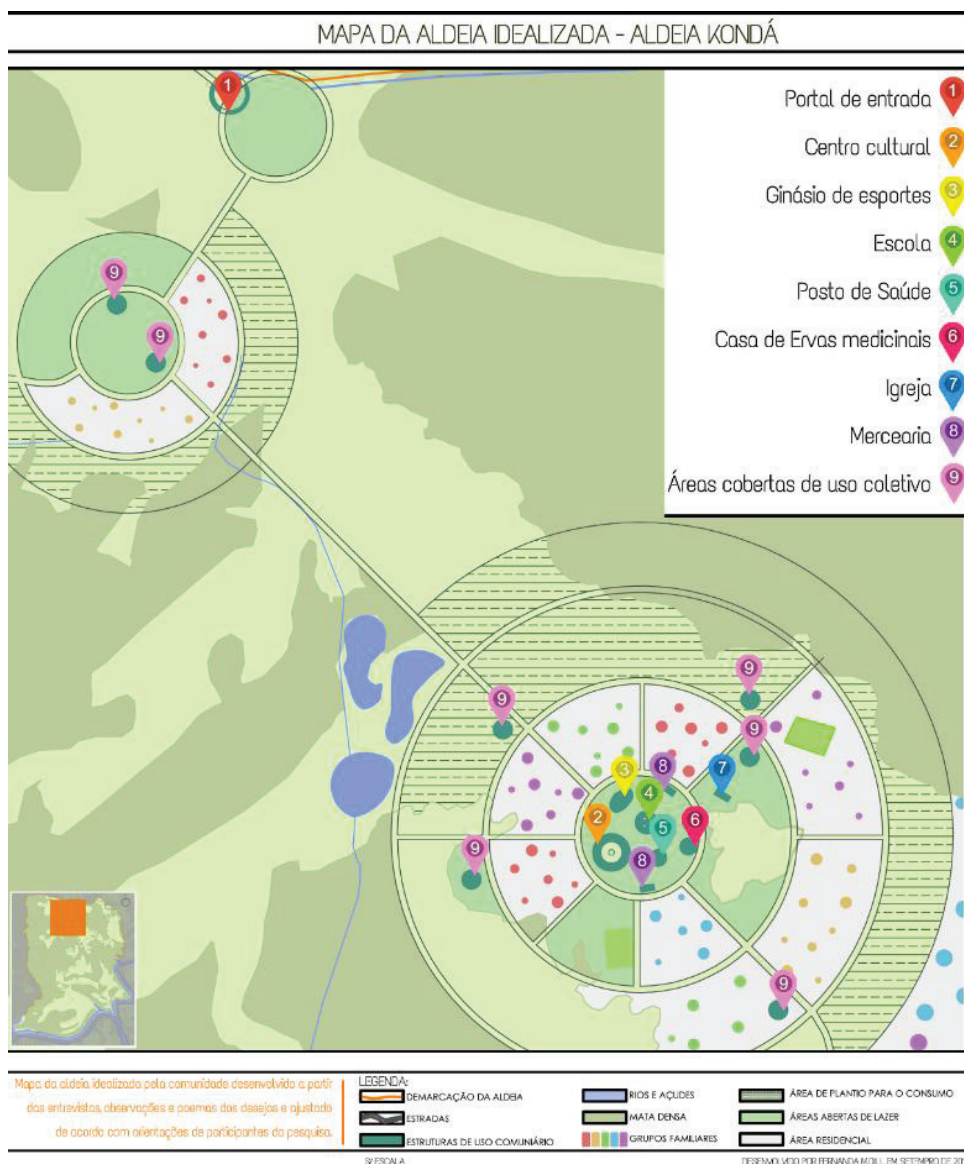
Figura 67: Aldeia Idealizada



Fonte: Elaborado pela autora

Na ampliação da escala do mapa, Figura 68, percebe-se a busca da comunidade por equilíbrio entre a cultura tradicional e as novas tecnologias apresentadas pela sociedade não indígena.

Figura 68: Aldeia idealizada - Ampliação



Fonte: Elaborado pela autora

O ponto 1 do mapa, Portal de entrada, representa além da entrada da aldeia, que segundo a comunidade deve ser produzido com uma arquitetura que contemple especificidades culturais e apresente referências às metades tribais, ao artesanato e ao modo de viver Kaingang, possibilita o controle de acesso e aumenta a segurança para a comunidade.

O ponto 2, Centro cultural, é um dos maiores anseios da comunidade e foi pensado de forma a abrigar diferentes atividades, desde a fabricação coletiva do artesanato, constitui-se como um ponto de venda, centro de formação dos professores indígenas, além da realização de

eventos culturais e palestras Inter étnicas com o objetivo de informar sobre a cultura Kaingang e, através disso, conseguir maior respeito da comunidade não indígena.

O ginásio de esportes, ponto 3, também chama a atenção não apenas pela função, que é fundamental para a prática esportiva, mas principalmente pela arquitetura diferenciada idealizada pela totalidade dos entrevistados. Possivelmente em função de uma referência trazida pelo ginásio de esportes construído na Aldeia Sede da Terra Indígena Xaçecó, a comunidade da Aldeia Kondá, idealiza um ginásio no formato de um Tatu, fazendo uma referência ao animal e a importância da natureza no centro da aldeia.

A Escola, ponto 4, foi inaugurada a menos de um ano e foi mantida no mesmo local, com a mesma arquitetura, sendo sugeridas apenas modificações de alguns materiais internos, por exemplo a substituição de piso cerâmico por madeira e forros de Pvc por esteiras de taquara. Neste caso, por se tratar do desejo da comunidade, cabe registrar que o anseio é do equilíbrio entre aspectos construtivos indígenas e não indígenas.

Os pontos 5 e 6, posto de saúde e casa de ervas medicinais, se complementam e sugerem o uso tanto da medicina não indígena quando dos conhecimentos tradicionais dos remédios do mato. A comunidade acredita que essas duas formas de “curar” possam trabalhar de forma complementar a fim de beneficiar a comunidade.

As igrejas, especialmente as evangélicas, são presentes na comunidade desde a sua saída do centro da cidade e têm um papel importante de combate ao alcoolismo, por isso, mesmo sendo clara influência não indígena, continua presente na aldeia idealizada. Outra edificação com características não indígenas é a mercearia ou ponto de comércio, representada pelos dois pontos de número 8. A comunidade coloca a necessidade de alguns produtos industrializados para o consumo ou mesmo para o cultivo dos alimentos e a dificuldade de acesso em função da distância do centro do município.

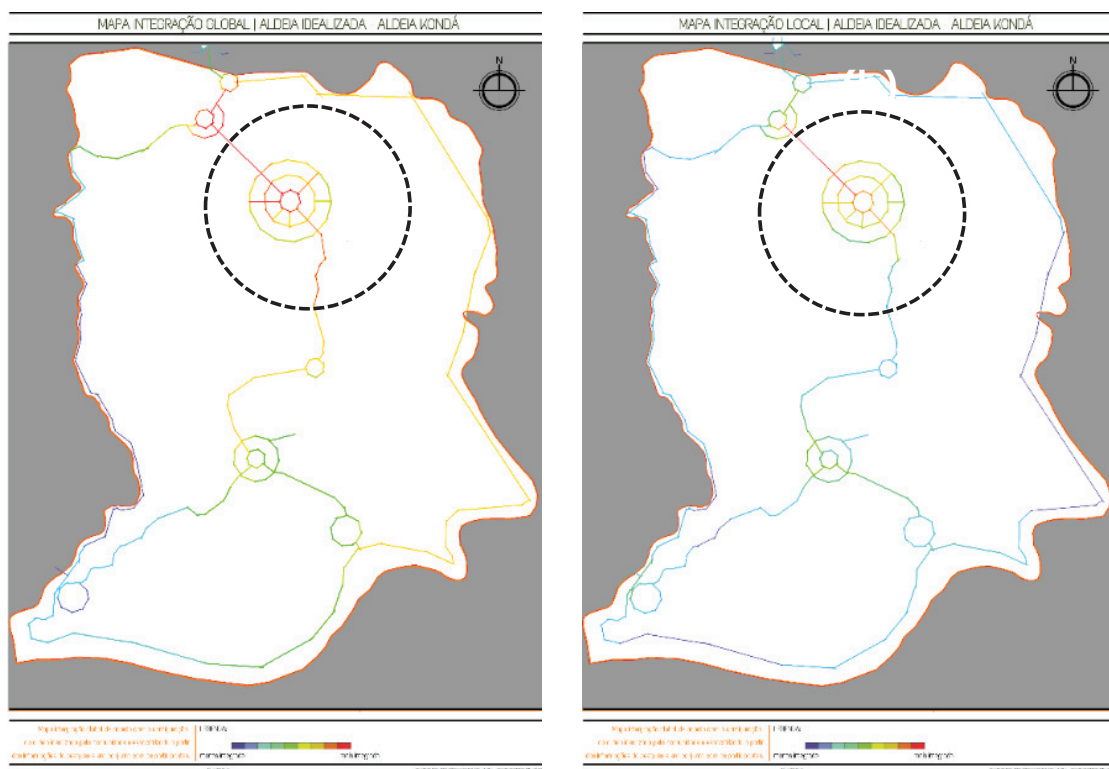
Por fim, as estruturas de número 9, representam áreas cobertas de uso coletivo e não tem uma restrição quanto as atividades que podem se desenvolver nesse espaço. Pelas práticas observadas na aldeia, as estruturas servirão tanto para alimentação coletiva e práticas de lazer quanto para a fabricação ao ar livre do artesanato.

Alguns anseios pensados para a aldeia idealizada não puderam ser visualizados na espacialização em função da escala ou da impossibilidade de representação, mas são igualmente importantes: as vias idealizadas são de calçamento e não asfaltadas com o objetivo de reduzir a velocidade dos carros no interior da aldeia sem perder qualidade no percurso, medidas abrangentes de saneamento básico são fundamentais, os moradores sugerem iluminação pública não apenas nas vias, mas entre as residências, de forma que os caminhos criados pela comunidade possam estar sempre iluminados e seguros.

Como possibilidade de compreender como essa nova forma da aldeia poderia ser analisada em termos de integração, os mapas axiais foram elaborados e as medidas de integração local e global, seguindo duas escalas: a dos automóveis e posteriormente a dos pedestres.

Os mapas que consideram as vias gerais, demonstram que tanto no aspecto global (Figura 69a) quanto no local (Figura 69b), as vias mais integradas representam o centro coletivo da aldeia (círculo tracejado).

Figura 69 - Integração local e global da aldeia Idealizada

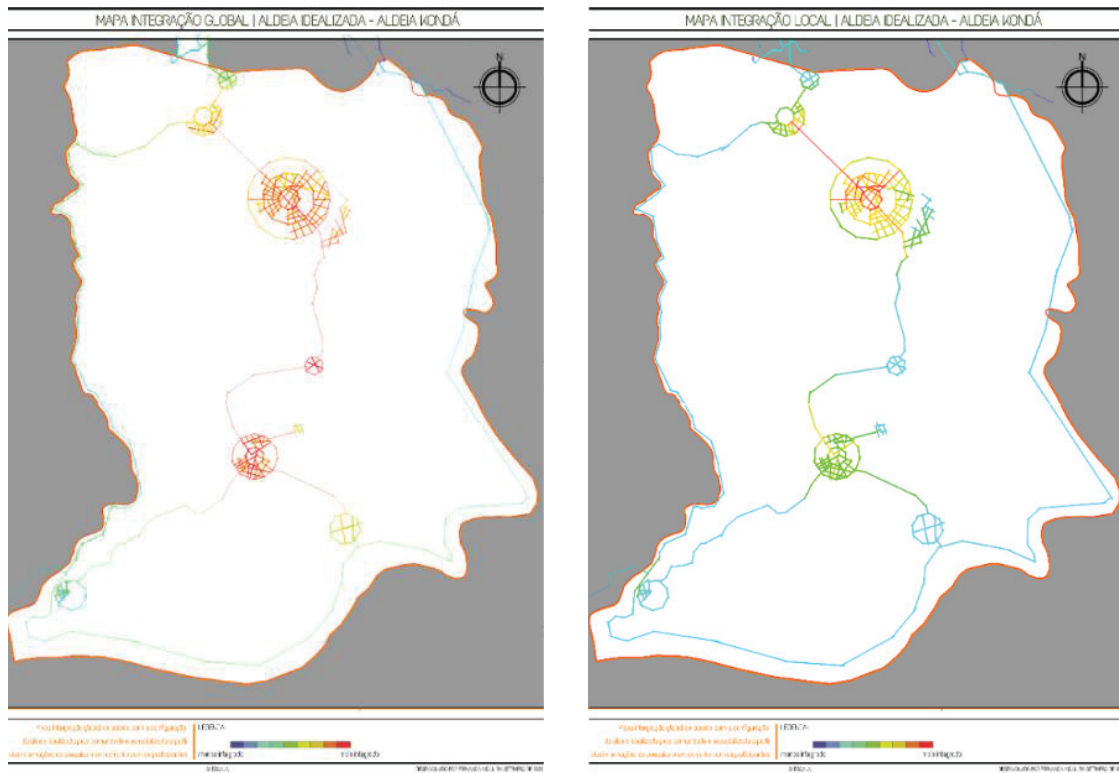


Fonte: Elaborado pela autora



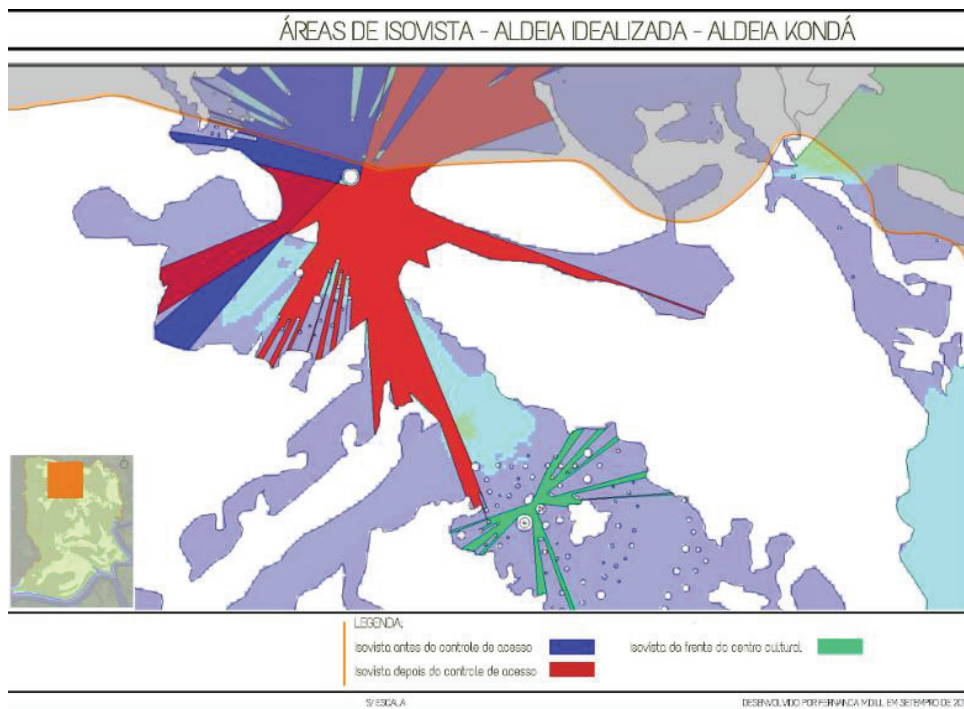
Quando são incluídos alguns dos possíveis caminhos feitos pelos pedestres, Figura 70, essas análises se confirmam e justificam o livre acesso dentro dos grupos familiares.

Figura 70 – Integração global e local da aldeia idealizada – Pedestres



Considerando a configuração idealizada, foram sugeridas duas isovistas para análise: uma antes de passar pelo portal de entrada (em azul) e controle de acesso e a segunda posterior a ele (em vermelho). Como mostra a Figura 71, o papel do portal de entrada é fundamental e tem o objetivo central de permitir apenas que pessoas “bem vindas” tenham acesso ao interior da aldeia.

Figura 71: - Áreas de isovista

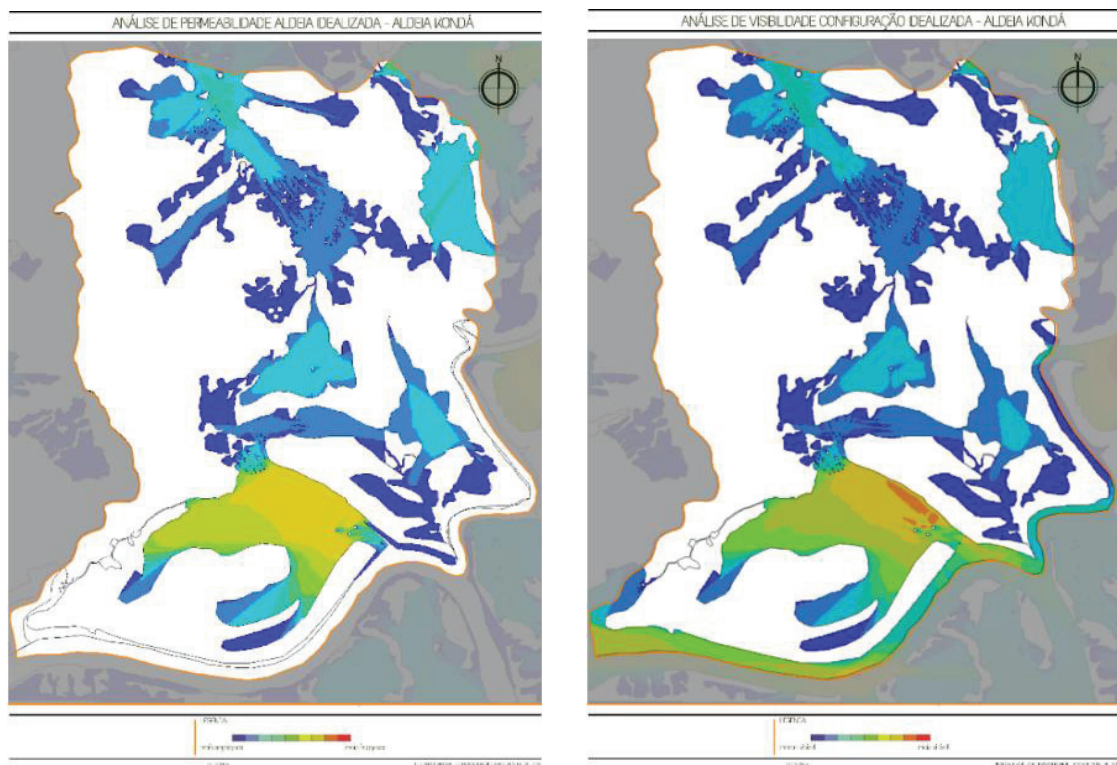


Fonte: Elaborado pela autora

Por fim foi realizado um ensaio para as análises de permeabilidade e visibilidade, mas como as áreas de mata densa, maiores barreiras tanto ao movimento quanto visuais permanecem, o resultado é muito semelhante ao da aldeia atual como mostra a Figura 72.

AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ

Figura 72 - Permeabilidade e visibilidade na aldeia



Fonte: Elaborado pela autora

A preservação das matas é crucial para a comunidade pois garante a diversidade de plantas medicinais e propicia a reconstrução de um habitat natural favorável para o ressurgimento da diversidade de animais nativos.



## 7. REFLEXÕES E CATEGORIAS DE ANÁLISE SOCIOESPACIAS

<http://artesanato.gooto.com.br/index.php?procurando=indigena&inic=60&modo=>

Este capítulo discute e tras reflexões, a partir dos métodos de pesquisa utilizados, sobre a estrutura social Kaingang e como ela se manifesta na configuração espacial da Aldeia Kondá. Para auxiliar nesse desafio, os métodos utilizados na pesquisa visam primeiramente descrever aspectos relevantes da cultura tradicional e detectar as mudanças ocorridas a partir do contato com os não indígenas. Posteriormente, buscou-se caracterizar a configuração espacial da aldeia confrontando espacialização da aldeia atual com a tradicional e posteriormente com a idealizada. Finalmente, relacionando essas informações identificam-se fatores formais na Aldeia que revelam traços da cultura e da sociedade Kaingang.

A reflexão em torno desses aspectos apresentada a seguir introduz o panorama socioespacial da Aldeia Kondá com o intuito de contribuir como material de apoio a novas intervenções espaciais nessa comunidade. Para tanto algumas categorias de análise<sup>40</sup> foram elencadas e as discussões e reflexões apresentadas surgem a partir delas.

A primeiro a ser tratada é **A imagem do lugar**, que apresenta possíveis correlações entre a complementaridade proposta pela cultura tradicional Kaingang e forma como o espaço da aldeia se configura. A segunda é **O Arranjo físico e a relação público privado**, que relaciona aspectos espaciais com conceitos de apropriação, territorialidade e privacidade. Em seguida, será discutida **A arquitetura como identidade**, evidenciando o papel da forma e dos materiais empregados nas edificações nas ações de protagonismo indígena. Por fim, o **Comportamento**

---

<sup>40</sup> A elaboração das categorias de análise foi inspirada no livro *A Imagem da cidade* de Kevin Lynch (LYNCH,1999).

**socioespacial** é abordado, discutindo o papel dos lugares nas relações humanas.

### 7.1. A IMAGEM DO LUGAR

Cada ser humano enxerga o mundo a partir de sua “lente”, isto é, de suas experiências e da bagagem cultural e intelectual que carrega. Assim, a formação da imagem mental dos lugares está ligada tanto a fatores espaciais quanto aos significados que são atribuídos por cada ser humano a essas formas em nossa mente. Para captar a ou as imagens da comunidade estudada é necessária a percepção simultânea de diversos aspectos socioculturais e espaciais para que se possa enxergar o Todo constituído por individualidades e coletividades, tradições e contradições que se complementam.

Nessa perspectiva, cabe retomar um preceito tradicional Kaingang, o da complementaridade. De acordo com ele, todos os seres da natureza, humanos e não humanos, se dividem em metades (Kamé e Kairu) que ao mesmo tempo que são opostos, se complementam.

Após as observações e reflexões realizadas na pesquisa, percebe-se que uma nova ordem complementar pode estar se estabelecendo entre o mundo indígena e o não indígena, onde superadas as relações de exploração e desrespeito, cada povo contribui com sua “bagagem” para equilibrar a vida do outro povo.

A possibilidade dessa nova configuração sociocultural, nesse momento ainda embrionária, reafirma a cultura como um sistema de conhecimento, de troca e de transformação, construído na relação com o outro, e possibilitando novas interpretações do modo de viver de cada povo, ou mesmo de cada indivíduo.

Essa conjuntura já começa influenciar e ser influenciada pelo espaço da aldeia, ao passo que existe um mosaico de influências indígenas e não indígenas desde o arranjo físico-urbanístico até a forma e o emprego de materiais nas edificações.

Como possível consequência dessas inúmeras transformações é observada uma segmentação do espaço da aldeia. Apesar de fisicamente as barreiras não terem sido construídas, características espaciais e elementos

simbólicos, imperceptíveis ao primeiro olhar, se tornam fundamentais para compreender essa configuração.

O território que constitui a Aldeia está estabelecido a partir de dois espaços distintos, conforme mostra a Figura 73. O Espaço aberto, responsável pela interface com a sociedade não indígena e o espaço interno, reservado ao Povo e ao modo de viver Kaingang.

O que esta pesquisa considera o Espaço aberto, marcado em azul na imagem, corresponde a uma pequena área, que se inicia na estrada principal de entrada da aldeia e vai até o ponto no Rio Uruguai onde se posiciona a Balsa. Nesse espaço os Kaingang buscam claramente a adaptação e troca com a sociedade não indígena, onde localizam seus equipamentos públicos, pretendem comercializar o artesanato, elaboram cerimoniais e rituais em semanas comemorativas, enfim, um cenário, criado para que possam mostrar as especificidades de sua cultura e conquistarem o respeito da sociedade do entorno.

Essa configuração não quer dizer que esse espaço não seja autêntico, pelo contrário, é uma representação clara de afirmação cultural, das diferenças existentes entre culturas e da consolidação da troca de experiências. É também um alerta, como se ainda não houvesse espaço suficiente para expressar seu modo de viver livremente fazendo com que as especificidades culturais que são compartilhadas fossem antes escolhidas, filtradas e adaptadas. Nessa situação, os indígenas são protagonistas do seu espaço, eles escolhem e detém o controle sobre o que querem ou não mostrar, quem pode ou não entrar no território e até onde esses “estrangeiros” podem ir. Para elucidar este pensamento segue uma breve descrição desse espaço.

Figura 73: Espaço aberto e Espaço interno da Aldeia



Fonte: Elaborado pela autora



Como não existe nenhum controle de acesso físico para a aldeia, como um portal de entrada, por exemplo, mesmo sem autorização, qualquer pessoa poderia adentrar a área indígena, pelo menos até um certo ponto. Essa entrada principal é uma estrada de terra e cascalho que conduz o visitante primeiro a um centro da Aldeia onde se localiza a escola, o posto de saúde, a casa do atual cacique, uma mata cerimonial e um campo de futebol, além de algumas outras moradias e duas igrejas evangélicas. Esse arranjo físico garante que o visitante não

Figura 74 - Escola Sape Ty Kó na Aldeia Kondá



Fonte: Acervo próprio

tenha acesso livre na aldeia antes de ser abordado por uma das lideranças da comunidade. Seguindo pela mesma estrada, poderão ser observadas grandes áreas de matas preservadas, mais algumas moradias e por fim se chega a balsa do Rio Uruguai.

Na medida em que se considera a arquitetura do lugar, destaca-se a edificação da escola que apresenta arquitetura diferenciada das escolas públicas encontradas nos bairros do município (Figura 74) e é inspirada na escola indígena Cacique Vanhkre da Terra Indígena Xapecó, que foi construída com a participação da comunidade Kaingang. Na Aldeia Kondá não houve participação da comunidade durante o processo de projeto, o modelo foi replicado com alterações de dimensões e materiais que comprometem a identificação com a cultura indígena. Pode ser citado como exemplo dessas alterações de projeto, a troca de tijolos aparentes e esteiras de taquara por alvenaria, elementos visíveis na parte externa da escola.

A casa do atual cacique é a antiga escola de madeira que recentemente foi apropriada pela comunidade e adaptada para a moradia de algumas famílias. Desse local, como já foi demonstrado pela área de isovista apresentada, o observador tem ampla visão dessa centralidade da aldeia e, portanto, grande controle sobre esse espaço.

A Mata cerimonial configura um espaço cercado, de mata parcialmente preservada onde são realizadas confraternizações abertas à

comunidade envolvente. É nesse local que são apresentadas as danças típicas, são feitas as comidas tradicionais e é demonstrada a cultura Kaingang para o não indígena nas semanas comemorativas.

O posto de saúde, além de seguir o padrão arquitetônico das estruturas encontradas nas áreas de periferia do município de Chapecó, possui uma cerca de alambrado metálico que o envolve. Próximo ao posto se visualiza um campo de futebol, que mesmo sendo de terra e com árvores em seu entorno, traz ao não indígena em geral, um sentimento de identificação por representar uma estrutura espacial familiar.

As moradias que podem ser vistas são em geral de madeira ou de alvenaria, as varandas adaptadas para o fogo de chão, são de madeira e as fragilidades de saneamento básico e precariedade de materiais encontradas em outras regiões da aldeia não ficam visíveis.

Assim, percebe-se que não existe uma ruptura, ou diferenças espaciais representativas entre a imagem que se tem da periferia do município e a aldeia nesse espaço. Existe um movimento na aldeia que luta para que esse espaço seja ainda mais diferenciado e equilibre de forma inteligente valores tradicionais e as possibilidades trazidas com as novas tecnologias.

Por outro lado, quando considerado o Espaço Interno da Aldeia, percebe-se outra dinâmica espacial, marcada pelo uso dos espaços mais ligados a necessidade humana do que a convenções ou padrões formais. As residências são construídas com materiais disponíveis no entorno sendo encontradas nas paredes das casas, além de alvenaria e madeira, materiais como lonas, chapas metálicas, telhas de fibrocimento, etc. As estradas são mais estreitas, com pouco cascalho e preveem a passagem de apenas um veículo por vez.

Nesse espaço estão os locais de preservação da mata, o habitat dos animais nativos (macacos, tatus, quatis, etc.) que segundo a comunidade estão voltando e ficando cada vez mais próximos das casas. Essa mata também oferece o material base para o artesanato (cipó e taquara) e os remédios que os mais velhos colhem para oferecer à toda a comunidade.

Não foi possível observar nesse espaço outra lógica de ocupação que não fosse a mínima interferência na natureza, de forma que as apropriações humanas são efêmeras e possibilitam a pronta recuperação



dos recursos naturais assim que sejam abandonadas. Muitos cursos de água também ficam preservados dos acessos não indígena e locais onde os mais velhos fazem orações e meditações se localizam nessas matas<sup>41</sup>.

É relevante colocar que nem só aspectos positivos envolvem o Espaço interno da aldeia, pois em muitos lugares não existe energia elétrica nem sistemas de saneamento. Apesar da adaptação da comunidade a essa realidade, os moradores são unânimes em afirmar que gostariam de ter acesso a essa infraestrutura básica.

Acredita-se que essa distinção e, portanto, a construção de duas Imagens distintas desse lugar são resultado de um processo histórico das relações entre indígenas e não indígenas, que precisa ser considerada.

É notável que a sociedade envolvente em geral ainda não compreenda a cultura do outro, no caso a indígena, como uma estrutura dinâmica, passível de alterações, de apropriação de novas tecnologias e de transformação. Na mesma corrente o indígena, em função do passado de seu povo não estabelece uma relação de igualdade com o não indígena, estabelecendo um envoltório invisível na própria aldeia para que apenas as colaborações possam penetrar e a comunidade se mantenha protegida de mais exploração.

---

<sup>41</sup> Em respeito à comunidade esses locais não foram fotografados para garantir a continuidade da preservação do olhar não-indígena.

Outra questão que faz com que se construa essa fronteira entre o que se quer mostrar e o que se quer preservar tem ligação com o conceito de apego ao lugar construído historicamente. Foram décadas de luta em prol da conquista desse território e diferentes fases da relação estabelecida entre lugar e comunidade. Conforme alguns relatos apenas nos últimos anos a comunidade tomou consciência da importância da preservação e da apropriação consciente desse território como forma de conquistar o respeito da sociedade envolvente. Nesse sentido, os moradores se unem para defender esta terra, que pode não ser considerada um território tradicional para a geração atual, mas que através da retomada de práticas culturais, poderá ser considerada tradicional pelas futuras gerações.

A Aldeia Idealizada pela comunidade, sugere a manutenção dessa dinâmica com uma ampliação suave do Espaço que pretende ser compartilhado com os não indígenas, como pode ser observado na Figura 75.

Essa Ampliação, deve-se a convicção de que as ações de afirmação cultural protagonizadas pela comunidade indígena estabelecerão uma relação de mais respeito e reciprocidade entre a comunidade da aldeia e a sociedade chapecoense.

Sobre esta primeira categoria de análise, é fundamental reconhecer essa divisão no espaço, essas fronteiras simbólicas estabelecidas e respeitar os limites que essa dinâmica prevê ao pensar intervenções urbanísticas e arquitetônicas para essas comunidades. Nesse sentido, só é possível compreender esse espaço aberto da comunidade, passível de intervenções, ao conhecer a cultura deste povo, respeitar seu

Figura 75: Espaço Interno e Espaço Aberto Aldeia Idealizada



Fonte: Elaborado pela autora

modo de viver e considerar a construção cultural e espacial contemporânea como um todo multifacetado, elaborado nas relações com outros povos e com muitas possibilidades de interpretação, que são construídas a partir da participação da comunidade e não apenas com o olhar do profissional de arquitetura e urbanismo.

## **7.2. O ARRANJO FÍSICO E A RELAÇÃO PÚBLICO PRIVADO**

A configuração das vias da aldeia e das formas arquitetônicas tanto existentes quanto idealizadas demonstram uma dinâmica que releva uma percepção própria da comunidade quanto ao entendimento de espaços públicos, privados, da noção de propriedade e do território em si.

Quando a área foi concedida aos indígenas da Aldeia Kondá, eles detinham total poder sobre o uso e distribuição dessas terras. Apesar de viverem durante décadas no centro da cidade, envolvidos por lotes privados, muros altos e casas cercadas, não replicaram essa configuração no seu novo território.

Além de nenhuma das casas apresentar cerca, ou delimitação de lotes, os caminhos criados pela própria comunidade revelam um sentimento de propriedade coletiva que se sobrepõe a individual na medida em que esses caminhos passam muito próximos das portas e janelas das casas e isso não causa nenhum sentimento de invasão ou falta de privacidade. Nesse sentido percebe-se que as fronteiras, os limites são estabelecidos de forma social e não física.

Entre as famílias, o espaço do interior das residências, que em geral seria privado, é compartilhado seja por moradores ou parentes que residam dentro ou fora da Aldeia. É comum as crianças e os adultos fazerem refeições e passarem longos períodos de tempo nas casas dos parentes, especialmente na casa dos avós.

O território da aldeia de forma geral é coletivo. Não se observa a predominância de grupos específicos se apropriando de determinados espaços públicos, na maioria das vezes foram observados grupos mistos, de jovem, crianças e pessoas mais idosas conversando, ou tomando chimarrão nas poucas áreas de lazer existentes.

Outro fator que reforça esse sentimento de território coletivo está diretamente ligado às formas arquitetônicas. Quando questionados

sobre a aldeia ideal, a maioria dos participantes sugeriu uma forma única para todas as residências e apenas os lugares de uso de toda a comunidade teriam arquitetura ou dimensões diferenciadas.

Esse contexto revela que a noção de territorialidade organiza o comportamento e a vida em termos sociais. Em função do tempo de ocupação do território e do sentimento relativo a ele, as regras de arranjo físico são estabelecidas e respeitam a lógica da cultura em questão. O espaço habitado transcende o espaço geométrico e as interações sociais vão além de ações individuais, se caracterizam como experiências quase sempre coletivas.

As análises, de permeabilidade e visibilidade realizadas, corroboram com as afirmações feitas na medida que não revelam grandes diferenças de profundidade no sistema da aldeia, conferindo ao território de forma geral, um caráter de privacidade que se manifesta não por barreiras construídas, mas pela vegetação e pelas ações dos indivíduos que ocupam o espaço.

### **7.3. A ARQUITETURA COMO IDENTIDADE**

Acredita-se na arquitetura como possibilidade de emoldurar paisagens, contemplar intenções e proporcionar um espaço de interação humana. Nesse sentido, as aspirações da comunidade da Aldeia Kondá quanto às futuras edificações e o sentimento em relação às obras existentes está diretamente ligado ao sentimento de identificação cultural. Nesse sentido são abordadas em primeiro lugar as edificações com uso residencial e posteriormente as obras de uso público/coletivo.

Quanto à forma arquitetônica sugerida para as moradias, nota-se que mesmo que exista o anseio de que sejam todas semelhantes, seguindo um padrão que manifesta a igualdade entre os membros da comunidade, é fundamental que a comunidade seja envolvida e ouvida durante o processo de projeto. Essa medida garante aproximação das moradias com as necessidades dos usuários, diminui as intervenções posteriores para adaptação e representa a possibilidade de resgatar aspectos do modo de viver indígena e seja motivo de orgulho para as novas gerações.

Algumas estruturas colocadas como fundamentais, como o fogo de chão no interior das residências, banheiros individuais para as casas, a

varanda para a fabricação do artesanato e o uso de materiais mais naturais como as esteiras de taquara por exemplo, além de garantirem a qualidade das habitações, possibilitam a afirmação do modo de viver Kaingang.

Quando são abordadas as edificações de uso coletivo, as mesmas preocupações permanecem. Entende-se que além de abrigar as atividades para as quais são destinadas, devem representar os valores e intenções da comunidade perante a sociedade não indígena através da sua forma, dos materiais e das experiências que podem proporcionar.

Nesse sentido, uma experiência realizada na Terra Indígena Xaçecó, onde a comunidade participou do processo de projeto do complexo escolar, mesmo que de forma tímida, é recorrentemente citada. O complexo conta com três edificações, uma escola, um ginásio de esportes e um centro cultural, Figura 76, mesmo com suas limitações, tornou-se referência para todas as comunidades indígenas da região.

Figura 76: Escola Cacique Vanhkre e Ginásio de esportes - TI Xaçecó



Fonte: Acervo próprio e fotos de Nauíra Z. Zanin

Assim, conforme já discutido nos referenciais desta pesquisa, a arquitetura possibilita a identificação das pessoas e grupos com o lugar através da percepção que engloba aspectos como afeto, significados, valores culturais, etc. As formas, os materiais e as possibilidades de interação nesses ambientes não define, mas condiciona as relações que

podem se estabelecer em seu interior e nesse sentido podem contribuir ou desfavorecer ações tradicionais de determinada cultura.

Por isso esta pesquisa reforça a ideia de que é fundamental conhecer dinâmicas sociais e aspectos subjetivos no grupo no qual se pretende realizar alguma intervenção arquitetônica, para que esse produto seja direcionado aos interesses desse grupo e isso só pode ser feito com a participação da comunidade como protagonistas no desenvolvimento dos seus espaços projetados.

Ações nesse sentido possibilitam o apego ao lugar nas três dimensões: a funcional, ao considerar que os espaços podem inibir ou encorajar movimentos e práticas, podendo assim gerar tanto produção cultural em seu interior quanto estresse e intimidação; a simbólica, ao prever que a escolha de formas e materiais adequados podem trazer lembranças e criar identificação e finalmente a relacional que considera a interação dinâmica entre as relações sociais e as características do ambiente onde elas ocorrem.

Quando se projeta em parceria com os usuários, as pessoas se sentem parte da obra, o lugar passa a ser reconhecido pela comunidade e absorve aspectos de apego como o desejo de defender o lugar, desejo de proximidade e envolvimento com o espaço, a redução das possibilidades de substituição ou abandono da obra e principalmente o sentimento de orgulho, identificação, enraizamento e pertencimento, demonstrado na forma como a comunidade passa a interagir com e no lugar.

#### **7.4. COMPORTAMENTO SOCIOESPACIAL**

A última categoria de análise e reflexão considerada entende que as relações humanas, se estabelecem em ambientes naturais ou projetados, que por sua vez, interferem nessas relações. Partindo desse princípio, percebe-se na aldeia que apesar da área de ambientes naturais ser ampla e muito utilizada pela comunidade, os espaços projetados tem grande importância no sentido de possibilitar abrigar relações interpessoais.

Nota-se que quando existe um espaço projetado, ou pensado para receber determinada atividade, existe um incentivo para que a mesma aconteça. Por outro lado, sem espaços específicos, algumas atividades também são impossibilitadas de acontecer. Para esclarecer essa questão

seguem dois exemplos significativos, o primeiro em espaços mais íntimos e o segundo em espaços coletivos.

A presença do fogo de chão em uma residência convida os moradores e parentes próximos a sentarem em torno desse fogo em dias mais frios. Essa ação incentiva o diálogo, faz com que os mais idosos sintam-se instigados a contar histórias do passado, os mais novos por sua vez, tem a oportunidade de aprender sobre a cultura e provavelmente essa experiência ficará marcada em sua memória afetiva, fazendo com que no futuro sintam vontade de reviver experiências similares, contando histórias aos seus filhos e netos e fazendo com que essa tradição se perpetue. O lugar, ou um componente espacial, como o fogo de chão neste caso, surge como palco dessas interações.

Outro exemplo significativo citado pela comunidade é a importância de um centro cultural para que possam ser realizados eventos para a comunidade indígena e não indígena, a venda de artesanatos e a formação de professores indígenas. Só o fato da comunidade se preparar para receber pessoas de fora da aldeia e mostrar para eles sua cultura, pode gerar na própria comunidade o anseio de conhecer e resgatar aspectos tradicionais. Valores culturais como a língua, as pinturas corporais, a comida típica, passam de coadjuvantes à protagonistas nessas experiências e evidenciam o orgulho de ser indígena.

Nesse sentido, a percepção individual e coletiva se constrói a partir do compromisso de interação com o espaço e não apenas de sua contemplação. O *Behavior setting* se apresenta desenhando a interdependência entre ambiente e comportamento, onde há direta interferência de fatores socioculturais para a conformação do comportamento socioespacial.

Complementaridade, reciprocidade, interação, generosidade e equilíbrio são expressões que fundamentam as relações entre espaço e sociedade. Os espaços podem e devem contribuir de forma significativa nas intenções e práticas culturais na medida em que são pensados com esse propósito e embasados no respeito à diferença. Da mesma forma precisam ser generosos, e suscetíveis às mudanças e adaptações advindas das mudanças nas relações humanas que abraçam.

A sociedade por sua vez, só pode ser pensada como uma estrutura dinâmica, passível de mudanças, onde as tradições são reinventadas, as

identidades são deslocadas e construídas de acordo com uma lógica de época. Assim, torna-se necessário o reconhecimento de obras arquitetônicas ou arranjos urbanísticos como forma de representação de um momento social, que respeita também um momento histórico.

Arquitetura, urbanismo, sociedade e cultura se fundem em uma estrutura só, onde as possibilidades de leitura, interpretação e interação são fragmentadas, contraditórias e infinitas, mas é nessa construção complexa que o mundo é construído e habitado. Assim, mesmo que não se tenha nunca um entendimento total dessas relações, todo o esforço em compreender as diferenças para posteriormente intervir, revela um caminho da direção de equilíbrio e reciprocidade entre povos.

---

A reflexão em torno dessas categorias de análise permite afirmar o caráter relacional e de reciprocidade que existe entre aspectos espaciais e socioculturais. A imagem do lugar, que estabelece fronteiras simbólicas no espaço da aldeia só se estabelece na medida em que as relações sociais e de trocas culturais se constroem. Da mesma forma, o arranjo físico-urbanístico da aldeia possibilita essas demarcações e garante a privacidade e a restrição do acesso ao espaço interno da aldeia.

A mesma relação é observada ao discutir o arranjo físico e a relação público privado. Os caminhos alternativos e a não utilização de cercas, são uma escolha da comunidade embasada em aspectos culturais. Essas escolhas influenciam e transformam o espaço físico criando um arranjo específico para a aldeia e que a diferencia dos bairros do município por exemplo. Por sua vez, esse arranjo espacial e esses caminhos criados acabam por reforçar essa noção de território coletivo predominando sobre a possibilidade de territórios individuais.

Na arquitetura, a escolha das formas e materiais são feitas, ou deveriam ser, com base nas referências socioculturais da comunidade que vivencia aquela edificação. Na mesma medida esses aspectos espaciais servem para afirmar ou negar essas referências, influenciando nas relações sociais que abraça. Por fim, o comportamento socioespacial, como a própria denominação revela, é prioritariamente relacional fazendo dos ambientes,



palco das relações humanas e estas, por sua vez, são responsáveis pela constituição desses espaços.

Assim, esta pesquisa constata que a ligação entre espaço e estrutura sociocultural vai além de uma relação simples onde um influencia o outro, como ilustra a Figura 77.

Figura 77: Relação simples entre espaço arquitetônico e estrutura social



Fonte: Elaborado pela autora

Existem diversos fatores sociais e espaciais agindo simultaneamente na comunidade, conforme ilustra a Figura 78, onde aspectos do espaço e da sociedade configuram a comunidade da Aldeia Kondá. Na medida em que o artesanato entra em cena, revelando valores culturais como as metades tribais que vão configurando as famílias, os materiais utilizados para sua fabricação, aparecem também nas casas e a partir da ligação dessas residências por caminhos alternativos, abertos pela comunidade, o sentimento de coletividade também vai aparecendo como aspecto fundamental na vida dessas pessoas. Da mesma maneira, espaços de fogo de chão e as varandas visíveis ao olhar indígena e não indígena ajudam a configurar o espaço aberto da aldeia, mas as histórias contadas nesses espaços e a relação estabelecida com a natureza pertencem ao espaço interno da aldeia. Nesse equilíbrio é que a cultura vai se desenhando, e estabelecendo o modo de viver Kaingang e a interface com o mundo não indígena.

Figura 78: Espaço e sociedade entrelaçados



Fonte: Elaborado pela autora

A configuração socioespacial, neste caso, só pode ser descrita e, portanto, analisada em um recorte temporal restrito. A cultura, considerada nesta pesquisa como uma construção dinâmica, estabelecida na relação com o outro está permanentemente em transformação e algumas mudanças sociais pontuais como a inserção de políticas públicas ou ações sociais específicas podem alterar, enfatizar e intensificar essas transformações. Da mesma forma os espaços são envolvidos nessas transformações e abraçam essas interações humanas estabelecendo-se assim em permanente mudança de maneira que intervenções espaciais, como a mudança de território ou a inserção de uma edificação, podem também influenciar essa dinâmica.

Para ilustrar essa configuração, a Figura 79 abaixo demonstra a inconstância dessas transformações e sua alteração frente algum aspecto social ou espacial.

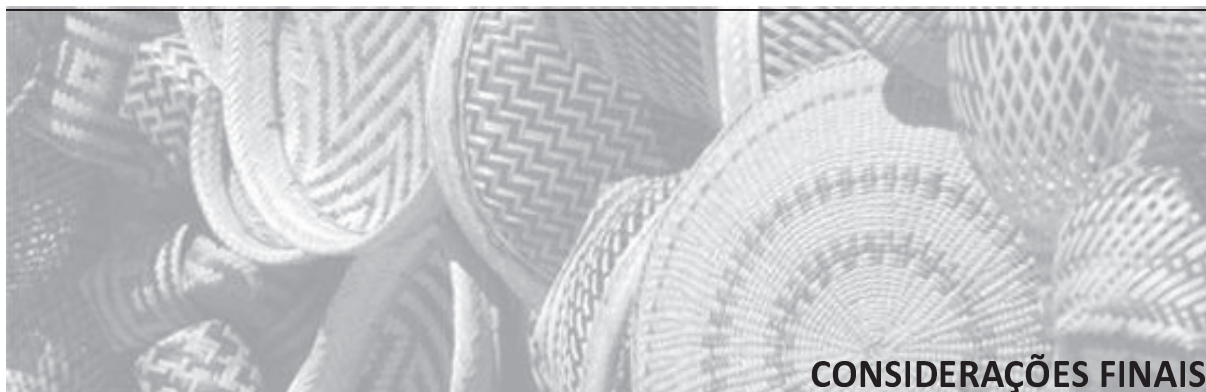
Figura 79: Mudanças na dinâmica socioespacial ao longo do tempo



Fonte: Elaborado pela autora

A Figura 79 exemplifica alguns aspectos sociais e espaciais relevantes para a comunidade da Aldeia Kondá e tem a intenção de ilustrar a mudança da dinâmica socioespacial ao longo do tempo. Assim, percebe-se que o conjunto de fatores agindo mais diretamente na comunidade é específico de cada período e faz parte de determinado contexto histórico, o que faz com que a interface entre espaço e sociedade se configure de forma diferente e se transforme de acordo com a lógica socioespacial de seu tempo.

Percebe-se assim que fatores, de diversas origens sociais e espaciais interferem na dinâmica das comunidades de forma não linear, pois além da complexidade que estes envolvem, são somadas ainda as interpretações dos indivíduos que vivenciam esse conjunto de questões. Assim, pode-se afirmar que a comunidade segue a lógica contemporânea predominante da pós-modernidade, composta por um organismo complexo e multifacetado, que não se pode simplificar e nem buscar compreendê-lo a partir de um único olhar.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

<http://artesanato.gooto.com.br/index.php?procurando=indigena&inic=60&modo=b>

Este trabalho buscou elucidar e discutir de que forma a estrutura social Kaingang se manifesta no espaço Arquitetônico da Aldeia Kondá. O caminho no sentido de compreender as especificidades culturais dessa comunidade e sua forma própria de se relacionar com o espaço tinha por trás algumas inquietações quanto às possíveis formas de intervir espacialmente para melhorar a qualidade de vida daquelas pessoas, sem ferir a ampla bagagem cultural que estrutura o seu modo de viver. Assim, a pesquisa teve início, buscando entender esses aspectos socioculturais e posteriormente compreender como a aldeia se organiza espacialmente para que então esses dois aspectos pudessem ser relacionados.

No desenvolvimento da pesquisa considerações tanto de ordem teórica e metodológica quanto prática foram construídas e exploradas ao longo do texto. No entanto algumas reflexões relacionadas aos objetivos da pesquisa, as aproximações e procedimentos adotados, algumas considerações gerais marcantes e por fim as sugestões para estudos futuros merecem destaque e são abordadas a seguir.

### **SOBRE OS OBJETIVOS PROPOSTOS**

O objetivo geral da pesquisa foi analisar de que forma a estrutura social Kaingang se manifesta no Espaço arquitetônico da Aldeia Kondá. No decorrer dos estudos percebeu-se que além de compreender essa manifestação nos espaços, ficou evidente o poder que a arquitetura e o arranjo físico urbanístico tem na valorização da cultura na medida em que influenciam nas interações humanas que se desenvolvem em seus domínios.

Quanto aos objetivos específicos da pesquisa, acredita-se que foram atendidos graças a abordagem multimétodos adotada que permitiu que as informações derivadas de um procedimento pudessem, ao longo da pesquisa, ser complementadas por outros.

A estrutura social Kaingang foi descrita e construída com base prioritariamente na pesquisa bibliográfica. Os inúmeros estudos desenvolvidos especialmente nas áreas de Arqueologia (REIS,2007; SCHMITZ, et all 2010), Antropologia (TOMASINO,1998; D´ANGELIS, VEIGA,2003) e História (NÖTZOLD,2003,2004,2015; BRIGHENTI,2012), propiciaram a compreensão do modo de viver Kaingang com base tanto em vestígios arqueológicos e em laudos antropológicos quanto nos estudos de Etno-história que se utilizam da História Oral e possibilitam ouvir também a voz dos próprios indígenas.

Com as visitas exploratórias, relatos de história de vida, entrevistas individuais e com grupos focais foram percebidas as principais mudanças ocorridas a partir do contato com a sociedade não indígena. Destacam-se nesse sentido, a influência dos meios de comunicação que induzem o consumo e o acúmulo material, repudiado pela cultura tradicional, a presença de igrejas evangélicas como forma de combate ao alcoolismo no interior das aldeias, a escassez de matas nativas que diminui a possibilidade da caça e dos remédios do mato, e por fim, o sentimento construído em relação a sociedade envolvente que historicamente se desenhou com base na exploração e faz com que parte da comunidade não se sinta livre para assumir seu modo de viver.

Percebem-se muitos aspectos negativos ligados às mudanças culturais ocorridas desde o início da interação com outros povos, mas existem também aspectos positivos ligados a possibilidade de formação de professores indígenas, a garantia de uma educação específica e diferenciada, a melhoria da qualidade de vida ligada ao saneamento básico e principalmente o movimento no interior das comunidades de protagonismo indígena, de preservar valores tradicionais e aceitar seu modo de viver diferenciado, criando nas novas gerações um sentimento de orgulho que faz com que as relações com os não indígenas se estabeleçam cada vez mais pautadas no respeito e da cooperação.

Para caracterizar a estrutura espacial Kaingang foram somadas informações obtidas através de pesquisas bibliográficas aos relatos da

comunidade e a observação dos vestígios de comportamento. A experiência de pensar a aldeia enquanto espaço arquitetônico em transformação trouxe uma contribuição que superou os limites da pesquisa e chegou diretamente à comunidade. Os colaboradores não haviam ainda pensado na possibilidade da arquitetura e do arranjo físico da aldeia se configurarem como fatores de diferenciação cultural. Na medida em que a comunidade pensou e caracterizou espacialmente a aldeia, percebeu que sua voz nas edificações e no traçado poderiam ser mais um ator de protagonismo indígena, criando também o sentimento de respeito à profissão do arquiteto-urbanista, vendo nesse profissional um aliado na conquista do respeito esperado.

Após a construção e validação junto à comunidade dos mapas das aldeias tradicional, atual e idealizada, essas configurações puderam ser relacionadas, identificando fatores formais na aldeia que relevaram traços da sociedade e da cultura Kaingang, com destaque para o traçado alternativo desenhado pelos indígenas aproximando os grupos familiares, as tipologias diferenciadas para equipamentos públicos e os materiais naturais empregados na construção, as características semelhantes pretendidas para as residências revelando o sentimento de igualdade entre os membros da comunidade, entre outros aspectos.

Esta pesquisa apresenta em caráter exploratório o panorama sócio espacial da aldeia Kondá a partir de quatro categorias de reflexão e análise com o objetivo de ser uma contribuição para possíveis projetos de intervenções arquitetônicas na comunidade.

### **SOBRE AS APROXIMAÇÕES E PROCEDIMENTOS ADOTADOS**

As aproximações teóricas contribuíram, entre outros fatores, para a introdução dos principais conceitos abordados na pesquisa e com base nessa reflexão inicial, foi também possível a escolha dos procedimentos metodológicos adotados na pesquisa de campo.

Compreender o panorama geral das populações indígenas da América Latina, passando pelo reconhecimento da diversidade existente no território nacional e por fim chegando a situação dos povos indígenas no estado de Santa Catarina serviu tanto para elucidar quanto ao tamanho desse universo quanto para justificar a relevância da pesquisa desenvolvida.

Desvendar aspectos culturais tradicionais Kaingang, como a dinâmica das metades tribais, a importância dos grupos familiares, os papéis sociais nas aldeias e algumas formas de assentamentos humanos antes do contato com as populações não indígenas contribuiu para direcionar o olhar na comunidade pesquisada na busca de possíveis relações com referências atuais a esses aspectos.

Cabe destacar que mesmo que a pesquisa bibliográfica seja adotada na maioria dos estudos, é fundamental que o pesquisador tenha clareza na escolha das fontes que vai considerar. Nesta pesquisa, a adoção de autores que corroborem com o movimento de Protagonismo indígena estabelecido nas aldeias, possibilitou a compreensão da cultura através do olhar dos próprios indígenas, o que foi fundamental para a postura adotada nos primeiros contatos em campo.

Posteriormente, a discussão em torno dos conceitos de cultura, identidade e fronteiras étnicas possibilitou a definição da abordagem adotada nessa pesquisa, desviando o foco de determinismos e considerando que as identidades se estabelecem no respeito às diferenças, que as fronteiras são muitas vezes estabelecidas social e não espacialmente e, principalmente, que a cultura se configura de forma dinâmica, multifacetada e por vezes contraditória, seguindo a lógica da configuração da sociedade contemporânea.

Os conceitos baseados na psicologia ambiental, base para a maior parte das técnicas de pesquisa utilizadas, foram fundamentais para compreender o espaço como um agente que intervém nas relações humanas e não apenas as recebe. A percepção ambiental, englobando componentes como a cognição, afeto, significados e identificação, possibilita às pessoas vivenciarem os lugares envolvendo além dos aspectos físicos, os simbólicos, culturais e históricos. Nesse sentido as experiências nos espaços tornam-se relacionais, na medida que não acontecem apenas em si mesmas mas tem relação com seus arredores sejam eles físicos/espaciais ou psicológicos representados por lembranças ou experiências vividas. Essa rede cognitiva é que possibilita determinados comportamentos socioespaciais e através deles a construção dos sentimentos de identificação e apego com os lugares.

A Teoria da sintaxe espacial, mesmo que abordada de forma introdutória foi fundamental para compreender a interação de fatores

configuracionais e socioculturais na comunidade estudada. A correlação existente entre as análises das medidas de integração e a situação observada no local foi importante não apenas para comprovar a eficácia da teoria, mas também para elucidar possibilidades de planejamento que favoreçam relações sociais voltadas para a cultura na aldeia. As análises de visibilidade e permeabilidade permitiram a compreensão de questões simbólicas ligadas ao controle e aos limites de ação dos não indígenas no território da aldeia.

No início da pesquisa de campo, o estudo sobre a construção histórica da comunidade da aldeia Kondá foi determinante na compreensão de aspectos observados atualmente, mas sobretudo construíram um sentimento de respeito e admiração em relação a comunidade que foram fundamentais para que fosse adotado um olhar mais sensível na análise dos dados obtidos e na aplicação das técnicas da pesquisa.

Compreender as diferenças existentes entre culturas na teoria já não é uma tarefa fácil, mas podem ser recorrentemente observadas discussões sobre o tema nas universidades em diferentes áreas do conhecimento e parece ser um consenso que as diferenças existem e devem ser respeitadas. Na medida que essas diferenças de dinâmicas de vida se apresentam na vivência prática, na aproximação com a comunidade, nas interações e na lida com as expectativas e frustrações de pesquisadores e comunidade é que se compreende a profundidade dessas questões e a importância de se fazer pesquisas que realmente tenham derivações práticas responsáveis.

Durante a aplicação das técnicas de pesquisa, especialmente as entrevistas e conversas com grupos focais, foi evidente a necessidade de se respeitar o tempo de aproximação necessário, a construção da relação de confiança para que posteriormente as informações fossem obtidas. Por isso todas as visitas exploratórias realizadas e os diálogos com a comunidade sobre questões não necessariamente vinculadas a pesquisa mas de interesse da comunidade, foram fundamentais.

A experiência de utilização de técnicas mais lúdicas e dinâmicas como o poema dos desejos foi especialmente positiva. Interações dessa natureza conferem um caráter menos formal à pesquisa e possibilitam o surgimento de informações que não apareceriam por meios de entrevistas convencionais. A possibilidade do convívio com as crianças tanto no



desenvolvimento do poema dos desejos quanto no passeio na aldeia foi uma experiência rica que possibilitou o entendimento de como algumas heranças culturais permanecem e até que ponto a sociedade não indígena invade a aldeia, principalmente pelos meios de comunicação que acabam por influenciar a visão de mundo dessas crianças.

Da mesma forma a convivência com o Sr. Augusto, um ancião e liderança da comunidade foi determinante para a construção do panorama sociocultural da Aldeia. O relato de história de vida trouxe aspectos que não poderiam ser conseguidos em entrevistas, pois surgem a partir de lembranças e experiências.

A observação dos vestígios de comportamento e elaboração dos mapas exigiram um olhar atento para os aspectos espaciais da aldeia, fundamentais para atender ao principal objetivo da pesquisa. O trabalho de espacializar o território da aldeia, compreender a configuração dos grupos familiares e relacionar os mapas de análise de integração, visibilidade e permeabilidade com aquilo que foi observado no local fez com que o panorama socioespacial da aldeia fosse surgindo naturalmente.

Por fim, uma preocupação metodológica permeou toda a pesquisa, manter o caráter científico do trabalho mesmo tratando uma temática que vai além da arquitetura, abordando temas sociais sobre os quais não é possível manter o olhar totalmente isento. A alternativa encontrada foi trazer o olhar da pesquisadora através de referenciais teóricos que corroborassem com esse modo de ver a temática. Assim, ao invés de buscar uma isenção que é comprovadamente infactível na prática, buscou-se suporte na bibliografia para suprir essas aspirações e embasar as análises.

## **CONSIDERAÇÕES GERAIS**

A primeira delas trata de uma crítica à pretensão de algumas obras arquitetônicas que corriqueiramente não preveem nem possibilitam sua adaptação, fazendo com que apenas seus usuários tenham que se adaptar a ela. Admitindo-se a cultura em transformação contínua e passível de deslocamentos territoriais, a arquitetura segue o mesmo princípio sendo moldada e construída a partir das relações sociais e culturais de seu tempo. Dessa forma, os espaços projetados precisam estar abertos a essas

transformações culturais e as alterações e adaptações espaciais advindas destas mudanças.

A segunda trata da necessidade dos profissionais que projetam o espaço estarem atentos a algumas ações sociais de seus usuários e a possibilidade de abraçarem essas ações em seus projetos. A partir do momento que são observadas inúmeras ações protagonizadas pelas comunidades indígenas desde a década de 1970, tanto na direção da luta e defesa da terra quanto no sentido do resgate da cultura, da escrita da história a partir do olhar indígena, da discussão sobre possibilidades de novas relações com o não indígena entre outros aspectos, a arquitetura tem como dever perceber esse processo e a possibilidade de dialogar com este através de processos projetuais colaborativos e participativos, onde as comunidades façam parte da criação do projeto e as arquiteturas e arranjos resultantes representem o grupo e os interesses das pessoas para as quais foram projetados.

A terceira reflexão diz respeito a observação das ações das comunidades nos espaços e o aprendizado que essa observação pode trazer para as novas intervenções arquitetônicas e urbanísticas. A apropriação dos espaços públicos da aldeia caracteriza as marcas deixadas tanto como resultado da necessidade de adaptação quanto da vontade de identificação de valores culturais fundamentais para o povo indígena. Assim embora exista a necessidade de se propor edificações que incorporem infraestrutura da sociedade contemporânea, haja vista a adoção de hábitos urbanos nessas comunidades, também é importante propor ações que considerem e apoiem o saber construtivo tradicional e a manutenção desse conhecimento para gerações futuras, bem como a configuração espacial mais adequada para as relações humanas.

Por fim, a última reflexão diz respeito a intenção maior por trás dessa pesquisa. Percebe-se que a criação do lugar não é exclusividade do fazer arquitetônico ou urbanístico, mas também dos significados atribuídos pelas pessoas aos espaços ininterruptamente. No caso das comunidades Kaingang, verifica-se o protagonismo nas reivindicações não apenas pelo espaço, mas na participação no processo de desenho, pautado pela intenção de fortalecimento cultural. Existe então uma relação clara estabelecida entre os lugares e as identidades culturais dos grupos que os

ocupam. Assim, é possível observar o espaço e perceber através dele a representação cultural de seu povo.

Dessa forma fica clara a responsabilidade que é conferida ao profissional de arquitetura e urbanismo quando interfere no espaço, ao criar ou transformar lugares. Não se pode pensar qualquer intervenção, seja ela uma edificação, uma rua, um muro ou a delimitação de um lote, sem pensar de que forma essa mudança altera a dinâmica social e cultural das pessoas envolvidas nesse espaço. Pode-se através dos lugares planejados, afirmar, valorizar, respeitar e considerar valores culturais de um povo ou, por outro lado, também é possível negar a uma comunidade inteira o direito de ser, estar e habitar o mundo a partir do modo de viver no qual acredita.

Por isso, essa pesquisa acredita que é fundamental entender aspectos sociais e culturais de comunidades específicas para que intervenções urbanísticas e arquitetônicas mais adequadas possam ser desenvolvidas. Cada profissional, a partir de sua “lente” elenca as estratégias projetuais que julga mais adequadas para o desenvolvimento do projeto e essas escolhas podem ser facilitadas na medida em que ele previamente busca compreender aspectos gerais da comunidade que receberá a intervenção.

Essa pesquisa busca contribuir nessa etapa inicial, no sentido de refletir sobre as interações entre espaço e sociedade e despertar **um outro olhar**, mais abrangente, sensível e cuidadoso, através do qual possam ser percebidas **marcas** nas comunidades que ajudem a contar sua história, a lógica cultural que seguem e assim entender os espaços que as envolvem.

Por fim, cabe reforçar que projetos arquitetônicos e urbanísticos devem analisar condicionantes de ordem social e espacial, pensando em **para quem e onde** a intervenção irá ocorrer. Essa pesquisa corrobora com essa afirmação e vai além disso, demonstra a profundidade dessas relações e a importância do respeito as dinâmicas socioespaciais ao se projetar não apenas para comunidades indígenas, mas em todos os contextos. Assim, compreende-se a responsabilidade que esses profissionais assumem na medida suas obras influenciam essas configurações e atingem o modo de viver das comunidades envolvidas.

No entanto para as questões aqui apresentadas, cabe maior aprofundamento, haja vista a complexidade envolvida, e ainda periódica

verificação, frente as mudanças que ocorrem ininterruptamente na dinâmica socioespacial das comunidades.

### **RECOMENDAÇÕES PARA ESTUDOS FUTUROS**

A área de estudos que envolvem as relações socioespaciais ou configuracionais é bastante ampla e mesmo no recorte feito para esta pesquisa, surgem algumas sugestões de pesquisas futuras como continuidade e aprofundamento dos estudos.

Uma possibilidade seria pesquisar as configurações tradicionais Kaingang a partir do relato de pessoas de outras aldeias a fim de obter um panorama regional tradicional e confrontar os relatos observando o quanto a história de cada comunidade interfere no modo de viver de seus habitantes.

A utilização das técnicas de pesquisa adotadas no estudo de caso em diversas aldeias Kaingang de forma a relacionar as diferentes configurações da mesma etnia, poderia gerar um material geral de apoio às intervenções espaciais em aldeias Kaingang.

Outra sugestão é a análise de intervenções arquitetônicas realizadas em comunidades com especificidades culturais para verificar a identificação da comunidade com o espaço projetado. Nessa perspectiva poderiam ser analisados os impactos dessas obras tanto no interior das comunidades quanto na forma como são vistos pela sociedade envolvente.

Por fim, sugere-se o desenvolvimento de pesquisas que relacionem aspectos espaciais e sociais em outros grupos culturais como, por exemplo, comunidades alemãs ou quilombolas. Nesse sentido poderiam ser discutidas as políticas de preservação de patrimônio material e imaterial frente a dinâmica de transformação cultural dessas comunidades.

AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ



Livros. Fonte: <https://medium.com/homo-academicus/como-encontrar-bibliografia-relevante-731e1cc6593#trzy spo41>

**AGUILO, F. Los cuentos, tradiciones o vivencias.** Virgínia: Los Amigos del libro, 1980.

**ALEXANDER, C. A new theory of urban design.** Vol. 6. Oxford: Oxford University Press, 1987.

**ALMEIDA, L. K. Análise antropológica das igrejas cristãs entre os Kaingang baseada na etnografia, na cosmologia e dualismo.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia-UFSC.

**ALMEIDA, Carina dos Santos de. Tempo, memória e narrativa Kaingang no oeste catarinense: A tradição Kaingang e a proteção tutelar no contexto da transformação da paisagem da terra indígena Xaçecó.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História-UFSC.

**AMPARO, S. Sobre a organização espacial dos Kaingã, uma sociedade indígena Jê Meridional.** Brasília: Universidade de Brasília, 2014. Dissertação de Mestrado. Programa de Pesquisa e Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo-UNB.

**ARTIGAS, V. Caminhos da arquitetura.** São Paulo: Cosac Naify, 2004.

**AUGE, M. Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade.** Campinas: Papyrus, 1994.

- AZEVEDO, M. M. **Diagnóstico da população indígena no Brasil**. São Paulo: Ciencia e Cultura, 2008.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1958.
- BALDUS, H. **Ensaio de Etnologia Brasileira**. São Paulo: Nacional, 1937.
- BARRETO, M. **Notas da disciplina de Metodologia Científica**. Florianópolis: UFSC, 2016.
- BARTH, F. **“Grupos étnicos e suas fronteiras”**.. Trad. Elcio Fernandes. Em P. e.-F. POUTIGNAT, Teorias da Etnicidade: Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth (pp. 187-227). São Paulo: UNESP, 1998.
- BAUMAN, Z. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAVARESCO, P. R., FRANZEN, D. O., FRANZEN, T. E. **Políticas de colonização no extremo oeste catarinense e seus reflexos na formação da sociedade regional**. Revista Trilhas da História. v.3, nº5 jul-dez, 86-104, 2013.
- BECKER, I. **O índio Kaingang no Paraná: Subsídios para uma etno-história**. São Leopoldo: UNISINUS, 1999.
- BOFF, L. **Saber cuidar: ética no humano**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOND, R. **Os Heroicos Mapuches**. A Nova Democracia, 2005.
- BONNES, M., SECCHIAROLI, G. **Environmental Psychology a psycho-social introduction**. Londres: Sange, 1995.
- BORBA, T. **Actualidade indígena**. Coritiba: Typ e Lytog a Vapor impressora Paranaense, 1908.

BOTERF, G. L. **Pesquisa participante: propostas e reflexões metodológicas.** Em C. R. Brandão, Repensando a pesquisa participante (pp. 51-81). Brasília: Brasiliense, 1984.

BRANCO, A. L. **Sociedade: Relações sociais, diversidade e conflitos.** Acesso em 15 de outubro de 2015, disponível em [educacao.uol.com.br/disciplinas/geografia/sociedade-relacoes-sociais-diversidade-e-conflitos.htm](http://educacao.uol.com.br/disciplinas/geografia/sociedade-relacoes-sociais-diversidade-e-conflitos.htm), 2005.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**, 2008.

BRIGHENTI, C. A. **Povos Indígenas em Santa Catarina** Florianópolis: UFSC .2012.

BRIGHENTI, Clovis Antonio. **O movimento indígena no Oeste Catarinense e sua relação com a igreja católica na diocese de Chapecó/SC nas décadas de 1970 e 1980.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós Graduação em História – UFSC.

BRINGMANN, Sandor Fernando. **Entre os índios do sul: Uma análise da atuação indigenista do SPI e de suas propostas de desenvolvimento educacional e agropecuário nos Postos Indígenas Nonoai/RS e Xapecó/SC (1941-1967).** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015. Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós Graduação em História – UFSC.

CAMPOS, S. d. **A voz de Chapecó: Artigo de Antonio Selistre de Campos - 1939-1952.** Centro de Memória do Oeste Catarinense (org). Chapecó: Argos, 2004.

CARRINHO, R. G. **Habitação de Interesse Social em Aldeias Indígenas: uma abordagem sobre o ambiente construído Mbyá-Guarani no litoral de Santa Catarina.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.



Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo - UFSC.

CASTRO, E. V. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo, São Paulo, Brasil: Cosac & Naify,2002.

CAVALCANTE, S., ELALI, G. A. **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petropolis: Vozes.2011

CAVALCANTE, S., ELIAS, T. F. **Apropriação**. S. Cavalcante, G. A. Elali, in:Temas Básicos de Psicologia Ambiental (pp. 63-69). Petrópolis: Vozes,2011

CAVALCANTE, T. L. **“Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa**. História. V. 30, n.1 jan/jun, p.349- 371,2011.

CEPAL - ANDES. (22 de Setembro de 2014). **Agência Publica de notícias de equador e América do Sul** (tradução). Acesso em 22 de Novembro de 2015, disponível em Agência Publica de notícias de equador e América do Sul (tradução): <http://www.andes.info.ec/es/noticias/cepal-america-latina-logra-mejoras-salud-educacion-participacion-politica-pueblos-indigenas>.

CEPAL;CELADE. **Los pueblos indígenas en América LATina: Avances en el último decenio y retos pendientes para la garantía de sus derechos**. Santiago del Chile: Nações Unidas.2014

CONSIGLIERI, V. **As metáforas da arquitectura contemporânea**. Lisboa: Ed. Estampa,2007.

CRUZ, A. **Pueblos originarios en América: guía introductoria de su situación**. Pamplona: Aldea,2010.

CUNHA, M. C. **Os direitos do índio**. São Paulo: Brasiliense,1987.

D'ANGELIS, W. R.; VEIGA, J. **Habitação e Acampamentos Kaingang hoje e no passado.** Cadernos do CEOM n.18, 213-242,2003.

DEBUS, M. **Manual para excelência em la investigación mediante grupos focales.** Pennsylvania: University of Pennsylvania/ Applied Communications Technology, Needham Porter Novelli,1988.

DENEVAN, W. M. **The Native Population of the Americas in 1492.** Madison: University of Wisconsin Press,1976.

DORNELES, Vanessa Goulart. **Acessibilidade para idosos em áreas livre públicas de lazer.** Florianópolis: UFSC, 2006. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo - UFSC.

DORNELES, Vanessa Goulart. **Estratégias de ensino de desenho universal em cursos de graduação em arquitetura e urbanismo.** Florianópolis: UFSC, 2014. Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo - UFSC.

ELALI, G. A.; Medeiros, S. T. **Apego ao Lugar.** Em S. CAVALCANTI, G. A. ELALI, Temas básicos da Psicologia Ambiental (pp. 53-62). Petrópolis: Vozes,2011

FELIPPE, M. L.; KUHNEN, A. **O apego ao lugar no contexto dos estudos pessoa-ambiente: Práticas de pesquisa.** Estudos de Psicologia, 609-617,2012.

FERNANDES, R. C. **Autoridade Política Kaingang: Um estudo sobre a construção da legitimidade política entre os Kaingang de Palmas/Paraná 1998.** Florianópolis: UFSC, 1998. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós Graduação em Antropologia Social - UFSC.

FREIRE, J. C.; VIEIRA, E. M. **Uma escuta ética de psicologia ambiental.** Psicologia & Sociedade, 32-37,2006.

FUNAI. **Índio no Brasil - Quem são?** Acesso em 30 de Novembro de 2015, disponível em Fundação Nacional do Índio: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/quem-sao?start=7,2010>.

GALEANO, E. **As veias abertas da America Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1971.

GARCIA LINERA, A. **Autonomias regionales indígenas y Estado multicultural**. . La Paz: Pural Editores,2003.

GEERTZ, C. **Dilemas de La Cultura: Antropologia, literatura y arte en la perspectiva posmoderna**. Barcelona: Gedisa,2001.

GEHL, J. **Cidades para pessoas/Tradução Anita Di Marco**. São Paulo: Perspectiva,2013.

Gerhardt, T. E., Silveira, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS,2009.

Gibson, J. **La percepción del mundo visual**. Buenos Aires: Ediciones Infinito,1974.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar,2002.

GIFFORD, R. **Environmental Psychology:Principles and Practice**. Wa:Colville: Optimal books,2007.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de pesquisa Social**. São Paulo: Atlas,1999.

Gil, A. C. **Como classificar as pesquisas**. Em A. C. Gil, Como elaborar projetos de pesquisa (pp. 44-45).2002.

GLAT, R. **Somos iguais a vocês: depoimentos de mulheres com deficiência mental**. Rio de Janeiro: Agir.1989.

GODOY, A. S. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais.** Revista de Administração de empresas, v. 35, n. 3,, 20-29.1995.

GOLDFARB, D. **Corpo, Tempo e Envelhecimento.** . São Paulo: Casa do Psicológico.1998.

HALL, E. T. **A linguagem silenciosa** [Tradução de The Silent Language, 1959]. Lisboa: Relógio D'água.1994.

HALL, S. **Quem precisa de Identidade?** Em T. T. SILVA, Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais (pp. 103-133). Petropolis: Vozes.2005.

HALL, S. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A.2006

HALPENNY, E. A. **Environmental Behaviour, Place Attachment and Park Visitation: A case study of visitors to Point Pelee National Park. University of Waterloo .** Waterloo : University of Waterloo ,2006.

HEMMING, John. **Red gold: the conquest of the Brazilian Indians.** Macmillan, 1978.

HILLIER, Bill; HANSON, Julienne. **The social logic of space.** Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

HOLANDA, F. d. **Espaço de Exceção.** Brasília: UnB,2002.

HUNTINGTON, E. **Civilization and climate.** Yale: Yale University Press,1922.

IBGE. **Tendências Demográficas: Uma análise dos indígenas com bas e.** Rio de Janeiro: IBGE,2005.

IBGE. **Características Gerais dos Indígenas: Resultados do Universo.** Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão,2010.

- IGLÉSIAS, F. **Encontro de duas culturas: América e Europa**. São Paulo: Estudos Avançados,1992.
- IRARRÁZAVALI, I., MORANDÉ, M. A. **“Cultura Mapuche: Entre la Pertenencia Étnica y la Integracion Nacional**. *Estúdios Públicos*, n.105 (verano), 37-60,2007.
- ISA, I. S. , **De olho nas Terras indígenas**. São Paulo,2016.
- JUNIOR, A. G. **Estudo Etnográfico sobre Alcoolização entre os Índios Kaingang da Terra Indígena Xapecó: das Dimensões Construtivas à Perturbação**. Florianópolis. : UFSC - Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social,2010.
- KAPLAN, R., KAPLAN, S. **The Experience od Nature: A Psychological Perspective**. Cambrige: Cambrige University Press,1989.
- KEESING, R.**Theiries of Culture**. Annual review of Antropology, Vol.03.1974.
- KELLER, F. **Noções sobre os indígenas da Província do Paraná. Manuscrito de 1867 sob guarda do Arquivo Naciona**. Rio de Janeiro: Boletim do Museu do Índio.1974.
- Kind, L. **Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais**. *Psicologia em Revista* 10.15 (2008): , 124-138.1996.
- KING, A. **Re-presenting World Cities: Cultural Theory/Social Practique in Knox**. Em P. P. Taylor, *Worls Citires en a World System*. Cambridge: Cambridge University Press.1995.
- KRESÓ, P. **O Kiki permanece**. Em A. TORAL, EG JAMEN KY MU - textos KAINGÁG. (pp. 80-87). Brasília: APBKG/MEC/PNUD.1997.
- KUHNER, A., HIGUCHI, M. I. **Percepção Ambiental**. Em S. CAVALCANTE, G. A. ELALI, *Temas básicos em Psicologia Ambiental* (pp. 251-266). Petrópolis: Vozes,2011.

KUPER, A. **“Cultura, diferença, identidade”**. . Em A. KUPER, *Cultura: a visão dos antropólogos*. Tradução Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros (pp. pp.287-318. ). Bauru: EDUSC,2002.

LARAIA, R. d. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,2006.

LEMERT, C. **Pós-modernismo não é o que você pensa**. Trad. AdailUbirajara Sobral. São Paulo: Loyola,2000.

LÉVI-STRAUSS, C. **Estruturalismo e crítica**. Em E. P. COELHO, *Estruturalismo: antologia de textos teóricos* (pp. 393-396). Lisboa: : Portugália Editora,1968.

LÉVI-STRAUSS, C. **As organizações dualistas existem?** Em C. LÉVI-STRAUSS, *Antropologia Estrutural* (pp. 147-178). Rio de Janeiro: Tempo brasileiro,1970.

LIMULJA, H. C. **"Uma etnografia da Escola Indígena Fen'Nó à luz da noção de corpo e das experiências das crianças kaingang e guarani"**. Florianópolis: Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em Antropologia social - UFSC.2007.

LOCH, S. **Arquiteturas Xokleng Contemporâneas**. Florianópolis: Dissertação de Mestrada. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. UFSC,2004.

LUCIANO, G. d. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília : Ministério da Educação/SECAD,2006.

LYNCH, K. **A Imagem da Cidade** ( 1918) : Tradução Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes,1997.

MABILDE, P. **Apontamentos sobre os indígenas selvagens da Nação Coroados dos matos da Província do Rio Grande do Sul**. Brasília: IBRASA Fundação Nacional Pró Memória.1983.

- MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática v.27, p. 149-158, 1991
- MARÃIWATSÉDÉ. (07 de julho de 2016). Marãiwatsédé. Fonte: Marãiwatsédé: <http://maraiwatsede.org.br/>
- MELATTI, Julio Cezar. **Índios do Brasil**. 7ª ed. São Paulo: Edusp, 1993.
- MENDOZA, J. M. **Etnia Los Quechuas**. Acesso em 24 de 11 de 2015, disponível em MIBOLIVIA.NET:<http://www.mibolivia.net/2012/10/36-etnias-de-bolivia-etnia-los-quechuas.html>
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes.1999.
- MINAYO, M. C. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes.2001
- MIRA, R. G. **La Ciudad Percebida: una Psicología Ambiental de los barrios de La Coruña**. La Coruña: Universidade de Coruña.1997.
- MOONEN, F., MAIA, L. M. **Etnohistória dos índios potiguaras**. João Pessoa: PRPB/SECPB.1997.
- MORGAN, D. **Focus group as qualitative research**. London: Sage Publications .1997.
- NACKE, A. **Os Kaingang: Passado e presente**. Em E. Nacke, A. Renk, L. Piovezana, N. M. Bloemer, Os Kaingang no oeste catarinense: Tradição e Atualidade (pp. 33-43). Chapecó, Santa Catarina, Brasil: Argos.2007.
- NACKE, A., BLOEMER, N. M. **As áreas indígenas Kaingang no oeste catarinense**. Em A. NACKE, A. renk, L. PIOVEZANA, In. M. BLOEMER, Os Kaingang no oeste catarinense: Tradição e atualidade (pp. 43-89). Chapecó: Argos.2007.

NAPOLITANO, M. **Cultura brasileira: utopia e massificação (1950-1980) : [cultura de massa e cultura de elite, movimentos de vanguarda, arte e política]**. São Paulo: Editora Contexto.2001

NASCIMENTO, E. S. **Há vida na história dos outros**. Chapecó: Argos.2001.

NETTO, V. d. **O que a sintaxe espacial não é?** Vitruvius - Arqtextos, p. 161.04.2013.

NIMUENDAJÚ, C. **Mapa etnohistórico de 1944** . IBGE: 1981.

NIMUENDAJÚ, C. **Etnografia e indigenismo - Sobre os Kaingang, os Afaié-Xavante e os índios do Perú**. Campinas: UNICAMP.1993.

NÖTZOLD, A. L. **Nosso Vizinho Kaingang**. Florianópolis: UFSC.2003.

NÖTZOLD, A. L. **O ciclo de vida Kaingang**. Florianópolis: UFSC.2004

NÖTZOLD, A. L. **Percepções dos usos de produções didáticas em uma escola Kaingang**. Revista Pedagógica, Chapecó, v.17, n.34, p.21-35,2015.

PENNA, A. G. **Percepção e realidade: Introdução ao estudo ds realidade perceptiva**. Rio de Janeiro: Imago.1993.

PEPONIS, J. **Espaço, cultura e desenho urbano no modernismo tardio e além dele**. AU - Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, n. 41, 1992, p. 78-83.

PEREZ, F. G. Aimara . **O Povo Aimara** . Encydia - Wikilingue. Acesso em 24 de Novembro de 2015, disponível em Aimara. Encydia Wikilingue: <http://aymara.es.tl/PUEBLO-AYMARA.htm>.2010

PESAVENTO, S. J. **O Imaginário da Cidade – Visões Literárias do Urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre** . . Porto Alegre: UFRGS.1999.

PINHEIRO, J. Q. **Psicologia ambiental: Em busca de um ambiente melhor**. Estudos em Psicologia - Dossiê de Psicologia Ambiental, 377-398.1997.



PINHEIRO, J. Q. **Behavior Setting**. Em S. C. Elali, Temas básicos em Psicologia ambiental (pp. 83-97). Petrópolis: Vozes.2011.

PINHEIRO, J. Q., ELALI, G. A. **Comportamento socioespacial humano**. Em S. CAVALCANTE, G. A. ELALI, Temas básicos em Psicologia Ambiental (pp. 144-158). Petrópolis: Vozes.2011.

PIOVEZANA, L. **Educação e cultura na terra indígena Xapecó**. Dissertação de Mestrado. Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil: UNISC.1999.

PIOVEZANA, L. **Territorio Kaingang na Mesoregião Grande da Fronteira do Mercosul**. Tese de Doutorado. Santa Cruz do Sul: UNISC.2010.

POL, E. **La apropiación del espacio**. Em L. Iñiguez, E. Pol, Cognición, representación y apropiación del espacio (pp. 45-62). Barcelona: Publicacions Universitat de Barcelona.1996.

POLIT, D., BECK, C., HUNGLER, B. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização**. Em D. F. POLIT, Análise quantitativa (pp. 167-98). Porto Alegre: Artmed.2004.

PROSHANSKY, H. M. **Place identity: Physical world socialization of the self**. . Journal of Environmental Psychology.1983.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Editora da UnB.1992.

RAMOS, A. R. **Sociedades indígenas**. São Paulo: ática.1995.

RAPOPORT, A. **Hechos y Modelos**. Em G. BROADBENT, Metodologia del Diseño Arquitectonico (pp. p. 297-323). Barcelona: Editorial Gustavo Gili.1971.

RAPOPORT, A. **The mutual interaction of people and their built environment**. Walter de Gruyter.1976

RAPOPORT, A. **Human aspects of urban form: towards a man—environment approach to urban form and design.** Elsevier.2013.

RAPOPORT, A., SAYEGH., S. E. **Culture, architecture, and design.** Locke science publishing Company.2005.

REIS, M. J. **A Problemática Arqueológica das Estruturas Subterrâneas no Planalto Catarinense.** Erechim: Sociedade e arqueologia brasileira.2007

RHEINGANTZ, P. A. **Observando a qualidade do lugar: Procedimentos para a avaliação pós-ocupação.** Rio de Janeiro: FAPERJ.2008.

RHEINGANTZ, P. A., Azevedo, G. A., Brasileiro, A., Alcantara, D. d., Queiroz, M. **Observando a qualidade do lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação.** Rio de Janeiro: Coleção PROARQ: FAU-UFRJ.2009.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

RIO, V. D., OLIVEIRA, L. **Percepção Ambiental: A experiência brasileira.** São Carlos: UFSCar. 1999.

ROOSEVELT, Anna Curtenius. "**Arqueologia amazônica.** In História dos índios no Brasil p.53-86.1992.

RUBINSTEIN, R., PARMELLE, P. **Attachment to place and the Representations of the life Course by the elderly.** Em S. LOW, Place Ateachment (pp. 139-163). Nova York: Plenun.1992.

SABOYA, R. T. **Estudos Configuracionais Urbanos:** Plano da Disciplina e notas de aula. Florianópolis: UFSC. 2016.

SABOYA, Renato T. de. **Análises de Visibilidade e Permeabilidade.** Texto de apoio. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

- SANOFF, H. **Visual research methods in design**. Nova York : Van Nostrand Reinhold.1991.
- SANTOS, A. C., RIO, V. d. **A outra urbanidade: A construção da cidade pós-moderna e o caso da Barra da Tijuca**. VI Seminário de História da cidade e do urbanismo. Campinas: PUC-Campinas. 1998.
- SANTOS, B. V. **Pela mão de Alice: o social e o político na pos-modernidade**. São Paulo: Cortez.1997.
- SAVOLDI, A., RENK, A. **Territorialidades cruzadas: a construção das identidades indígenas e caboclas no Oeste Catarinense**. GT 11 - Estudos rurais e etnologia indígena: diálogos e intersecções.2012.
- SCANNELL, L., GIFFORD, R. **Defining place attachment: A tripartite organizing framework**. Journal of Environmental Psychology 30, 1-10.2010.
- SCHIMITZ, P. I., BEBER, M. V. **Em busca dos antepassados Kaingang**. In: Antes do Oeste Catarinense: Arqueologia dos povos indígenas. Chapecó: Argos.2011.
- SCHMITZ, P., ARNT, F., BEBER, M., ROSA, A., FARIAS, D. d. **Casas subterrâneas no planalto de Santa Catarina: São José do Cerrito**. Pesquisas. Em série Antropologia,n.68. (pp. 7-78). São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas. 2010.
- SCHNEIDER, D. **American Kinship: A Cultural Account**. Nova Jersey: Prentice Hall.1968.
- SEDA, P. **Sociedades “Sem História” - Antiga da América**. Rio de Janeiro: das Américas.2010
- SILVA, E. **Matéria, Idéia e Forma: uma definição de arquitetura**. Porto Alegre: UFRGS.1994.

SILVA, L. A. **A história Kaingang através do Ritual do Kiki.** Santa Catarina em História, 11-23. 2011.

SILVA, M. A. **Memórias que lutam por identidade: A Demarcação da Terra Indígena do Toldo Chimbangue (SC) -1970-1986.** Florianópolis: Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em História - UFSC.2006.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes.2000.

SOMMER, B. B., SOMMER, R. **A practical guide to behavioral research: Tools and techniques.** Nova York: A practical guide to behavioral research: Tools and techniques.1986.

THEODORSON, G. A., THEODORSON, A. G. **A modern dictionary of sociology.** London: Methuen.1970.

TOMMASINO, K. **A história dos Kaingang da Bacia dos Tibagi: Uma sociedade Jê Meridional em movimento.** São Paulo: Tese de Doutorado em Antropologia social pela Universidade de São Paulo.1995.

TOMMASINO, K. **Algumas considerações acerca das exposições proferidas pelos representantes dos povos indígenas no Simpósio "As cidades e os povos indígenas: Mitologias e Visões.** Em L. T. MOTA, As cidades e os povos indígenas: Mitologias e Visões. Maringá: EDUEM.2000.

TOMMASINO, K. **Território e territorialidade Kaingang. Resistência cultural e historicidade de um grupo Jê.** Em L. T. MOTA, F. S. NOELLI, E. K. TOMMASINO, Uri e Wãxi - Estudos Interdisciplinares dos Kaingang. (pp. 191-226). Londrina: UEL.2000.

TOMMASINO, K. e. **Os Kaingang de Chapecó. Alteridade, historicidade, territorialidade. Relatório de Identificação das famílias kaingang residentes na cidade de Chapecó . .** Chapecó: FUNAI.1998.

TOMMASINO, K. e. **Relatório II: Eleição de área para os Kaingang da Aldeia Kondá** . . Chapecó: FUNAI.1999.

TOMMASINO, K., FERNANDES, R. C. **Povos Indígenas no Brasil** (Janeiro de 2001). <http://pib.socioambiental.org/>. Acesso em 16 de fevereiro de 2016, disponível em Povos indígenas no Brasil: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang/288>.

TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel.1983.

TURNER, Alasdair; DOXA, Maria, O`SULLVAN, David; PENN, Alan. **From isovists to visibility graphs a methodology for the analysis of architectural space**. Environment and Planning B, v. 28, p. 103-121, 2001.

TYLOR, E. **Primitive Culture**. Londres: John Mursay & Co.1958.

UNICEF y FUNPROEIB Andes. **Atlas lingüístico de Pueblos indígenas en Latino America**. Bolívia: Unicef.2009.

UNWIN, S. **A análise da arquitetura**. Tradução técnica: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman.2013.

VEIGA, J. **Cosmologia Kaingang e suas práticas rituais**. XXIV Encontro Anual da Anpocs.2000

VEIGA., L., GONDIN, S. M. **A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político**. Opinião Pública, 1-15.2001.

VELHO, G. **Projeto e Metamorfose Antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar.2003.

YÁZIGI, E. **Deixe sua estrela brilhar: criatividade em ciências humanas e no planejamento**. São Paulo: CNPQ.2005.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman.2005.

ZANIN, N. Z. **Abrigos na Natureza**. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Engenharia Civil - UFRGS.2006.

ZANIN, N., DILL, F. M. **Intervenções de arquitetura em comunidades indígenas: O caso de uma escola Kaingang**. Florianópolis: Artigo apresentado da ANPUH 2016.

ZUMTHOR, P. **Atmosferas: entornos arquitectónicos: as coisas que me rodeiam**. Traduzido por A. Grabow,. Barcelona:: editorial Gustavo Gili,2006.

AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ



**APÊNDICES**

<https://tecituras.wordpress.com/2010/04/01/mito-e-tradicao-entre-os-kaingang-da-terra-indigena-rio-das-cobras-pr-%E2%80%93-sombras-que-estao-na-terra/>

## **APÊNDICE 01: DIÁRIO DE CAMPO - VISITA EXPLORATÓRIA 10/10/2015**

Nas minhas primeiras visitas à aldeia Kondá, fui até lá sem marcar com ninguém, apenas para conhecer o local, intermédio da minha mãe, Teresa Machado da Silva<sup>42</sup>, realizei conversas informais com moradores da aldeia e alunos do curso de Licenciatura Intercultural indígena da UNOCHAPECÓ, já que ainda não havia autorização formal das lideranças para a pesquisa.

Eles me forneceram fotos das antigas aldeias no centro da cidade e contaram de forma breve a história da conquista da terra indígena e as principais mudanças na forma de viver em diferentes espaços. Naquele período, a aldeia estava em conflito interno em função da troca de caciques, por isso a pesquisa não evoluiu.

Essa seria então a primeira vez que conseguiria falar com alguém da atual gestão. Marcamos na escola, as 10h da manhã. Chegando lá, estavam reunidas algumas professoras da escola e eu não sabia, mas estava entre elas Marcia Rodrigues, Vice Cacique da Aldeia.

Levei comigo toda a documentação e todos os pedidos de autorização, mas quando começamos a conversar, vi que seria em vão. Que era necessário um contato muito maior antes de definirmos se a pesquisa poderia ser feita ou não.

De qualquer forma, me apresentei, apresentei a pesquisa, detalhando o que pretendia estudar e como a comunidade poderia contribuir. Nessa reunião, não surgiram muitas dúvidas, as professoras praticamente não perguntaram nada e nem interagiram.

No final da reunião fui informada então da presença da Vice Cacique e perguntei a ela se poderia discutir a minha situação com as demais lideranças da comunidade e se ela me dava autorização para conhecer a aldeia. Ela disse que iria levar o assunto para as demais lideranças e que eu deveria ligar, após uma semana para saber o retorno.

---

<sup>42</sup> Coordenadora do Curso de Licenciatura intercultural indígena. Profunda apoiadora da pesquisa e com papel fundamental para minha aceitação junto a comunidade.



Como ela autorizou, “dei uma volta” pela aldeia para perceber como estavam dispostas as residências, mas não tinha muita gente na rua. Como ainda não havia autorização, nenhuma foto pode ser tirada. Só restava aguardar....

Passada uma semana, liguei para a escola várias vezes sem sucesso, até que em uma das tentativas, consegui falar com a Sra. Marcia, que me pediu para voltar para a aldeia.

Duas semanas depois fui novamente até a aldeia, conversamos novamente e Marcia me comunicou que o Cacique não estava na aldeia, portanto não havia assinado o documento que autorizava a pesquisa, aconselhou que eu esperasse mais um tempo e voltasse para conversar diretamente com ele... Eu não tinha outra saída senão, esperar.

## **APÊNDICE 02: DIÁRIO DE CAMPO - VISITA EXPLORATÓRIA 19/12/2015**

Seguindo o conselho da Marcia, voltei para Chapecó em dezembro e fui para a aldeia no dia 19. Havíamos marcado um almoço com as lideranças da comunidade para tentar conversar sobre a pesquisa e a autorização para seu desenvolvimento.

Chegamos na escola as 10:30h, dessa vez, havia um grupo maior de pessoas nos esperando. Sentamos em volta de uma mesa de reuniões, na sala dos professores e começamos a conversar. Me apresentei novamente e apresentei a pesquisa.

Era nítido o clima de desconfiança que pairava no ar. O único olhar mais gentil, vinha de um senhor de mais idade, sentado em um canto da mesa. Fui indagada sobre muitas questões sobre por que pesquisar na Aldeia, o que eles ganhariam com isso, se poderiam ser prejudicados em alguma medida, etc. Foi uma longa conversa e aos poucos as coisas começaram a ficar mais leves. Depois de mais de uma hora de conversa, quando estávamos quase no final, um dos senhores me disse que eu poderia fazer a pesquisa.

Em nenhum momento nenhum deles se apresentou, então pensei: Só pode ser Ele, o cacique! Quando ouvi a resposta afirmativa da pesquisa, sorri agradecendo mas não apresentei nenhum documento para não atrapalhar a amistosidade que se apresentava.

Almoçamos todos juntos, na escola mesmo e a tarde, fomos “dar uma volta” pela aldeia. Me mostraram onde era o posto de saúde, a casa de alguns deles, o “mato” onde eram realizados os rituais... Surgiu nessa conversa um pedido discreto para que ajudasse elaborar um documento que eles queriam entregar para o prefeito de Chapecó, que visitaria a aldeia no próximo mês.

Como foram me contanto, a Aldeia era antigamente no centro da cidade e eles faziam o artesanato e vendiam por lá mesmo. Hoje, com o deslocamento, ficou muito longe para que pudessem vender o artesanato na cidade. Quando conseguiam, com muita dificuldade

transportar os balaios até lá, sofriam muito preconceito dos moradores da cidade e não conseguiam vender mais o suficiente para o sustendo.

Daí, surgia uma profunda indignação: Se o território da cidade era todo deles, os invasores eram os brancos. Como agora nem se quer o artesanato podiam vender no centro? A partir daí, vários outros questionamentos foram surgindo e eu me coloquei a disposição para ajudar no que fosse possível.

Quando voltamos pra escola, o Sr. Constante Rodrigues assinou a autorização para desenvolver a pesquisa e marcamos uma próxima conversa para que pudesse avançar com os estudos e conversar sobre um esboço do documento para o prefeito, que eu iria levar. Os demais participantes da conversa também assinaram um Termo de Consentimento livre esclarecido aceitando contribuir com a pesquisa.

Nesse primeiro contato mais próximo, pude observar uma série de questões que listei abaixo como possíveis relações da sociedade com o espaço. Mas também não há como negar que muito mais do que informações (descritas com o símbolo - ❶), surgiram muitas perguntas (descritas com o símbolo - ❷), que também procurei relatar:

❶ Existiam dois tipos de casa que pude observar, umas amarelinhas, de alvenaria com esquadrias metálicas que pareciam ser construídas pelo governo. Em muitas dessas casas, o fogão estava no lado de fora e tinham como se fosse um “puxadinho” com uma fogueira.

❷ Então pensei: de onde vieram essas casas? As que são de madeira, eles mesmos construíram? Como elas são por dentro? Quantas pessoas moram ali? Por que do fogo na parte de fora?

❶ A escola era toda de madeira, mas do lado dessa edificação, havia uma outra escola, com formato hexagonal, de alvenaria, mas com as vidraças todas quebradas, cadeiras e carteiras jogadas em seu interior, suja e abandonada. Parecia nova, mas abandonada.

❷ Por que não terminam a escola nova? Por que foi degradada? Por quem?

① A rua de terra na frente da escola estava péssima, mal dava para passar com o carro. Lembrei que das outras vezes que eu fui na aldeia a rua já estava assim. Observei melhor e não vi mais do que dois carros durante todo passeio que fizemos na aldeia, mas uma série de “carreirinhos”, ou caminhos abertos no meio do mato e sobre a vegetação rasteira.

② Será que não usam carro? Priorizam a escala do pedestre? Não tem nenhuma demarcação de lotes?

Essas foram algumas das primeiras observações. A visita durou das 10:30h da manhã até as 16h. Nessa situação, retornava para casa com um documento por fazer e uma série incomensurável de perguntas a responder.

### **APÊNDICE 03: AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA**

O documento em anexo foi apresentado ao Cacique e assinado em 19 de dezembro de 2015. Nele estão contidas as etapas que eram previstas para a pesquisa na época de sua assinatura, portanto foi esclarecida verbalmente a possibilidade de mudança das atividades propostas.

# AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA | CENTRO TECNOLÓGICO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO  
**ESPAÇO ARQUITETÔNICO INDÍGENA KAINGANG: A REPRESENTAÇÃO DE UMA  
ESTRUTURA SOCIAL**

Disserte: Fernanda Machado Dill | Orientadora: Prof<sup>a</sup> Vanessa G. Dorneles



## OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Entender a estrutura social Kaingang original e as mudanças ocorridas a partir do contato com a sociedade não indígena.
2. Caracterizar e descrever a configuração espacial, relacionando a aldeia Original X Formal X Real.
3. Identificar fatores formais (da arquitetura e da configuração espacial) que identificam traços da cultura e da sociedade Kaingang.
4. Desenvolver mapeamento ilustrado das aldeias a partir de elementos espaciais que tenham relevância para a identidade social Kaingang.

## DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

Dados de 2010 indicam a existência de 9.437 indígenas vivendo em aldeias em Santa Catarina pertencentes à três etnias: Kaingang, Guarani e Xokleng. Os Kaingang são a maioria no estado, com uma população de 6.397 pessoas. (Funasa/2010). A maioria das comunidades Kaingang se localizam do oeste do estado, onde o estudo se desenvolve. Dessa forma, são compreendidas para o estudo de campo a Aldeia Kondá, Toldo Chimbanguê, a Aldeia Sede da T.I. Xapecó.

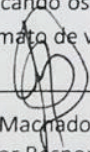
## METODOLOGIA PROPOSTA

A pesquisa se organiza em quatro etapas principais, para atingirem-se os objetivos: a fundamentação teórica, o estudo de caso, a análise e discussão dos resultados e por fim a sistematização dos estudos em mapeamentos ilustrados de identidade e arquitetura Kaingang.

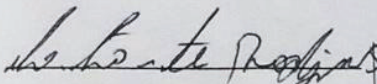
Na etapa do estudo de caso e na construção do mapa simbólico é fundamental a participação e envolvimento dos moradores da aldeia para que consigamos juntos resultados fiéis à realidade, que possam ser revertidos em benefícios para a comunidade.

A seguir os métodos escolhidos para a pesquisa serão descritos e após devida autorização, aplicados para obtenção das informações:

1. **Visita exploratória:** Realização de visitas na aldeia com o objetivo de conhecer os moradores, conversar com as lideranças e fazer as primeiras observações sistemáticas do espaço das aldeias e do modo de viver indígena.
2. **Grupos Focais:** A partir de rodas de conversa com roteiro semi estruturado, tentaremos compreender a organização atual da sociedade Kaingang. Os grupos serão definidos em parceria com as lideranças da aldeia na primeira reunião (pedido de autorização).
3. **Passeios grupos Focais:** A intenção é que cada grupo possa apresentar a aldeia para a pesquisadora, identificando os pontos de referência cultural mais importantes. Se autorizado, o passeio será registrado em formato de vídeo.

  
Fernanda Machado Dill  
Pesquisador Responsável



  
Sr. Constante Rodrigues / Márcia Rodrigues  
Cacique / Vice Cacique da Aldeia Kondá



# AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA | CENTRO TECNOLÓGICO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO  
**ESPAÇO ARQUITETÔNICO INDÍGENA KAINGANG: A REPRESENTAÇÃO DE UMA  
ESTRUTURA SOCIAL**

Dissente: Fernanda Machado Dill | Orientadora: Prof<sup>a</sup> Vanessa G. Dorneles



## APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa será construída a partir do estudo das relações entre a configuração do espaço arquitetônico e a estrutura social das aldeias indígenas Kaingang de Santa Catarina. Serão abordados três temas base: Povos indígenas | Sociedade e território (abordando desde o contexto na América Latina, cenário Nacional e Povos indígenas em Santa Catarina), Etnia Kaingang (forma como as aldeias se organizavam antes da intensificação do contato com a sociedade não indígena e as principais características culturais e de organização social) e Relações sócio-espaciais (aporte teórico da psicologia ambiental, conceitos etnográficos e sintaxe espacial).

A seguir, serão apresentadas, justificativa e relevância do estudo, as questões que inspiraram o seu desenvolvimento, os objetivos a serem alcançados e a delimitação da pesquisa e a metodologia proposta.

## JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO ESTUDO

Com foco na relação entre os temas da pesquisa, a justificativa se embasa na reflexão em torno dos seguintes fatores: a possibilidade da arquitetura contribuir na preservação cultural dessas comunidades; a compreensão sobre as diferenças da sociedade Kaingang e a sociedade não indígena; a necessidade de compreensão da realidade cultural de comunidades específicas para que projetos arquitetônicos mais adequados possam ser desenvolvidos; o conhecimento sobre arquitetura indígena Kaingang e por fim a influência da cultura indígena na construção da sociedade contemporânea.

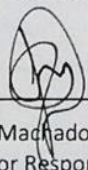
## QUESTÕES DA PESQUISA

Diante do contexto exposto, verifica-se que existem algumas perguntas a serem respondidas sobre a possibilidade da arquitetura contribuir na preservação cultural, as obscuridades sobre a configuração original de sociedades indígenas e a arquitetura produzida por estes povos e as transformações que o contato com a sociedade não indígena do entorno podem ter gerado nas comunidades pesquisadas.

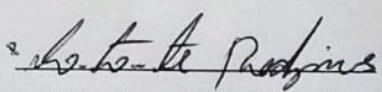
Surgem assim as principais questões dessa pesquisa: De que forma a estrutura social indígena Kaingang se manifesta na configuração espacial da aldeia contemporânea? Como intervenções no espaço arquitetônico podem contribuir na preservação da cultura dessas comunidades?

## OBJETIVO GERAL

Compreender as relações existentes entre a estrutura social Kaingang e a configuração espacial / arquitetônica das aldeias.

  
Fernanda Machado Dill  
Pesquisador Responsável



  
Sr. Constante Rodrigues / Márcia Rodrigues  
Cacique / Vice Cacique da Aldeia Kondá



AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA | CENTRO TECNOLÓGICO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO  
**ESPAÇO ARQUITETÔNICO INDÍGENA KAINGANG: A REPRESENTAÇÃO DE UMA  
ESTRUTURA SOCIAL**

Disserte: Fernanda Machado Dill | Orientadora: Prof<sup>a</sup> Vanessa G. Dorneles



4. **Fotografias grupos Focais:** Serão fornecidas algumas máquinas fotográficas para alguns grupos de participantes da pesquisa para que possam registrar livremente na aldeia os lugares que mais se identificam e através dos quais identificam sua cultura.
5. **Observação: Comportamental:** Os costumes e o modo de viver indígena serão observados para compreender como a sociedade Kaingang atual se organiza, sem interferir no cotidiano dos habitantes.
6. **Observação Sistemática:** Observar detalhadamente como a aldeia se organiza espacialmente e organizar essas informações no mapa de cada uma delas.
7. **Vestígios de comportamento:** Observação dos traços humanos deixados dos espaços (carreiros, caminhos alternativos, etc), resultantes do próprio uso, das apropriações e adequações para facilitar as atividades diárias.
8. **Observação participante:** A pesquisadora passaria um tempo na aldeia (conforme autorização) para viver de acordo com os costumes Kaingang e exercendo as atividades definidas pela comunidade.
9. **Entrevistas:** Durante o andamento da pesquisa, será observada a necessidade ou não de entrevistas pontuais, que serão feitas de maneira semi-estruturada e com autorização específica dos entrevistados.
10. **Seleção visual:** A partir dos registros fotográficos dos participantes da pesquisa e do pesquisador, os habitantes irão eleger as imagens de maior relevância cultural.

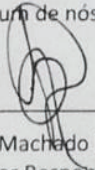
#### AUTORIZAÇÃO PARA A PESQUISA

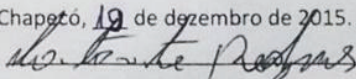
Solicitamos a autorização do senhor(a) \_\_\_\_\_ na qualidade de atual Cacique/ Vice Cacique da Aldeia Kondá para que a pesquisa: **ESPAÇO ARQUITETÔNICO INDÍGENA KAINGANG: A REPRESENTAÇÃO DE UMA ESTRUTURA SOCIAL**, conforme descrição apresentada, possa ser desenvolvida junto à comunidade com a devida autorização de cada um dos participantes, que será comprovada através da assinatura do TCLE (Termo de consentimento livre e esclarecimento) em anexo.

A programação das atividades autorizadas, será desenvolvida com sua participação e registrada de acordo com o Planejamento da pesquisa, também anexo a este documento. Nenhuma das informações resultantes da pesquisa será divulgada sem seu prévio consentimento, ficando assim a pesquisadora responsável por expor o trabalho às lideranças e à comunidade antes da apresentação à comunidade acadêmica. Caso seja necessária a expansão da pesquisa, um novo Planejamento de pesquisa deverá ser aprovado.

#### Consentimento Pós-Infomação

Eu, CONSTANTE RODRIGUES, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração e de minha comunidade, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto e autorizo os moradores da Aldeia Kondá a participarem também, sabendo que não vamos ganhar nada e que podemos sair quando quisermos. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.


  
Fernanda Machado Dill  
Pesquisador Responsável

Chapetó, 19 de dezembro de 2015.  
  
Sr. Constante Rodrigues / Márcia Rodrigues  
Cacique / Vice Cacique da Aldeia Kondá



## APÊNDICE 04: TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDOS (TCLE)

Todas as pessoas que participaram diretamente da pesquisa forma convidadas a assinar o documento que autoriza a utilização dos dados fornecidos na pesquisa. Ficou esclarecido também, que o participante pode mudar de ideia e deixar de participar da pesquisa a qualquer momento conforme lhe convier.


  
**UFSC**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE PÓS GRADUAÇÃO - PÓSARQ  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO


Convidamos o(a) Sr(a) para participar da Pesquisa **ESPAÇO ARQUITETÔNICO INDÍGENA KAINGANG: A REPRESENTAÇÃO DE UMA ESTRUTURA SOCIAL**, sob a responsabilidade das pesquisadoras Fernanda Machado Dill e Vanessa Goulart Dorneles, a quais pretendem compreender a relação entre a estrutura social e cultural indígena Kaingang e o espaço arquitetônico dessas comunidades. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas, dinâmicas de grupo e observação comportamental, sempre com prévia autorização. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são de uso das informações fornecidas, nesse sentido, a pesquisadora se responsabiliza pelo compromisso de publicar ou fazer uso apenas dos dados que forem pelo Sr(a) autorizados. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a compreensão da estrutura social e espacial Kaingang, a preservação e valorização da cultura e a possibilidade da construção de projetos de beneficiem e valorizem a comunidade indígena Kaingang. Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador na Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Pós Graduação de Arquitetura e Urbanismo, pelo telefone (48) 3727-9797, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEPIS-UFSC, na Rua Desembargador Vitor Lima, n. 222, Trindade, Florianópolis - SC, telefone (48) 3721-6094.

Consentimento Pós-Informação

Eu, SIMONS FERNANDES, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

SIMONS FERNANDES Data: 26/01/16  
Assinatura do participante

 Assinatura do Pesquisador Responsável

 Impressão do dedo polegar  
Caso não saiba assinar

AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE PÓS GRADUAÇÃO - PÓSARQ  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

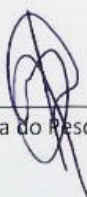
Convidamos o(a) Sr(a) para participar da Pesquisa **ESPAÇO ARQUITETÔNICO INDÍGENA KAINGANG: A REPRESENTAÇÃO DE UMA ESTRUTURA SOCIAL**, sob a responsabilidade das pesquisadoras Fernanda Machado Dill e Vanessa Goulart Dorneles, a quais pretendem compreender a relação entre a estrutura social e cultural indígena Kaingang e o espaço arquitetônico dessas comunidades. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas, dinâmicas de grupo e observação comportamental, sempre com prévia autorização. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são de uso das informações fornecidas, nesse sentido, a pesquisadora se responsabiliza pelo compromisso de publicar ou fazer uso apenas dos dados que forem pelo Sr(a) autorizados. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a compreensão da estrutura social e espacial Kaingang, a preservação e valorização da cultura e a possibilidade da construção de projetos de beneficiem e valorizem a comunidade indígena Kaingang. Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador na Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Pós Graduação de Arquitetura e Urbanismo, pelo telefone (48) 3727 9797, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEPESH-UFSC, na Rua Desembargador Vitor Lima, n 222, Trindade, Florianópolis - SC, telefone (48) 3721-6094.

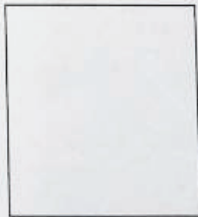
Consentimento Pós-Informação

Eu, BEATRIS DA VEIGA, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Beatris da Veiga  
Assinatura do participante

Data: 26/01/16

  
Assinatura do Pesquisador Responsável

  
Impressão do dedo polegar  
Caso não saiba assinar

AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE PÓS GRADUAÇÃO - PÓSARQ  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o(a) Sr(a) para participar da Pesquisa **ESPAÇO ARQUITETÔNICO INDÍGENA KAINGANG: A REPRESENTAÇÃO DE UMA ESTRUTURA SOCIAL**, sob a responsabilidade das pesquisadoras Fernanda Machado Dill e Vanessa Goulart Dorneles, a quais pretendem compreender a relação entre a estrutura social e cultural indígena Kaingang e o espaço arquitetônico dessas comunidades. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas, dinâmicas de grupo e observação comportamental, sempre com prévia autorização. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são de uso das informações fornecidas, nesse sentido, a pesquisadora se responsabiliza pelo compromisso de publicar ou fazer uso apenas dos dados que forem pelo Sr(a) autorizados. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a compreensão da estrutura social e espacial Kaingang, a preservação e valorização da cultura e a possibilidade da construção de projetos de beneficiem e valorizem a comunidade indígena Kaingang. Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador na Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Pós Graduação de Arquitetura e Urbanismo, pelo telefone (48) 3727 9797, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEPESH-UFSC, na Rua Desembargador Vitor Lima, n 222, Trindade, Florianópolis - SC, telefone (48) 3721-6094.

Consentimento Pós-Informação

Eu, Janisse Domingos, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Janisse Domingos  
Assinatura do participante

Data: 20/01/2016

[Assinatura]  
Assinatura do Pesquisador Responsável

[Impressão]  
Impressão do dedo polegar  
Caso não saiba assinar



AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE PÓS GRADUAÇÃO - PÓSARQ  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

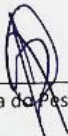
Convidamos o(a) Sr(a) para participar da Pesquisa **ESPAÇO ARQUITETÔNICO INDÍGENA KAINGANG: A REPRESENTAÇÃO DE UMA ESTRUTURA SOCIAL**, sob a responsabilidade das pesquisadoras Fernanda Machado Dill e Vanessa Goulart Dorneles, a quais pretendem compreender a relação entre a estrutura social e cultural indígena Kaingang e o espaço arquitetônico dessas comunidades. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas, dinâmicas de grupo e observação comportamental, sempre com prévia autorização. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são de uso das informações fornecidas, nesse sentido, a pesquisadora se responsabiliza pelo compromisso de publicar ou fazer uso apenas dos dados que forem pelo Sr(a) autorizados. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a compreensão da estrutura social e espacial Kaingang, a preservação e valorização da cultura e a possibilidade da construção de projetos de beneficiem e valorizem a comunidade indígena Kaingang. Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador na Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Pós Graduação de Arquitetura e Urbanismo, pelo telefone (48) 3727 9797, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEPESH-UFSC, na Rua Desembargador Vitor Lima, n 222, Trindade, Florianópolis - SC, telefone (48) 3721-6094.


Consentimento Pós-Informação

Eu, EMA MARGARIDA FERREIRA, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

EMA M. FERREIRA  
Assinatura do participante

Data: 20/01/16

  
Assinatura do Pesquisador Responsável

  
Impressão do dedo polegar  
Caso não saiba assinar

# AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ

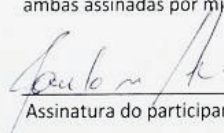


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE PÓS GRADUAÇÃO - PÓSARQ  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

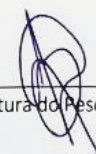
Convidamos o(a) Sr(a) para participar da Pesquisa **ESPAÇO ARQUITETÔNICO INDÍGENA KAINGANG: A REPRESENTAÇÃO DE UMA ESTRUTURA SOCIAL**, sob a responsabilidade das pesquisadoras Fernanda Machado Dill e Vanessa Goulart Dorneles, a quais pretendem compreender a relação entre a estrutura social e cultural indígena Kaingang e o espaço arquitetônico dessas comunidades. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas, dinâmicas de grupo e observação comportamental, sempre com prévia autorização. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são de uso das informações fornecidas, nesse sentido, a pesquisadora se responsabiliza pelo compromisso de publicar ou fazer uso apenas dos dados que forem pelo Sr(a) autorizados. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a compreensão da estrutura social e espacial Kaingang, a preservação e valorização da cultura e a possibilidade da construção de projetos de beneficiem e valorizem a comunidade indígena Kaingang. Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador na Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Pós Graduação de Arquitetura e Urbanismo, pelo telefone (48) 3727 9797, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEPESH-UFSC, na Rua Desembargador Vitor Lima, n 222, Trindade, Florianópolis - SC, telefone (48) 3721-6094.

## Consentimento Pós-Informação

Eu, PAULO MARCIO PINHEIRO, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

  
Assinatura do participante

Data: 26/01/16

  
Assinatura do Pesquisador Responsável

  
Impressão do dedo polegar  
Caso não saiba assinar

AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE PÓS GRADUAÇÃO - PÓSARQ  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o(a) Sr(a) para participar da Pesquisa **ESPAÇO ARQUITETÔNICO INDÍGENA KAINGANG: A REPRESENTAÇÃO DE UMA ESTRUTURA SOCIAL**, sob a responsabilidade das pesquisadoras Fernanda Machado Dill e Vanessa Goulart Dorneles, a quais pretendem compreender a relação entre a estrutura social e cultural indígena Kaingang e o espaço arquitetônico dessas comunidades. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas, dinâmicas de grupo e observação comportamental, sempre com prévia autorização. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são de uso das informações fornecidas, nesse sentido, a pesquisadora se responsabiliza pelo compromisso de publicar ou fazer uso apenas dos dados que forem pelo Sr(a) autorizados. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a compreensão da estrutura social e espacial Kaingang, a preservação e valorização da cultura e a possibilidade da construção de projetos de beneficiem e valorizem a comunidade indígena Kaingang. Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador na Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Pós Graduação de Arquitetura e Urbanismo, pelo telefone (48) 3727 9797, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEPESH-UFSC, na Rua Desembargador Vitor Lima, n 222, Trindade, Florianópolis - SC, telefone (48) 3721-6094.

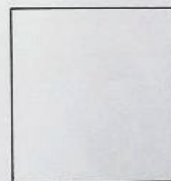
Consentimento Pós-Infomação

Eu, Induimara de Oliveira, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Assinatura do participante

Data: 16/01/16

Assinatura do Pesquisador Responsável



Impressão do dedo polegar  
Caso não saiba assinar



AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE PÓS GRADUAÇÃO - POSARQ  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa **ESPAÇO ARQUITETÔNICO INDÍGENA KAINGANG: A REPRESENTAÇÃO DE UMA ESTRUTURA SOCIAL**, sob a responsabilidade das pesquisadoras Fernanda Machado Dill e Vanessa Goulart Dorneles, a quais pretendem compreender a relação entre a estrutura social e cultural indígena Kaingang e o espaço arquitetônico dessas comunidades. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas, dinâmicas de grupo e observação comportamental, sempre com prévia autorização. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são de uso das informações fornecidas, nesse sentido, a pesquisadora se responsabiliza pelo compromisso de publicar ou fazer uso apenas dos dados que forem pelo Sr(a) autorizados. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a compreensão da estrutura social e espacial Kaingang, a preservação e valorização da cultura e a possibilidade da construção de projetos de beneficiem e valorizem a comunidade indígena Kaingang. Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador na Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Pós Graduação de Arquitetura e Urbanismo, pelo telefone (48) 3727 9797, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEPSh-UFSC, na Rua Desembargador Vitor Lima, n 222, Trindade, Florianópolis - SC, telefone (48) 3721-6094.

Consentimento Pós-Informação

Eu, FRANLIELI VYJRAY SALVADOR, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

FRANLIELI VYJRAY SALVADOR  
Assinatura do participante

Data: 26/01/2016

[Assinatura]  
Assinatura do Pesquisador Responsável

Impressão do dedo polegar  
Caso não saiba assinar

AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE PÓS GRADUAÇÃO - PÓSARQ  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa **ESPAÇO ARQUITETÔNICO INDÍGENA KAINGANG: A REPRESENTAÇÃO DE UMA ESTRUTURA SOCIAL**, sob a responsabilidade das pesquisadoras Fernanda Machado Dill e Vanessa Goulart Dorneles, a quais pretendem compreender a relação entre a estrutura social e cultural indígena Kaingang e o espaço arquitetônico dessas comunidades. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas, dinâmicas de grupo e observação comportamental, sempre com prévia autorização. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são de uso das informações fornecidas, nesse sentido, a pesquisadora se responsabiliza pelo compromisso de publicar ou fazer uso apenas dos dados que forem pelo Sr(a) autorizados. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a compreensão da estrutura social e espacial Kaingang, a preservação e valorização da cultura e a possibilidade da construção de projetos de beneficiem e valorizem a comunidade indígena Kaingang. Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador na Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Pós Graduação de Arquitetura e Urbanismo, pelo telefone (48) 3727 9797, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEPESH-UFSC, na Rua Desembargador Vitor Lima, n 222, Trindade, Florianópolis - SC, telefone (48) 3721-6094.

Consentimento Pós-Informação

Eu, LUZANA INACIO, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Luizana Inácio  
Assinatura do participante

Data: 26/01/2016

[Assinatura]  
Assinatura do Pesquisador Responsável

Impressão do dedo polegar  
Caso não saiba assinar



AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE PÓS GRADUAÇÃO - PÓSARQ  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

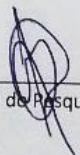
Convidamos o(a) Sr(a) para participar da Pesquisa **ESPAÇO ARQUITETÔNICO INDÍGENA KAINGANG: A REPRESENTAÇÃO DE UMA ESTRUTURA SOCIAL**, sob a responsabilidade das pesquisadoras Fernanda Machado Dill e Vanessa Goulart Dorneles, a quais pretendem compreender a relação entre a estrutura social e cultural indígena Kaingang e o espaço arquitetônico dessas comunidades. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas, dinâmicas de grupo e observação comportamental, sempre com prévia autorização. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são de uso das informações fornecidas, nesse sentido, a pesquisadora se responsabiliza pelo compromisso de publicar ou fazer uso apenas dos dados que forem pelo Sr(a) autorizados. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a compreensão da estrutura social e espacial Kaingang, a preservação e valorização da cultura e a possibilidade da construção de projetos de beneficiem e valorizem a comunidade indígena Kaingang. Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador na Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Pós Graduação de Arquitetura e Urbanismo, pelo telefone (48) 3727 9797, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEPISH-UFSC, na Rua Desembargador Vitor Lima, n 222, Trindade, Florianópolis - SC, telefone (48) 3721-6094.

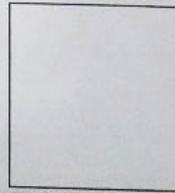
Consentimento Pós-Informação

Eu, MARCUA C.N. RODRIGUES, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Marcua C.N. Rodrigues  
Assinatura do participante

Data: 26/01/16

  
Assinatura do Pesquisador Responsável

  
Impressão do dedo polegar  
Caso não saiba assinar

AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE PÓS GRADUAÇÃO - PÓSARQ  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o(a) Sr(a) para participar da Pesquisa **ESPAÇO ARQUITETÔNICO INDÍGENA KAINGANG: A REPRESENTAÇÃO DE UMA ESTRUTURA SOCIAL**, sob a responsabilidade das pesquisadoras Fernanda Machado Dill e Vanessa Goulart Dorneles, a quais pretendem compreender a relação entre a estrutura social e cultural indígena Kaingang e o espaço arquitetônico dessas comunidades. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas, dinâmicas de grupo e observação comportamental, sempre com prévia autorização. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são de uso das informações fornecidas, nesse sentido, a pesquisadora se responsabiliza pelo compromisso de publicar ou fazer uso apenas dos dados que forem pelo Sr(a) autorizados. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a compreensão da estrutura social e espacial Kaingang, a preservação e valorização da cultura e a possibilidade da construção de projetos de beneficiem e valorizem a comunidade indígena Kaingang. Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador na Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Pós Graduação de Arquitetura e Urbanismo, pelo telefone (48) 3727 9797, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEPESH-UFSC, na Rua Desembargador Vitor Lima, n 222, Trindade, Florianópolis - SC, telefone (48) 3721-6094.

Consentimento Pós-Informação

Eu, Adilson Floriano, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Adilson Floriano  
Assinatura do participante

Data: 26/01/16

[Assinatura]  
Assinatura do Pesquisador Responsável

[Impressão]  
Impressão do dedo polegar  
Caso não saiba assinar



AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE PÓS GRADUAÇÃO - PÓSARQ  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o(a) Sr(a) para participar da Pesquisa **ESPAÇO ARQUITETÔNICO INDÍGENA KAINGANG: A REPRESENTAÇÃO DE UMA ESTRUTURA SOCIAL**, sob a responsabilidade das pesquisadoras Fernanda Machado Dill e Vanessa Goulart Dorneles, a quais pretendem compreender a relação entre a estrutura social e cultural indígena Kaingang e o espaço arquitetônico dessas comunidades. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas, dinâmicas de grupo e observação comportamental, sempre com prévia autorização. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são de uso das informações fornecidas, nesse sentido, a pesquisadora se responsabiliza pelo compromisso de publicar ou fazer uso apenas dos dados que forem pelo Sr(a) autorizados. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a compreensão da estrutura social e espacial Kaingang, a preservação e valorização da cultura e a possibilidade da construção de projetos de beneficiem e valorizem a comunidade indígena Kaingang. Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador na Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Pós Graduação de Arquitetura e Urbanismo, pelo telefone (48) 3727 9797, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEPESH-UFSC, na Rua Desembargador Vitor Lima, n 222, Trindade, Florianópolis - SC, telefone (48) 3721-6094.

Consentimento Pós-Informação

Eu, Elia Salvador, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

» Elia  
Assinatura do participante

Data 26 / 01 / 16

[Assinatura]  
Assinatura do Pesquisador Responsável

[Impressão]  
Impressão do dedo polegar  
Caso não saiba assinar

AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE PÓS GRADUAÇÃO - PÓSARQ  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

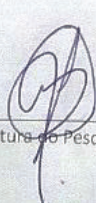
Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa **ESPAÇO ARQUITETÔNICO INDÍGENA KAINGANG: A REPRESENTAÇÃO DE UMA ESTRUTURA SOCIAL**, sob a responsabilidade das pesquisadoras Fernanda Machado Dill e Vanessa Goulart Dorneles, a quais pretendem compreender a relação entre a estrutura social e cultural indígena Kaingang e o espaço arquitetônico dessas comunidades. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas, dinâmicas de grupo e observação comportamental, sempre com prévia autorização. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são de uso das informações fornecidas, nesse sentido, a pesquisadora se responsabiliza pelo compromisso de publicar ou fazer uso apenas dos dados que forem pelo Sr(a) autorizados. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a compreensão da estrutura social e espacial Kaingang, a preservação e valorização da cultura e a possibilidade da construção de projetos de beneficiem e valorizam a comunidade indígena Kaingang. Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador na Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Pós Graduação de Arquitetura e Urbanismo, pelo telefone (48) 3727 9797, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEPISH-UFSC, na Rua Desembargador Vitor Lima, n 222, Trindade, Florianópolis - SC, telefone (48) 3721-6094.


Consentimento Pós-Informação

Eu, CELESTIEL KUI DA SILVA, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Celestiel Kui da Silva  
Assinatura do participante

Data: 26/01/2016

  
Assinatura do Pesquisador Responsável

  
Impressão do dedo polegar  
Caso não saiba assinar

## APÊNDICE 05: PROJETO CASA KONDÁ



### Projeto Casa Kondá

#### Casa de apoio aos indígenas da Aldeia Kondá em Chapecó SC

---

Documento desenvolvido em conjunto com as lideranças, com a colaboração de Fernanda Dill (Mestranda PósARQ UFSC) e de acordo com as necessidades da comunidade em janeiro de 2016.

Esta proposta descreve as principais características e justificativas para a implantação da Casa de Apoio ao Índio, solicitada pela comunidade da Aldeia Kondá ao Município de Chapecó.

Para tanto a realidade atual da comunidade será brevemente apresentada, posteriormente será feita uma contextualização histórica, que aponta os Kaingang da Aldeia Kondá como habitantes originais do território Chapecoense e por fim serão descritas as principais características da casa e atividades que serão desenvolvidas nesse espaço.

#### 1. Apresentação

A comunidade indígena Kondá, localizada na linha Água Amarela, município de Chapecó, composta por aproximadamente 200 famílias, possuem uma área de terra de 1.800 hectares, a maioria dessa extensão de preservação nativa.

A comunidade indígena mantêm seus costumes tribais e tem como forma de subsistência pequenos plantios para o consumo e principalmente o artesanato, que é comercializado no centro da cidade de Chapecó e no litoral catarinense em época de temporada.

Os recursos gerados com a comercialização do artesanato, representam para muitas famílias a única fonte de renda. O processo de fabricação é desenvolvido nas residências pelas famílias de forma artesanal exclusivamente no interior da aldeia e representa além do sustento, uma forte marca da cultura Kaingang. A cestaria, por exemplo, integra características das metades cosmológicas. Kamé e Kairu, em sua forma, decoração e modo de confecção. Os instrumentos musicais, os arco e as flechas e as lanças, igualmente reproduzem elementos centrais na tradição cultural desses índios.

Entre os Kaingang da Aldeia Kondá a produção e comercialização do artesanato está revestida de todas as características culturais já citadas, no entanto, sua importância para a economia local é fundamental. Como essa comunidade viveu a maior parte de sua história na cidade de Chapecó, o artesanato constitui o principal modo de sobrevivência. Uma das consequências dessa história particular é a notável qualidade dos artesanatos produzidos e a grande variedade de produtos criados.

## 2. Contextualização histórica da comunidade

A Aldeia Kondá, habita a cidade de Chapecó, desde antes da configuração formal da cidade. A seguir, as relações entre brancos e índios "**Antes da cidade**", a redução da aldeia à um local específico da cidade, configurando a comunidade como "**Índios Urbanos**" e a "**Conquista da terra**" apresentam o trajeto dessa comunidade como demonstrado a seguir.

### 2.1 Antes da cidade

A partir dos estudos dos pesquisadores Pedro Ignácio Schmitz e Marcus Vinicius Beber, sobre os antepassados Kaingang no Oeste Catarinense, 2011, percebemos que o território foi ocupado primeiramente pelos Guaranis, que posteriormente, em função de disputas Inter étnicas, tiveram que ceder as terras para os Kaingang, que ocupam a região até hoje.

Registros encontrados das narrativas do Jornalista Selistre de Campos, em "A Voz de Chapecó, 24 de outubro de 1948", (material compilado pelo CEON - Chapecó, 2004), logo após o reconhecimento de Chapecó, enquanto município, relatam o processo de perseguição aos índios em Chapecó e a sua ocupação na cidades: "O governo do estado do Paraná, ano de 1902, quando esta zona estava sob sua jurisdição, reservou, por Decreto, uma área de terras no ângulo formado pelos Rios Chapecó e Chapecozinho, para habitação, uso e gozo dos índios, que ali estavam localizados desde tempos imemoráveis."

No entanto a partir de 1927, como o mesmo jornal coloca, algumas autoridades locais começaram a solicitar novas medições dessas áreas de terra e quando o espaço já estava sob a jurisdição de Santa Catarina, a posse dessas áreas também começou a ser reivindicada por autoridades que agiam em causa própria. O SPI (Serviço de proteção aos índios) passou a se caracterizar como Serviço de Perseguição aos Índios, como critica o jornal: " ... mas fiquem certos: isso não será impunemente, ... será com o nosso protesto, pela imprensa e por todos os meios que estejam em nosso alcance. Essa prebenda é uma espoliação aos pobres índios e um assalto ao Patrimônio da Nação."

A partir daí, os indígenas, sem proteção, ficaram a mercê dos desmandos do governo e da justiça branca e cada vez mais foram desapropriados de suas terras originais, obrigados a "civiliza-se", sofreram com doenças às quais não conheciam, o que matou parte da população Kaingang na época, já que também eram usurpados do direito à assistência de saúde. Seu espaço inicial, que era de 123 hectares, com a traição da "SPI" e interesses individuais, reduziu-se à apenas 23 hectares de terra, que com o processo de modernização da cidade, reduziria-se ainda mais.

## 2.2 Índios urbanos

Seguia no século XX a construção da cidade de Chapecó. Os indígenas, primeiros donos do território, continuaram sendo desrespeitados e expropriados de suas terras. As famílias Kaingang continuaram ocupando parte da cidade, agora já encurralados pela cidade moderna.

Segundo o I Relatório das Famílias Kaingang residentes em Chapecó, 1998, a cidade abrigava uma vasta população indígena, constituída pelas famílias que residem em bairros da cidade e tornam-se quase invisíveis e as famílias que formam um grupo mais extenso de parentesco e que constituíam as aldeias na cidade. Estes, são visíveis e provocam reações mais variadas da população urbana nacional e acionam todos os preconceitos acumulados contra dos índios, constituindo-os como um problema social. Esta população representa um total estimado de 64 famílias e 212 pessoas conforme mostra a tabela abaixo (Relatório I, 1998):

(A) Bairro Palmital (Aldeia Kondá)	54 famílias	154 pessoas
(B) Bairro Tiago	04 famílias	23 pessoas
(C) Bairro São Pedro	06 famílias	35 pessoas
Total	64 famílias	212 pessoas

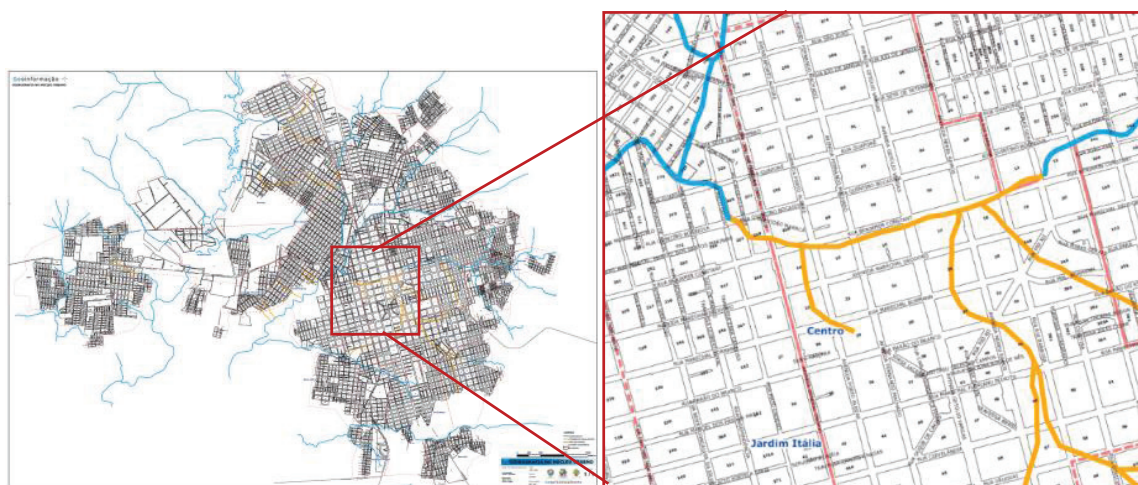


Segundo o Relatório II de Eleição da Área para os Kaingang da Aldeia Kondá, de 1999, como seu habitat, sua terra tradicional, onde caçavam, coletavam e tinham seus pinheiros, também onde tem seus cemitérios. O centro da terra de seus avós, coincide com o centro da cidade.

Fica claro o porquê de os Kaingang da Aldeia Kondá insistirem em que a cidade de Chapecó é a sua terra tradicional. O desenho em pico de pena de Chiarello, reproduzido na capa do relatório I, tendo em primeiro plano a figura de um casal de índios no Lageado Passo dos Índios, e o pinheiral ao fundo mostra que o centro da cidade de Chapecó em 1922, era a terra dos avós (Figura 06). Em seguida, na Figura 07, está identificado no mapa atual da cidade o rio Passo dos Índios, hoje em parte canalizado por baixo da Rua Benjamin Constant no centro da cidade.



Capa do Relatório I de identificação das Famílias Kaingang de Chapecó





Mapa da cidade de Chapecó com os rios (em azul) e canalizados (em laranja)  
Fonte: Secretaria de planejamento urbano da Prefeitura de Chapecó editado pelo autor.

Como os pinheirais desapareceram, tornou-se impossíveis definir os limites exatos das terras ocupadas pelos Kaingang, mas a convicção dos indígenas sobre suas origens e relatos de não índios, atestam a existência dos Kaingang no território chapecoense e acabam por acirrar as disputas pela terra indígena. Esse processo de resistência, segundo antigos moradores da aldeia Kondá, aproximou os índios, intensificou o uso da língua Kaingang e as ações de luta, contribuíram para a afirmação da identidade cultural da aldeia.

### **2.3 A conquista da terra**

Em 1998, conforme descrito do Relatório II: Eleição da área para os índios Kaingang da aldeia Kondá, foi iniciada uma pesquisa etno-histórica a fim de demonstrar a identidade étnica e cultural dos Kaingang da Aldeia Kondá e o direito que a Constituição Federal lhes confere a uma terra onde possam garantir sua reprodução física e cultural. A pesquisa foi realizada por uma comissão formada por antropólogos, cientistas sociais, representantes do CIMI (Conselho indigenista Missionário) e colaboração da FUNAI (Fundação nacional do Índio) e dos moradores da Aldeia Kondá.

Foram relacionados pré-requisitos que a área destinada aos Kaingang deveria conter e a partir daí, foram feitas análises das possíveis áreas escolhidas no que diz respeito ao solo, à água, flora, fauna, agricultores residentes nas proximidades etc. Assim a área da atual Aldeia Kondá, conforme Figura 08 e 09 abaixo, foi definida. Os Kaingang da Aldeia Kondá, de acordo com o mesmo relatório, tendo em vista a situação dramática que viviam na cidade, afirmaram que aquela área, daquele tamanho (2.300,2318 ha), era aceitável.

AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ



Localização da área destinada à aldeia Kondá atualmente:

Fonte: Google Earth com edição do autor



Área destinada à Aldeia Kondá atualmente. Fonte: Google Earth, 2015

Os índios, estão ainda em processo de adaptação à essa nova realidade, reaprendendo a cultivar a terra, a coletar o que é possível, a produzir em sua terra a matéria-prima necessária para o artesanato. As lideranças nunca tiveram um espaço tão grande para administrar. A cultura do não índio, está presente, em função do trabalho oferecido fora da aldeia e da possibilidade de formação superior oferecida por cursos como o de Licenciatura Intercultural Indígena da Uno Chapecó e outros da região.

Mesmo diante dessa realidade o artesanato, continua presente e sendo parte fundamental da cultura e na subsistência das famílias Kaingang. No entanto o problema reside em torno da comercialização desses produtos, que tem se caracterizado um risco para as famílias.

Enquanto o artesanato está sendo produzido, as famílias trabalham juntas, seguras no interior da aldeia. A partir do momento que se inicia a comercialização, surgem as seguintes questões: As mães, muitas vezes precisam levar os filhos para o centro da cidade para vender, pois não tem com quem os deixar, nessa oportunidade, as crianças muitas vezes perdem aula, estão suscetíveis aos riscos do centro da cidade e muitas vezes são confundidas com vendedores de artesanato, possibilitando a caracterização como trabalho infantil.

### **Casa Kondá**

A proposta da Casa de Apoio ao índio, vem então de encontro a esta questão central da comercialização do artesanato, mas envolve outras questões que serão descritas como principais atividades realizadas nesse espaço:

- **Ponto de Venda:**

Neste espaço, será constituído o principal ponto de venda do artesanato produzido na Aldeia Kondá, reduzindo assim a quantidade de vendedores ambulantes no centro da cidade. Caso seja permitida a venda ambulante pelas lideranças, os integrantes da comunidade estarão devidamente uniformizados, identificados como comerciantes indígenas e o espaço de venda será padronizado.

- **Abrigo para as crianças:**

Enquanto os pais estiverem comercializando o artesanato, as crianças estarão na Casa Kondá, participando de atividades educativas, sempre com o acompanhamento de uma professora da Aldeia. Receberão além de apoio pedagógico, alimentação adequada e cuidados de higiene e terão um lugar adequado para descansar. Será uma extensão das suas casas no centro da cidade.

- **Abrigo para lideranças:**

O acesso à aldeia não é fácil, muitas vezes as lideranças, especialmente os mais idosos, precisam sair da aldeia, tanto para desenvolver atividades

administrativas da comunidade, palestras, viagens, ou mesmo para ter assistência médica, chegam na cidade muitas vezes de madrugada e não tem um lugar adequado para pernoitar antes de voltar para a aldeia. A Casa Kondá dará abrigo a essas pessoas e qualquer outro integrante, que autorizado pelas lideranças, precise pernoitar na Casa.

- Área de capacitação indígena

Os professores indígenas estão em processo de capacitação contínua e muitas vezes fazem cursos de treinamento fora da aldeia. A Casa terá uma sala de treinamento que facilitará esse desenvolvimento através do fácil acesso, em função da localização, no centro da cidade.

- Centro cultural

As lideranças da Aldeia Kondá estão dedicadas à mudança da imagem da comunidade em relação aos moradores da cidade de Chapecó. Nesse sentido, a Casa Kondá, fará uma programação cultural aberta à comunidade, com apresentações artísticas, comidas típicas, palestras históricas, espaço de ervas medicinais e artesanato.

Dessa forma, pretende-se mostrar de forma organizada e agradável a riqueza da Cultura Kaingang, promovendo o sentimento de respeito e valorização aos primeiros habitantes do território chapecoense.

### Considerações gerais

Diante das informações apresentadas, a Comunidade da Aldeia Kondá, aqui representada pelo atual Cacique, Constante Rodrigues, solicita um terreno, localizado na região central da cidade para o desenvolvimento do projeto e execução da Casa Kondá.

A solicitação do terreno e não de uma casa, é justificada pela necessidade desse espaço ser projetado, respeitando as bases da cultura Kaingang, absorvendo processos construtivos considerados fundamentais pelos indígenas. Outra questão é a crença de que através da arquitetura diferenciada, a identidade dessa comunidade será reforçada e respeitada.

A localização do terreno, na região central da cidade, é justificada primeiramente pela necessidade de fácil acesso para a comercialização dos produtos e participação das atividades culturais, além desses fatores históricos,

mostrados nas figuras 06 e 07 que comprovam que o centro da cidade é território original dos Kaingang.

Os Kaingang da Aldeia Kondá consideram de fundamental importância, a participação em todo o processo desde a escola dos profissionais que farão o acompanhamento do projeto da casa e execução, profissionais que darão apoio às outras atividades e qualquer decisão que seja necessária para a efetivação da Casa Kondá. Garantindo assim a integridade da proposta e o respeito à comunidade assistida.

Chapecó, 26 de janeiro de 2016

---

Constante Rodrigues | Cacique da Aldeia Kondá

## **APÊNDICE 06: DIÁRIO DE CAMPO - VISITA EXPLORATÓRIA 26/01/2016.**

Nesse encontro, o Projeto Casa Kondá foi revisado com as lideranças, o que aproximou de forma significativa a pesquisadora da comunidade e contribuiu para o bom andamento da pesquisa, além de ter possibilitado a compreensão de aspectos fundamentais da estrutura social da aldeia.

Foi observada a participação direta do Sr. Augusto, ancião da aldeia. Em todos os momentos o cacique perguntava qual era a opinião dele sobre os vários aspectos da casa e de como as coisas deveriam acontecer em seu interior. As mulheres, também foram ouvidas em todo o processo. Era notável que os líderes da aldeia tinham conversado com suas esposas em casa, antes da reunião e em função disso contemplavam no diálogo como questões referentes à educação das crianças e o local onde elas ficariam enquanto a mãe tivesse que trabalhar vendendo o artesanato.

Em função dos aspectos levantados para elaboração do documento destacam-se os seguintes aspectos, fundamentais para o entendimento do modo de viver Kaingang:

- ① A venda do artesanato como principal fonte de renda da comunidade;
- ① A preocupação da imagem de a sociedade envolvente tem da comunidade da aldeia;
- ① A vontade de organizar, uniformizar, padronizar a venda, clara influência da sociedade não indígena;
- ① A preocupação com a segurança e educação das crianças enquanto os pais saem pra vender;
- ① A preocupação e respeito aos mais velhos;
- ① A vontade de que os mais velhos representem a aldeia e passem os conhecimentos tradicionais adiante em outros espaços além do interno da aldeia;

- ① A preocupação com a formação de professores e com a educação indígena diferenciada;
- ① A divulgação da cultura e do modo de viver Kaingang como forma de conquistar o respeito da sociedade envolvente.



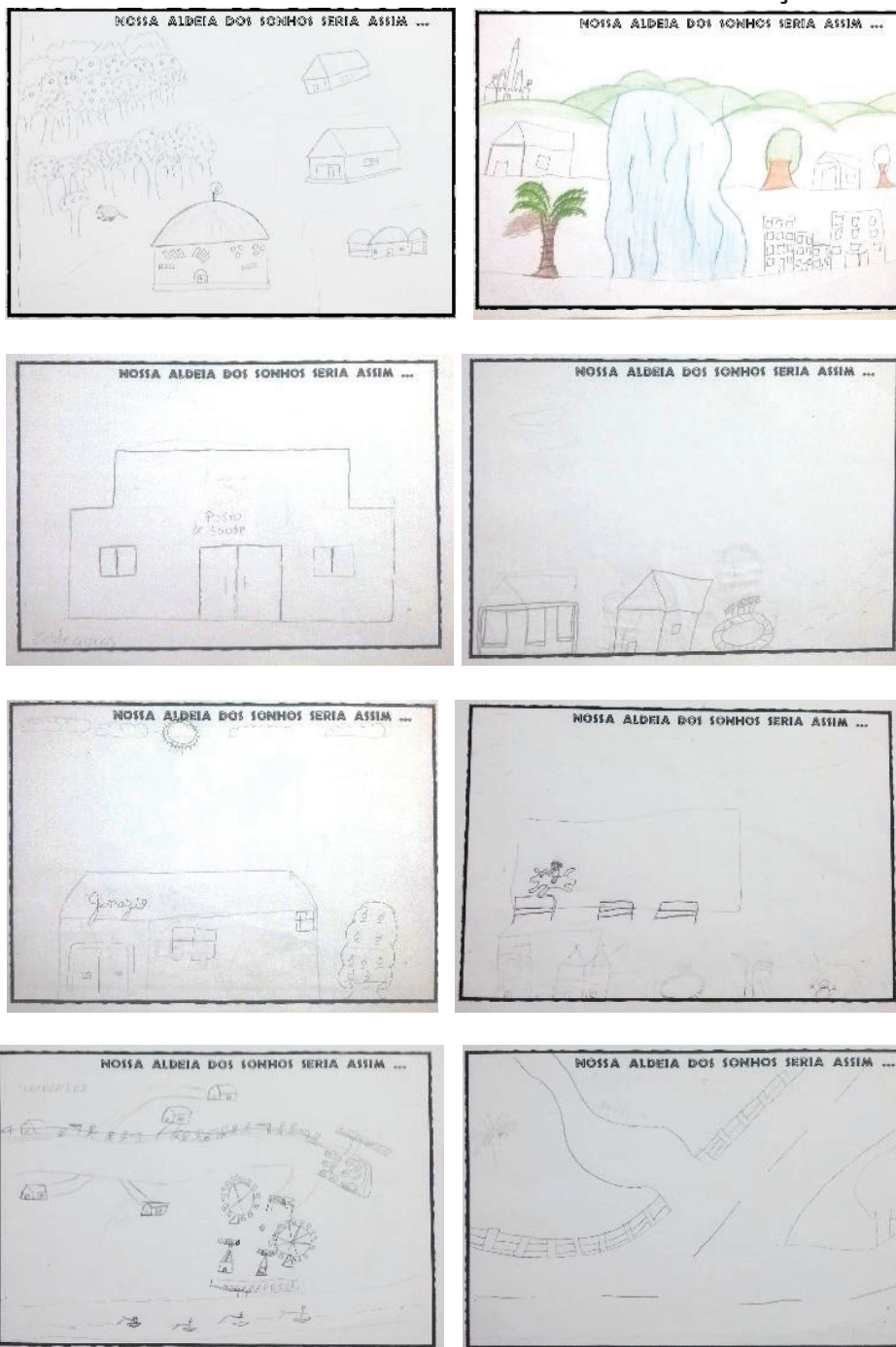
### **APÊNDICE 07: APRESENTAÇÃO DO POEMA DOS DESEJOS.**

Foi proposta a seguinte atividade para crianças e professores da escola indígena: entregue uma folha conforme modelo abaixo, elas estavam livres pra escrever ou desenhar como seria.

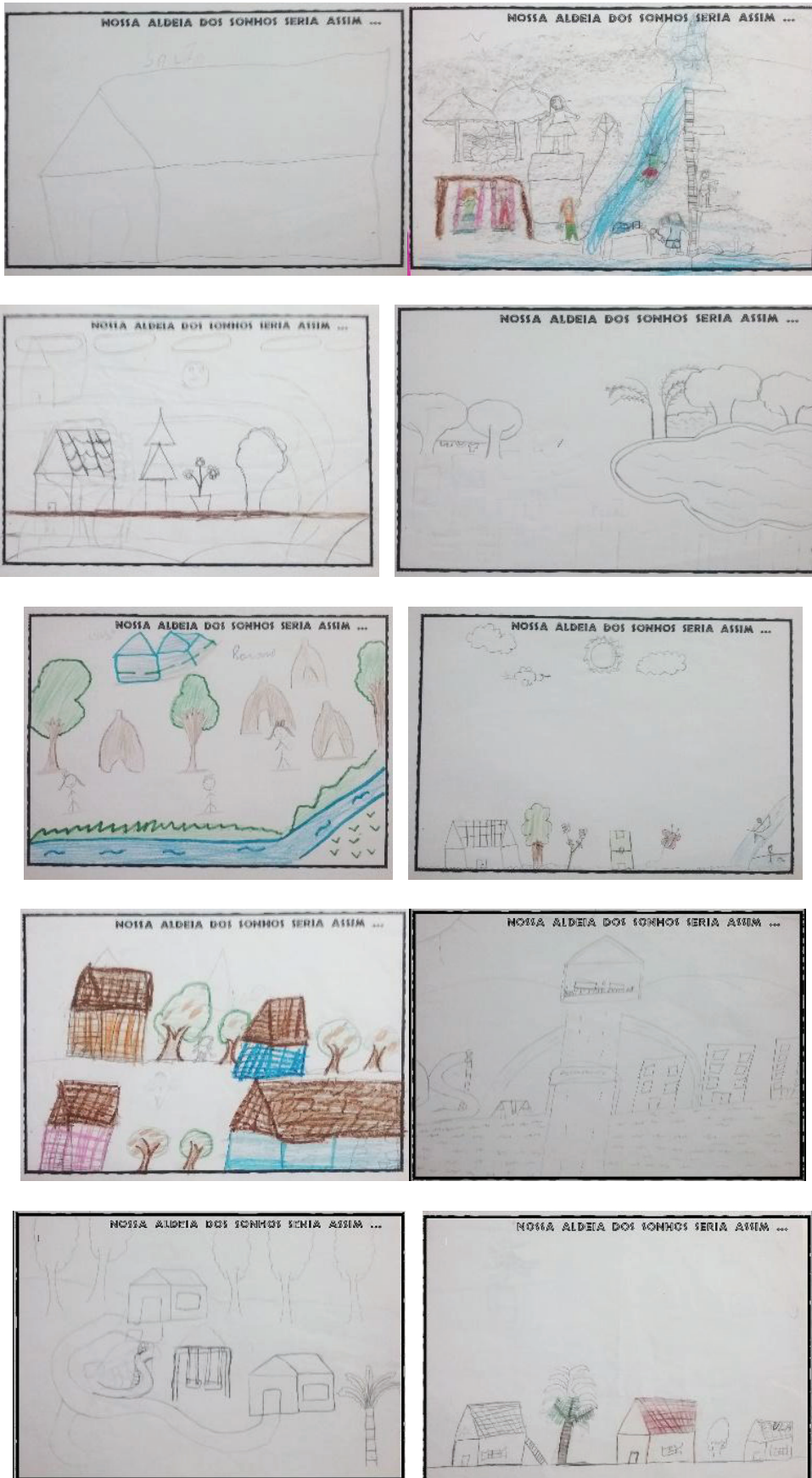
**NOSSA ALDEIA DOS SONHOS SERIA ASSIM ...**

### APÊNDICE 08: ALBUM DO POEMA DOS DESEJOS.

As imagens do poema dos desejos foram reduzidas afim de minimizar o tamanho do álbum na versão final da dissertação.

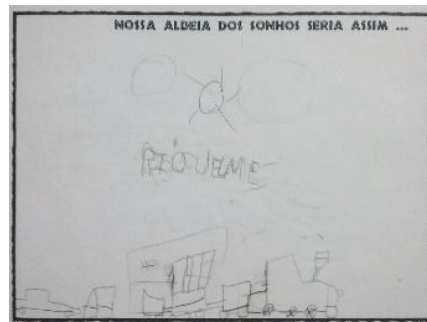
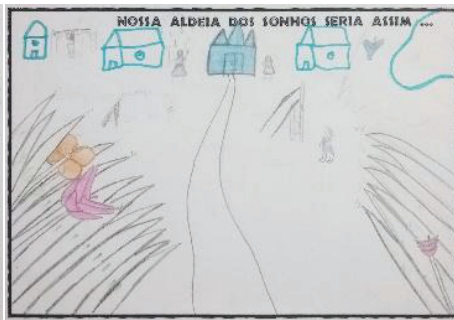
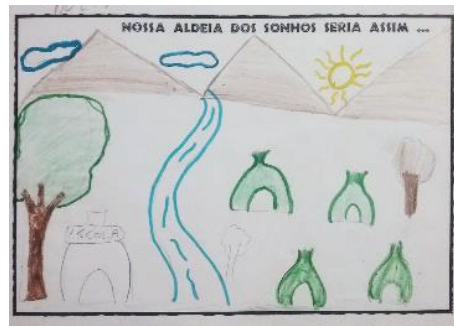
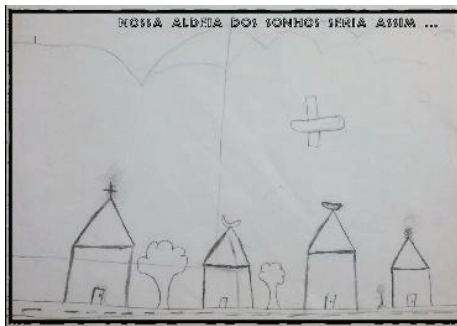


AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ

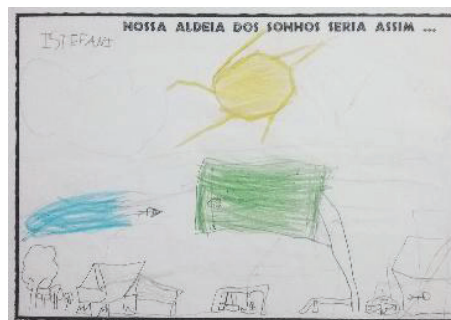
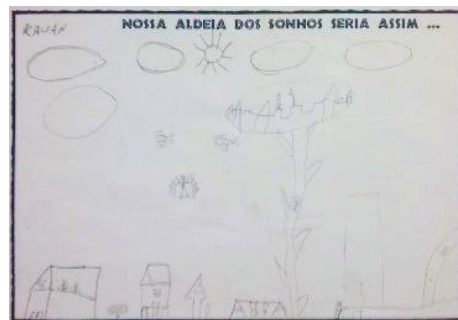
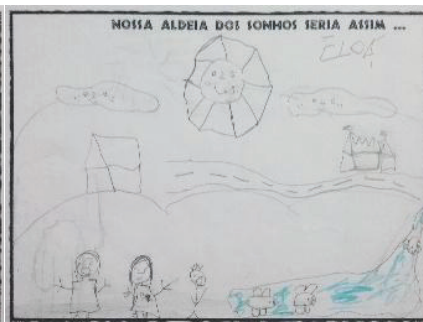
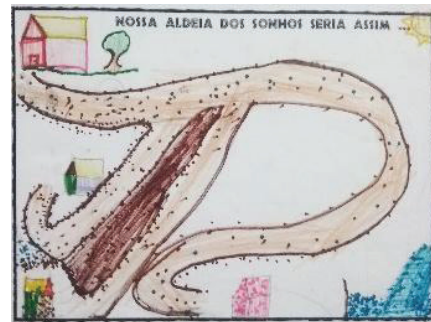




AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ

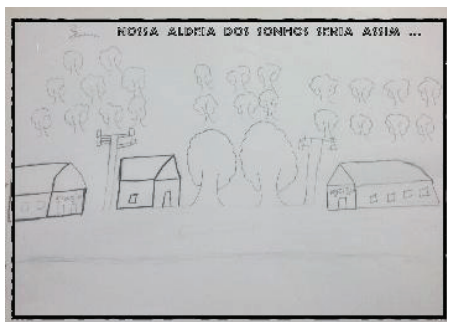
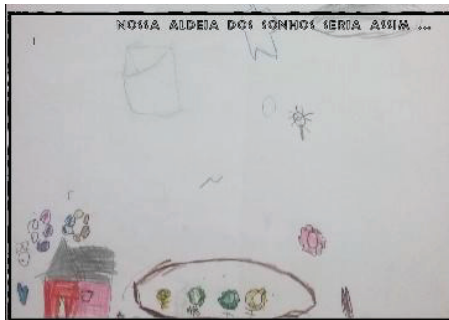
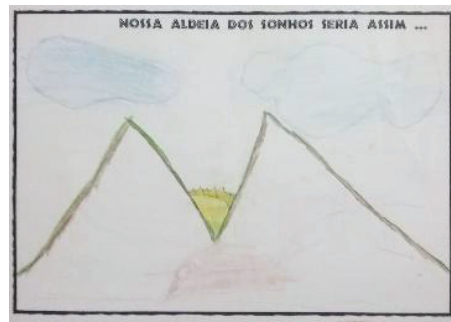
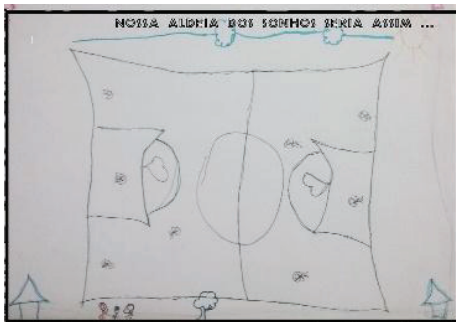
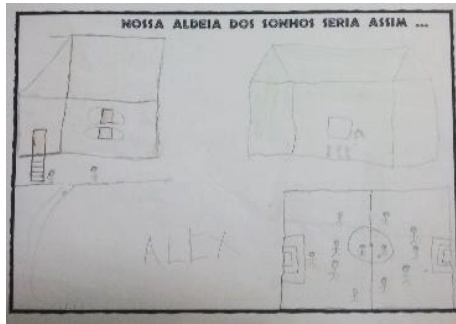


AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ





AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ



## APÊNDICE 09: ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.

O principal objetivo das entrevistas é compreender, a partir da visão das pessoas da comunidade, como a relação da comunidade com o espaço físico foi se alterando ao longo do tempo em função do contato com a sociedade envolvente. Para tanto são feitas perguntas abertas pré-estabelecidas:

1. Como eram as casas antigamente? De que material? Quem construía?
2. Como era a relação com a natureza? Ela servia para que?
3. De onde vinha a comida e a bebida da comunidade?
4. Como as crianças eram ensinadas? Aonde? Por quem?
5. Onde eram feitos os rituais?
6. Você sabe como foi que a comunidade da aldeia começou a se relacionar com os não indígenas? Pode me contar o que sabe?
7. Como acontece a relação com a natureza hoje?
8. O que mudou do tempo dos teus avós pra hoje? Pode me dizer o que pensa sobre isso?
9. Você é feliz na aldeia? Por que?
10. Qual o lugar da aldeia que você mais frequenta?
11. Qual o lugar da aldeia que te deixa mais orgulhoso(a)? Por que?
12. Pode descrever como seria a aldeia de seus sonhos?



### **APÊNDICE 11: RELATO DE HISTÓRIA DE VIDA 11/01/2016.**

No dia 12 de junho de 2016, o Sr. Augusto Rodrigues me contou sua história de vida. Segue o relato:

... Quando era pequeno, a gente caminhava bastante, meu pai sempre dizia: Aqui moram seus tios. Eles tem morada, nós só andemo pelos parente, é Nonoai, é Serrinha, é Vental, é Ligerio, então pra lá eram todos os parentes, só de passagem.

Onde a gente ficava mais parado era Chapecó, e ele trabalhava e o dinheiro que ele ganhava, comprava de tudo pra nós, comprava roupas, comprava comida, até na época então era lembrado que, não me lembro como que era o nome, ali onde é o frigorífico do Saic, ali tinha uma estrada que seria tipo uma “picada” e hoje é estrada, dava pra passar de carro, mas não era uma estrada aberta né?! E ali era tipo um campo assim e tinha que varar um trecho e chegava no frigorífico. E os caras lá da frente já pediam o que que nós queira e nós queria miúdo de porco. Eles traziam de carrinho, eu me lembro muito bem, de tonel cheio de rim, fígado, eles davam a vontade, partiu pro coração, tinha que dar uns troco, a gente sempre levava uns troco, aí eles pediram quanto a gente tem, eles pegavam e davam aqueles coração.

Então eu sempre digo, que na época passada era muito melhor do que hoje. Pensando bem era uma passagem sofrida né, por que era tudo a pé né? Olha aqui nas margens do Uruguai aqui, era lugar de caboclo, só caboclo. Não tinha branco, era só caboclo e índio também as vezes, junto com eles. E esses caboclos trabalhavam muito, plantavam milho, feijão e tudo em roça. E o transporte deles era o burro, o cavalo, carregavam de cargueiro e iam pro comercio vender e de lá trocavam. Então, só que chegando na casa desses caboclos, você olhava assim e só vê charque de porco, de gado, era coisa boa. Por isso que eu digo, no passado, me parecia melhor né?

Não precisava apagar a luz, não precisava nada, ali era tudo a base de vela e querosene. E nos convivia com esses caboclo, por que meu pai saída de lá pra vim mais pros parentes de Chapecó. Então, desde quando eu tinha 8 anos eu conheci Chapecó já.

Eu tenho 70 anos, fiz em maio, e não representa né? Tava falando com a minha filha ontem, a única coisa que me pega na idade é o esquecimento. Só esse esquecimento, por que eu tenho força e tudo, só esquecimento... Eu sei que conheço, mas me esqueço do nome, até nossos parente aqui as vezes eu quero dar nome, mas não me lembro né? Mas se não, a minha vida como seria no passado é o mesmo, a minha vontade de trabalhar, é o mesmo.

As casas eram coberta com folha de taquara, e dos lados tem vários, você pode fazer com a mesma esteira de taquara colocando primeiro, e segundo e daí ia fechando. Só que dá muito trabalho, daí então pode fazer de esteira de taquara, rodeia mais fácil, senão você pode rodear de varas e fechar com folharada de árvore. Dentro era só um cômodo, não tinha repartição. Pra dormir então, daí a história fica assim ó, por exemplo, aqui é o espaço da casa, então o fogo pode ser bem no meio, daí era costume dos “véio”, a gente deita tudo em roda do fogo, é preparada uma samambaia ou se não folha de coqueiro também a gente ajeita ela, espalha ela, coloca uma, coloca duas, até três né, pra ficar mais forrado e três do lado e daí aqui já ficou a cama feita. É coisa boa.

Desse modo de viver eu só deixei quando eu vim pra cá, quando nós passamos pra essa aldeia. Se não quando eu morava em Nonoai, eu usava ainda, nós tinha cama, mas parece que na cama nós não se sossegava, então nós preparava esse tipo de forro pra nós deitar em cima, parece que era melhor né?! É o costume, então com a mulher, que nós se separamos, eu sempre digo pra ela que, um forro bem preparado né, coloca pro exemplo essas folhas desse pinheiro bravo, coloca as folhas novas né, tira bastante, mas aquilo lá fica quente, quente mesmo, esquenta aquilo lá. Agora quando viemos pra cá então, tamo quase deixando né, por isso que é bom a gente contar as histórias... E o meu desejo é nunca deixar tudo que a gente passou, por que hoje nós tamo vendo as preocupações, hoje tem engenheiros, tem pessoas esforçadas ne pra trabalhar na água né?! Viver nessa nova vida né, só que não chega, nunca vai chegar. Aqui quando nós chegamos aqui eles disseram, nós vamos ajeitar água pra vocês, nós vamos trazer lá de baixo aonde tem a água, só que queima o motor e daí ficamos sem água. Parece que a turma ta vindo tudo no poço, mas o poço diz que tá la em baixo também. Então vem a complicação né.

No passado, era assim, por exemplo, se vem um morar comigo, eu digo, ó, aqui tem espaço, vê onde é que tem água melhor pra você pegar um papel pra não ter falta de água. Vem outro, daí aquela lá já achou a água, agora vai achar a tua água, ele se acampa perto.

Tava falando hoje pra minha filha, daí hoje esses que fizeram curso pra essas água, eles garantem, a gente pergunta se não vai faltar água aqui não, que nada...

Quebra a mangueira, falta água. Tudo esse moderno parece que vai prejudicando até a saúde ne, por que muitos aí passam sem a água né e então eu vejo que as coisas de hoje tem que ser com muito cuidado, falo com as lideranças, que são piizada né, mais então, a minha vida, ela veio assim, ela veio conhecendo a natureza, vivemos com a natureza, até 27 anos, nós tinha ainda a natureza né, mato ainda, depois pra lá veio acabando né. Na época que nós tava acampado ali já tavam destruindo as madeiras aqui em roda.

Pinheiro, essas coisas, já tavam destruindo, por que tavam fazendo as balsas. Lá no rio, não podia sossegar, por que lá era barulheira né, para pegar tábuas, eles derrubavam e ia rolando até que chega lá no ponto de ajuntar. Então eu me lembro muito bem que até inclusive a UNOCHAPECÓ me deu um livro sobre a história de Chapecó, então eu me preocupo com o nosso povo, com as nossas famílias, só que a nossa família hoje ta aprendendo outro sistema né? Outros estudando, querendo chegar num ponto grande, e outros já que tem idade, procurar serviço para viver melhor.

Então hoje está mudada as coisas né? por que? por que o passado acabou o mato se foi, tem o lageado aqui, que seria muito bom pra usar pescaria, mas no verão, diz que morre tudo os peixe por causa que a água não é mais uma água pura né?!então tudo isso ai ta acontecendo. Até no Uruguai uma vez aconteceu, pode ver nós fizemos um filme junto com o CIMI, então veja o que que acontece no tempo de hoje, enquanto agora, muita gente já ta com uma idade avançada só que eu queria ver a nossa terra demarcada, tudo ela, e a preocupação nossa é que tenha a terra tradicional, só que nós não queria avanças o crescimento dos municípios. Eu na Minha ideia, eu falo com os demais, sempre que nós não podemos atacar o Bormam a crescer. Nos podemos é pedir pro Bormam se emancipar, ser município. Damos toda essa força pra que o Bormam também seja

município, por que? Por que os nossos filhos aprenderam viver diferente. Querem trabalhar, querem ter ganho, então lá vai surgir emprego pro nossos filhos.

Quando é pra adquirir o Bormam pras terras indígenas. Nós queremos a costa do Uruguai, aonde não é ocupado pra granja, pra essas coisas,

Então a minha ideia, e eu queria alcançar tudo isto né, até que a gente tem essa força né, eu sempre digo pros meus parentes mais criados, nós temos que fazer toda a nossa força pra criar esse sistema de luta e aí pegar só as costeada no rio, e nós vamos juntos, cair em peso e o governo vai apoiar. Então é aí que a gente quer viver.

Eu primeiro encargo sobre meu tempo de vida e sobre o meu pouco de entendimento, eu fui Cacique lá no Chimbanguê, fiquei 2 anos de cacique, na época que tinha dois caciques, tinha o cacique nos mestiços e o cacique nos índio puro né? Então eu fui cacique dos índios Puros.

Fiquei 4 anos lá morando, só que na liderança do cacique fiquei dois anos. E daí depois eu resolvi sair pra Nonoai, fui pra Nonoai, e como a gente trabalha com esse artesanato né, daí eu volta e meia vinha pra Chapecó, foi numa época que o Tiquin era o prefeito. E que um dia eles chegaram visitar o nosso acampamento e dizer que se nós queríamos ficar em Chapecó eles iam preparar uma morada melhor. Casa, tudo já vem, mas índio é teimoso. Eu disse não, nós viemos aqui pra ficar uns par de dias e voltar pra nossa terra. Tudo bem.

Aí deixaram nos, aí eu fui pra lá e foi indo até que, não me lembro se foi o vice daquele prefeito, também falou pra mim, que se a gente tava só indo pra lá, nós podia ficar que eles iam arrumar espaço e lugar melhor pra nós. Pega aí essas família que tão por aí e reúne os outros que tão. Não. Eu vim pra ficar três quatro dias e depois voltar...

E foi indo, foi indo até que o prefeito, que era o José Fritch, conversou com um primo meu, que morava aqui, que ele ia lutar com ele sobre uma terra tradicional de índio. Aí mandaram me buscar, em Nonoai, eu parava lá. Mas lá mal apenas a gente tinha o direito de ocupar o lugar, em Nonoai. Eu sempre digo que esse cacique que mora lá, acho que faz mais de 40 anos que ele é cacique. Só que ele não é natural de Rio Grande, ele é natural de serrinha. Daí um dia quando o pessoal ia me buscar e eu dizia que to bem. Meio acampado, mas bem, até que um dia eu resolvi né, então o capitão da aldeia lá me deu uma autorização pra eu tirar um pinheiro, pra

faze tipo lascão pra fazer uma casa melhor. Daí escolhi o pinheiro, fui lá no cacique, eu disse, vou tirar aquele pinheiro. Ele disse não! Se um mexe lá, todos vão mexer, vai acabar os pinheiros, deixei.

Ai chegou um agricultor, nós tinha um aparelho, um aparelho grande, e o agricultor se interessou, ele foi lá em casa e disse: Augusto, eu faço dois alqueires de lavrado pra você por esse aparelho. Vou deixar tudo, lavrar, debulhar, você vai só plantar. Então quando queria fazer esses negócio com o agricultor eu fui lá no cacique. Cacique eu quero uma autorização tem um homem que quer fazer um serviço pra mim por um aparelho que eu tenho lá. Ele disse Não! Trator estranho não entra na aldeia. De maneira nenhuma nós vamos aceitar trator estranho entrar na aldeia. Tá, deixei.

Ai como meus sobrinho, minha família estavam me chamando aqui, daí digo então melhor eu ir pra lá. Aí por isso que eu vim pra cá e tamo aqui. Eu digo assim que pela aparência, pelo meu modo de entender, o pessoal aqui eles estão todos melhor que no passado. Hoje tudo tem as suas moradas, as suas casas, acho que a maioria tem banheiro já preparado, a minoria falta esse tratamento de banheiro. Então mudou a vida desses índios né. Todos os índios que vivem aqui é os índios abandonado.

Abandonado por que? Nós somos dos Kaingang puros, e em Nonoai começou a se misturar com branco, caboclo e assim foi indo. E o branco e o caboclo começam a avançar. Por enquanto se eu tenho aqui uma plantinha, eles começam colar, e vão chegando, vão tomando conta. Eles invadem o terreno nosso. E isso aconteceu e o cacique lá dá mais apoio pra aqueles que fazem isso né. Então o índio Kaingang nunca teve valor, é desse jeito a vida do índio

E trabalhar e morrer por serviço, aí começa o agricultor né, começa o branco daí né. E é por isso que eu tava dizendo, nós não vamos atacar o crescimento do Bormam, de Chapecó, por esse motivo, por que nós somos dos Kaingang, nós vamos viver conforme a gente vivia no passado. Isso que pra mim é importante.

Tudo os novos, tão trabalhando fora da aldeia. E tem já gente dos novos, que tão se preparando pra trabalhar no mercado, nas lojas, e outros que estão se preparando pra trabalhar de professor, na escola então todos eles já tem um ponto de trabalho. Por isso que eu digo né, que nós nunca vamos dizer que Bormam é nossa terra, por que agora os nossos filhos vão

viver com o Bormam, se ele se emancipar. Eles vão conviver lá, e por isso que a gente é sofrido muitas e vezes, que o nosso pessoal não aceita a nossa opinião. Mas pra viver tinha que ser por aqui né.

Nessa caminhada, tudo que a gente aprendeu, é aprender viver, respeitando um ao outro, como velho a gente vivei e tem uma grande amizade. Então eu sei que por onde a gente vivei, tudo gostou da gente e a gente também trata de ajudar. Tem vivido com muito respeito, quando acontece qualquer problema no nosso meio eu digo que um dos maiores cartões da minha vida é aprender viver.

## APÊNDICE 12: FICHA DE VESTÍGIOS DE COMPORTAMENTO

### MODELO

<b>Ficha de Vestígios de Comportamento</b>
--

Descrição:

---



---


<b>Planta de localização aproximada do vestígio ou fotografia</b>	Traço verificado: <input type="checkbox"/> arquitetura <input type="checkbox"/> urbanismo		
	Que tipo de vestígio foi encontrado? Ligado primeiramente à...		
	<input type="checkbox"/> Personalização	<input type="checkbox"/> Adaptação uso	<input type="checkbox"/> Simbólica
	Manifestação de identidade?		
	<input type="checkbox"/> Pessoal individual	<input type="checkbox"/> Grupo indígena	<input type="checkbox"/> grupo Não indígena
	Traço marcado por:		
	<input type="checkbox"/> Erosão	<input type="checkbox"/> Deposição	
	Informações complementares:		



AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ


**Ficha de Vestígios de Comportamento**

Descrição: LIXO EM VOLTA DAS CASAS

<p>Planta de localização aproximada do vestígio ou fotografia</p> 	Traço verificado: ( ) arquitetura (x) urbanismo		
	Que tipo de vestígio foi encontrado? Ligado primeiramente à...		
	( ) Personalização	(x) Adaptação uso	( ) Simbólica
	Manifestação de identidade?		
	(x) Pessoal - individual	( ) Grupo indígena	( ) grupo Não indígena
	Traço marcado por:		
	( ) Erosão	(x) Deposição	
Informações complementares: Segundo relatos, a comunidade ainda está aprendendo a lidar com o lixo plástico e metálico, pois só sabiam lidar com o lixo orgânico, que desaparecia em um curto espaço de tempo.			


**Ficha de Vestígios de Comportamento**

Descrição: CAMINHOS ALTERNATIVOS

<p>Planta de localização aproximada do vestígio ou fotografia</p> 	Traço verificado: ( ) arquitetura (x) urbanismo		
	Que tipo de vestígio foi encontrado? Ligado primeiramente à...		
	( ) Personalização	(x) Adaptação uso	(x) Simbólica
	Manifestação de identidade?		
	( ) Pessoal - individual	(x) Grupo indígena	( ) grupo Não indígena
	Traço marcado por:		
	(x) Erosão	( ) Deposição	
Informações complementares: São caminhos abertos na vegetação rasteira em função do uso contínuo daquele trajeto. A vegetação morre e ficam estradas de chão batido.			


**Ficha de Vestígios de Comportamento**

Descrição: FOGO DE CHÃO DO EXTERIOR DAS CASAS

<p>Planta de localização aproximada do vestígio ou fotografia</p> 	Traço verificado: (x) arquitetura ( ) urbanismo		
	Que tipo de vestígio foi encontrado? Ligado primeiramente à...		
	(x) Personalização	(x) Adaptação uso	(x) Simbólica
	Manifestação de identidade?		
	(x) Pessoal - individual	(x) Grupo indígena	( ) grupo Não indígena
	Traço marcado por:		
	( ) Erosão	(x) Deposição	
Informações complementares: Pequenas fogueiras feitas sob lonas no exterior das casas. Este espaço é utilizado para a feitura do artesanato.			

AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ

Ficha de Vestígios de Comportamento	
Descrição: FOGO DE CHÃO DO INTERIOR DAS MORADIAS	
Planta de localização aproximada do vestígio ou fotografia	Traço verificado: <input checked="" type="checkbox"/> arquitetura <input type="checkbox"/> urbanismo
	Que tipo de vestígio foi encontrado? Ligado primeiramente à...
	<input checked="" type="checkbox"/> Personalização <input checked="" type="checkbox"/> Adaptação uso <input checked="" type="checkbox"/> Simbólica
	Manifestação de identidade?
	<input checked="" type="checkbox"/> Pessoal - individual <input checked="" type="checkbox"/> Grupo indígena <input type="checkbox"/> grupo Não indígena
	Traço marcado por:
<input type="checkbox"/> Erosão <input checked="" type="checkbox"/> Deposição	
Informações complementares: Pequenas fogueiras feitas no interior das residências que substituí o fogão e servem como fonte de calor no inverno,	

Ficha de Vestígios de Comportamento	
Descrição: ESTRUTURAS DE MADEIRA PARA CERIMÔNIAS	
Planta de localização aproximada do vestígio ou fotografia	Traço verificado: <input checked="" type="checkbox"/> arquitetura <input type="checkbox"/> urbanismo
	Que tipo de vestígio foi encontrado? Ligado primeiramente à...
	<input type="checkbox"/> Personalização <input type="checkbox"/> Adaptação uso <input checked="" type="checkbox"/> Simbólica
	Manifestação de identidade?
	<input type="checkbox"/> Pessoal - individual <input checked="" type="checkbox"/> Grupo indígena <input type="checkbox"/> grupo Não indígena
	Traço marcado por:
<input type="checkbox"/> Erosão <input checked="" type="checkbox"/> Deposição	
Informações complementares: Pequenas estruturas de madeira cobertas com palha são encontradas em diversos pontos da aldeia e segundo relatos são utilizadas em cerimônias como casamentos e batizados ou semana cultural,	

Ficha de Vestígios de Comportamento	
Descrição: CAMPOS DE TERRA VERMELHA	
Planta de localização aproximada do vestígio ou fotografia	Traço verificado: <input type="checkbox"/> arquitetura <input checked="" type="checkbox"/> urbanismo
	Que tipo de vestígio foi encontrado? Ligado primeiramente à...
	<input type="checkbox"/> Personalização <input checked="" type="checkbox"/> Adaptação uso <input checked="" type="checkbox"/> Simbólica
	Manifestação de identidade?
	<input type="checkbox"/> Pessoal - individual <input checked="" type="checkbox"/> Grupo indígena <input type="checkbox"/> grupo Não indígena
	Traço marcado por:
<input checked="" type="checkbox"/> Erosão <input type="checkbox"/> Deposição	
Informações complementares:	

AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ

**Ficha de Vestígios de Comportamento**

Descrição: COBERTORES ESTENDIDOS PARA SOMBREAR O EXTERIOR DAS CASAS

<p>Planta de localização aproximada do vestígio ou fotografia</p> 	Traço verificado: <input checked="" type="checkbox"/> arquitetura <input type="checkbox"/> urbanismo		
	Que tipo de vestígio foi encontrado? Ligado primeiramente à...		
	<input checked="" type="checkbox"/> Personalização	<input checked="" type="checkbox"/> Adaptação uso	<input type="checkbox"/> Simbólica
	Manifestação de identidade?		
	<input checked="" type="checkbox"/> Pessoal - individual	<input type="checkbox"/> Grupo indígena	<input type="checkbox"/> grupo Não indígena
	Traço marcado por:		
	<input type="checkbox"/> Erosão	<input checked="" type="checkbox"/> Deposição	
Informações complementares:			


**Ficha de Vestígios de Comportamento**

Descrição: CERCADO EM TORNO DO POSTO DE SAÚDE

<p>Planta de localização aproximada do vestígio ou fotografia</p> 	Traço verificado: <input checked="" type="checkbox"/> arquitetura <input type="checkbox"/> urbanismo		
	Que tipo de vestígio foi encontrado? Ligado primeiramente à...		
	<input checked="" type="checkbox"/> Personalização	<input type="checkbox"/> Adaptação uso	<input checked="" type="checkbox"/> Simbólica
	Manifestação de identidade?		
	<input type="checkbox"/> Pessoal - individual	<input type="checkbox"/> Grupo indígena	<input checked="" type="checkbox"/> grupo Não indígena
	Traço marcado por:		
	<input type="checkbox"/> Erosão	<input checked="" type="checkbox"/> Deposição	
Informações complementares:			

**Ficha de Vestígios de Comportamento**

Descrição: PEQUENAS FOGUEIRAS PRÓXIMO DOS RIOS

<p>Planta de localização aproximada do vestígio ou fotografia</p> 	Traço verificado: <input type="checkbox"/> arquitetura <input checked="" type="checkbox"/> urbanismo		
	Que tipo de vestígio foi encontrado? Ligado primeiramente à...		
	<input type="checkbox"/> Personalização	<input checked="" type="checkbox"/> Adaptação uso	<input checked="" type="checkbox"/> Simbólica
	Manifestação de identidade?		
	<input type="checkbox"/> Pessoal - individual	<input checked="" type="checkbox"/> Grupo indígena	<input type="checkbox"/> grupo Não indígena
	Traço marcado por:		
	<input type="checkbox"/> Erosão	<input checked="" type="checkbox"/> Deposição	
Informações complementares: A intenção é a criação de espaços de lazer públicos coletivos.			



AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ

Ficha de Vestígios de Comportamento	
Descrição: ARTESANATOS PENDURADOS TANTO NO INTERIOR QUANDO NO EXTERIOS DAS CASAS	
<p>Planta de localização aproximada do vestígio ou fotografia</p> 	<p>Traço verificado:    <input checked="" type="checkbox"/> arquitetura    <input checked="" type="checkbox"/> urbanismo</p>
	<p>Que tipo de vestígio foi encontrado? Ligado primeiramente à...</p>
	<p><input checked="" type="checkbox"/> Personalização    <input type="checkbox"/> Adaptação uso    <input checked="" type="checkbox"/> Simbólica</p>
	<p>Manifestação de identidade?</p>
	<p><input type="checkbox"/> Pessoal - individual    <input checked="" type="checkbox"/> Grupo indígena    <input type="checkbox"/> grupo Não indígena</p>
	<p>Traço marcado por:</p>
	<p><input type="checkbox"/> Erosão    <input checked="" type="checkbox"/> Deposição</p>
<p>Informações complementares:</p>	
<p> </p>	

## APÊNDICE 14: PROJETO DE EXTENSÃO MORADAS KAINGANG



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC  
CENTRO TECNOLÓGICO  
PÓS GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO - PósARQ  
**PLANO DE PROJETO DE EXTENÇÃO**

### "PROJETO MORADAS KAINGANG"

**Professor Orientador:** Dr. Vanessa G. Dorneles

**Organização:** Carlos Fernando Pinto, Fernanda Dill, Fernanda Olinto e Paty Baccin

**Participantes:** Alunos do curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo

#### Resumo

Este projeto de extensão é organizado pelos alunos do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo | PósARQ em parceria com o curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFSC e com a comunidade indígena Aldeia Kondá. Consiste no desenvolvimento de projetos de habitação para as famílias indígenas pertencentes à etnia Kaingang e residentes na Aldeia Kondá, localizada no município de Chapecó, oeste do estado de Santa Catarina.

Ele pretende supriras demandas de projetos de residência adequados às necessidades das famílias indígenas Kaingang considerando sua cultura e a forma como se relacionam com o espaço da casa. Além disso, pretende-se elaborar projetos que possam servir de referência para implantação de moradias Kaingang em outras Terras Indígenas.

Para o desenvolvimento deste projeto serão consideradas as premissas de respeito às especificidades culturais, psicologia ambiental, sustentabilidade e identidade arquitetônica.

#### Apresentação do tema

Este projeto consiste na elaboração de projetos de moradia para serem implantados na comunidade indígena Kondá, localizada na linha Água Amarela, município de Chapecó. A aldeia é composta por aproximadamente 200 famílias e possui uma área de terra de 1.800 hectares, a maioria dessa extensão de é área de preservação nativa. A comunidade indígena mantêm seus costumes tribais e tem como forma de subsistência pequenos plantios para o consumo e principalmente o artesanato.

## AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ



Demarcação da área destinada à Aldeia Kondá e Sede da Aldeia. Fonte: Google Earth, 2015

A solicitação do projeto por parte da atual liderança da comunidade surgiu com o objetivo de garantir o bem estar dos moradores da Aldeia através de moradias que respeitem as especificidades culturais da etnia e não limitem às construções ao formato convencional. Este projeto faz parte de um projeto maior, que pretende contemplar também os espaços públicos, como a escola, centro cultural, casa de ervas medicinais etc., tornando a Aldeia Kondá um exemplo de Construção do Espaço arquitetônico ao considerar as necessidades de seus usuários.

### Justificativa

---

O território original da comunidade, conforme muitos estudos desenvolvidos por antropólogos, historiadores e arqueólogos, é o centro da cidade de Chapecó, no entanto, os indígenas foram enclausurados em uma quadra próxima ao centro da cidade, até serem transferidos para uma área destinada a eles no interior do município.

Nesse novo espaço, algumas poucas casas de colonos, já existentes no local foram ocupadas, algumas famílias construíram suas casas improvisadas de madeira e outras habitam moradias de alvenaria, construídas partir de programas do governo federal. Nenhuma das formas de moradia atual foi concebida a considerando a cultura Kaingang e seus costumes, nem no que diz respeito às técnicas construtivas, nem quanto à forma de utilizar o espaço.

Acredita-se que as relações entre o espaço construído e o ser humano que o habita são fundamentais para a promoção da qualidade de vida e podem constituir uma importante forma de afirmação da identidade cultural dessas comunidades.

## Objetivos

---

**Objetivo geral:** Elaborar projetos de moradia para as famílias da Aldeia Kondá que considerem a cultura Kaingang e possam ser adequados, em termos de tamanho, às diferentes configurações familiares presentes.

**Objetivos específicos:**

- a. Compreender a atual conjuntura indígena no que diz respeito à cultura, identidade e relações inter-étnicas;
- b. Compreender quais as principais características da etnia ligadas ao uso das moradias;
- c. Identificar as configurações familiares predominantes da Aldeia Kondá para elaboração do projeto base das residências;
- d. Desenvolver propostas de projetos de moradia para serem apresentadas à comunidade;
- e. Elaborar material de apoio para a construção de residências da Aldeia com a proposta escolhida pela comunidade;

## Metodologia e estratégia de ação

---

O desenvolvimento desse projeto, se inicia com a aproximação dos organizadores com a temática indígena, a socialização e discussão desses conhecimentos com os demais participantes, o desenvolvimento dos projetos em forma de Maratona e projetos, e será finalizada com a eleição do projeto vencedor pela comunidade e a elaboração e entrega do material de apoio às próximas construções de moradias na Aldeia Kondá. Para tanto, conta-se com as seguintes etapas:

Aproximação		Maratona de projeto			Resultados finais	
1ª.Com o tema	2ª.Com a aldeia	3ª.Imersão	4ª. Projetos	5ª.Entrega	6ª.Eleição	7ª.Material



### **1ª Etapa: Aproximação com o tema:**

Serão realizadas pesquisas bibliográficas referentes às características principais da etnia Kaingang e a configuração dos territórios Kaingang em Santa Catarina. Posteriormente serão pesquisados exemplos significativos de construções indígenas que sejam consideradas adequadas pela equipe de pesquisa quanto ao respeito às especificidades étnicas.

### **2ª Etapa: Aproximação com a aldeia:**

Será realizada uma viagem até a Aldeia para levantar as principais necessidades dos moradores quanto ao projeto das novas moradias. Serão levantados os principais problemas das residências atuais e as expectativas para os novos projetos. Pretende-se que esse material possa ser registrado através de vídeo para ser utilizado na próxima etapa do projeto.

### **3ª Etapa: Imersão dos participantes na cultura Kaingang:**

Esta etapa e a seguinte fazem parte da Maratona de projeto a ser desenvolvida por alunos de graduação e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

No primeiro momento da Maratona de projetos pretende-se aproximar os participantes da realidade indígena contemporânea e sensibilizar os mesmos para a elaboração dos projetos considerando a Identidade Kaingang, através de músicas, objetos, vídeos e fotografias da aldeia.

Em um segundo momento, será realizada uma mesa de debate com a presença dos participantes, organizadores, estudantes do Curso de Licenciatura Intercultural indígena da UFSC moradores de aldeias Kaingang no estado, Pesquisadores da temática indígena e lideranças da Aldeia Kondá.

### **4ª Etapa: Desenvolvimento dos projetos e assessoramento:**

Durante os cinco dias de maratona, os projetos deverão ser desenvolvidos de acordo com as diretrizes apresentadas. Nesse período, serão feitas dinâmicas de interação com as equipes para melhor absorção do tema e aproximação com a cultura Kaingang, atividades de brainstorming e de projeção.

### **5ª Etapa: Entrega dos projetos para avaliação:**

No último dia de maratona os participantes deverão apresentar os projetos dos padrões estabelecidos pela comissão organizadora para que posteriormente sejam apresentados à comunidade para a qual se destinam.

### **6ª Etapa: Eleição dos projetos escolhidos:**

Em evento organizado com as lideranças da Aldeia, a comunidade irá votar nos projetos que mais se melhor atendem as suas necessidades e expectativas. Participarão desse evento, as lideranças da aldeia, moradores, professores da Licenciatura intercultural da região e os organizadores do projeto.

O projeto vencedor poderá ser executado pela comunidade.

### 7ª Etapa: Material de apoio:

O material desenvolvido pela equipe vencedora será organizado no formato de um manual que irá compor as diretrizes básicas para a construção de moradias indígenas na Aldeia Kondá.

### Resultados esperados

- Elaborar um projeto residencial específico para a etnia Kaingang e que possa ser reproduzido de forma a atender as necessidades de cada família e fomentar a afirmação da cultura;
- O estreitamento das relações entre comunidade e universidade através de atividades de cunho prático;
- Que o processo de projeto possa servir de referência para alunos de arquitetura no sentido de desenvolverem espaços mais adequados aos seus usuários.

### Cronograma 2016

MOMENTOS	ETAPAS	ABR	MAI	JUL
Aproximação	1ª Etapa: Aproximação com o tema	2 3		
	2ª Etapa: Aproximação com a aldeia	2 3		
Maratona de projeto	3ª Etapa: Imersão dos participantes na cultura Kaingang		2 03	

AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA SOCIAL KAINGANG  
E O ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA ALDEIA KONDÁ

	4ª Etapa: Desenvolvimento dos projetos e assessoramento		3	
	5ª Etapa: Entrega dos projetos para avaliação		6	
<b>Resultados finais</b>	6ª Etapa: Eleição dos projetos escolhidos			2
	7ª Etapa: Material de apoio			2
				0